

NEW YORK TIMES BEST-SELLING
MELISSA DE LA CRUZ

The Island *of the* Lost

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

NEW YORK TIMES BEST-SELLING
MELISSA DE LA CRUZ

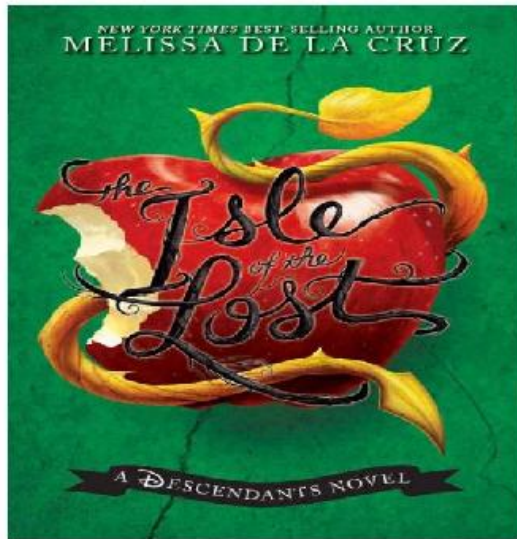
The Island of the Blue Dolphins

NEW YORK TIMES BEST-SELLING AUTHOR
MELISSA DE LA CRUZ



A DESCENDANTS NOVEL

Machine Translated by Google



Machine Translated by Google



MELISSA DE LA CRUZ

Disney • HYPERION
LOS ANGELES NEW YORK

Machine Translated by Google



Machine Translated by Google

Copyright © 2015 por Melissa de la Cruz

Design da capa por Marci Senders

Arte da capa de James Madsen

Letras à mão de Russ Gray

Todos os direitos reservados. Publicado pela Disney • Hyperion, uma

marca do Disney Book Group. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor. Para obter informações, dirija-se à Disney • Hyperion, 125

West End Avenue, Nova York, Nova York 10023.

ISBN 978-1-4847-1295-5

[Visite DisneyBooks.com](http://DisneyBooks.com) e DisneyDescendants.com

Conteúdo

Folha de rosto

direito autoral

Dedicação

Parte 1

Prólogo

Dez anos terríveis depois

Parte 2

Capítulo 1: Esta é a história de uma fada má....

Capítulo 2: Um Ladrão Astuto...

Capítulo 3: Uma linda princesa...

Capítulo 4: Um garotinho inteligente...

Capítulo 5: E um príncipe bonito que viveu muito, muito longe

Capítulo 6: Garota malvada Capítulo 7: Hell

Raiser Capítulo 8: Somente

humano Capítulo 9: Deixe a pele

voar Capítulo 10: Conselho dos

companheiros Capítulo 11: Vidas malignas?

Parte 3

Capítulo 12: Pontuação Um para a Equipe

Capítulo 13: Depois dos Choques

Capítulo 14: Enriquecimentos Malignos

Capítulo 15: Grosso como Ladrão

Capítulo 16: Inimigos para toda a vida



Machine Translated by Google

Capítulo 17: Você acredita em magia?

Capítulo 18: Era uma vez um sonho

Capítulo 19: Cento e uma maneiras de encontrar um mapa Capítulo
20: Goblin Wharf Capítulo 21:

Conto tão antigo quanto o tempo

Capítulo 22: Ponte Gárgula

Capítulo 23: A maravilha de tudo

Capítulo 24: Funhouse Mirror

Capítulo 25: A Maldição do

Dragão Capítulo 26: A Garota com a Tatuagem Dupla de Dragão

Capítulo 27: Os Descendentes

Parte 4

Epílogo: Nascer do sol sobre Auradon

Agradecimentos

Sobre o autor

Machine Translated by Google

Para Mattie,

sem a qual este livro não seria possível

E para as duas mulheres mais malvadas do mundo dos negócios,

Emily Meehan e

Jeanne Mosure,

que me ofereceu a chance de trabalhar em uma ilha cheia de vilões e acreditou em mim – obrigada, senhoras, por tudo



Machine Translated by Google

“Eu realmente

me senti muito

angustiado por

não receber um convite.”

— Malévola,

Bela Adormecida

prologue

Machine Translated by Google

Era uma vez, durante um tempo depois de todos os felizes para sempre, e talvez até mesmo depois disso, todos os vilões do mal do mundo foram banidos do Reino Unido de Auradon e presos na Ilha do Perdido. Lá, sob uma cúpula protetora que mantinha todo tipo de encantamento fora de suas garras, os terríveis, os traiçoeiros, os

verdadeiramente terríveis e os severamente sinistros foram amaldiçoados a viver sem o poder da magia.

Rei Besta declarou os vilões exilados para sempre.

Para sempre, ao que parece, é bastante tempo. Mais que um encantado princesa pode dormir. Mais comprida, até, do que a torre de cabelos dourados de uma donzela aprisionada. Mais de uma semana sendo transformado em sapo, e certamente muito mais do que esperar que um príncipe finalmente consiga colocar aquele sapatinho de cristal em seu pé.

Sim, para sempre é muito, muito, muito tempo.

Dez anos, para ser mais específico. Há dez anos que estes vilões lendários estão presos numa prisão flutuante de rocha e escombros.

Ok, então você pode dizer que dez anos não é **muito** tempo, considerando; mas para esses mágicos e bruxas, vizires e feiticeiros, rainhas más e fadas negras, viver sem magia era uma sentença pior que a morte.

Machine Translated by Google

(E alguns deles foram ***trazidos de volta*** da morte, apenas para serem colocados nesta ilha – então, hum, eles deveriam saber.)

Sem os seus incríveis poderes para dominar e hipnotizar, aterrorizar e ameaçar, criar nuvens de tempestade e tempestades com raios, transformar e disfarçar as suas feições ou mentir e manipular para conseguirem exatamente o que queriam, eles foram reduzidos a vidas difíceis, ganhando a vida vendendo e comendo. lixo, assustando ninguém além de seus próprios asseclas e roubando uns dos outros.

Era difícil até para eles imaginar que um dia foram grandes e poderosos, esses envenenadores de maçãs da floresta e ladrões de vozes submarinas, esses usurpadores de poderes reais e proprietários de espelhos petulantes.

Agora suas vidas eram tudo menos poderosas. Agora eles eram comuns.

Diariamente.

Ousa ser dito? Chato.

Então foi com grande entusiasmo e sem pouca fanfarra que a ilha se reuniu para um evento único: a festa de aniversário incrivelmente maravilhosa de uma princesa de seis anos. ***Wicked*** é um termo relativo sob uma cúpula que abriga um bando de ex-vilões impotentes.

De qualquer forma, foi uma festa.

Foi a celebração mais magnífica que a ilha isolada e os seus cidadãos banidos alguma vez tinham visto, e histórias sobre a sua grandeza gótica e opulência desagradável seriam contadas durante anos. A festa que encerra todas as festas, esta ocasião luxuosa transformou o bazar em ruínas e suas vitrines apodrecidas no meio da ilha em um playground assustadoramente espetacular, cheio de lanternas fantasmagóricas e velas bruxuleantes.

Semanas antes, um bando de abutres havia sobrevoado a terra, deixando convites em cada porta e casebre miserável, para que cada moleque imundo de todos os cantos da ilha pudesse participar desse evento encantador e extraordinário.

Isto é, todos os pequenos moleques da ilha, ***exceto uma pequena fada maliciosa.***

Se o seu convite foi perdido ao vento e feito em farrapos ou devorado pelos próprios urubus famintos - ou - suspiro! - ***nunca foi endereçado*** naqueles rabiscos reais, como se suspeitava, nunca saberemos.

Mas o resultado foi o mesmo.

Acima do tumultuado bazar, no alto da varanda de seu castelo, Mal, de seis anos, puxou as mechas de seu cabelo grosso e roxo e franziu os lábios enquanto

Machine Translated by Google

ela observou as festividades sombrias e deliciosas abaixo. O que ela poderia fazer com eles, pelo menos.

Lá ela viu a pequena princesa, a mais bela da terra, sentada em seu trono frágil, com cabelos azuis como o oceano, olhos escuros como a noite e lábios rosados como rosas. Seu cabelo estava puxado para trás em uma linda trança em V, e ela riu de alegria com a variedade de maravilhas diante dela. A princesa possuía uma risada adorável que era tão fascinante que trouxe um sorriso ao rosto altivo de Lady

Tremaine, ela dos planos frustrados de casar suas filhas com o Príncipe Encantado; o feroz tigre Shere Khan estava praticamente ronronando como um gatinho contente; e em nome dos velhos tempos, o Capitão Gancho corajosamente enfiou a cabeça entre as mandíbulas abertas de Tick-Tock, nem que fosse para fazê-la rir e ouvir aquele repique adorável novamente.

A princesa, ao que parece, conseguia fazer sorrir até os vilões mais horríveis.

Mas Mal não estava sorrindo. Ela praticamente podia sentir o cheiro do bolo de dois andares feito de maçãs azedas, pecaminosamente vermelhas e deliciosamente vermifugadas; e por mais que tentasse, não conseguia deixar de ouvir os guinchos do papagaio Iago enquanto ele repetia, inúmeras vezes, a história das cavernas falantes que guardavam riquezas sem medida, até que os aldeões reunidos quisessem torcer-lhe o pescoço emplumado.

Mal suspirou com ciúmes nos olhos verdes enquanto as crianças rasgavam alegremente seus sacos de vilões. Os recipientes amassados continham uma variedade de companheiros malignos para escolher: filhotes de moreias de estimação, semelhantes aos furtivos Flotsam e Jetsam nadando em pequenas tigelas; pequenas hienas malhadas e cacarejantes que não eram mais silenciosas do que os infames Shenzi, Banzai e Ed; adoráveis gatinhos pretos da última ninhada de Lúcifer. Seus destinatários mal comportados gritaram de excitação.

À medida que a festa crescia em alegria febril, o coração de Mal ficou tão negro quanto seu humor, e ela jurou que um dia mostraria a todos o que significava ser verdadeiramente mau. Ela cresceria e se tornaria mais gananciosa que Mãe Gothel, mais egoísta até que as meio-irmãs de Cinderela, mais astuta que Jafar, mais enganosa que Ursula.

Ela mostraria a todos que era igual a ela... “Mãe!” ela gritou, enquanto a sombra de dois chifres ameaçadores e ameaçadores se dirigia para a varanda, e sua mãe apareceu, sua capa roxa tremulando suavemente ao vento.

Machine Translated by Google

A voz de sua mãe era rica, melodiosa e cheia de ameaça.

"O que está acontecendo aqui?" ela exigiu enquanto as crianças abaixavam ao ver um espetáculo de marionetes de sombra altamente inapropriado montado pelo assustador Dr. Facilier.

"É uma festa de aniversário", fungou Mal. "E eu não fui convidado."

"Isso está certo?" sua mãe perguntou. Ela espiou a celebração por cima

do ombro de Mal, e ambos avistaram a princesa de cabelos azuis rindo em um travesseiro de veludo comido pelas traças enquanto os lindos e peludos filhos gêmeos de Gaston, Gaston Jr. força - em grande parte equilibrando seus enormes pés com botas nos rostos esmagados um do outro - para impressioná-la. Pelo que parecia, estava funcionando.

“As celebrações são para a turba”, zombou sua mãe. Mal sabia que sua mãe desprezava qualquer tipo de festa. Ela os desprezava quase tanto quanto desprezava reis e rainhas que adoravam seus preciosos bebês, pequenas fadas gordinhas com talento para desenhar vestidos e príncipes detestáveis montados em valentes corcéis ainda mais detestáveis.

“No entanto, a Rainha Má e sua horrível progênie aprenderão em breve chega de seu pequeno erro rancoroso! sua mãe declarou.

Pois sua mãe era a grande Malévola, Senhora das Trevas, a fada mais poderosa e perversa do mundo e a vilã mais temível de todo o país.

Ou pelo menos ela estava.

Era uma vez, a ira de sua mãe amaldiçoou uma princesa.

Era uma vez, a ira de sua mãe deixou um príncipe de joelhos.

Era uma vez, a ira de sua mãe havia colocado um reino inteiro para dormir.

Era uma vez, sua mãe tinha todas as forças do inferno sob seu comando.

E não havia nada que Mal desejasse mais em seu coração do que crescer e ser igual a ela.

Malévola foi até a beira da varanda, de onde podia ver o ilha inteira até as luzes cintilantes de Auradon. Ela se ergueu ao máximo enquanto trovões e relâmpagos estalavam e ribombavam e a chuva começava a cair dos céus. Como não havia magia na ilha, isso foi apenas uma coincidência terrivelmente boa.

A festa parou e os cidadãos reunidos ficaram paralisados com o visão de seu líder olhando para eles com toda a força de sua ira.

Machine Translated by Google

“Esta celebração acabou!” A mãe de Mal declarou. “Agora, xô, fuja e se espalhe, como as pequenas pulgas que você é! E você! Rainha Má e sua filha!

De agora em diante, você está morto para toda a ilha! Tu não existes! Você é nada!

Nunca mais mostrem seus rostos em lugar nenhum! Se não!"

Tão rapidamente como se reunira, o grupo dispersou-se, sob a cautela olhos dos capangas assustadores de Malévola, os guardas parecidos com javalis usando bonés de aviador puxados para baixo sobre os olhos encapuzados. Mal teve um último vislumbre da princesa de cabelos azuis olhando com medo para a varanda antes de ser levada embora por sua mãe igualmente aterrorizada.

Os olhos de Mal brilharam de triunfo, seu coração sombrio feliz por sua miséria ter causado uma maleficência tão maravilhosa.





Machine Translated by Google

“Espelho

Mágico na

Parede, quem é o

mais belo de todos?”

—Rainha Má,

Branca de Neve

chapter

1

This is the story of
a Wicked Fairy. . . .

Machine Translated by Google

Deve ser um sonho, disse Mal a si mesma. ***Isso não poderia ser real.*** Ela estava sentada à beira de um lindo lago, no chão de pedra de uma antiga ruína de um templo, comendo o mais delicioso morango. A floresta ao seu redor era exuberante e verde, e o som da água correndo a seus pés era calmante e pacífico. Até o ar ao seu redor era

doce e fresco.

"Onde estou?" ela perguntou em voz alta, pegando uma uva gorda do lindo piquenique diante dela.

"Ora, você está em Auradon há dias e este é o Lago Encantado", respondeu o menino sentado ao lado dela.

Ela não o notou até que ele falou, mas agora que percebeu, ela desejava que ela não tivesse feito isso. O garoto era a pior parte de tudo isso — fosse lá o que *fosse* —, alto, com cabelos castanhos desgrehados e dolorosamente bonito, com o tipo de sorriso que derreteu corações e fez todas as garotas desmaiar.

Mas Mal não era como todas as meninas, e ela estava começando a entrar em pânico, como se estivesse presa aqui de alguma forma. Em *Auradon*, entre todos os lugares. E

que pode não ser um sonho—

"Quem é você?" ela exigiu. "Você é algum tipo de príncipe ou algo assim?" Ela olhou de soslaio para a bela camisa azul bordada com um pequeno brasão dourado.

Machine Translated by Google

“Você sabe quem eu sou”, disse o menino. "Eu sou seu amigo."

Mal ficou instantaneamente aliviado. “Então isso *é* um sonho”, disse ela com um sorriso astuto. “Porque não tenho amigos.”

Seu rosto caiu, mas antes que ele pudesse responder, uma voz ecoou pela paisagem pacífica, escurecendo os céus e fazendo a água correr violentamente sobre as rochas.

“TOLOS! IDIOTAS! IDIOTAS!” trovejou.

Mal acordou assustado.

Sua mãe estava gritando com seus súditos da varanda novamente.

Malévola governava a Ilha dos Perdidos do jeito que fazia com tudo — com medo e aversão, sem mencionar um bom suprimento de lacaios. Mal estava acostumado com os gritos, mas foi um despertar muito rude. Seu coração ainda batia forte por causa do pesadelo quando ela tirou as cobertas de cetim roxo.

O que diabos ela estava fazendo sonhando com Auradon?

Que tipo de magia negra enviou um belo príncipe para falar com ela enquanto

ela dormia?

Mal balançou a cabeça e estremeceu, tentando afastar a visão horrível de seu sorriso com covinhas, e foi confortada pelo som familiar de aldeões temerosos implorando a Malévola que tivesse pena deles. Ela olhou ao redor do quarto, aliviada ao descobrir que estava exatamente onde deveria estar, em sua enorme e barulhenta cama de ferro forjado, com gárgulas em cada cabeceira e dossel de veludo que caía tão baixo que ameaçava cair em cima dela. Estava sempre sombrio no quarto de Mal, assim como sempre estava cinzento e nublado na ilha.

A voz de sua mãe ecoou na varanda, e o chão de seu quarto sacudiu, fazendo com que sua cômoda laqueada violeta se abrisse de repente, despejando seu conteúdo roxo no chão.

Quando Mal decidiu por um esquema de cores, ela o seguiu e ficou atraído pelas camadas de riqueza gótica no continuum roxo. Era a cor do mistério e da magia, temperamental e sombria, embora não fosse tão comum nas roupas dos vilões populares quanto o preto. Roxo era o novo preto, no que dizia respeito a Mal.

Ela atravessou a sala passando por seu grande e desigual armário que destacava-se exibiu todas as suas bugigangas recém-roubadas - bugigangas de vidro lapidado e pasta, lenços metálicos brilhantes com fios soltos, luvas que não combinavam e uma variedade de frascos de perfume vazios. Afastando as cortinas pesadas, da sua janela ela podia ver toda a ilha em toda a sua tristeza.

Machine Translated by Google

Casa, maldita casa.

A Ilha dos Perdidos não era uma ilha muito grande; alguns diriam que era apenas uma mancha ou uma praga na paisagem, certamente mais marrom do que verde, com uma coleção de barracos e cortiços com telhados de zinco construídos ao acaso e construídos uns sobre os outros e mais ou menos ameaçando desabar a qualquer momento. .

Mal olhou para aquela favela monstruosa do prédio mais alto da

cidade, um antigo grande palácio com torres altas que agora era o local miserável, degradado e com pintura lascada do primeiro e único Castelo da Barganha, onde feiticeiros levemente *usados*

as vestes eram estocadas em todas as cores e os chapéus de bruxa *ligeiramente* tortos sempre tinham 50% de desconto.

Era também o lar de algumas fadas *não tão* ruins.

Mal tirou o pijama, vestindo uma jaqueta de motoqueiro roxa habilmente construída com um toque de rosa em um braço e verde no outro, e um par de jeans rasgados da cor de ameixas secas. Ela colocou cuidadosamente as luvas sem dedos e amarrou as botas de combate surradas. Ela evitou olhar para o espelho, mas se o tivesse feito, teria visto uma menina pequena e bonita com um brilho maligno nos penetrantes olhos verdes e uma tez pálida, quase translúcida. As pessoas sempre comentavam o quanto ela se parecia com a mãe, geralmente pouco antes de correrem gritando para o outro lado. Mal saboreou o medo deles, até mesmo o procurou. Ela penteou os cachos lilases com as costas da mão e pegou o caderno de desenho, enfiando-o na mochila junto com as latas de tinta spray que sempre carregava consigo. Esta cidade não iria fazer graffiti em si, não é? Em um mundo perfeitamente mágico, seria, mas não era com isso que ela estava lidando.

Como os armários da cozinha estavam vazios como sempre, sem nada no geladeira, mas potes de vidro cheios de globos oculares e todos os tipos de líquidos mofados de origem duvidosa - tudo parte dos esforços contínuos de Malévola para preparar poções e conjurar feitiços como ela costumava fazer - Mal foi para a Slop Shop do outro lado da rua para seu café da manhã diário.

Ela estudou as opções no cardápio: café preto como a sua alma; azedo-leite com leite; aveia crocante de cevada com opção de maçã farinhenta ou banana mole; e cereais misturados e velhos, secos ou úmidos. Nunca houve muitas opções. A comida, ou melhor, as sobras, vinham de Auradon – tudo o que não era bom o suficiente para aqueles esnobes era enviado para a ilha. Ilha dos Perdidos? Mais como Ilha das Sobras. Ninguém se importou muito, no entanto.

Creme e açúcar, pão fresco e pedaços de frutas perfeitos deixavam as pessoas macias.

Machine Translated by Google

Mal e os outros vilões banidos preferiram ser frágeis e duros, por dentro e por fora.

"O que você quer?" um goblin ranzinza perguntou, exigindo seu pedido. No passado, as coisas nojentas eram soldados de infantaria do exército sombrio de sua mãe, implacavelmente despachados através do país para encontrar uma princesa escondida; mas agora suas tarefas estavam reduzidas a servir café tão amargo quanto seus corações, nos tamanhos alto, grande e venti. A única diversão que lhes restava era

escrever incorretamente o nome de cada cliente, escrito com marcador na lateral de cada xícara. (A piada era sobre os goblins, já que quase ninguém conseguia ler Goblin; mas isso nunca parecia fazer qualquer diferença.) Eles continuavam culpando sua prisão na ilha por sua lealdade a Malévola, e era de conhecimento geral que eles continuavam solicitando ao Rei Besta por anistia, usando seus frágeis laços familiares com os anões como prova de que eles não pertenciam aqui.

“O de sempre, e seja rápido”, disse Mal, tamborilando os dedos no contador.

“Espaço para leite de um mês?”

“Parece que quero coalhada? Dê-me o café mais forte e preto que você tiver! O que é isso, Auradon?”

Era como se ele tivesse visto os sonhos dela, e esse pensamento a deixou doente.

A criatura raquítica grunhiu, balançando o furúnculo no nariz, e empurrou um xícara escura e turva em sua direção. Ela o agarrou e saiu correndo porta afora sem pagar.

"SEU PEQUENO PIRRALHO! VOU FERVER **VOCÊ** NA CAFÉ DA PRÓXIMA VEZ!" o goblin gritou.

Ela gargalhou. “Não se você não conseguir me pegar primeiro!”

Os goblins nunca aprenderam. Eles também nunca encontraram a princesa Aurora, mas, novamente, os idiotas procuravam um bebê há dezoito anos. Não admira que Malévola estivesse sempre frustrada. Foi tão difícil encontrar uma boa ajuda hoje em dia.

Mal continuou seu caminho, parando para sorrir para o pôster de King Beast.

admoestando os cidadãos da ilha a SEREM BONS! PORQUE FAZ BEM PARA VOCÊ! com aquela coroa amarela boba na cabeça e aquele grande sorriso no rosto.

Era positivamente nauseante e bastante assustador, pelo menos para Mal.

Talvez a propaganda de Auradon estivesse subindo à sua cabeça, talvez fosse por isso que ela sonhou que estava brincando em algum

tipo de lago encantado na noite passada.

Machine Translated by Google

com algum príncipe pretensioso. O pensamento a fez estremecer novamente. Ela tomou um gole de seu café forte e escaldante. Tinha gosto de lama. Perfeito.

De qualquer forma, ela precisava fazer algo a respeito daquela bolha na parede. Mal pegou suas latas de tinta e pintou bigode e cavanhaque no rosto do rei e riscou sua mensagem ridícula. Afinal, foi o Rei Besta

quem prendeu todos eles na ilha. Esse hipócrita. Ela tinha algumas mensagens para ele, e todas envolviam vingança.

Esta era a Ilha dos Perdidos. O mal vivia, respirava e governava a ilha, e o Rei Fera e seus doces e doentios outdoors persuadindo os antigos vilões do mundo a fazerem o **bem** não tinham lugar nela. Quem queria fazer limonada com limões, quando você poderia fazer granadas de limão perfeitamente boas?

Ao lado do pôster, ela pintou um contorno fino e preto de uma cabeça com chifres e uma capa espalhada. Acima do contorno de Malévola, ela rabiscou **VIDAS MAL!** em tinta verde brilhante da cor do lodo dos goblins.

Nada mal. **Mais malvado.** E isso foi **muito** melhor.

chapter
2
A Willy Thief . . .

Machine Translated by Google

Se Mal morava em cima de uma loja, Jay, filho de Jafar, na verdade morava **dentro de** uma, dormindo em um tapete gasto sob uma prateleira sob antigos aparelhos de televisão com discagem manual, rádios que nunca funcionavam e telefones que tinham fios de verdade conectados a eles. Seu pai tinha sido o ex-grão-vizir de Agrabah, temido e respeitado por todos, mas isso foi há muito tempo, e o malvado feiticeiro era agora o proprietário da Loja de Sucata de Jafar, e Jay, seu único filho e herdeiro, também era seu único fornecedor. Se o destino de Jay um dia foi tornar-se um grande príncipe, só seu pai se

lembrava disso atualmente.

“Você deveria estar em cima de um elefante, liderando um desfile, acenando para seus súditos”, Jafar lamentou naquela manhã enquanto Jay se preparava para a escola, puxando um gorro vermelho sobre seus longos cabelos lisos e escuros e escolhendo seu traje habitual de roxo

- e -colete de couro amarelo e jeans escuro. Ele flexionou seus músculos consideráveis enquanto calçava as luvas pretas com tachas.

"Tudo o que você disser, pai!" Jay piscou com um sorriso travesso.
“Vou tentar roubar um elefante se encontrar algum.”

Porque Jay era um príncipe, tudo bem. Um príncipe dos ladrões, um vigarista e um conspirador, cujas mentiras eram tão bonitas quanto seus olhos escuros. Enquanto caminhava pelas estreitas ruas de paralelepípedos, esquivando-se dos riquixás tripulados pela audaciosa tripulação do professor Ratigan, ele aproveitou-se do medo deles.

Machine Translated by Google

passageiros se abaixando sob varais carregados por mantos esfarrapados e capas pingando para roubar uma ou duas carteiras. Ursula o expulsou de sua loja de peixe e batatas fritas, mas não antes de ele conseguir pegar um punhado de batatas fritas gordurosas, e ele parou um momento para admirar uma coleção de jarras de plástico de todos os tamanhos e formatos oferecidas por outra vitrine, perguntando-se se ele caberia um no bolso.

Todo tipo de lixo de Auradon foi reciclado e reaproveitado na ilha, de

banheiras a maçanetas de portas, bem como dos próprios apetrechos anteriormente mágicos dos vilões. Uma loja anunciava VASSOURAS USADAS QUE NÃO VOAM MAIS, MAS VARREM BEM, e bolas de cristal que só serviam como aquários para peixinhos dourados hoje em dia.

Enquanto os vendedores colocavam frutas podres e vegetais estragados sob tendas esfarrapadas, Jay roubou uma maçã machucada e deu uma mordida, com os bolsos cheios de tesouros furtados. Ele acenou um alô alegre para um coro de bruxas de nariz adunco reunidas em uma varanda inclinada – as netas de Madame Mim, que, embora aliviadas por estarem fora do alcance de seus dedos pegajosos, desmaiaram com sua saudação.

Os capangas de Malévola, grandes homens parecidos com javalis, vestidos com trapos de couro e os familiares bonés estilo aviador puxados sobre os olhos, fungavam um olá quase ininteligível ao passarem por ele a caminho do trabalho. Jay habilmente pegou os bonés sem que eles percebessem e enfiou-os na parte de trás das calças, planejando vendê-los de volta aos rapazes no dia seguinte, como fazia todas as semanas. Mas ele resistiu ao impulso de fazê-los tropeçar também. Simplesmente não havia tempo para fazer tudo em um dia.

Procurando algo para suavizar o gosto amargo da maçã, Jay avistou um rosto familiar tomando um gole de um copo de papel com o logotipo da Slop Shop e sorriu.

Perfeito.

“O que em nome de Lúcifer?” Mal chorou quando a xícara desapareceu dela dedos. Ela hesitou por um segundo antes de perceber. “Devolva, Jay”, disse ela, com as mãos nos quadris, dirigindo-se ao espaço vazio na calçada.

Ele riu. Era muito divertido quando Mal estava bravo. "Me faz."

“Jay!” ela rosou. “Fazer o quê? Hematoma? Sangrar? Implorar? A escolha do ladrão, hoje.

"Multar. Caramba,” ele disse enquanto saía das sombras. “Mmm, pressionado lama quente, minha favorita.” Ele devolveu-lhe a xícara, sentindo-se melancólico.

Machine Translated by Google

Mal tomou um gole e fez uma careta. "Na verdade, é nojento, você pode ficar com ele.

Você parece com fome.

"Realmente?" Ele se animou. "Obrigado, Mal. Eu estava faminto."

"Não me agradeça, está particularmente horrível hoje. Eu acho que eles jogaram alguns sapos crus na mistura esta manhã", disse ela.

"Bônus! Proteína extra." Anfíbios ou não, Jay drenou tudo de uma só vez.

Ele limpou os lábios e sorriu. "Obrigado, você é um amigo", disse ele com toda a honestidade, embora ele e Mal não fossem exatamente amigos, embora fossem parceiros no crime.

Assim como os dele, os bolsos da calça jeans e da jaqueta de Mal estavam cheios de todo tipo de lixo, roubado de todas as lojas da cidade. Uma agulha de tricô estava saindo de um bolso, enquanto o outro continha o que parecia ser o cabo de uma espada.

"Posso trocar um bule de chá por aquela espada velha?" ele perguntou esperançoso.

Tudo o que seu pai vendia eram coisas que Jay havia roubado de outro lugar.

"Claro", disse ela, pegando em troca uma chaleira enferrujada. "Olha o que mais eu tenho", disse ela. "Colar de Úrsula." Ela sacudiu-o no ar. "Eu o peguei esta manhã quando a velha bruxa do mar acenou para mim."

"Doce." Ele assentiu. "Tudo que consegui foi um punhado de batatas fritas. Pena que não consegue mais capturar nada, muito menos a voz de uma sereia."

Mal bufou. "Ainda é valioso."

"Se você diz." Ele encolheu os ombros.

Jay e Mal competiam constantemente para ver quem era o ladrão mais talentoso. Seria difícil definir um vencedor claro. Você poderia dizer que eles estavam unidos por seu amor por roubar coisas, mas eles diriam que qualquer tipo de vínculo era para os fracos.

Mesmo assim, eles caminharam para a escola. "Ouvi as novidades?" ele perguntou.

"Que novidades? Não há novidades", ela zombou, querendo dizer nada de novo.

já aconteceu na ilha. As antiquadas televisões da ilha com telas difusas transmitiam apenas dois canais: a Auradon News Network, que estava cheia de propaganda benfeitora, e o DSC, o Dungeon Shopping Channel, especializado em decoração de covis escondidos. "E diminua

a velocidade, ou chegaremos a tempo”, acrescentou ela.

Eles saíram da estrada principal em direção ao cemitério irregular e destruído que era o gramado da frente do Dragon Hall. A venerável escola para o avanço da educação maligna estava localizada num antigo mausoléu, um

Machine Translated by Google

enorme estrutura cinza com teto abobadado e colunata quebrada, cujo frontão traz inscrito o lema da escola: NO MAL NÓS CONFIAMOS.

Espalhadas por seus terrenos assombrados, em vez das lápides habituais, havia lápides com frases horríveis gravadas nelas. No que diz respeito aos líderes desta ilha, nunca houve um momento errado para lembrar aos seus cidadãos que o mal governava.

“De jeito nenhum, ouvi notícias. Notícias de verdade”, insistiu ele, com suas pesadas botas de combate pisando forte no terreno do cemitério rasgado pelas raízes. “Dê uma olhada: há uma garota nova na classe.”

"Okay, certo."

“Estou falando sério”, disse ele, evitando por pouco tropeçar em uma pedra do juízo final onde estava escrita a frase É MELHOR NUNCA TER AMAR.

TUDO DO QUE SER AMADO.

“Nova garota? De onde, exatamente? — Mal perguntou, apontando para a cúpula mágica que cobria a ilha e encobria o céu, obscurecendo as nuvens.

Nada nem ninguém entrava ou saía, então nunca havia muitas **novidades**.

“Novo para nós. Ela foi educada em castelos até agora, então é a primeira vez dela a masmorra”, disse Jay enquanto eles se aproximavam dos portões de ferro forjado, e a multidão reunida em torno da entrada se separou para deixá-los passar, muitos de seus colegas estudantes apertando suas mochilas com um pouco mais de força ao ver a dupla de ladrões.

"Realmente." Mal parou no meio do caminho. “O que você quer dizer com 'castelo-escolarizado'?” ela perguntou, estreitando os olhos com desconfiança.

“Uma verdadeira princesa também, foi o que ouvi. Tipo, sua princesa básica de amor verdadeiro, beijar-picar-seu-dedo-girar-seu-ouro-pular-o-corte de cabelo-casar-com-o-príncipe.

Ele se sentiu tonto só de pensar nisso. “Acha que eu poderia tirar uma coroa dela em algum lugar? Até meia coroa...?” Seu pai estava sempre falando sobre The Big Score, o grande tesouro que de alguma forma os libertaria da ilha. Talvez a princesa os levasse a isso.

"Uma princesa?" Maly disse severamente. "Eu não acredito em você."

Jay não estava mais ouvindo. “Quero dizer, pense no saque que ela teria dela! Ela deve ter uma tonelada de saque, certo? Espero que ela seja agradável aos olhos!

Melhor ainda, nos bolsos. Eu poderia usar uma marca fácil.

A voz de Mal ficou subitamente ácida. "Você está errado. Não havia nenhuma princesa na ilha, e certamente nenhuma que se atrevesse a aparecer por aqui...

Jay olhou para ela e, no fundo de sua mente, ouviu sinos de alarme e teve uma vaga lembrança de uma incrível festa de aniversário de uma princesa... e de algum tipo de escândalo que envolveu Mal e sua mãe. Ele se sentiu mal, lembrando agora que Mal não havia recebido um convite, mas rapidamente suprimiu a emoção nojenta, sem saber de onde ela vinha. Os vilões deveriam deleitar-se com a tristeza dos outros, e não ter empatia!

Além disso, no final das contas, Mal era como uma irmã, uma praga irritante e sempre presente, e um pé no saco...

Sinos. Ressoando e ecoando pela ilha do topo da torre, onde Claudine Frollo puxava a corda e era puxada junto com ela enquanto tocava no início oficial do dia escolar no Dragon Hall.

Jay e Mal compartilharam um sorriso malicioso. Eles estavam oficialmente atrasados. A primeira coisa isso tinha dado certo durante toda a manhã.

Eles passaram pelo arco em ruínas e coberto de musgo e entraram a tumba principal, que estava fervilhando de atividade — membros do Conselho Truant colocando cartazes para uma promoção de bolos de uma semana; os sons ensurdecedores da orquestra júnior praticando para o Concerto de Outono, as bruxas do mar debruçadas sobre seus violinos.

Estudantes assustados lutaram para sair do caminho enquanto Mal e Jay passavam pelo grande salão coberto de hera morta em direção às portas duplas enferrujadas que levavam aos túmulos subterrâneos das classes. Um pequeno pirata do primeiro ano que corria com a tripulação de Harriet Hook se perdeu na confusão, bloqueando seu caminho.

Mal parou.

O menino levantou lentamente a cabeça, o tapa-olho tremendo.

“S-então, desculpe, Mmm-mal”, disse ele.

“Mmm-MOVA-SE”, disse Mal, com a voz alta e zombeteira. Ela revirou os olhos e chutou os livros rasgados para fora do seu caminho. O menino correu em direção à primeira porta aberta que viu, deixando cair a falsa mão em forma de gancho na pressa e fazendo-a rolar para longe.

Jay manteve o silêncio, sabendo que deveria agir com cautela

enquanto pegava o anzol e o enfiava dentro da jaqueta. Mas ele não pôde deixar de perguntar: “Por que não dar sua própria festa em vez de ficar de mau humor por causa disso?”

"O que você está falando?" disse Maly. "Como se eu me importasse."

Jay não respondeu; ele estava muito ocupado se abraçando com força e desejando ele pensou em trazer uma jaqueta mais quente em vez de um colete sem mangas, pois a temperatura caiu para os habituais vinte graus enquanto eles se aventuravam a descer as frias escadas de mármore até a escuridão úmida do porão do campus.

Mal ficou em silêncio por um momento, e Jay presumiu que ela ainda estava pensando no que aconteceu há dez anos, quando de repente ela estalou os dedos e disse, com um brilho malicioso nos olhos: "Você está absolutamente certo, Jay. Você é um gênio!"

"Eu sou? Quer dizer, sim, estou", respondeu Jay. "Espere, sobre o que estou certo?"

"Tendo minha própria festa. Afinal, há muito o que comemorar. Você acabou de dizer que havia uma nova princesa entre nós. Então vou dar uma festa."

Jay olhou para ela. "Você é? Quer dizer, eu só estava brincando. Todo mundo sabe que você odeia..."

"Festas." Maly assentiu. "Mas não este. Você vai ver. Vai ser um verdadeiro uivo."

Ela sorriu. "Especialmente para o garoto novo."

Jay sorriu fracamente, desejando nunca ter mencionado isso. Quando Mal ficava assim, geralmente tinha consequências terríveis. Ele estremeceu. Havia definitivamente um frio no ar – um novo vento selvagem soprava, e ele era inteligente o suficiente para se preocupar com o rumo que isso iria levar.

chapter

3

A Beautiful Princess . . .

Machine Translated by Google

No Castle-Across-the-Way vivia uma dupla de mãe e filha muito diferente de Malévola e Mal. Ao contrário dos miseráveis confins vitorianos do Castelo Bargain, este estava cheio de fuligem e poeira, com lustres quebrados e teias de aranha nos cantos. Não era tanto um castelo, mas sim uma caverna – mais uma prisão dentro da prisão da ilha. E durante dez anos, mãe e filha tiveram apenas uma à outra como companhia. O banimento para o outro lado da ilha deixou a Rainha Má um pouco estranha, e Evie não pôde deixar de notar como sua mãe insistia em fazer declarações como se fosse um lendário

“espelho mágico”.

“Espelho mágico na minha mão, quem é a mais bela desta ilha?” A Rainha Má perguntou enquanto Evie estava se preparando naquela manhã.

“Mãe, você não está segurando **nada** na mão. E de qualquer forma, essa é realmente a **primeira** coisa que vem à sua mente? Não é café da manhã? perguntou Evie, que estava morrendo de fome. Ela examinou as ofertas do dia: croissants duros e café aguado da cesta que os abutres deixavam na porta todos os dias.

“Sua filha tem graça, mas deveria cuidar melhor do rosto para ser a mais bela”,

declarou a mãe em tom sombrio que ela chamou de voz de “Espelho Mágico”.

Machine Translated by Google

Mais lindo, mais lindo, mais lindo. O cabelo mais grosso, os lábios mais carnudos, o nariz menor. Era tudo com que sua mãe se importava. A Rainha Má culpou todos os seus problemas por não ser mais bonita do que Branca de Neve, e parecia que não importava o quão bem Evie arrumasse o cabelo ou aplicasse a maquiagem, ela nunca seria bonita o suficiente para sua mãe. Isso deixava Evie enjoada às vezes. Tal mãe, tal filha —

ou assim sempre lhe disseram. A maçã venenosa nunca caiu longe da

árvore.

E mesmo que Evie suspeitasse que a vida **poderia** ser mais do que ser bonita, isso não era algo que ela pudesse dizer à mãe. A mulher tinha uma mente focada.

“Você não colocou blush suficiente. Como você vai ganhar um belo Príncipe, parecendo assim? sua mãe repreendeu, beliscando suas bochechas.

“Se ao menos houvesse um por aqui”, disse Evie, que obedientemente pegou seu pó compacto e reaplicou. Não havia príncipes na ilha, já que todos os príncipes viviam em Auradon agora. Era onde vivia **toda** a realeza do mundo – e é onde **ela** deveria viver também. Mas não era para ser. Assim como sua mãe, ela ficaria presa na Ilha dos Perdidos para sempre.

Evie olhou o espelho do corredor uma última vez e ajeitou a capa azul em volta dos ombros, com uma coroa bordada nas costas no meio. Seu colar de coração venenoso piscava em vermelho entre as suaves dobras azuis. Sua saia preta esfarrapada com salpicos de tinta vermelha, branca e azul combinava bem com suas leggings pretas e brancas com estampa de floresta.

"Seu cabelo!" Rainha Má disse com desespero, prendendo um fio solto para trás.

na bela trança em V de sua filha, que tirava o cabelo da testa.

“Ok, **agora** você está pronto.”

“Obrigada, mãe”, disse Evie, cujo único objetivo era sobreviver ao dia.

“Tem certeza de que é seguro ir para a escola?”

“Ninguém consegue guardar rancor por dez anos! Além disso, estamos sem creme anti-rugas! Compre alguns no bazar. Não confio nos abutres para enviar o certo.

Evie assentiu e esperou que sua mãe estivesse certa.

Mas quando ela saiu dos portões do castelo, ela congelou. A maldição de Malévola ecoou em seus ouvidos. Mas nada aconteceu e ela continuou. Talvez, pela primeira vez, a velha fada malvada tivesse esquecido disso.

Quando Evie chegou à escola naquela manhã, todos olharam para ela enquanto ela caminhou pelos corredores. Ela se sentiu um pouco constrangida e se perguntou se algum dia se encaixaria. Ela deveria conversar com o Dr.

Machine Translated by Google

quando ela chegou. Mas onde estavam as câmaras administrativas? Evie se perguntou, girando em um círculo completo.

"Posso te ajudar?" um menino bonito, embora um tanto peludo e

muito grande perguntou quando a viu.

“Ah... estou procurando o diretor...?”

“Siga-me”, disse ele com um largo sorriso. “Gaston, ao seu dispor... e este é meu irmão, Gaston.” Ele apontou para seu gêmeo idêntico, que lhe deu o mesmo sorriso radiante e arrogante.

“Obrigado, hum, Gastons.” Evie respondeu. Os meninos a conduziram pelo corredor até as tumbas administrativas.

“Dr. F, você tem uma visita”, disse Gaston alcançando a maçaneta da porta.

“Quero abrir”, disse seu irmão, afastando-o com uma cotovelada. Mas o primeiro Gaston deu um soco nele sem sequer olhar para trás. “Depois de você, princesa,” ele ofereceu grandiosamente, enquanto seu irmão deslizava para o chão, segurando seu queixo.

“Hum, obrigada, eu acho”, disse Evie.

O Dr. Facilier olhou para cima e deu aos três estudantes um sorriso de abóbora. “Sim?”

Ah, Evie, bem-vinda ao Dragon Hall. É uma delícia ver você de novo, criança. Tem sido muito tempo. Dez anos, não é? Como está sua adorável mãe?

“Ela está bem, obrigado.” Evie assentiu educadamente, mas se apressou em ir direto ao ponto. “Dr. Facilier, eu só queria ver se poderia trocar minha classe de Maldade por Vaidades Avançadas que acontecem ao mesmo tempo?” ela perguntou.

O homem sombrio franziu a testa. Evie piscou os cílios. “Isso significaria tanto para mim. A propósito... Ela apontou para a gravata dele, com sua infeliz corrente de prata. “Isso é tão legal!” ela disse, pensando exatamente o oposto.

“Ah, isso? Comprei-o em Bayou d'Orleans pouco antes de ser trazido para cá. Ele suspirou e sua carranca se suavizou em um sorriso verdadeiro. “Suponho que Vanities seja mais adequado para sua programação geral. Considere isso feito.”

“Bom, estou nessa aula”, disseram os Gaston em coro. “Às terças é logo depois do almoço.”

"Almoço!" Evie deu um tapa na testa.

"O que está errado?"

"Esqueci de trazer o meu!" Em toda a excitação e ansiedade sobre finalmente saindo do castelo, ela deixou sua cesta em casa.

"Não se preocupe", responderam os gêmeos. "Você pode compartilhar o nosso!"

acrescentaram, segurando duas enormes cestas de comida. Um bloco gigante de alguns particularmente

Machine Translated by Google

queijo fedorento aparecia, junto com dois pães integrais salpicados de mofo e várias fatias grossas de linguiça de fígado.

Evie ficou emocionada por eles terem se oferecido para compartilhar, embora parecessem que poderiam comer um cavalo e meio entre eles, com ou sem mofo.

Eles a conduziram pelo corredor sinuoso. As paredes de pedra estavam cobertas pelo mesmo musgo verde-ervilha do lado de fora e pareciam

vazar algum tipo de líquido marrom por todo o chão de cimento empoeirado. Evie sentiu algo peludo circulando seus tornozelos e encontrou um gato preto e gordo com um sorriso maroto olhando para ela.

“Oi, gatinho,” ela murmurou, inclinando-se para acariciá-lo.

“Esse é Lúcifer”, disse um dos Gastons. “Nosso mascote.”

Vários gritos de alunos do primeiro ano podiam ser ouvidos dentro dos armários enferrujados que se alinhavam aleatoriamente no corredor. Com apenas algumas lâmpadas piscando no alto, Evie quase tropeçou em uma teia de aranha gigante tecida sobre uma pesada porta de aço. Uma aranha do tamanho de um caldeirão de bruxa estava no centro.

Legal.

“Para onde isso leva?” ela perguntou.

"Oh aquilo? Essa é a porta para o Ateneu do Mal", disse o outro Gaston.

"Volte novamente?"

“A Biblioteca dos Segredos Proibidos”, explicou ele. “Ninguém tem permissão para entrar lá e apenas o Dr. F tem a chave.”

“Que tipo de segredos?” perguntou Evie, intrigada.

“Proibidos, eu acho?” Gastão encolheu os ombros. "Quem se importa? É uma biblioteca.

Parece muito chato para mim.

Finalmente, chegaram à porta de madeira em arco da sala de aula. Evie entrou e foi até a mesa aberta mais próxima, sorrindo para aqueles que se reuniam curiosamente ao seu redor. Todos olhavam para ela com tanto espanto e admiração que ela parecia estar agitando.

A mesa que ela escolheu tinha um caldeirão extraordinariamente grande e uma bela vista do púlpito do professor. Ela se sentou e houve um suspiro na multidão. Uau, essas crianças com certeza eram fáceis de agradar.

Evie estava se sentindo muito bem em seu primeiro dia até ouvir o som de um pigarro.

Quando ela olhou para cima, havia uma linda garota de cabelos roxos parada na frente de seu caldeirão, olhando para ela com um veneno inconfundível. A mãe dela

Machine Translated by Google

“espelho” teria algumas palavras bem escolhidas sobre este, isso é certo.

Evie sentiu um pavor gelado quando a lembrança de uma certa festa infame voltou à tona. Talvez se ela se fizesse de boba e a lisonjeasse, a garota não se lembraria do que aconteceu há dez anos. Valeu a pena.

“Eu sou Eva. Qual o seu nome?” Evie perguntou inocentemente, embora soubesse exatamente quem estava na sua frente. “E por falar

nisso, essa jaqueta é incrível. Fica ótimo em você – adoro todos os retalhos de couro nele.”

“Garota, esse é o caldeirão dela. Você deveria pular”, uma estudante Evie diria descobrir mais tarde se chamava Yzla sussurrou alto.

“Ah, isso é seu...?” Evie perguntou à garota de cabelo roxo.

A garota de cabelo roxo assentiu.

“Eu não tinha ideia de que esta era sua mesa, sinto muito! Mas tem um ótimo vista do púlpito”, disse Evie com seu sorriso brilhante característico, tão ofuscante que deveria ter vindo com óculos escuros. Evie finalmente percebeu por que os alunos estavam olhando para ela. Eles estavam assistindo a um acidente de trem prestes a acontecer.

“Sim, é verdade”, respondeu a garota de cabelo roxo, com a voz suave e ameaçadora. “E se você não tirar seu vagão de cabelo azul dele, você terá algum tipo de visão, tudo bem.” Ela rosnou, passando bruscamente por Evie e jogando ruidosamente sua mochila no meio do caldeirão.

Evie entendeu a mensagem, pegou suas coisas e encontrou um caldeirão vazio no fundo da sala, atrás de uma coluna onde ela não conseguia ver o quadro negro.

“É quem eu penso que é?” ela perguntou ao garotinho sentado ao lado dela, cujo cabelo era preto na raiz, mas branco nas pontas. Na verdade, tudo o que ele vestia era preto e branco com um toque de vermelho: uma jaqueta de gola de pele com um lado preto e outro branco e mangas de couro vermelho, uma camisa preta de botão com listras brancas e shorts longos com um branco e uma perna preta e branca. Foi um visual bem legal. Por um maldito gambá.

“Se você quer dizer Mal, você está certo, e eu ficaria fora do caminho dela se fosse você”, disse ele.

“Mal...” Evie respirou, sua voz tremendo nervosamente.

“Sim. A mãe dela é a grande vilã por aqui. Você sabe... Ele fez sinais de buzina com as mãos em cada lado da cabeça. Não era preciso morar muito tempo na Ilha para saber exatamente de quem ele estava falando.

Ninguém ousava pronunciar o nome dela, a menos que fosse absolutamente necessário.

Machine Translated by Google

Eve engoliu em seco. Seu primeiro dia, e ela já tinha feito o pior inimigo na escola. Foi Malévola quem banuiu Evie e sua mãe há dez anos e fez com que Evie crescesse sozinha em um castelo distante. Sua própria mãe poderia ser chamada de Rainha Má, mas todos na Ilha dos Perdidos sabiam que Malévola usava a coroa por aqui. Pelo que parece, sua filha fez o mesmo nas masmorras de Dragon Hall.

Espelho Mágico na parede, quem é o mais estúpido de todos?

chapter

4

—

A Smart Little Boy . . .

Machine Translated by Google

Carlos De Vil ergueu os olhos da engenhoca que estava montando e atirou a nova garota um sorriso tímido. "Ficará tudo bem. Mal gosta de ficar sozinho", disse ele. "Ela não é tão durona quanto parece. Ela só fala de um grande jogo.

"Ela faz? E você?" a princesa de cabelo azul perguntou.

"Eu não tenho um jogo. A menos que você considere ser espancado e empurrado em torno de um jogo, o que de certa forma eu acho que é.

Mas na verdade não é tão divertido, a menos que seja você quem está batendo e empurrando.”

Carlos voltou sua atenção para a confusão de fios à sua frente. Ele era menor e mais jovem que o resto da turma, mas mais inteligente que a maioria deles. Ele era um aluno AP: Advanced Penchant (for Evil). Estava certo, já que a infame Cruella era sua mãe. A mãe dele era tão famosa que ela tinha sua própria música.

Ele cantarolava baixinho às vezes. (O que... era cativante!) Às vezes ele fazia isso só para deixá-la histérica. Então, novamente, isso não foi tão difícil. Os feiticeiros de Cruella acreditavam que ela era sustentada por pura fúria metabólica. Particularmente, Carlos pensava nisso como sua Dieta da Raiva: sem carboidratos, apenas farpas — sem fome, apenas raiva — sem sorvete, apenas gritos agudos.

Machine Translated by Google

Seus pensamentos foram interrompidos por seu amigável novo companheiro de assento. "Eu sou Eva.

Qual o seu nome?" ela perguntou.

"Olá, Evie, sou Carlos De Vil", disse ele. "Já nos conhecemos uma vez, na sua festa de aniversário." Ele a reconheceu no minuto em que ela entrou. Ela parecia exatamente a mesma, só que mais alta.

"Oh. Desculpe. Não me lembro muito da festa. Exceto como terminou.

Carlos assentiu. "Sim. De qualquer forma, também sou seu vizinho. Eu moro na mesma rua do Hell Hall.

"Você faz?" Os olhos de Evie se arregalaram. "Mas eu pensei que ninguém morava lá, exceto aquela velha maluca e ela..."

"Não diga isso!" ele deixou escapar.

"Cachorro?" ela disse ao mesmo tempo.

Carlos estremeceu. "Nós... nós não temos cachorros", ele disse fracamente, sentindo sua testa começar a transpirar só de pensar. Sua mãe lhe dissera que os cães eram animais de carga cruéis, os animais mais perigosos e aterrorizantes do planeta.

"Mas ela está sempre chamando alguém de animal de estimação. Achei que você fosse um ad..."

"Eu te disse, não diga isso!" avisou Carlos. "Essa palavra é um gatilho para mim."

Evie ergueu as mãos. "Está bem, está bem." Então ela piscou. "Mas como você cabe na caixa à noite?"

Carlos apenas olhou furioso.

A primeira aula deles foi Egoísmo 101, ou "Selfies", ministrada por Mãe Gothel, que tirava muitos autorretratos com uma velha Polaroid.

Câmera.

As fotos estavam espalhadas pela sala de aula: Mãe Gothel fazendo uma cara de pato, Mãe Gothel com olhos sonolentos em uma foto "Acordei assim", Mãe Gothel em pose de "cobra". Mas a própria Mãe Gothel não foi encontrada em lugar nenhum. Ela sempre chegava pelo menos meia hora atrasada e, quando finalmente chegava, ficava irritada ao encontrar os alunos ali antes dela. "Eu não te ensinei nada sobre estar elegante e irritantemente atrasado para todos os compromissos?" ela perguntou, soltando um suspiro exasperado e desabando dramaticamente em sua cadeira, uma mão aberta sobre os olhos.

Durante a meia hora seguinte, estudaram Retratos do Mal, comparando os semelhanças dos vilões mais famosos da história,

muitos dos quais viveram

Machine Translated by Google

da ilha e alguns dos quais eram seus pais. A aula de hoje contou com Cruella De Vil.

Claro.

Carlos sabia de cor o retrato, quer o estivesse olhando ou não.

A mãe dele. Lá estava ela com toda a sua elegância, com seu cabelo alto e seu longo carro vermelho, os olhos selvagens e as peles voando ao vento.

Ele estremeceu novamente e voltou a mexer em sua máquina.

A aula terminou e os alunos começaram a sair da sala de aula. Eva perguntou Carlos qual era seu próximo assunto, e pareceu feliz ao descobrir que ambos tinham Lady Tremaine para Esquemas Malignos. “Essa é outra aula avançada – você deve ter um QE muito alto”, ele disse a ela. Somente aqueles que ostentavam quocientes malignos extraordinários tinham permissão para aceitá-lo. “É por aqui”, disse ele, apontando para as escadas.

Mas antes que pudessem ir muito longe, uma voz fria cortou a conversa.

“Ora, se não é Carlos De Vil”, dizia atrás deles.

Carlos reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Foi o segundo mais aterrorizante da ilha. Quando ele se virou, Mal estava bem atrás dele, ao lado de Jay. Carlos verificou automaticamente os bolsos para ter certeza de que nada havia desaparecido.

“Ei, Mal”, disse ele, tentando parecer indiferente. Mal nunca falou com ninguém, exceto para assustá-los ou reclamar que estavam no caminho dela.

"E aí?"

“Sua mãe está no Spa neste fim de semana, não é?” Mal perguntou, dando uma cotovelada em Jay, que riu.

Carlos assentiu. O Spa – na verdade, apenas um pouco de vapor quente escapando dos penhascos de rocha no porão em ruínas do que outrora fora um edifício adequado - era o único conforto de Cruella, sua única lembrança de seu passado luxuoso.

Quão longe os De Vils haviam caído, assim como o resto da Ilha.

“S-sim”, ele disse incerto, sem saber se essa era a resposta correta,

embora fosse a verdadeira.

“Resposta certa”, disse Maly e deu um tapinha na cabeça dele. “Eu não posso exatamente dar uma festa na minha casa sem que minha mãe grite com todo mundo, sem falar na questão da louça voadora.”

Carlos suspirou. Como o resto da Ilha, ele sabia que as festas revelavam o pior comportamento de Malévola. Não havia nada que ela odiasse mais do que pessoas se divertindo abertamente.

“E não podemos fazer isso na casa de Jay porque o pai dele vai apenas tentar hipnotizar todos para serem seus servos novamente”, continuou Mal.

“Totalmente”, concordou Jay.

Carlos assentiu novamente, embora não tivesse certeza de onde isso estava levando.

"Ótimo. Perfeito. Festa na sua casa. Essa noite."

Festa? Em sua casa? Ele ouviu isso certo?

"Espere o que? Essa noite?" Ele empalideceu. "Não posso dar festa! Quero dizer, você deveria entender, minha mãe realmente não gosta quando as pessoas vêm aqui... e, hum, eu tenho muito trabalho a fazer... tenho que afofar suas peles, passar suas roupas íntimas, quero dizer... Ele engoliu em seco, envergonhado.

Maly o ignorou. "Espalhe as notícias. Hell Hall está tendo uma festa infernal.

Ela pareceu aquecer-se com o pensamento. "Divulgue a notícia. Ativem o latido crepuscular, ou o que quer que seus cachorrinhos façam.

"Bowwow", latiu Jay com uma risada.

Carlos olhou para os dois, apesar de tudo.

"Há uma festa?" Evie perguntou timidamente. Carlos tinha esquecido que ela era parada bem ao lado dele, e ele pulou ao som da voz dela.

"Escuta, muito?" Mal disse, rosnando para ela, embora fosse óbvio Evie não pôde evitar, pois estava bem ao lado deles.

Antes que Evie pudesse protestar, Mal suspirou. "Claro que existe. A festa de o ano. Uma verdadeira raiva, você não ouviu? Mal olhou para ela de cima a baixo e balançou a cabeça tristemente. "Ah, acho que você não ouviu." Ela fez uma careta, olhando para Carlos de forma conspiratória. "Todo mundo estará lá."

"Eles são?" Carlos parecia confuso. "Mas você acabou de me dizer para ficar com ele..."

Ele rapidamente entendeu a mensagem. "Todos", ele concordou.

Eva sorriu. "Parece maravilhoso. Faz muito, muito tempo que não vou a uma festa."

Mal ergueu uma sobrancelha. "Oh, me desculpe. Esta é uma festa muito exclusiva e infelizmente você não recebeu um convite."

Com essas palavras de despedida, Mal foi na frente deles para a sala de aula — ela também estava na próxima aula, é claro (seu QE era lendário) — e os deixou um com o outro.

"Desculpe," Carlos murmurou. "Acho que estava errado, Mal não *fala* apenas de um grande jogo."

"Sim eu também. A festa parece divertida — disse Evie com tristeza.

"Você quer ver o que estou fazendo?" ele perguntou, tentando mudar de assunto enquanto eles se acomodavam em seus assentos. Ele tirou da bolsa uma caixa preta,

Machine Translated by Google

com fios e uma antena saindo de um lado — a mesma engenhoca com a qual ele estava mexendo antes. “Eu fiz isso com coisas de um velho mágico.”

"Claro." Eva sorriu. “Ei, isso é um núcleo de poder? Parece que você está fazendo uma bateria, certo?”

Carlos assentiu, impressionado. "Sim."

"O que isso faz?"

"Você consegue guardar segredo?" ele perguntou, sussurrando.

Eva assentiu. "Eu os escondo da minha mãe o tempo todo."

"Estou tentando fazer um buraco na cúpula."

"Realmente? Você pode fazer aquilo? Achei que era invencível."

"Bem, pensei que talvez pudesse tentar conseguir um sinal com esta antena aqui.

Na verdade, é uma varinha velha, e acho que se eu acertar a frequência certa, poderemos ser capazes de trazer um pouco do mundo exterior para dentro da cúpula, e poderemos assistir a algo diferente daquele velho rei animal peludo nos dizendo para sermos bons, ou aquele canal que só vende algemas."

"Eu meio que gosto do canal Auradon", disse Evie sonhadoramente. "Especialmente quando apresentam o Príncipe da Semana. Eles são tão sonhadores."

Carlos bufou.

Ela olhou do menino para a bateria. "Frequência? Mas como?"

"Não tenho certeza, mas acho que se conseguir romper a cúpula, poderemos para captar as ondas de rádio de Auradon – você sabe, sinais de Internet e wi-fi.

Não tenho certeza de qual é a frequência, mas acho que é assim que eles conseguem todos esses canais e outras coisas."

Evie suspirou novamente. "O que eu daria para ir para Auradon. Eu ouvi isso tudo é tão lindo lá."

"Hum, eu acho. Se você gosta desse tipo de coisa", disse Carlos. Ele não preocupa-se com príncipes ou lagos encantados ou animais cantantes ou anões alegres. O que o interessava era descobrir mais do mundo on-line, um refúgio virtual seguro, onde ele tinha ouvido falar que era possível até encontrar pessoas com quem se pudesse jogar videogame – isso parecia divertido, já que ele nunca tinha ninguém com quem jogar.

Tinha **que** haver algo mais na vida do que se curvar diante das crianças legais, organizando os casacos de pele de sua mãe e se

escondendo de suas birras.

Tinha ***que*** haver. Embora agora não fosse apenas a sua mãe que ele tinha que responder. Se Mal estava falando sério, e parecia que estava, nas próximas horas ele teria que descobrir como organizar a festa do ano.

chapter

5

*And a Handsome Prince
Who Lived Far, Far Away*

Machine Translated by Google

Enquanto isso, do outro lado do Mar da Serenidade, que separava a Ilha do Perdidos do resto do mundo, estavam os EUA – os Estados

Unidos de Auradon, uma terra de paz e encanto, prosperidade e deleite, que abrangia todos os bons reinos. A leste ficavam as cúpulas coloridas da residência do sultão, onde viviam Aladdin e Jasmine, não muito longe de onde Mulan e Li Shang guardavam o palácio imperial. Ao norte ficava o Charming Castle, de propriedade de Cinderela e seu rei, ao lado do “Honeymoon Cottage”, o palácio de quarenta quartos que Aurora e Phillip chamavam de lar. E ao sul, era possível avistar as lanternas do domicílio divino de Rapunzel e Eugene Fitzherbert, perto do local na costa onde Ariel e Eric haviam feito sua residência real sob e sobre o mar, em Seaside.

Mas bem no centro estava o maior castelo de Auradon, com torres e varandas luxuosas, e as torres mais altas ostentavam a orgulhosa bandeira azul e dourada dos bons e velhos EUA. Dentro do magnífico edifício havia muitos salões de baile, grandes salas e salas de aparato, uma sala de jantar formal com capacidade para centenas de pessoas, onde todos se sentiam como convidados mimados, e uma biblioteca maravilhosa que continha todos os livros que já foram escritos.

Tudo isso era adequado, é claro, porque este era o Castelo da Fera, lar do Rei Fera e da Rainha Bela, a residência de Auradon. Vinte anos atrás, rei

Machine Translated by Google

A Besta uniu todas as terras dos contos de fadas em uma só sob sua coroa; e durante as últimas duas décadas ele governou os seus bons cidadãos com um julgamento forte e justo, e apenas ocasionalmente com um pouquinho do seu temperamento bestial.

Bela teve uma influência calmante sobre a Fera impetuosa: ela não era apenas o amor de sua vida, mas o pacificador de seu humor, a voz da razão em uma tempestade que se aproxima e a mãe de seu único filho.

A joia da coroa era seu lindo filho, Prince, de quinze anos.

Bem. Não houve fadas em seu batizado para dar presentes, talvez porque ele não precisasse de nenhum. Ben era tão bonito quanto o pai, com testa forte e maçãs do rosto esculpidas, mas tinha os olhos gentis e o intelecto aguçado da mãe. Ele era um menino de ouro em todos os sentidos, com um bom coração e um espírito vencedor – capitão do time do torneio, amigo de todos, destinado a governar Auradon um dia.

Resumindo, ele era exatamente o tipo de pessoa que o povo da Ilha de Lost desprezava. E, como na Ilha dos Perdidos, a magia também não era mais um fator na vida diária de Auradon. King Beast e Queen Belle enfatizaram o conhecimento acima do encantamento, exortando os jovens a trabalhar duro em vez de depender de feitiços de fadas ou amigos dragões para obter ajuda. Como a Fera era a figura mais poderosa em todos os reinos, quando propôs a nova ética de trabalho, ninguém argumentou contra ele. Na verdade, foi um novo (era uma vez) tempo para o povo das lendárias terras dos contos de fadas.

Mas mesmo sem magia, a vida em Auradon era quase perfeita. O sol sempre brilhava, os pássaros sempre cantavam, nunca havia mais de cinco minutos de espera no DFMV

(Departamento de Veículos Antigos Mágicos); e se todo mundo não ficasse feliz o tempo

todo (não é como se isso fosse **o paraíso** — controlem-se, pessoal), todo mundo ficava contente.

Exceto, é claro, quando não estavam.

Não é sempre assim?

Os vários companheiros baixinhos, fofos, peludos ou minúsculos — e às vezes animais — do reino estavam causando problemas novamente. Sidekicks United, eles se autodenominavam, e estavam longe de ser felizes. Eles estavam, em uma palavra, descontentes.

“Bem, então, como podemos ajudá-lo hoje? Vamos ver...” Ben não estava falando com ninguém além de um pedaço de papel — ou mil pedaços. Ele olhou para os documentos à sua frente, batendo neles com a caneta. Seu pai lhe pediu para liderar a reunião do Conselho naquela manhã, parte do treinamento para se tornar rei em alguns meses.

Machine Translated by Google

Como era tradição, o primogênito da família real assumiria o trono de Auradon aos dezesseis anos de idade. Fera e Bela estavam prontos para se aposentar. Eles estavam ansiosos por longos cruzeiros de férias, jantares antecipados e jogar golfe (Beast), bingo (Belle) e, em geral, relaxar. Além disso, Belle tinha uma pilha de leituras não lidas de cabeceira tão alta que ameaçava tombar sobre a irritada Sra. Potts quando ela vinha buscar a bandeja do café da manhã todas as manhãs.

A reclamação não era a única coisa em sua mente. Ben acordou

naquela manhã de um pesadelo. Ou parecia um pesadelo – e certamente parecia um. No sonho, ele estava andando por uma aldeia estranha, cheia de pessoas miseráveis e mal vestidas, que comiam frutas podres e bebiam café preto. Sem creme. Sem açúcar. Nenhum bolo de café para mergulhar nele. O horror! E ele caiu em algum tipo de vala, mas alguém o ajudou.

Uma linda garota de cabelos roxos que não se parecia em nada com ninguém em Auradon...

“Obrigado”, ele disse agradecido. “E quem é você?”

Mas ela desapareceu antes que ele pudesse saber seu nome.

Ele voltou aos papéis em suas mãos e tentou esquecê-la.

Ben estudou a reclamação do Sidekicks United – a primeira desse tipo – e seu coração bateu um pouco mais rápido ao pensar em ter que conversar com todas aquelas pessoas e convencê-las de que não havia necessidade desse nível de descontentamento.

Ele suspirou, até que uma voz familiar interrompeu seu devaneio.

“Tenha cuidado com os companheiros, filho. Mais cedo ou mais tarde eles roubam os holofotes.”

Ben olhou para cima, surpreso ao ver seu pai parado na porta. Rei Beast parecia como sempre, tão sorridente, feliz e realizado como em seus outdoors. Por toda Auradon, lê-se ***Bom trabalho sendo bom! Mantem! Rei Besta ruge em aprovação!***

Seu pai apontou para a pilha de papéis na mesa de Ben. “Parece que você está trabalhando duro.”

Ben enxugou os olhos. “Sim.”

O Rei Besta bateu com a pata no ombro do filho. “Esse é meu garoto. Então, o que é que eles querem, exatamente?”

Ben coçou atrás da orelha com a caneta. “Parece que eles estão um pouco chateados, já que eles fazem todo o trabalho por aqui e dificilmente são remunerados pelo seu

Machine Translated by Google

esforços. Se você pensar sobre isso da perspectiva deles, eles têm razão.”

“Hum.” Rei Besta assentiu. “Todo mundo tem voz em Auradon.

Embora você não possa deixar muitas vozes abafarem a razão, é claro. É isso que significa ser real”, disse ele, talvez com um pouco mais de força do que o necessário.

“Se você continuar levantando **a** voz, minha querida, você vai quebrar toda a porcelana, e a Sra. Potts nunca mais permitirá que você tome uma xícara de leite morno ou um banho quente novamente.” A mãe de Ben, a boa Rainha Bela, entrou na sala e enfiou a mão sob o braço musculoso do marido (mais uma qualidade Bestial que o rei ainda parecia possuir – a força de uma criatura selvagem na forma de um mero homem). Ela estava tão linda quanto no dia em que chegou ao castelo da Fera, e resplandecente em um lindo vestido amarelo. Se agora havia rugas de expressão ao redor dos olhos, ninguém parecia notar; e, na verdade, serviam apenas para torná-la mais atraente.

No segundo em que viu a mãe, Ben sentiu-se mais à vontade. Ele tímido e quieto, sua mãe gentil e compreensiva, Ben e Belle sempre foram dois como ervilhas no jardim de um castelo - sempre preferindo ter o nariz nos livros em vez dos assuntos do Estado.

“Mas metade do pessoal do castelo assinou esta petição... veja, lá está o Lumière rabiscos e de Cogsworth — disse Ben, franzindo a testa. Qualquer tipo de injustiça era perturbador de se pensar, e incomodava-o que as mesmas pessoas de quem sua família dependia para manter suas vidas em ordem acreditassem que tinham motivos para reclamar.

“Lumiere e Cogsworth assinarão qualquer coisa que alguém lhes pedir para assinar.

Na semana passada assinaram uma petição para declarar todos os dias feriados”, disse o pai, divertido.

Ben teve que rir. O Rei Besta tinha razão. O exigente francês e o a alegre Brit concordaria com qualquer coisa para que eles pudessem voltar ao trabalho.

Chip Potts, que era conhecido por fazer algumas travessuras no castelo, provavelmente os induziu a fazer isso.

“Esse é o bilhete. Ouça o seu povo, mas afirme o seu direito de governar.

Lidere com um coração gentil e mão firme. Essa é a maneira de ser um rei!”

Rei Fera estendeu o punho e Ben apenas olhou para ele. Ele olhou para sua própria mão, que parecia a de uma criança pequena em comparação com a de seu pai.

Fera puxou Ben pelo braço, fechando a mão em volta da de seu filho.

"Lá. Forte. Poderoso. Real."

Machine Translated by Google

A mão do Rei Fera era tão enorme que Ben descobriu que não conseguia mais ver a sua.

"Forte. Poderoso. Real — repetiu Ben.

A Fera rosnou e deu um tapa nas costas do filho, quase fazendo-o voar para a lâmpada decorativa mais próxima. O chão tremeu quando ele saiu da sala, ainda rindo.

A Rainha Belle pareceu aliviada; Beast não hesitou em fazer uma piada com seu às próprias custas - embora ele fosse muito menos indulgente quando alguém tentasse a mesma linha de humor. Ela colocou os braços em volta do filho, puxando-o para perto.

“Ben. Você não precisa ser outro Rei Besta. Seja você mesmo – é mais que suficiente.”

“Não é isso que o pai diz.”

Bela sorriu. Ambos sabiam que não adiantava tentar explicar a lógica de seu pai, e ela não tentou. “Não importa o que aconteça, seu pai e eu acreditamos em você. É por isso que queríamos que você começasse a se reunir com o Conselho. É hora de você aprender a governar. Você será um rei maravilhoso, sozinho.

Eu prometo.”

“Espero que sim”, disse Ben, incerto.

“Eu sei que sim”, disse Belle, beijando sua bochecha.

À medida que os passos leves de sua mãe desapareciam, Ben pegou sua caneta e voltou para suas páginas. Desta vez, porém, tudo o que ele conseguiu ver foi o punho, com o mesmo anel dourado com cabeça de animal que seu pai usava.

Forte. Poderoso. Real.

Ele cerrou os dedos com mais força.

Ben jurou que deixaria seu pai orgulhoso.

chapter
6
—
Mean Girl

Machine Translated by Google

"Bem,

você parece muito satisfeito consigo mesmo”, disse Jay enquanto Mal se acomodava sentou-se na primeira fila e apoiou os pés na mesa ao lado dela.

“Eu estou”, ela disse. “Acabei de ensinar àquele pequeno mirtilo o que significa se sentir excluído.”

“Carlos parecia que ia ter uma vaca quando você disse que ele estava organizando sua festa.

“Você quer dizer um cachorro?” Mal riu, embora a piada já estivesse ficando velha.

Jay deu-lhe uma cotovelada com uma piscadela antes de desaparecer em sua mesa no fundo da sala.

Mal estava de bom humor. Esta aula era sua favorita: Esquemas Malignos Avançados e Truques Desagradáveis, ministrada por Lady Tremaine, também conhecida como Madrasta Malvada. Mal gostava particularmente de pegadinhas maldosas.

“Olá, crianças horríveis”, disse Lady Tremaine, entrando na sala com um farfalhar de suas anáguas e lançando um olhar entediado para a turma à sua frente. “Hoje embarcaremos em nosso projeto de aula anual: Criando o Esquema do Mal Supremo.”

Ela se virou para o quadro-negro e escreveu em letras ensurdecedoras:
A história da

Cinderela: Era uma vez um sapatinho de vidro quebrado. “Como você bem sabe,”

Machine Translated by Google

ela disse, voltando-se para os alunos, “minha manipulação da Cinderela foi minha maior ação maligna. Durante anos mantive-a no sótão e tratei-a como uma criada virtual. Se não fosse por alguns ratos horríveis e intrometidos, uma das minhas filhas seria a rainha do Castelo Encantado agora, em vez daquela garota ingrata. E assim, o objetivo de cada professor do Dragon Hall é treinar a nova geração de vilões para não cometer os mesmos erros que cometemos. Você deve aprender a se adaptar, a ser mais rápido, mais astuto e mais perverso do que nunca. Você passará este ano trabalhando em um esquema

maligno de sua escolha. O aluno com o melhor truque desagradável ganhará o prêmio de Mais Maligno do Ano do Dragon Hall.”

A turma acenou com a cabeça em uníssono, cada um apresentando uma variedade de ideias para truques horríveis. Mal coçou o nariz com a ponta da caneta-tinteiro de pluma roxa, imaginando qual seria seu projeto de um ano. Ela olhou ao redor da sala para seus colegas rabiscando em blocos de notas, com as sobranceiras franzidas, alguns gargalhando baixinho. Sua mente estava cheia de ideias horríveis, cada uma mais horrível que a anterior. ***Trancar todos os calouros***

na masmorra? Estive lá, fiz isso. ***Encher os corredores de baratas?*** Brincadeira de criança. ***Deixar uma debandada de goblins solta no depósito?*** Isso seria apenas uma terça-feira normal....

Do outro lado da sala, Mal ouviu uma risadinha. Ela olhou por cima do ombro e encontrou aquela novata chata, Evie, conversando alegremente com Carlos De Vil enquanto eles brincavam com uma espécie de caixa preta em sua mesa. Eca. Aquela garota não tinha nada com que ficar feliz. Por que ela, Mal, não tinha acabado de dizer que não poderia comparecer ao uivador do ano? Mal ficou um pouco desconcertada por um momento, até perceber: o plano maligno do ano estava bem na sua frente.

Um sorriso torto se formou em seus lábios, e ela mastigou a caneta-tinteiro por um momento antes de rabiscar uma página de anotações.

Ela mostraria uma ou duas coisas àquela princesa de cabelo azul.

Claro, ela já havia dito a Evie que não poderia ir à festa, mas isso não foi

suficiente. Era muito simples, muito direto. Mal tinha que ser sorrateiro, como Lady Tremaine, fingindo estar trabalhando no melhor interesse da Cinderela quando ela estava fazendo exatamente o oposto.

Mal percebeu que ela estava esperando há anos por essa oportunidade, mesmo que ela soubesse disso conscientemente ou não. A memória do convite “perdido” –

se é que ele realmente existiu (ainda não estava claro o que havia acontecido).

Machine Translated by Google

realmente aconteceu) – irritou-se com seus sentimentos tão intensamente hoje quanto quando ela tinha seis anos de idade.

Um dia como esse só pode acontecer uma vez em dezesseis anos.

Um dia como esse muda uma pessoa.

Um dia como aquele nunca mais aconteceria.

Não se Mal pudesse evitar.

E para ser sincero, Mal queria fazer mais do que estragar o dia de Evie, ela queria arruinar o **ano dela**. Pensando bem, talvez manter Evie fora da festa tenha sido a atitude errada.

Se Evie não estivesse lá, Mal não teria a oportunidade de torturá-la para o deleite de seu coração.

Mal terminou de escrever seus planos assim que o sinal tocou e a conversa alcançou para Jay, que era todo alegre e charmoso — e quando chegaram à porta, seus bolsos estavam cheios de muito mais do que isso.

“Espere aí”, disse Mal ao avistar Carlos e Evie vindo em direção a eles.

Evie parecia genuinamente assustada e Carlos cauteloso quando se aproximaram de Mal.

que bloqueou a porta.

“Ei, Evie, você sabe aquela festa que estou dando?” Mal perguntou.

Eva assentiu. “Um sim?”

“Eu só estava brincando mais cedo”, disse Mal com o sorriso mais doce que conseguiu.

gerenciar. “**Claro que** você está convidado.”

“Eu sou?” Evie gritou. “Tem certeza que me quer lá?”

“Não quero mais nada no mundo”, disse Mal grandiosamente e com sinceridade. “Não perca.”

“Não vou”, prometeu Evie com um sorriso nervoso.

Mal observou ela e Carlos se afastarem com satisfação. Jay ergueu uma sobrancelha. “Sobre o que era tudo isso? Achei que você não a queria lá — disse ele, enquanto roubava habilmente uma banana podre da lancheira de um aluno do primeiro ano.

“Planos mudam.”

“Um esquema maligno, hein?” Jay balançou **as duas** sobrancelhas.

“Talvez”, disse Maly misteriosamente, sem querer revelar nada. Isto

não era como se Jay pudesse ser confiável. “Honra dos ladrões” significava que nenhum deles tinha nenhuma.

"Vamos. Sou eu. O único que você pode enfrentar nesta ilha.”

“Não se iluda”, ela disse, apenas meio sorrindo.

“Você não odeia festas? Você não foi à propina de Anthony Tremaine na outra semana, e você perdeu o 'Scary Sixteenth' da minha prima Jade. Eles

estavam fora de controle, como diria o bando de piratas.” Ele sorriu.

“Aqueles eram diferentes. De qualquer forma, você precisa pular para lá. Carlos não pode dar minha festa sozinho.” Ela agarrou o braço dele. “Precisamos de jarros de cidra picante, sacos de batatas fritas velhas, espumante e tudo mais.”

Jay descascou a banana e deu uma mordida. "Feito."

“E certifique-se de que sejam as coisas boas do cais, dos primeiros barcos.

Tenho uma reputação a defender.”

Ele cumprimentou e jogou a casca de banana no chão, e os dois observaram alegremente um colega escorregar e cair. Coisas assim nunca envelhecem.

Mal sorriu, seus olhos verdes brilhando um pouco mais parecidos com os de sua mãe do que com os de sua mãe.

habitual. "Vamos. Tenho uma festa para dar. *E alguém em quem jogar.*

chapter
7
Hell Raiser

Machine Translated by Google

Carlos nunca se esquivou de uma missão, e se Mal queria um berrador, havia nenhuma alternativa a não ser fornecer uma. Não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso, com AP

Evil Penchant ou não. Ele conhecia seu lugar no totem.

Comecemos pelo princípio: uma festa não poderia ser uma festa sem convidados. O que significava pessoas. Muitas pessoas. Corpos. Dançando. Conversando. Bebendo. Comendo.

Jogando jogos. Ele tinha que espalhar a palavra.

Felizmente, não demorou muito para que todos com quem ele cruzou na escola, e os asseclas de todos com **quem ele** cruzou, espalhassem a palavra. Porque Carlos não fez um convite, mas sim uma ameaça.

Literalmente.

Ele não mediu palavras, e as ameaças só ficaram mais exageradas à medida que o dia escolar avançava. Os rumores se espalharam como o vento salgado e tempestuoso que soprava das águas infestadas de crocodilos que cercam a ilha.

“Esteja lá, ou Mal vai encontrar você”, disse ele ao seu pequeno e atarracado parceiro de laboratório.

Le Fou Deux, enquanto os dois dissecavam um sapo que nunca se transformaria em príncipe na aula de Biologia Não Natural.

“Estejam lá, ou Mal vai encontrar vocês e bani-los das ruas da cidade”, ele sussurrou para os Gastons enquanto eles se revezavam enfiando uns aos outros em redes de destruição em educação física.

Machine Translated by Google

“Esteja lá, ou Mal vai te encontrar e te banir e fazer todo mundo esquecer você, e deste dia em diante você será conhecido apenas pelo nome de Slop!” ele disse quase histericamente para um grupo de alunos do primeiro ano assustados reunidos para uma reunião do Clube Anti-Social, que estava planejando o Foul Ball anual da escola.

Eles empalideceram com suas palavras e prometeram desesperadamente sua presença, mesmo tremendo com o pensamento.

No final do dia, Carlos havia garantido dezenas de confirmações de presença. Agora, **isso**

não foi muito difícil, ele pensou, guardando seus livros no armário e liberando o primeiro ano que estava preso lá dentro.

"E aí cara." Carlos assentiu.

"Obrigado, eu realmente preciso fazer xixi", guinchou o infeliz aluno.

"Claro", disse Carlos, torcendo o nariz. "Ah, e tem uma festa. Minha casa. Meia-noite."

"Eu ouvi, estarei lá! Não perderia!" - disse o primeiro ano, erguendo o punho no ar, entusiasmado.

Carlos assentiu, sentindo-se apaziguado e mais do que um pouco impressionado com o fato de até mesmo alguém que ficou preso dentro de um armário o dia todo ouviu a notícia da festa. Ele era natural! Talvez o planejamento da festa estivesse em seu sangue. A mãe dele certamente sabia como se divertir, não é? Cruella sempre dizia como ele era chato porque tudo o que ele gostava de fazer era mexer em eletrônicos o dia todo. Sua mãe declarou que ele estava perdendo tempo, que era inútil em tudo, exceto nas tarefas domésticas, e então talvez, se ele desse uma boa festa, pudesse provar que ela estava errada. Não que ela estivesse por perto para testemunhar isso, no entanto. Ela provavelmente ficaria furiosa ao descobrir seu Hell Hall cheio de adolescentes. Ainda assim, ele desejava que um dia Cruella pudesse vê-lo como mais do que apenas um servo residente que por acaso era parente dela.

Ele voltou para casa, sua mente girando. Com os convidados garantidos, bastava preparar a casa para o abençoado evento – e isso não poderia ser muito difícil, não é?

Algumas horas depois, Carlos retomou tudo. "Por que concordei em dar esta festa?" ele agonizou em voz alta. "Eu nunca quis dar uma festa." Ele passou os dedos pelos cabelos cacheados e manchados, o que os deixou espetados, muito parecidos com os da própria Cruella.

"Você quer dizer esta noite?" Uma voz ecoou do outro lado do salão de baile em ruínas, atrás da estátua gigante e manchada de um grande

Machine Translated by Google

cavaleiro.

“Quero dizer , *sempre*”, suspirou Carlos. Era verdade. Ele era um homem da ciência, não da sociedade. Nem mesmo a sociedade *maligna* .

Mas aqui estava ele, decorando Hell Hall, que já tinha visto dias melhores muito antes de ele nascer. Ainda assim, a decrépita mansão vitoriana era uma das mais grandiosas da ilha, coberta de vinhas mais

retorcidas do que a mente da própria Cruella, e fechada com ferro mais forjado do que as histerias diárias da própria Cruella.

O salão de baile principal estava agora coberto com papel crepom preto e branco e balões preto e branco parcialmente vazios que Carlos roubara de uma triste pilha de caixas empoeiradas escondidas no porão de seu prédio.

Aquelas poucas caixas, carimbadas com ***De Vil Industries***, eram tudo o que restava do antigo império da moda De Vil – meros restos de uma vida melhor que há muito havia desaparecido.

Sua mãe, é claro, ficaria furiosa quando visse que Carlos havia entrado em suas caixas novamente – “Meus ***tesouros roubados***”, ela gritava, ***“meus bebês perdidos!”*** – ***mas*** Carlos era um pragmático e um necrófago.

Por que sua mãe era obcecada por cachorrinhos dálmatas preto e branco, ele não fazia ideia. Ele estava aterrorizado com essas coisas; mas ela estava preparada para possuir cento e um deles, então havia um monte de coisas para vasculhar.

Ao longo dos anos, ele reaproveitou mais do que algumas caixas vazias — ***os cientistas***

precisavam de estantes de livros — coleiras abandonadas — o náilon ***resistia aos elementos*** —

e ***brinquedos que não rangiam*** — ***a borracha repelia a eletricidade*** — que haviam caído no chão.

ficou de lado quando os planos de sua mãe foram frustrados.

Um cientista e inventor da AP Evil como Carlos não poderia se dar ao luxo de ser exigente. Ele precisava de materiais para sua pesquisa.

“Por que você concordou com esta festa? Fácil. Porque Mal pediu para você,”

O segundo melhor amigo de Carlos, Harry, disse, balançando a cabeça enquanto mexia os dedos, fita adesiva pendurada em cada um. “Talvez você devesse tentar, em sua próxima invenção, construir algo que nos libertasse do controle mental dela.”

Seu terceiro melhor amigo, Jace, tentou pegar um pedaço de fita, mas só conseguiu gravá-lo em Harry. “Okay, certo. Ninguém pode

enfrentar Mal”, disse Jace. "Até parece."

Harry (Harold) e Jace (Jason) eram filhos de Horace e Jasper, Os leais servos de Cruella, os dois ladrões desajeitados que tentaram sequestrar os cento e um filhotes de dálmata para ela e falharam.

Machine Translated by Google

miseravelmente. Assim como seus pais, Harry e Jace tentaram parecer mais capazes e menos nervosos do que realmente eram.

Mas Carlos sabia o contrário.

Harry, tão baixo e gordo quanto seu pai, mal conseguia esticar a mão para prender a lateral do corpo da serpentina de ébano. Jace, ainda mais alto que seu pai alto e magro, não tinha o mesmo problema, mas, como mencionado anteriormente, não conseguia descobrir o dispensador de fita adesiva. Entre eles, não constituíam exatamente um grupo de cérebros. Mais como uma desconfiança cerebral.

Carlos não os teria escolhido como amigos - sua mãe escolheu para ele, assim como ela fez com todo o resto.

“Eles são tudo o que temos”, dizia Cruella. “Mesmo quando não temos mais nada, sempre teremos...”

"Amigos?" Carlos havia adivinhado.

"Amigos?!" Cruella riu. “Quem precisa de amigos quando você tem lacaios para cumprir suas ordens!”

Cruella certamente governou Jasper e Horace com uma coleira de ferro, mas um dificilmente poderia dizer que Harry e Jace obedeceram às ordens de Carlos.

Eles só pareciam ficar por aqui porque seus pais os obrigavam e apenas porque todos tinham medo da mãe de Carlos.

Razão pela qual ele os considerava apenas seus *segundos* e *terceiros*

melhores amigos. Ele não teve um *primeiro* melhor amigo, mas sabia o suficiente sobre o conceito de amizade, mesmo sem ter nenhum amigo próprio, para saber que um melhor amigo de verdade teria que ser capaz de fazer algo mais do que segui-lo por aí. , tropeçando nos pés e repetindo suas piadas de que não vale a pena contar pela primeira vez.

Mesmo assim, foi bom ter ajuda para a festa, e foi Harry quem acenou tristemente para ele agora. “Se Mal não gostar desta festa, estamos condenados.”

“Condenado,” ecoou Jace.

Carlos examinou o resto da sala. Cada pedaço de mobília velha e quebrada estava coberto com um pano de linho branco empoeirado. Cada poucos metros de gesso da parede era perfurado por um buraco em ruínas que revelava o compensado e o gesso por baixo.

O superestimado nele se irritou. Ele poderia fazer melhor que isso! Ele tinha para. Ele correu escada acima e desenterrou os antigos candelabros de latão de sua mãe e os instalou pela sala. Com as luzes apagadas, as velas brilhavam e tremeluziam como se estivessem flutuando no ar.

Machine Translated by Google

Em seguida, veio o balanço do lustre – um item básico em qualquer festa na Ilha, ou pelo menos foi o que ele ouviu. Ele fez Jace subir uma escada improvisada e amarrar um balanço de corda na luminária.

Harry pulou de um dos sofás cobertos com lençóis para testá-lo, o que fez com que uma nuvem de poeira se espalhasse por toda a sala.

Carlos aprovou – parecia como se uma nova neve tivesse caído sobre o corredor.

Ele pegou o telefone rotativo e ligou para seu primo Diego De Vil, vocalista de uma banda local chamada Bad Apples.

“Vocês querem um show hoje à noite?”

“Nós alguma vez! Ouvi dizer que Mal está tendo um uivo de lua cheia!

A banda chegou pouco depois, montando a bateria perto da janela e praticando suas músicas. A música deles era alta e rápida, e Diego, um cara alto e magro que usava um moicano preto e branco, cantava desafinado. Foi maravilhoso. A trilha sonora perfeita para a noite.

Em seguida, Carlos desenterrou uma câmera Polaroid instantânea antiquada que encontrou no sótão. Ele criou uma cabine privada removendo o lençol de um sofá e prendendo-o a uma haste em um canto isolado. “Cabine de fotos! Você tira a foto deles”, disse ele a Jace.

"E você entrega a eles", ele disse a Harry.

Carlos admirava seu trabalho. “Nada mal”, disse ele. "Agora estamos a falar."

“E está prestes a melhorar muito”, disse uma voz desconhecida.

Carlos se virou e viu Jay entrando na sala segurando quatro enormes sacos cheios de todos os tipos de salgadinhos de festa: queijo fedorento e uvas murchas, ovos cozidos (tão apropriados) e asas (pecaminosamente picantes) e muito mais.

Jay tirou do casaco uma garrafa da melhor cidra picante da ilha e despejou-a na poncheira rachada que estava sobre a mesinha de centro.

"Espere! Parar! Não quero que as coisas saiam do controle”, disse Carlos, tentando para pegar a garrafa e tampa-la. “Como você conseguiu todo esse açúcar!”

“Ah, mas é aí que você está errado”, disse Jay, sorrindo. “É melhor que sua festa saia do controle do que Mal fique nervoso.”

Jay afundou no sofá, colocando suas botas de combate perto da tigela de ponche.

Os lacaios encolheram os ombros e Carlos suspirou.

O cara tinha razão.

Machine Translated by Google

Quando o relógio bateu meia-noite, os convidados de Mal começaram a chegar em peso. Não havia carruagens parecidas com cabaças ou

servos parecidos com roedores à vista, em lugar nenhum. Nada foi transformado em nada, especialmente no que alguém consideraria um passeio legal.

Havia apenas pés, em vários graus de calçados de má qualidade. Talvez por terem os pés maiores, os Gaston chegaram primeiro, como sempre. Eles nunca arriscavam uma entrada tardia, para não perderem uma mesa de bufê cheia de comida que poderiam engolir inteira antes que alguém experimentasse.

Durante o silêncio constrangedor que se seguiu aos Gastons dando cabeçadas em seus olás e batendo competitivamente jarras de cerveja contrabandeada, um navio inteiro da tripulação pirata de Harriet Hook entrou saqueando pela porta.

Enquanto Carlos estava encostado no papel de parede desbotado, saboreando seu ponche picante, os Gastons e o grupo de piratas se ocuparam em perseguir o próximo grupo de convidados pela casa. Acontece que se tratava de uma série de enteadas malvadas e cacarejantes, enfeitadas com fitas esfarrapadas e cachos caídos, abrindo caminho pelas esquinas em alta velocidade. “Não nos persiga!” eles imploraram, apenas esperando para serem perseguidos. “Você é horrível!” eles gritaram horrivelmente. “Sto-ooooop”, disseram eles, recusando-se a parar.

O primo deles, Anthony Tremaine, os seguiu até a sala, revirando os olhos.

A banda começou uma música divertida. A morena Ginny Gothel chegou com um alqueire de maçãs com vermes, e um jogo de bob-for-the-wormiest-maçã começou na banheira. Todo mundo queria dar uma volta no balanço do lustre, e o resto dos convidados estava envolvido em uma dança séria com a banda.

Em suma, parecia que seria um momento muito bom.

Mais de uma hora depois do início oficial da festa, houve uma batida forte na porta.

Não estava claro o que tornava aquela batida diferente de todas as outras, mas era diferente. Carlos levantou-se de um salto como um soldado subitamente chamado à atenção. Jay parou de dançar com um bando de enteadas malvadas. Os Gaston ergueram os olhos da mesa do bufê. O pequeno Sammy Smee segurava uma maçã entre os dentes, interrogativamente.

Carlos acalmou os nervos e abriu a porta. "Vá embora!" ele gritou, usando a saudação tradicional da ilha.

Machine Translated by Google

Mal estava na porta. Retroiluminado pela luz fraca do corredor, em roxo brilhante Couro da cabeça aos pés, ela parecia não ter tanto uma auréola, mas sim um brilho, como o vocalista principal de uma banda durante um show de rock particularmente bem iluminado - do tipo que tem fumaça, néon e pedaços de bobagens brilhantes no ar.

Carlos meio que esperava que ela começasse a cantar uma música com a banda. Talvez ele devesse ter ficado animado por uma personalidade tão infame ter decidido vir à sua festa.

Er, *aqui* festa.

Não haveria como desligar aquela festa como se fosse um de seus aparelhos de som reconstruídos, não depois de ela ter começado, especialmente se não fosse o tipo de festa que Mal parecia ter em mente.

“Ei, Carlos,” ela falou lentamente. "Eu estou atrasado?"

“De jeito nenhum”, disse Carlos. "Entre."

“Animado para me ver?” Maly perguntou com um sorriso.

Ele assentiu que sim. Só que Carlos não estava animado.

Ele estava **aterrorizado**.

Em algum lugar, no fundo, ele até queria a mãe.

chapter
8

Only Human

Machine Translated by Google

“Injeções de sangue de sapo!” declarou Mal, saltando para dentro da sala como se estivesse apenas mais um convidado. "Para todos!"

E assim, a festa recomeçou, tão rapidamente quanto havia parado. Foi como se toda a sala exalasse um suspiro de alívio. ***Mal não está bravo. Mal não está nos banindo das ruas. Mal não vai nos renomear como Slop.***

Ainda não.

Mal podia ver o alívio deles em seus rostos e ela não os culpava.

Eles estavam certos. Do jeito que ela estava se sentindo ultimamente, certamente era algo para comemorar.

Então a multidão aplaudiu e doses de sangue de sapo espalharam-se pela sala.

aos copos, e Mal, numa demonstração de espírito esportivo generoso, bebeu um copo viscoso junto com o resto.

Ela circulou pela festa, roubando uma carteira de um dos Gastons, parando para dar uma risadinha maldosa com Ginny Gothel sobre o vestido que Harriet Hook estava usando, esquivando-se de um pirata entusiasmado balançando no lustre, dando uma mordida no cachorro demoníaco de outra pessoa. e pegando um bocado de pipoca seca. Ela entrou no corredor e esbarrou em Jay, que estava sem fôlego depois de vencer o último baile.

"Se divertindo?" ele perguntou.

Machine Translated by Google

Ela encolheu os ombros. "Para onde Carlos foi?"

Jay riu e apontou para um par de sapatos pretos que apareciam atrás de um lençol que cobria a maior das estantes. "Escondendo-se de seu próprio partido. Típica."

Mal sabia como Carlos se sentia, embora nunca fosse admitir isso. Na verdade, ela preferia estar em qualquer lugar da ilha do que nesta festa. Assim como sua mãe, ela odiava as imagens e os sons da folia. A

diversão a deixou desconfortável. Risada? Deu-lhe urticária. Mas uma vingança era uma vingança, e ela tinha planejado mais para esta noite do que apenas Profundo, Sombrio, Secreto ou Desafio que Desafia a Morte.

“Vamos”, disse Jay. “Eles estão brincando de prender o rabo no laçao lá, e Jace tem tipo dez caudas. Vamos ver se conseguimos fazer uma dúzia.”

“Talvez em um minuto. Onde está a princesa Blueberry? Mal perguntou. “Fiz uma volta inteira nessa festa e não a vi em lugar nenhum.”

“Você quer dizer Evie? Ela ainda não está aqui. Ninguém parece saber se ela vem ou não.” Jay encolheu os ombros. “Crianças do castelo.”

“Ela tem que vir. Ela é o ponto principal. Ela é a única razão pela qual estou equilibrado tendo essa festa estúpida. Mal odiava quando seus planos malignos não saíam exatamente como planejado. Este foi o primeiro passo da *Operação Take Down Evie, Or Else*, e *tinha* que funcionar. Ela suspirou, olhando para a porta. Fingir que estava se divertindo em uma festa quando você odiava festas era a coisa mais cansativa do mundo.

Mal teve que concordar com a mãe sobre isso.

"O que vocês dois estão fazendo?" perguntou Anthony Tremaine, Lady Tremaine neto de dezesseis anos, um garoto alto e elegante, com cabelos escuros penteados na testa altiva. Suas roupas estavam tão gastas e esfarrapadas quanto as de todo mundo na Ilha, mas de alguma forma ele sempre parecia estar usando roupas de alfaiataria personalizadas. Seu casaco de couro escuro tinha um corte perfeito, seus jeans eram da cor escura certa. Talvez fosse porque Anthony tinha sangue nobre e provavelmente teria vivido em Auradon se sua avó fosse, você sabe, má e banida. A certa altura, ele tentou fazer com que todos na Ilha o chamassem de Lord Tremaine, mas todos os garotos vilões apenas riram da cara dele.

“Só conversando”, disse Maly.

“Conspiração maligna”, disse Jay.

Eles se entreolharam.

Algo no rosto bonito de Anthony trouxe à mente de Mal outro garoto bonito – o príncipe de seu sonho. Ele disse que era ela

Machine Translated by Google

amigo. Seu sorriso era gentil e sua voz gentil. Mal estremeceu.

"Você quer alguma coisa?" Mal perguntou a Anthony friamente.

"Sim. Dançar." Anthony olhou para ela com expectativa.

Ela olhou para ele, confusa. "Espere... comigo?" Ninguém nunca perguntou ela antes. Mas ela também nunca tinha ido a uma festa antes.

“Bem, eu não quis dizer *ele*”, disse Anthony, olhando sem jeito para Jay.

“Sem ofensa, cara.”

“Nada levado.” Jay sorriu amplamente, sabendo o quão desconfortável isso era.

fez Mal. Ele achou hilário. “Vocês dois, crianças, vão se divertir lá fora.

Anthony, certifique-se de escolher uma música lenta”, disse ele, enquanto se afastava. “Tenho uma enteada esperando por mim.”

Mal podia sentir suas bochechas ficando rosadas, o que era constrangedor, porque ela não tinha medo de nada, muito menos de dançar com o arrogante Anthony Tremaine.

Então por que você está corando? ela pensou.

“Eu não sou realmente uma dançarina”, ela disse sem muita convicção.

“Posso mostrar a você”, disse ele com um sorriso suave.

Mal se irritou. “Quero dizer, eu não danço com ninguém. Sempre.”

“Por que não?”

Por que não, de fato?

Mal pensou sobre isso. Sua mente voltou ao início daquela noite.

Ela estava se preparando para a festa, tentando escolher entre jeans furados em tom violeta ou patchwork lilás, quando sua mãe fez uma rara aparição em sua porta.

“Onde nesta ilha terrível você poderia estar indo?”

Malévola perguntou.

“Para uma festa”, disse Maly.

Malévola soltou um suspiro exasperado. “Mal, o que eu te contei sobre festas?”

“Eu não vou me divertir , mãe. Estou indo para deixar alguém ***infeliz***.

Ela quase quis compartilhar **a Operação Evie Scheme** naquele momento, mas pensou melhor. Ela contaria à mãe depois de concluí-lo com sucesso, para não decepcioná-la mais uma vez. Malévola nunca deixou de lembrar a Mal que às vezes simplesmente não parecia que Mal era má o suficiente para ser sua filha. **Na sua idade, amaldiçoar reinos inteiros** era uma frase familiar que Mal cresceu ouvindo.

“Então você está querendo deixar alguém infeliz?” sua mãe arrulhou.

“Infeliz, realmente!” entusiasmado Mal.

Um sorriso lento se formou nos finos lábios vermelhos de Malévola. Ela atravessou a sala e ficou na frente de Mal, estendendo a mão para traçar uma unha comprida ao longo da bochecha de Mal. “Essa é uma garotinha desagradável”, disse ela. Mal jurou que viu um brilho de orgulho brilhar nos olhos frios e verde-esmeralda de sua mãe.

Mal voltou à realidade quando a banda terminou uma música de punk rock com pratos batendo e rufar de tambores. Anthony Tremaine ainda estava olhando para ela.

"Então por que você não dança de novo?"

Porque não tenho tempo para dançar quando tenho planos malignos para tramar,

Mal queria dizer. ***Um que finalmente deixará minha mãe orgulhosa de mim.***

Ela torceu o nariz. “Eu não preciso ter um motivo.”

“Você não. Mas isso não significa que você não tenha um.”

Ele a pegou de surpresa, porque estava certo.

Porque ela tinha um motivo, um motivo muito bom para ficar longe de qualquer tipo de atividade que pudesse sugerir ou levar a um romance. Seu pai desaparecido.

Também conhecido como Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado-na-Presença-de-Malévola.

Então Anthony a tinha lá. Mal tinha que admitir isso. Mas em vez disso, ela olhou para ele. Então ela olhou para ele novamente, para garantir. “Talvez eu apenas goste de ficar sozinho.” ***Porque talvez eu esteja tão cansado de ver minha mãe me olhando como***

se eu fosse fraco, só porque vim do seu próprio momento de fraqueza.

Porque talvez eu precise mostrar a ela que sou forte o suficiente e malvado

o suficiente para provar a ela que não sou como meu pai humano e fraco.

Que eu posso ser igual a ela.

Talvez eu não queira dançar porque não quero ter nada de humano em mim.

“Não pode ser isso.” Anthony disse, tirando fiapos da jaqueta. A voz dele era incomumente baixo e agradável, o que mais uma vez trouxe de volta à mente de Mal o belo príncipe à beira do lago encantado. Só que Anthony não era tão bonito quanto o garoto do sonho dela, não que ela achasse aquele garoto bonito, **veja bem**. Não que ela pensasse nele. “Ninguém gosta de ficar sozinho.”

“Bem, eu quero”, ela insistiu. Era verdade.

“E, além disso, todo mundo quer dançar com um senhor”, disse ele, presunçosamente.

Machine Translated by Google

“Não, eu não!”

“Tudo bem, faça do seu jeito”, disse Anthony, finalmente recuando, com a cabeça erguida. Num segundo, ele já havia convidado Harriet Hook para dançar, e ela aceitou com um grito de alegria.

Mal expirou. **Ufa.** Rapazes. Sonhos. Príncipes. Foi demais para um dia.

"Mal. Mal. Terra para Mal?" Jay acenou com a mão na frente do rosto

dela. "Você está bem?"

Mal assentiu, mas não respondeu. Por um momento ela se perdeu novamente na lembrança daquele sonho horrível. Só que desta vez não pareceu tanto um sonho, mas sim uma premonição? Que um dia ela poderia acabar em Auradon? Mas como pode ser isso?

Jay franziu a testa, segurando uma xícara de cidra. "Aqui. É como se você tivesse desligado ou algo assim."

Mal percebeu que ela não havia saído do hall de entrada. Ela estava ali, estupidamente congelada, desde que Anthony saiu do seu lado. Isso foi há três músicas, e os Bad Apples estavam tocando seu hit atual, "Call Me Never".

Ela se animou, não por causa da cidra ou da música cativante, mas porque, pelo canto do olho, ela avistou Evie pela janela do chão ao teto no hall de entrada. Ela estava descendo a estrada em um riquixá novinho em folha, sua linda trança em V brilhando ao luar. ***Ela se acha tão especial. Bem, vou mostrar a ela,*** pensou Mal. Seus olhos vagaram pela sala e pousaram em uma porta de aparência familiar.

Era a porta que dava para o armário de Cruella De Vil. Mal só sabia que estava lá porque uma vez ela e Carlos acidentalmente se depararam com isso quando estavam trabalhando em uma peça teatral sobre árvores genealógicas malignas na sexta série, e Mal estava entediado e decidiu ir bisbilhotar no Hell Hall. O armário de Cruella não era para os fracos de coração.

Mal nunca esqueceria aquele dia. Era o tipo de armário que ficaria o melhor de qualquer um. Principalmente uma princesa que subia os degraus da porta da frente e apareceria a qualquer momento.

"Jay", disse ela, apontando para a porta da frente. "Avise-me quando Evie chegar."

"Huh? O que? Por que?"

Machine Translated by Google

“Você verá”, ela disse a ele.

“Tudo parte do esquema maligno, hein?” ele disse, feliz em cumprir sua ordem. Jay estava sempre pronto para uma boa pegadinha.

Mas Carlos ficou pálido quando viu para onde Mal estava indo.

“Não...” ele gritou. Ele sacudiu o lençol, quase tropeçando no tecido na tentativa de chegar até a porta antes que Maly pudesse abri-la

completamente.

Fechou-se. Na hora certa.

Mas Mal cruzou os braços. Ela não estava recuando desta. Foi perfeito demais. Ela olhou pela janela novamente. Princesa-Oh-Tão-Fashionably-Late estava na porta da frente agora.

Mal levantou a voz. "Novo jogo! Sete Minutos no Céu! E você nunca jogou Seven Minutes se não jogou em um armário De Vil."

As palavras mal saíram da boca de Mal antes da maior parte dos passos malignos.

as netas praticamente a pisotearam para chegar até a porta. Eles adoravam jogar Seven Minutes e estavam se perguntando com entusiasmo com quem iriam acabar lá dentro. Alguns deles franziram os lábios e empoaram o nariz enquanto agitavam os cílios para Jay, que estava parado na porta da frente como uma sentinela.

"Quem quer ir primeiro?" Mal perguntou.

"Meu! Meu! Meu!" gritaram as enteadas.

"Ela tem", Jay chamou, segurando uma capa azul muito reconhecível.

"Eu faço? O que eu quero fazer?" perguntou o dono da capa.

Maly sorriu.

Evie havia chegado.

"Evie, querida! Que bom que você conseguiu! Mal disse, jogando os braços teatralmente em volta da garota e dando-lhe um abraço gigante e falso.

"Estamos tocando Seven Minutes in Heaven! Quero jogar?"

"Uh, eu não sei", disse Evie, olhando nervosamente ao redor da festa.

"Vai ser um grito", disse Maly. "Vamos, você quer ser meu amigo, não é?"

Evie olhou para Mal. "Você quer que **eu** seja seu amigo?"

"Claro, por que não?" Mal a levou até a porta do armário e a abriu.

“Mas um menino não entra aqui comigo?” Evie perguntou enquanto Mal a empurrava para dentro do depósito. Para alguém que estudou em castelos, Evie certamente conhecia seus jogos de beijo.

Machine Translated by Google

“Eu disse Sete Minutos no Céu? Não, você está jogando ***Seven Minutes no inferno!***” Mal gargalhou; ela não pôde evitar. Isso seria muito divertido.

A multidão ao redor do corredor se dispersou de medo depois que ficou claro que Mal não tinha interesse em que outras pessoas – ou Evie – participassem do jogo dentro da sala trancada.

Mas Carlos permaneceu de pé, o rosto branco como as pontas dos cabelos.

“Mal, o que você está fazendo?”

“Pregando uma peça suja – o que parece *que* estou fazendo?”

“Você não pode deixá-la aí! Lembra o que aconteceu conosco? ele perguntou, apontando com raiva para sua perna, que tinha duas cicatrizes brancas distintas na panturrilha.

"Eu faço!" Mal disse alegremente. Ela se perguntou por que Carlos estava tão preocupado sobre Eva. Não era como se tivessem sido ensinados a se preocupar com outras pessoas.

Mas Carlos logo deixou claro que não estava sendo altruísta. “Se ela não conseguir sair sozinha, terei que limpar a bagunça! E minha mãe vai pirar! Você não pode deixá-la aí! ele sussurrou ferozmente, a ansiedade sobre o castigo de Cruella estampada em seu rosto.

“Tudo bem, vá buscá-la”, disse Mal com um sorriso malicioso no *rosto* , sabendo muito bem que não o faria.

Carlos tremeu em seus mocassins surrados. Mal sabia que não havia nada que ele quisesse menos do que voltar para lá. Ele se lembrava muito bem do que acontecera com ele e Mal na sexta série.

Houve um grito atrás da porta.

Mal enxugou as mãos. “Você quer que ela saia? Você a tira daqui. Seu trabalho estava feito.

Seu esquema maligno funcionou. Isso seria um verdadeiro uivo.

chapter
9

Let the Fun Fly

Machine Translated by Google

A primeira coisa que Evie pensou quando a porta se fechou sem cerimônia com um O que aconteceu atrás dela foi que ela usou seu vestido mais bonito por nada. Ela estava ansiosa pela festa o dia todo, correu para casa para ver cada roupa do armário, segurando vestido após vestido para ver qual tom de azul ficava melhor. Azul? Pervinca? Turquesa? Ela havia escolhido um minivestido de renda azul escuro e botas de salto alto combinando. Ela chegou muito atrasada à festa, pois sua mãe insistiu em fazer uma reforma de três horas nela.

Não que isso importasse, porque agora ela estava trancada sozinha em um armário.

Ela não estava apenas imaginando – Mal realmente *queria* pegá-la, provavelmente por não ter sido convidado para a festa de aniversário de Evie quando eles tinham seis anos de idade.

Mas não era como se a culpa fosse dela! Evie era apenas uma criança. Foi a mãe dela quem não quis Maly na festa por algum motivo. Mal não poderia usar isso contra *ela*,

poderia? Eve suspirou. Claro que ela poderia. Evie ainda se lembrava da mágoa e da raiva no rosto de Mal, de seis anos, olhando da varanda. Evie supôs que ela provavelmente sentiria o mesmo – não que ela pudesse ver isso do ponto de vista de Mal, ou algo assim.

Não existe eu *na empatia*, como Mãe Gothel gostava de dizer.

Machine Translated by Google

No final, a Rainha Má provavelmente deveria ter abandonado seu rancor contra Malévola e convidado sua filha para a celebração. Certamente não foi divertido ficar enfiado no castelo deles durante dez anos. Evie nem sabia por que sua mãe decidiu que agora era um momento seguro para partir; mas até agora, além de Evie estar trancada neste armário no momento, nada de ruim aconteceu. Ainda.

Além disso, a escuridão do armário não a incomodava. Afinal, Evie era filha de sua mãe e estava acostumada com os horrores da noite - com

coisas escuras e escondidas com olhos amarelos brilhando nas sombras, com velas pingando sobre castiçais de caveira, com o brilho dos relâmpagos e a fúria dos trovões enquanto eles rolou pelo céu. Ela não estava com medo. Ela não estava nem um pouco assustada.

Exceto...

Exceto... o pé dela bateu em algo duro e frio... e o silêncio de o armário foi quebrado pelo barulho alto e ecoante do aço encontrando o aço.

Ela gritou. ***O que é que foi isso?!*** Quando seus olhos se acostumaram à luz fraca, ela viu armadilhas de pele espalhadas por todo o chão, esperando que o próximo animal passasse. Eram tantos que um passo errado significaria que uma armadilha quebraria sua perna em duas. Ela se virou para a porta e tentou abri-la, mas não adiantou. Ela estava trancada lá.

"Ajuda! Ajuda! Deixe-me sair!" ela gritou.

Mas não houve resposta e a banda tocava tão alto que Evie sabia que ninguém a ouviria, nem se importaria.

Era difícil ver, então Evie tateou o caminho na escuridão, deslizando primeiro o pé esquerdo no chão. Quantos eram? Dez? Vinte?

Cem? E qual era o tamanho desta sala, afinal?

Seu pé entrou em contato com algo frio e pesado, então ela recuou. Como ela iria sair daquele lugar sem perder um membro?

Haveria outra porta do outro lado, talvez? Ela semicerrou os olhos. Sim, essa era outra porta. Havia uma saída.

Ela se dirigiu lentamente até o outro extremo, as tábuas do piso rangendo ameaçadoramente sob seus pés.

Evie mudou para a direita, esperando evitar a armadilha, contorná-la, mas seu pé bateu em outro, e ela pulou para trás quando ele também se fechou com um estrondo, saltando no ar e mal roçando seu joelho. Seu coração trovejou em seu peito enquanto ela deslizava pela próxima armadilha, tomando cuidado para não acertá-la.

Machine Translated by Google

o metal por medo de que ele pudesse fechar em seu tornozelo. Contanto que ela errasse o centro da armadilha, ela estaria bem.

Ela poderia fazer isso. Tudo o que ela precisava fazer era se mover devagar e com cuidado. Ela contornou outro. Ela estava melhorando nisso; ela poderia encontrar o caminho para o fundo da sala e possivelmente para outra porta. Ela passou por uma e depois por outra, movendo-se mais rapidamente, deslizando um pé na frente do outro, procurando e evitando as armadilhas.

Mais rápido. Um pouco mais rápido. A porta deve estar fechada, então... Ela acertou uma armadilha e ela apareceu

de repente com um estalo. Ela pulou para longe e, quando a armadilha caiu no chão, bateu em outra armadilha, que saltou e atingiu a que estava ao lado dela, todas em sucessão - e desta vez, Evie viu que não conseguia se mover devagar, mas que tinha para **correr**.

O coro de mandíbulas de metal estalando ecoou pela escuridão, lâminas de aço contra lâminas de aço, enquanto ela corria gritando em direção à porta dos fundos. As armadilhas se fecharam, **BAM BAM BAM**, uma após a outra, uma a um fio de cabelo de sua meia, enquanto outra quase pegou seu calcanhar quando ela girou a maçaneta da porta, saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Mas assim que ela pensou que estava segura, ela percebeu que havia mergulhado em uma presença escura e peluda.

Foi um urso? Um monstro horrível e peludo? Se ela tivesse saído do frigideira só para cair no fogo? Evie torceu-se e virou-se, mas só conseguiu envolver-se ainda mais em pêlo - pêlo denso, grosso e lanoso - **com duas cavas?**

Aquilo não era um urso... nenhum monstro. Ela estava presa em um casaco de pele! Evie tentou se livrar disso, tentou tirá-lo dos ombros, mas estava bem no meio de dezenas de casacos, todos pretos ou brancos ou preto e branco, feitos das peles mais grossas e exuberantes - havia Jaguatirica-malhada e vison tingido, zibelina sedosa e gambá brilhante, todos embalados como sardinhas, tão cheios, tão fofos, tão grossos. Este era o armário de peles de Cruella De Vil, sua coleção maravilhosa, sua obsessão, sua maior fraqueza.

E aquelas armadilhas de pele lá atrás eram o sistema de segurança dela, só para garantir alguém chegou muito perto das coisas.

Evie finalmente conseguiu se desembaraçar e afastar a parede de pelos.

no momento em que uma mão agarrou seu pulso e a puxou para o outro lado.

"Você está bem?" Foi Carlos.

Eva respirou fundo. "Sim. Eu penso que sim. Eu ganho o jogo?" ela perguntou secamente.

Machine Translated by Google

Carlos riu. “Mal vai ficar chateado por você ter sobrevivido.”

"Onde estamos?" Evie olhou em volta. Havia um colchão irregular no chão, ao lado de uma tábua de passar roupa e de uma pia, além de uma penteadeira com dezenas de perucas brancas e pretas.

Quando Carlos pareceu envergonhado, ela percebeu que era o quarto dele.

O armário de peles de Cruella dava para um camarim, onde seu filho dormia.

"Oh."

Carlos encolheu os ombros. "É casa."

Mesmo que sua mãe a irritasse às vezes, pelo menos a Rainha Má era obcecada pela beleza de Evie; e mesmo quando não estava preocupada com a possibilidade de Evie não ser a mais bela de todas, ela tratava a filha como a princesa que era. O quarto de Evie podia ser escuro e mofado, mas ela tinha uma cama de verdade, não improvisada, com um cobertor grosso e travesseiros relativamente macios.

"Não é tão ruim aqui, sério!" Evie disse. "Tenho certeza que é aconchegante e, ei..."

you never vai pegar um resfriado. Você pode usar apenas um dos casacos de pele dela como cobertor, certo? Havia muita corrente de ar no quarto: assim como sua própria casa, Hell Hall não tinha isolamento para o inverno.

Carlos balançou a cabeça. "Não tenho permissão para tocá-los", disse ele, tentando colocar as peles em ordem. Eles eram tão pesados e havia tantos deles. "Vou consertá-los mais tarde. Ela só volta no domingo.

Eva assentiu. "Isso é tudo culpa da minha mãe. Se ela não tivesse tentado desafiar a liderança de Malévola quando eles chegaram à Ilha, nada disso teria acontecido."

"Sua mãe realmente *desafiou* Malévola?" Carlos arregalou os olhos. Isso era inédito.

"Bem, ela é uma rainha, afinal", Evie ressaltou. "Sim, ela estava com raiva que todos na ilha decidiram seguir Malévola em vez dela."

Ela foi até a penteadeira e começou a arrumar a maquiagem, passando pó delicado no nariz e aplicando gloss rosa nos lábios carnudos. "E agora aqui estamos."

"Mal vai superar isso", disse ele, esperançoso.

"Você está brincando? Um rancor é um rancor é um rancor. Ela nunca vai me perdoar. Você não ouviu na aula de Selfie? Achei que você fosse tão inteligente.

Evie sorriu ironicamente. “Oh, bem, eu deveria apenas encarar isso. Volte para o nosso castelo e nunca mais saia.”

“Mas você não está, certo?”

Machine Translated by Google

"Não, acho que não." Evie guardou seu pó compacto. “Ei,” ela disse suavemente. “Eu tenho um edredom velho que nunca uso... quero dizer, se você ficar com frio e não puder...

Ah, não importa. Ela nunca teve irmãos, então não tinha ideia de como seria ter um irmão mais novo. Mas se a Rainha Má tivesse parado de se olhar no espelho por tempo suficiente para ter outro filho, Evie achava que seria tolerável ter um irmão mais novo como Carlos.

Carlos parecia não saber o que dizer.

“Esqueça que eu disse alguma coisa”, disse Evie apressada.

“Não, não, traga. Quero dizer, ninguém nunca se importou se estou com calor ou não”, disse ele, ficando vermelho enquanto sua voz sumia. “Não que **você** se importe, é claro.”

“Eu certamente não!” concordou Eva. Cuidar era **definitivamente** contra as regras do Dragon Hall e poderia transformar qualquer um em motivo de chacota. “Íamos jogar fora.”

“Excelente, considere minha casa sua lixeira.”

“Er, ok.”

“Você acha que pode ter um travesseiro que iria jogar fora também?

Eu nunca tive um travesseiro.” Carlos ficou vermelho novamente.

“Quero dizer, eu tive

toneladas de travesseiros, é claro. Muitos! Temos que continuar jogando-os fora. Eu recebo tantos travesseiros. Quer dizer, quem nunca teve um travesseiro na vida?

Isso é absurdo.

“Sim, acho que íamos jogar fora um travesseiro”, disse Evie, ficando tão vermelha quanto Carlos, mesmo quando uma sensação quente e ensolarada tomou conta de seu peito. Ela mudou de assunto. “Ainda trabalhando naquela sua máquina?”

“Sim, quer ver?” ele perguntou.

“Sim, claro”, respondeu Evie, seguindo Carlos para fora da sala em direção aos fundos da casa, longe da festa. Carlos saiu, mantendo a porta aberta para Evie.

“Onde estamos indo?”

“Para o meu laboratório”, respondeu Carlos, puxando uma caixa de

fósforos e acendendo uma vela para abrir caminho até o quintal cheio de ervas daninhas.

"Seu o quê?"

“Meu laboratório de ciências. Não se preocupe, eu não sacrifico sapos ou algo assim.

Evie soltou uma risada hesitante.

Eles se aproximaram de uma árvore enorme e retorcida com uma escada de corda. Carlos começou a subir. “Tenho que guardar tudo na minha casa na árvore. Receio que minha mãe tenha grandes ideias e transforme meus produtos químicos em maquiagem e produtos para o cabelo.”

Evie subiu a escada atrás dele. A casa na árvore era mais elaborada do que qualquer outra que ela já vira, com torres em miniatura e uma pequena varanda que dava para a floresta escura abaixo. Lá dentro, Evie se virou, boquiaberta. As paredes estavam repletas de prateleiras com copos de vidro, frascos e potes contendo vários líquidos de cor neon. No canto havia uma pequena e velha televisão com cerca de quinze antenas diferentes presas a ela.

"O que é tudo isso?" Evie perguntou, pegando um pote com algo branco e branco.

“Oh, isso é do Laboratório de Química. É poliacrilato de sódio – estava tentando ver se conseguia usá-lo como esponja quando misturado com água”, disse Carlos. “Mas aqui, é isso que eu queria mostrar a você.” Ele puxou a engenhoca de caixa de arame em que estava trabalhando na aula. “Acho que fiz a bateria funcionar.”

Carlos mexeu em alguns botões e apertou alguns interruptores. Ele ganhou vida e depois morreu. Seu rosto caiu. Ele tentou novamente. Desta vez, emitiu um guincho agudo antes de morrer.

Ele olhou para Evie timidamente. "Desculpe, pensei que tinha conseguido."

Evie olhou para a caixa preta. “Talvez tente conectar este fio àquele?” ela sugeriu.

Carlos olhou para os fios. “Você está certo, eles estão no lugar errado.”

Ele trocou os fios e apertou o interruptor.

Uma poderosa explosão elétrica saiu da caixa, fazendo Carlos e Evie voarem contra a parede e caírem no chão. O feixe de luz irrompeu em direção ao teto de madeira compensada, abrindo um buraco no telhado da casa na árvore e subindo para o céu.

“Malévola!” Carlos amaldiçoou.

“Oh meus goblins!” Evie gritou. "O que acabou de acontecer?"

Os dois subiram até a varanda da casa na árvore e olharam para o céu, onde a luz se espalhava por todo o caminho, através das nuvens, subindo, subindo, subindo, até chegar à cúpula!

A luz atravessou a barreira com a mesma facilidade com que abriu um buraco no telhado de uma casa na árvore.

Machine Translated by Google

Um relâmpago brilhou e a própria terra tremeu com um estrondo supersônico.

Por um segundo eles puderam ver através da cúpula e diretamente o céu noturno. A caixa preta começou a emitir um sinal sonoro estranho.

Carlos e Evie voltaram para dentro e Carlos pegou a caixa. Estava emitindo um som que nenhum deles jamais ouvira antes.

E por um breve momento, houve algo na televisão da sala, que de repente ganhou vida.

"Olhar!" Evie chorou.

A tela piscava com tantas cenas diferentes que era vertiginoso.

Por um momento eles viram um cachorro falante (Carlos gritou ao ver); depois mudou para um par de gêmeos que não eram nada parecidos (um era infantil e atlético e o outro era uma espécie de diva, e ambos se pareciam um pouco com Mal, exceto pelo cabelo amarelo); depois mudou novamente para dois adolescentes que pareciam administrar um hospital para super-heróis.

"Veja todos esses programas de televisão diferentes!" Carlos disse. "Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia que deveria haver outros tipos!"

Eva riu. Então a tela piscou e escureceu novamente, e a caixa nas mãos de Carlos ficou apagada. "O que aconteceu?"

"Não sei. Eu acho que talvez tenha funcionado? Penetrou na cúpula por um segundo, não foi? ele perguntou, aproximando-se da caixa com medo e tocando-a com a ponta de um dedo. Estava quente ao toque e ele retirou a mão rapidamente.

"Deve ter sido", disse Evie. "Essa é a única explicação."

"Prometa que não contará a ninguém o que aconteceu, especialmente sobre a cúpula. Poderíamos ter sérios problemas, você sabe.

"Eu prometo", disse Evie, fazendo um X com os dedos atrás das costas.

"Bom."

"Você quer voltar para a festa?"

"Nós temos que?" ela perguntou, não querendo ficar presa em outro armário.

"Você tem um ponto. E aquele programa que você gosta na Auradon

News Network, aquele que apresenta o Príncipe da Semana vai passar em cinco minutos.

"Excelente!"

Sem o conhecimento das duas crianças vilãs, ao longe, no coração da fortaleza proibida, escondido atrás de uma névoa cinzenta e enevoadada do outro lado da ilha, um longo cetro preto com uma joia na ponta apareceu.

de volta à vida, brilhando verde com poder novamente. A mais poderosa arma das trevas foi despertada por um momento.

Ao lado do bastão escondido, uma estátua de pedra de um corvo começou a vibrar, e quando o pássaro começou a bater as asas, a pedra se desfez em pó, e em seu lugar estava aquele demônio de olhos pretos, o familiar daquela fada malvada, aquele e apenas Diabolo, o melhor e primeiro amigo de Malévola.

Diabolo sacudiu as penas e deu um grito rouco e triunfante. O mal voaria novamente.

O mal vive....

chapter 10

Council of Sidekicks

Machine Translated by Google

Ben mexeu nervosamente no anel com cabeça de animal em seu dedo enquanto esperava para os membros do Conselho entrarem e ocuparem seus lugares ao redor da mesa de conferência do rei mais tarde naquela manhã. O conselho de seu pai ressoou em seus ouvidos.

Mantenha uma mão forte. Mostre a eles quem é o rei.

Ele flexionou os próprios dedos, pensando no punho do pai. Seu pai não quis dizer isso literalmente, mas mesmo assim Ben estava

preocupado. Ele supôs que teria apenas que improvisar.

“Pronto, senhor?” Lumière perguntou.

Ben respirou fundo e tentou parecer o mais sério possível. "Sim, deixe-os entrar, obrigado."

Lumière fez uma reverência. Apesar de já ter passado muito tempo desde que ele foi encantado e transformado em candelabro, havia algo nele que ainda lembrava um e, por um momento, Ben pôde facilmente imaginar duas pequenas chamas tremeluzindo em suas palmas estendidas.

Lumière sabe quem ele é — e está feliz sendo Lumière. É realmente muito

mais complicado ser rei do que um candelabro?

O pensamento foi, por um momento, reconfortante para Ben. Mas então o Conselho entrou na sala – e descobriu que não havia nada de reconfortante na visão repentina dos conselheiros reais.

Machine Translated by Google

Na verdade, eles são bastante assustadores, pensou Ben.

Ele não sabia por quê. Eles estavam conversando amigavelmente, discutindo as pontuações do torneio da noite passada e cuja Fantasy Tourney League estava vencendo. Lugares foram ocupados, fofocas foram trocadas, taças de cidra temperada foram distribuídas, bem como um ou dois pratos de biscoitos açucarados da cozinha do castelo.

Representando os companheiros estavam os sete anões de sempre, ainda vestindo suas roupas de mineiro e chapéus de meia. Sentados ao lado dos anões (ou melhor, sentados ao longo da borda de um livro de **Regras e Regulamentos Cívicos de Auradon** que estava na mesa mais próxima deles, porque eram pequenos demais para ocupar qualquer lugar) estavam os mesmos ratos que tinham ajudado Cinderela a conquistar seu príncipe – o astuto Jaq, o gordinho Gus e a doce Mary. A parte roedora do conselho consultivo tendia a falar em tons baixos e estridentes que poderiam ser difíceis para Ben entender sem o comunicador em seu ouvido, que traduzia tudo o que os animais diziam na reunião.

Todos na mesa usavam um dos aparelhos auditivos inteligentes, uma das poucas invenções mágicas permitidas no reino. Os guinchos dos ratos, os latidos do dálmata e o balbúcio do Linguado foram todos traduzidos para que pudessem ser compreendidos.

Além dos ratos, algumas irmãs de Ariel (Ben nunca conseguia lembrar qual era qual, especialmente porque todos os nomes começavam com A) e Linguado chapinhavam em sua própria banheira de cobre, levados por um Cogsworth muito infeliz, que fazia uma careta toda vez que o um pouquinho de água espirrou pela borda.

“Cuidado com os respingos, por favor! Acabei de limpar este chão. Você sabe que este não é um resort de praia, não é? Precisamente. É uma reunião **do conselho** .

Um conselho **rrrrroyal** ”, alardeava o antigo relógio, girando seus ers com grande alarde.

Andrina — ou seria Adella? — apenas riu e bateu nele com suas grandes nadadeiras molhadas.

Do outro lado da mesa estavam as três fadas “boas”, Flora, Fauna e Merryweather, com bochechas cor de maçã e alegres em seus chapéus e capas verdes, vermelhos e azuis, sentadas ao lado do famoso Gênio azul de Agrabah. . Eles estavam comparando notas de férias. As fadas gostavam dos prados florestais, enquanto o gênio preferia os vastos desertos.

“Acho que devemos começar?” Ben arriscou, limpando a garganta.

Ninguém parecia ouvi-lo. Os ratos rugiram de tanto rir, caindo de costas e rolando pelo livro de leis auradonianas. Até mesmo Pongo e Perdita, do contingente libertado de De Vil Dalmatian, juntaram-se às risadas com

Machine Translated by Google

um latido um pouco animado. Ao todo, era um grupo amigável, ou assim parecia. Ben começou a relaxar.

E por que ele não deveria? Ao contrário dos infames vilões presos na Ilha dos Perdidos, os bons cidadãos de Auradon pareciam como se os últimos vinte anos não os tivessem envelhecido nem um pouco. Ben tinha de admitir: cada um dos conselheiros reais parecia exatamente como nas fotografias que estudara da fundação de Auradon. Os ratos ainda eram pequenos e fofos, os dálmatas elegantes e bonitos. As

sereias – quaisquer que sejam seus nomes – permaneceram frescas como nenúfares, e as fadas boas explodiram de boa saúde. Até mesmo o infame Gênio de Agrabah diminuiu seu habitual desempenho hipermaníaco. Dunga ainda era mudo e charmoso, e embora Doc pudesse ter alguns fios de cabelo brancos a mais do que antes na barba, Zangado parecia quase alegre.

Exceto por uma coisa... “O

que... nada de bolos de creme?” Zangado pegou um biscoito açucarado e olhou para o prato.

“É uma reunião, não uma festa”, disse Doc, bufando.

“Bem, certamente não é uma festa agora”, disse Zangado, examinando um biscoito.

“Não tem nem groselha ou pedacinhos de chocolate? Estamos discutindo problemas orçamentários hoje?”

“Como eu estava dizendo”, Ben interrompeu, afastando o prato de biscoitos de Zangado, “bem-vindos, bem-vindos, todos. Declaro oficialmente aberta esta reunião do Conselho do Rei. Começaremos?” perguntou Ben.

Cabeças assentiram ao redor da mesa.

Ben olhou para os cartões que ele havia escondido embaixo do braço direito mão. Felizmente, ele estava fazendo isso corretamente.

Ele tossiu. “Excelente. Bem então.”

“Não precisamos esperar pelo seu pai, garoto?” Genie perguntou, colocando os pés em cima da mesa. Agora que a magia foi desencorajada em Auradon, o gênio assumiu forma física e não era mais uma nuvem flutuante.

“Sim. Onde está o Rei Fera?” Linguado gritou.

“Seu pai não vai se juntar a nós hoje, Ben?” Perdita perguntou gentilmente.

A cor invadiu o rosto de Ben. “Não, desculpe. Meu pai – quero dizer, Rei Besta –

me pediu para comandar a reunião esta manhã.

Todos ficaram olhando. Os ratos sentaram-se. Zangado deixou o biscoito cair.

"De qualquer forma." Ben pigarreou e tentou demonstrar uma confiança que não sentia.

“Vamos aos negócios.” Ele estava protelando.

aplicações e moções, de companheiros de todos os cantos do reino...

Mostre a eles quem é o rei. Foi o que meu pai disse.

Ele tentou novamente. “Em meu papel como futuro rei de Auradon, estudei suas petições e, embora aprecie suas sugestões, temo que...”

“Nossas petições? Você está falando sobre a Lei dos Ajudantes? Grumpy parecia irritado.

“Er, sim, temo que não possamos recomendar a concessão dessas petições como...”

“Quem somos nós?” perguntou Maria.

Dunga parecia confuso.

“Eu acho, quero dizer **eu**? O que quero dizer é que aceitei suas sugestões para mudança, mas não parece que eles possam ser aprovados como...”

Uma das sereias inclinou a cabeça. "Não aprovado? Por que não?"

Ben ficou confuso. “Bem, porque eu...”

Doutor balançou a cabeça. “Sinto muito, filho, mas você já pisou fora deste castelo? O que você sabe sobre todo o reino? Por exemplo, nossos primos goblins da Ilha dos Perdidos gostariam de perdão – eles estão exilados há muito tempo.”

Ao redor da mesa, os conselheiros começaram a murmurar em voz baixa. Ben sabia que a reunião havia piorado e começou a rever desesperadamente suas opções. Não havia nada em suas anotações sobre o que fazer no caso de uma revolta no conselho.

Um. O que meu pai faria?

Dois. O que minha mãe faria?

Três. Eu poderia correr para isso? O que isso faria?

Ben ainda estava avaliando a opção número três quando Zangado falou.

“Se me permitem interromper,” disse Grumpy, parecendo exatamente o oposto de, bem, Merry, que estava sentado ao lado dele. “Como você sabe, durante vinte anos nós, anões, trabalhamos nas minas, coletando

joias e diamantes para as coroas e cetros do reino, para muitos príncipes e princesas que precisam de presentes de casamento ou trajes de coroação.” Ben ficou ainda mais vermelho, olhando para os botões dourados polidos de sua camisa. Grumpy olhou para ele incisivamente e continuou. “E durante vinte anos não recebemos nada pelos nossos esforços.”

“Ora, ora, Sr. Rabugento”, disse Ben. "Senhor."

“É apenas o Mal-humorado”, bufou o Mal-humorado.

Ben olhou para os ratos. "Posso?"

"Fique à vontade", disse Gus, saltando.

Ben puxou o livro de leis de Auradon de debaixo dos ratos, fazendo alguns roedores rolares.

Ele se voltou para um gráfico nos apêndices no final do grosso livro. "Ok, então, Zangado, como cidadão de Auradon, parece que você e o resto dos anões receberam férias de dois meses...

vinte feriados... e licenças médicas ilimitadas." Ele olhou para cima. "Isso parece certo?"

"Mais ou menos", disse Doc. Grumpy cruzou os braços com outro olhar.

Ben pareceu aliviado, fechando o livro. "Então você não pode dizer que trabalha *há*

exatamente vinte anos, pode?"

"A matemática não vem ao caso, meu jovem – ou devo chamá-lo de jovem *fera?*" Grumpy gritou atrás de Doc, que estava fazendo o possível para enfiar seu gorro na boca de Grumpy.

"O Príncipe Ben servirá", disse Ben, com um leve sorriso. Não admira que o anão foi chamado de Rabugento; Ben nunca conheceu uma pessoa tão rabugenta!

"Se eu puder intervir, e não quero ofender, mas estamos um pouco cansados de ficar sem voz e sem contrato." Envergonhado falou. Pelo menos, Ben pensou que esse era o nome dele, pelo menos pela forma como ele ficou vermelho enquanto falava.

"Você está aqui agora, não está? Não acredito que você possa chamar isso de "sem voz", pode? Ben sorriu novamente. *Dois por dois. Estrondo. Talvez eu seja melhor nessas*

coisas de rei do que pensava.

"Mas o que acontecerá com nossas famílias quando nos aposentarmos?" Bashful perguntou, não parecendo convencido.

"Tenho certeza de que meu pai tem um plano para cuidar de todos",

disse Ben, esperando que fosse verdade.

Uma voz guinchou da mesa. Ben se inclinou para ouvir. “E alguém notou que nós, companheiros, fazemos todo o trabalho neste reino? Como a Fada Madrinha desaprova a magia, nós, ratos, fazemos todos os vestidos!

Maria disse indignada. O ratinho subiu novamente no livro de leis para se fazer ouvir. “Pela pata!”

“Isso é muito...” Ben começou, mas foi interrompido. Ele não estava mais no comando da sala. Isso estava claro.

“Sem mencionar as criaturas da floresta que fazem todo o trabalho doméstico para Branca de Neve”, acrescentou Jaq. “Eles também não estão muito felizes com isso.”

Maria assentiu. “Além disso, Branca de Neve precisa de um guarda-roupa totalmente novo, pois ela está reportando sobre a Coroação em breve! **Sua** coroação, devo acrescentar!

Machine Translated by Google

Ben procurou desesperadamente nos papéis à sua frente. “Todo cidadão tem o direito de registrar... registrar uma...”

“Eu ainda coleciono tudo para Ariel”, balbuciou Linguado. “Seus tesouros cresceram, mas o que tenho para mostrar em troca disso?”

Ben tentou novamente. “Você sabe que o que você faz é muito apreciado...”

Linguado continuou. “E as sereias fazem passeios submarinos o ano todo sem gastar um centavo. Mesmo na alta temporada!

As irmãs de Ariel assentiram indignadas, suas caudas brilhantes espirrando água da banheira em toda a mesa. Cogsworth tapou os olhos com a mão, enquanto Lumière apertou seu braço para apoiá-lo.

Ben assentiu. “Bem, isso certamente é algo que vale a pena considerar —”

“E se eu pudesse acrescentar, viver sem magia nos deixou nervosos”, suspirou Merryweather. “Flora não sabe costurar, Fauna não sabe assar e eu não posso limpar sem nossas varinhas. Você encontrará nossa petição no final, querido garoto. Flora enfiou-o na cara do Príncipe Ben e ele recostou-se na cadeira, surpreso.

Fauna entrou na conversa. “Embora apreciemos tudo o que a Fada Madrinha fez, não vemos por que apenas um pouco de magia pode não ser útil?”

“Mas existe realmente algo como um pouco...” Ben começou.

Pongo sentou-se. “E não quero parecer cansado, mas Perdy e eu estamos um pouco cansados depois de cuidar de cento e um dálmatas”, disse Pongo com aquela sua voz rica e elegante.

“Se ao menos houvesse cento e uma horas no dia.” Perdy bocejou. “Eu poderia dormir pelo menos durante cinco deles. Imagine isso.”

Mary, a ratinha, assentiu com simpatia, dando tapinhas na pata de Perdy com ela.

ter.

Um borrão azul apareceu no rosto de Ben. “Para ser franco, Príncipe Ben, isso é um golpe”, disse Genie, que lhe lançou um beijo zombeteiro.

Os anões aplaudiram freneticamente.

As irmãs de Ariel deram risadinhas e agora a água da banheira estava agitada como um pequeno tsunami. Cogsworth deixou a câmara furioso e até Lumière fez sinal para que o príncipe Ben interrompesse a reunião.

Se ao menos Ben soubesse como.

A sala começou a se dissolver em um caos absoluto, enquanto os ajudantes e os anões começaram a gritar uns com os outros, enquanto as fadas boas continuavam reclamando do trabalho árduo, até mesmo das tarefas comuns agora.

Machine Translated by Google

implicava, e todo o resto da empresa defendia o alívio de suas próprias queixas.

Era difícil distinguir um do outro, pensou Ben, afundando-se na

cadeira, tentando não entrar em pânico.

Respire, ele disse a si mesmo. ***Respire e pense***.

Mas era impossível pensar em meio à confusão na sala. As sereias reclamaram que os turistas deixavam lixo por toda parte; os anões reclamavam que ninguém gostava mais de assobiar enquanto trabalhavam; Pongo e Perdita latiram sobre o estresse de ter que pagar cento e uma faculdade; e até Genie parecia mais triste que o normal.

Ben tapou os ouvidos. Isto não era mais uma reunião. Foi um total briga. Ele teve que desligá-lo, antes que as pessoas comessem a atirar coisas – ou ratos.

O que meu pai faria? O que ele espera que eu faça? Como pôde ele me colocou nessa situação e espera que eu saiba o que fazer?

Quanto mais ele pensava sobre isso, mais irritado ficava. Finalmente, Ben se levantou.

Ninguém se importou.

Ele subiu na cadeira – e mesmo assim ninguém o notou.

É isso!

Seu pai lhe disse para ser um rei, e os reis foram ouvidos!

"SUFICIENTE!" ele gritou do topo da mesa. "ESTA REUNIÃO ESTÁ ADIADA!"

Um silêncio chocado encheu a sala.

Ben apenas ficou lá.

"Por que! Eu nunca... — rosnou Perdy. "Que rude! Para falar conosco dessa maneira!

"Impertinente e ingrato, isso é certo", fungou Flora.

"Ora, isso é tudo!" disse Mal-humorado. "Onde está o Rei Besta? Não somos surdos! Você não conhece seus modos, filho?

"Minha palavra, nunca fomos tão mal tratados!" Merryweather agitou-se.

Os anões e companheiros saíram da sala, lançando olhares cautelosos para Ben enquanto saíam. As sereias bufaram e fizeram questão de jogar água no chão, enquanto Lumière foi deixado para arrastá-las, balançando a cabeça. Os ratos torciam o nariz enquanto passavam sem sequer emitir um guincho; os dálmatas mantinham o rabo erguido; e até Dunga lançou ao príncipe um olhar silencioso e magoado.

Machine Translated by Google

Ben abaixou a cabeça, envergonhado por suas ações. Ele tentou liderar como seu pai, e ele falhou. Ele não conseguiu apresentar a petição e

não conseguiu inspirar confiança no Conselho do Rei. Na verdade, ele piorou a situação.

É por isso que eu seria um rei terrível, pensou Ben, enquanto descia da mesa da sala do conselho de seu pai.

Ele não tinha provado seu valor.

Ele só provou uma coisa: que o

Príncipe Ben não estava apto para usar o anel real com cabeça de fera que estava atualmente em seu dedo.

chapter

11

Evil Lives?

Machine Translated by Google

Mal estava sozinha no canto, segurando sua cidra picante, quando notou duas figuras tentando se esgueirar até a mesa do bufê para pegar algumas latas de refrigerante vencido. Era Carlos, claro, e a Princesa Blueberry. Evie não parecia nem um pouco desgastada depois de passar um tempo no armário de Cruella. Ela nem estava sangrando! Não havia um arranhão nela ou mesmo um rasgo na meia. Eca. Carlos deve tê-la ajudado de alguma forma, aquele idiota ingrato.

Pinte dizendo.

Frustrado novamente.

Assim como sua mãe, cuja maldição falhou.

Eles estavam destinados ao fracasso para sempre?

Essa festa foi um fracasso. Definitivamente era hora de ir. Até mesmo o passo malvado as netas pareciam cansadas de fingir que odiavam ser perseguidas pelos piratas turbulentos.

Mal jogou o copo de cidra vazio no chão e saiu sem se virar para trás.

olhar. Ela passou a noite reorganizando os gramados crescidos dos vizinhos, trocando gnomos de gramado, caixas de correio e móveis de exterior. Ela se divertiu fazendo algumas redecorações leves, colocando papel higiênico em algumas casas e incitando alguns riquixás. Nada como um pequeno dano à propriedade para fazer

Machine Translated by Google

ela se sente melhor. Ela deixou sua marca em cada casa com a mensagem ***O Mal vive!***

pintados com spray no gramado, para lembrar ao povo da ilha exatamente o que eles representavam e do que deveriam se orgulhar.

Sentindo-se como se tivesse salvado a noite, foi com alguma surpresa e não pouco choque que, ao voltar para casa, no Castelo da Barganha, encontrou a mãe acordada e esperando por ela.

"Mãe!" Mal gritou, surpresa ao ver Malévola sentada em sua enorme cadeira verde de encosto alto em frente ao vitral. Era o seu trono, por assim dizer - seu assento nas trevas.

"Olá, querido", disse a voz fria de Malévola. "Você sabe que horas são, mocinha?"

Mal estava confuso. Desde quando Malévola impôs toque de recolher? Agora não era como se sua mãe se importasse para onde ela fosse ou quando voltasse para casa —

se importava? Afinal, a mulher não se chamava Malévola à toa. "Duas da manhã?" Mal finalmente adivinhou.

"Foi o que pensei", disse Malévola, levantando uma manga roxa e corrigindo a hora em seu relógio de pulso. Ela puxou a manga para baixo e olhou para a filha.

Mal esperou, imaginando onde isso iria dar. Ela não via a mãe há algum tempo e, quando eles entravam em contato, Mal ficava muitas vezes surpresa com o quão pequena sua mãe parecia ultimamente.

A Senhora das Trevas literalmente encolheu com a redução de suas circunstâncias.

Considerando que antes ela era imponente, agora ela era quase uma versão em miniatura de seu antigo eu - pequena, até. Se ela se levantasse, seria possível ver que Mal era alguns centímetros mais alto do que ela.

No entanto, a ameaça distintiva não havia diminuído, apenas veio em uma escala menor.

pacote. "Onde eu estava? Ah, sim, *o Mal vive!* Malévola sibilou.

"*O mal* vive – exatamente, mãe." Maly assentiu. "É isso que você quer falar comigo sobre? As tags pela cidade? Muito bom, certo?"

"Não, você me entendeu mal, querido", disse a mãe, e foi então que Mal percebeu que sua mãe não estava sozinha. Ela estava acariciando um corvo preto que estava empoleirado no braço de sua cadeira.

O corvo grasnou, voou até o ombro de Mal e mordeu sua orelha.

"Ai!" ela disse. "Pare com isso!"

"Isso é apenas Diabolo. Não fique com ciúmes meu amiguinho; isso é

apenas Mal”, Malévola disse com desdém. E mesmo que Mal soubesse que sua mãe não poderia se importar menos com ela (Mal tentou não levar isso para o lado pessoal, pois ela

Machine Translated by Google

minha mãe não dá a mínima para *ninguém*), ainda doía ouvir isso ser dito em voz alta e tão sem rodeios.

“Diablo? Esse é o Diablo?” disse Maly. Ela sabia tudo sobre Diablo, o primeiro e único amigo de Malévola. Sua mãe lhe contou a história

muitas vezes: como, há vinte anos, Malévola lutou contra o Príncipe Phillip como um grande dragão negro de fogo, mas foi derrubada, traída, por uma arma de justiça e paz que algumas fadas irritantemente boas tinham usado. ajudou a mirar direto em seu coração. Malévola acreditava estar morta e falecida neste mundo, mas em vez disso acordou no dia seguinte, sozinha e quebrada, nesta ilha terrível.

O único resquício da batalha era a cicatriz em seu peito onde a espada havia atingido, e de vez em quando ela sentia a dor fantasma daquele ferimento. Ela havia contado a Mal muitas vezes como, ao acordar, percebeu que aquelas fadas horivelmente boas haviam tirado tudo dela: seu castelo, sua casa, até mesmo seu corvo de estimação favorito.

“O único Diabla”, ronronou Malévola, parecendo realmente feliz pela primeira vez.

“Mas **como?** Ele estava congelado! Eles o transformaram em pedra!” disse Maly.

“Sim, eles fizeram, aquelas feras horríveis. Mas ele está de volta! Ele voltou! E

O mal vive! Malévola declarou, com uma gargalhada de bruxa para garantir.

OK. Sua mãe estava ficando um **pouco** repetitiva.

Mal revirou os olhos para a mãe. Para o resto dos tolos, lacaio e idiotas da ilha, Malévola era a coisa mais assustadora com dois chifres ao redor; mas para Mal, que tinha visto a mãe colocar geleia de duende nas torradas e jogar migalhas no sofá, polir os chifres com graxa de sapato e costurar a bainha esfarrapada de sua capa roxa, ela era apenas sua mãe, e Mal não era **que** medo dela. Ok, então ela ainda estava com medo da mãe, mas não tinha medo de Carlos.

Malévola levantou-se da cadeira, seus olhos verdes brilhando nos idênticos de Mal.

“Meu Olho do Dragão — meu cetro das trevas — Diabla diz que foi despertado! **O mal vive!** E

o melhor de tudo é que está nesta ilha!

“Seu cetro? Tem certeza?” Maly perguntou cético. “Difícil de acreditar O Rei Besta de Auradon deixaria uma arma tão impressionante na

Ilha.”

“Diablo jura que viu, não foi, meu querido?” Malévola ronronou.

O corvo grasnou.

"Então onde está?" perguntou Maly.

em algum lugar!" Malévola fumegou, jogando a capa para trás.

"Está bem então. Mas e daí?"

"E daí?! O Olho do Dragão está de volta! **O mal vive!** Isso significa que posso recuperar meus poderes!"

"Não com a cúpula ainda levantada", Maly apontou.

"Não importa. Achei que aquelas três fadas desprezivelmente boas o tivessem destruído, mas elas apenas o congelaram, como fizeram com Diabolo. Ele está vivo, está em algum lugar, e o melhor de tudo é que você, minha querida, vai consegui-lo para mim! Malévola anunciou com um floreio.

"Meu?"

"Sim. Você não quer provar seu valor para mim? Prove que você é digna de ser minha filha?" sua mãe perguntou baixinho.

Mal não respondeu.

"Você sabe o quanto você é uma decepção para mim, quando eu tinha a sua idade, eu tinha exércitos de goblins sob meu controle, mas você... o que você faz? Coloca seus pequenos desenhos por toda a cidade? Você precisa fazer MAIS! ela ferveu, levantando-se da cadeira.

Diabolo bateu as asas e grasnou de acordo.

Mal tentou não demonstrar seus sentimentos. Ela achou aquelas etiquetas bonitas legal. "Multar! Multar! Eu irei pegar seu cetro!" ela concordou, nem que fosse apenas para impedir a mãe de ficar furiosa.

"Maravilhoso." Malévola tocou seu coração, ou o buraco em seu peito onde deveria estar. "Quando aquela espada perfurou minha pele de dragão e eu caí daquele penhasco há vinte anos, tive certeza de que havia morrido. Mas eles me trouxeram de volta para sofrer um destino pior que a morte, muito pior. Mas um dia terei minha vingança!"

Maly assentiu. Ela tinha ouvido o discurso tantas vezes que poderia entoá-lo enquanto dormia. Malévola pegou a mão dela e eles gritaram: **"Vingança contra os tolos que nos**

aprimosaram nesta ilha amaldiçoada!"

Malévola incitou Mal a se aproximar para que ela pudesse sussurrar um aviso em seu ouvido.

orelha.

“Sim, mãe”, disse Mal, para mostrar que entendia.

Malévola sorriu. “Agora, saia daqui e traga-o de volta, para que possamos livre-se desta prisão flutuante de uma vez por todas!”

Mal caminhou até o quarto dela. Ela tinha esquecido de contar à mãe sobre o truque maldoso que ela fez com Evie na festa, não que fosse

mal o suficiente para a grande Malévola também. Nada foi. Por que ela se incomodou?

Ela saiu pela janela e foi até a varanda de onde se podia ver toda a ilha e as torres brilhantes de Auradon brilhavam ao longe.

Alguns minutos depois, ela ouviu o som de bugigangas balançando, que significava que Jay tinha aparecido para irritá-la ou para roubar um lanche noturno.

“Estou aqui”, ela gritou.

“Você saiu antes que a diversão realmente começasse”, disse ele, referindo-se à festa.

“Transformamos o salão de baile em um mosh pit e surfamos na multidão.” Ele se juntou a ela na varanda, com um saco de queijos fedorentos na mão.

Ela encolheu os ombros.

“O que há com o corvo rude?” ele perguntou, mastigando ruidosamente o lanche, seus dedos ficando com um tom fluorescente de laranja.

“Esse é Diabolo. Você sabe, um velho conhecido da minha mãe. Ele voltou.”

Jay parou de mastigar. “Ele é *o quê?*”

“Ele está *de volta*. Ele foi descongelado. Então agora mamãe acha que o feitiço sobre a ilha pode estar se desfazendo, de alguma forma.”

Os olhos de Jay se arregalaram.

Mal desviou o olhar e continuou: “Isso não é tudo. Diabolo jura que o Olho do Dragão também está de volta. Que ele viu brilhar de volta à vida. Você sabe, seu cetro, sua maior arma, aquela que controla todas as forças do mal e das trevas, blá, blá, blá. Ela quer que eu o encontre e o use para quebrar a maldição sobre a ilha.”

Jay soltou uma risada alta. “Bem, ela realmente caiu do penhasco até o fundo do poço para nadar com os crocodilos assassinos, não foi? Essa coisa está escondida para todo o sempre, e para todo o sempre e...”

“Sempre?” Maly sorriu.

"Exatamente."

Mal se virou, querendo mudar de assunto. "Você já pensou sobre como é lá?" ela perguntou, apontando para Auradon.

Jay zombou. "Sim, horrível. Ensolarado, feliz e... horrível. eu agradeço minhas estrelas do azar todos os dias que não estou lá."

"Sim, eu sei. Mas, quero dizer, você nunca se cansa deste lugar, como se quisesse uma mudança? ela perguntou, pensativa.

Jay olhou para ela com curiosidade.

Machine Translated by Google

"Deixa para lá." Mal achou que ele não entenderia. Ela continuou olhando para a noite. Jay continuou mastigando seus cachos de queijo e mexendo em algumas bijuterias recém-roubadas.

Uma lembrança veio à mente de Mal. Ela tinha cinco anos e estava no mercado com a mãe quando um duende tropeçou e caiu, espalhando sua cesta de frutas por toda parte. Sem pensar, ela começou a pegar as frutas, ajudando o goblin a juntar tudo.

Uma por uma, ela pegou as maçãs, espanou-as no vestido e colocou-as de volta na cesta.

De repente, Mal ergueu os olhos de onde estava agachada. O mercado ficou em silêncio, e todos, inclusive sua mãe, que estava vermelha como uma maçã podre e fumegante, olhavam para ela.

“Levante-se agora mesmo”, sua mãe sibilou. Malévola chutou a cesta e todas as maçãs caíram novamente.

Mal obedeceu. Quando eles voltaram para casa, sua mãe a trancou em sua casa espaço para pensar sobre o que ela tinha feito. “Se você não tomar cuidado, minha garota, você acabará como ele, como seu pai, fraca e impotente.

E PATÉTICO!” Malévola gritou através da porta trancada.

A pequena Mal olhou para o espelho sujo apoiado precariamente sobre ela.

vaidade. Lutando contra as lágrimas, ela jurou nunca mais decepcionar a mãe.

“Temos que encontrá-lo”, disse Mal a Jay enquanto um vento gelado soprava do mar e a arrancava de sua memória. “O Olho do Dragão. Está aqui.”

“Mal, não é possível...”

“Temos que fazer isso”, disse Maly.

“Eh,” Jay respondeu encolhendo os ombros e virando-se em direção à janela para voltar para dentro. "Veremos."

Mal deu uma última olhada no horizonte, para o ponto brilhante e cintilante à distância. Ela sentiu uma pontada no estômago, como saudade. Mas para quê, ela não sabia dizer.



Machine Translated by Google

“Infeliz,

querido,

como sempre,

perfeitamente miserável.”

—Cruela De Vil,

chapter **12**

Score One for the Team

Machine Translated by Google

Jay deixou o Castelo da Barganha para trás. Era bem no fim da noite, o hora em que amanhecia — quando ainda estava escuro, mas já era possível ouvir o chamado triste dos abutres que vasculhavam a ilha. Ele estremeceu, refazendo seus passos pelas ruelas e becos sombrios da cidade, passando pelas árvores assustadoramente nuas e pelos

prédios com venezianas quebradas que pareciam tão abandonados e sem esperança quanto todos que viviam ali.

Jay acelerou o passo. Ele não tinha medo do escuro; ele dependia disso.

Jay fez alguns de seus melhores trabalhos à noite. Ele nunca se acostumaria com a sensação da ilha na escuridão. Jay percebeu isso principalmente quando todos os outros estavam dormindo e ele podia ver claramente o mundo ao seu redor, como ele realmente era. Ele podia ver que esta cidade e esta ilha e estas árvores nuas e estas persianas quebradas eram a sua vida, não importando que outra vida o seu pai e os seus pares tivessem conhecido. Não houve glória aqui. Sem magia e sem poder também. Era isso: tudo o que eles teriam, seriam ou conheceriam.

Não importa o que Mal pensa.

Jay chutou uma pedra sobre os paralelepípedos em ruínas e um gato irritado uivou de volta para ele das sombras.

Ela é tão cheia disso.

Machine Translated by Google

Mal não iria admitir isso – a derrota deles – especialmente quando ela estava com um humor como o desta noite. Mal era tão teimoso às vezes. Praticamente delirante.

Em momentos como esse, Jay via claramente os efeitos de uma educação criada por um vilão maníaco. Ele não podia culpar Mal por

não querer dizer não à mãe dela — ninguém diria — mas, na verdade, não havia como o cetro de Malévola estar em algum lugar da Ilha dos Perdidos e, mesmo que estivesse, Jay e Mal nunca o encontrariam. .

Jay balançou a cabeça.

Olho do Dragão? Mais como Olho do Desespero.

Esse corvo é maluco, provavelmente por ter ficado congelado por vinte anos.

Ele encolheu os ombros e virou a esquina para sua própria rua. Ele tentou esquecer isso, meio esperando (e meio torcendo) que Mal provavelmente fizesse o mesmo.

Ela tinha seus caprichos, mas eles nunca pareciam durar. Essa era a coisa boa de Mal; ela ficava toda preocupada com alguma coisa, mas desistia totalmente no dia seguinte. Eles se davam bem porque Jay tinha aprendido a simplesmente enfrentar o

tempestade.

Quando ele finalmente conseguiu passar pelo último quebra-cabeça de fechaduras, correntes e ferrolhos roubados que guardavam sua própria casa (os ladrões eram os mais paranóicos com roubos), ele empurrou a porta de madeira podre com um rangido e entrou.

Um pé de cada vez. Mude o peso do seu corpo enquanto você pisa. Fique perto da parede....

“Jay? Isso é você?”

Besteira.

Seu pai ainda estava acordado, cozinhando ovos, seu fiel papagaio, Iago, em seu colo.

ombro. Jafar estava preocupado com o fato de seu único filho sair tão tarde? Ele estava preocupado com onde esteve, com quem esteve, ou por que não voltou para casa até agora?

Não. Seu pai só tinha uma coisa em mente e Jay sabia exatamente o que era.

“Qual é o resultado desta noite?” Jafar perguntou avidamente, enquanto colocava seu prato de comida na mesa da cozinha, ao lado de uma pilha de moedas enferrujadas que eram consideradas moeda corrente na ilha. A mesa era onde Jafar praticava seu hobby favorito: contar dinheiro. Havia uma pirâmide de moedas de bom tamanho sobre a mesa, mas Jay sabia que isso não satisfaria a ganância de Jafar.

Nada aconteceu.

Machine Translated by Google

“Belo pijama.” Jay sorriu. O truque com o pai era seguir em frente, ficar atento e, acima de tudo, evitar responder à pergunta, porque nenhuma das respostas estava certa. Quando você não consegue vencer, não deve desistir e jogar. Isso foi apenas se preparar para o desastre.

Quero dizer, o melhor amigo do meu pai é um papagaio.

Já disse o suficiente.

“Belo pijama!” Iago gritou. “Belo pijama!”

Jafar estava vestindo um roupão desbotado sobre um pijama largo com pequenas lâmpadas impresso em todos eles. Se vinte anos de congelamento pudessem transformar um corvo cuco, vinte anos de vida entre os perdidos também haviam contribuído para diminuir a infâmia do ex-grão-vizir de Agrabah, juntamente com sua grandeza e brio (pelo menos, era assim que seu pai pensava). disso). As suntuosas sedas e as jaquetas de veludo de pelúcia se foram, substituídas por um uniforme de moletons de veludo surrados e camisetas manchadas de suor que cheirava um pouco forte demais à barraca de mercado de sua loja, que estava localizada, infelizmente, bem em frente às baías dos cavalos. .

A elegante barba preta agora estava irregular e grisalha, e havia a barriga mencionada acima.

Iago passou a chamá-lo de “o sultão”, já que Jafar agora se parecia com seu antigo adversário em tamanho; embora, com toda a justiça, o próprio Iago parecesse estar em uma farra diária de biscoitos.

Em troca, Jafar chamava seu amigo emplumado de coisas que eram irrepetíveis sob qualquer padrão, até mesmo o de um papagaio.

Jay odiava os pijamas de seu pai: eles eram um sinal de quão longe sua família, outrora adjacente à realeza, havia caído. A flanela estava tão gasta em alguns lugares que dava para ver a barriga de Jafar rolando por baixo dela. Jay tentou não olhar muito de perto, mesmo agora, nas sombras da luz da manhã.

Seu pai ignorou os insultos do pijama. Ele já tinha ouvido todos eles antes. Ele devorou seu lanche da meia-noite com prazer, sem oferecer uma mordida a Jay.

“Vamos, vamos, vamos em frente. O que conseguimos? Vamos dar uma olhada.”

Jay olhou para o tapete enrolado no final da sala, além da mesa - mas ele também sabia que não havia como passar pelo pai agora. Ele relutantemente desempacotou os bolsos.

“Sapatinho de cristal quebrado, ganhei de uma das enteadas. Com um pouco de cola, poderíamos conseguir um bom preço por isso.” O

chinelo rachado e sem salto se espatifou em uma pilha de cacos de vidro no momento em que bateu na mesa. Jafar ergueu uma sobrancelha.

Machine Translated by Google

“Hum, supercola?” Jay continuou. “Uma das coleiras de Lúcifer, o chaveiro da pistola de Rick Ratcliffe – e olha, um verdadeiro olho de vidro!” Estava coberto de fiapos. “Está apenas um pouco usado. Consegui isso de um dos piratas. Ele o ergueu até o olho e olhou através do vidro – depois o puxou, franzindo o nariz e abanando o

rosto com a mão. “Por que os piratas nunca tomam banho?

Olá, chama-se chuveiro . Não é mais como se eles estivessem no mar.”

Com isso, ele revirou o globo ocular sobre a mesa para seu pai.

Iago gritou curioso enquanto Jay esperava pelo inevitável.

Jafar acenou com desdém sobre os itens e suspirou. "Lixo."

"Lixo!" Iago gritou. "Lixo!"

“Mas isso é tudo que há nesta ilha”, argumentou Jay, encostando-se no Pia da cozinha. “Esta é a Ilha dos Perdidos, a Ilha das Sobras, lembra?”

Seu pai franziu a testa. “Você foi para a casa do De Vil e não marcou um casaco de pele? O que você estava fazendo lá a noite toda? Babando pela garota da Malévola?

Jay revirou os olhos. “Pela décima milésima vez, **não**. E não é como **se eu**

era aquele trancado no armário de casacos.” Ao dizer isso, ele se perguntou por que não havia pensado nisso.

“Você precisa se esforçar mais! E aquela princesa? Aquele que é apenas saiu do castelo?”

“Ah, sim, ela. Eu esqueci.” Jay enfiou a mão no bolso da calça jeans e tirou um colar de prata com um pingente vermelho de maçã envenenada. “Isso é tudo que ela tinha com ela. Estou lhe dizendo, até os castelos ao redor deste lugar são um lixo.”

Jafar colocou um par de óculos e examinou as joias, apertando primeiro com um olho, depois com o outro. Sua visão estava piorando e suas costas doíam devido ao trabalho extra de carregar a própria barriga do moletom; mesmo os vilões não foram poupados dos perigos do envelhecimento. “Colar e vidro. Na minha época, um **servo**

não teria usado isso, muito menos uma princesa. Não é exatamente o grande resultado que procuramos.” Ele jogou a bugiganga de lado, suspirando ao parar para alimentar Iago com outro biscoito.

“Pontuação”, disse Iago, cuspidando alegremente migalhas de biscoito. “Grande pontuação!”

Os ombros de Jay caíram.

A grande pontuação.

Era o sonho de seu pai: que um dia seu único filho encontrasse um tesouro tão grande, tão rico, tão carregado de ouro, que Jafar não precisasse mais presidir uma loja de sucata, nunca mais. Não importa que a Ilha dos Perdidos fosse

um monte de lixo flutuante; de alguma forma, Jafar acreditava que o grande resultado estava sempre ao virar da esquina – uma recompensa que poderia transportá-lo de volta ao seu lugar de direito como feiticeiro, com todo o seu poder e armadilhas.

Fale sobre delírio.

Mesmo que existisse, tal tesouro poderia levar algum deles de volta no tempo?

para um dia melhor ou libertá-los de uma vida inteira de prisão? Como se um objeto, uma joia ou qualquer quantidade de moedas de ouro pudesse consertar a bagunça em que pessoas como Jafar os meteram?

A grande pontuação. Seu pai estava tão louco quanto Mal naquela noite. Jay balançou a cabeça.

E então ele simplesmente tremeu. Porque ele pensou em algo.

Espere.

O que Mal disse a ele esta noite? Que o corvo acreditava que o cetro de Malévola, o Olho do Dragão, estava escondido em algum lugar desta ilha? Se Diablo estivesse dizendo a verdade e Jay conseguisse descobri-la, seria a maior pontuação do ano. Do século!

Ele pensou bem. Foi possível?

Poderia ser ***tão*** fácil? Será que seu pai estava certo ao manter a menor esperança de algo melhor, mesmo depois de todos esses anos?

Agora.

Jay esfregou os olhos. Foi uma longa noite. Não havia como aquela coisa estar na Ilha dos Perdidos. Não havia nada de poder aqui – nem quando se tratava de pessoas, nem quando se tratava de suas coisas.

E mesmo que *estivesse* aqui – por mais improvável que isso fosse – a cúpula sobre a ilha mantinha do lado de fora toda a magia. O Olho do Dragão era apenas um nome chique para uma bengala agora. Como ele havia dito a Mal, era um empreendimento inútil. Seria melhor que tentassem sequestrar um barco do Cais dos Goblins de volta a Auradon. Não que algum deles quisesse morar lá.

Talvez pertençamos à Ilha dos Perdidos, dos Sobrados e dos Esquecidos.

Talvez seja assim que esta história deveria ser.

Só que quem vai dar a notícia ao meu pai?

Jay observou seu pai voltar a empilhar as moedas em pilhas organizadas.

Contar moedas deu-lhe uma paz que o seu filho nunca compreenderia. Jafar estava assobiando e ergueu os olhos quando viu Jay olhando para ele.

“Lembra da Regra de Ouro?” seu pai ronronou enquanto acariciava o dinheiro com as mãos.

Machine Translated by Google

"Totalmente. "Boa noite, pai", disse Jay, dirigindo-se ao carpete gasto sob as prateleiras nos fundos, onde dormia. ***Quem tiver mais ouro dita as regras.*** Era nisso que seu pai acreditava e, embora Jay nunca tivesse visto ouro na vida, ele também foi ensinado a acreditar.

Ele simplesmente não tinha certeza se acreditava que havia ouro para encontrar. Não na Ilha dos Perdidos. Ainda assim, enquanto se enroscava no chão duro e acarpetado que era sua cama, ele tentou imaginar como seria encontrá-la.

A grande pontuação.

Ele adormeceu sonhando com seu pai explodindo de orgulho em um par de pijama feito de ouro.

chapter **13** — After Shocks

Machine Translated by Google

Cruella iria matá-lo se descobrisse que ele deu uma festa enquanto ela estava fora. As pessoas na ilha diziam-lhe que Cruella tinha amadurecido com a idade, que era mais gordinha e menos gritante,

mas que não precisavam de viver com ela.

O filho de Cruella De Vil conhecia sua mãe melhor do que ninguém.

Se a mãe dele tivesse alguma ideia de que ele deixaria um monte de gente vir... e, pior ainda, deixaria alguém chegar *perto* do armário de peles dela — quanto mais *entrar* nele — e muito menos ser abordado em uma pilha de roupas de corpo inteiro de grau A. – casacos de pele – bem, digamos apenas que não seria um cachorrinho que ela estaria tentando esfolar.

Mas, felizmente, sua mãe ainda estava no Spa e não havia retornado inesperadamente, como costumava fazer às vezes, pelo menos para manter seu filho, Jasper e Horace em alerta.

Carlos saiu da cama e encontrou alguns convidados com os olhos turvos vagando pelo Hell Hall, cheirando como a cidra picante da noite anterior. “Você provavelmente está procurando o banheiro. Por aqui. Sem problemas!” Ele os empurrou pela porta da frente antes que pudessem perceber o que estava acontecendo. Enquanto ele fazia isso, Harry e Jace, os dois jovens lacaios De Vil de segunda geração que o ajudaram a decorar para a festa, saíram cambaleando do salão de baile com papel crepom nos cabelos.

Machine Translated by Google

"Bom dia", disse Carlos, com a voz ainda sonolenta. "Por que você está usando a festa?"

"Eu disse a ele para não me deixar preso em suas fitas estúpidas", disse Harry, ainda mal-humorado.

"Você me contou? Foi você quem brincou de pega-pega a noite toda, arrastando metade das decorações atrás de você.

“Eu estava recebendo convidados.”

“Então por que ninguém estava brincando **com** você?”

Como sempre, não havia esperança de uma conversa real com nenhum deles.

Carlos desistiu.

Seu primo Diego De Vil fez sinal de positivo para ele do sofá. "Ótimo festa. Uivador total! O resto da banda estava arrumando seus equipamentos.

“Obrigado, eu acho.” Carlos torceu o nariz. A luz sombria da manhã fez tudo parecer mais triste e sórdido. Até as velas do candelabro haviam se reduzido a tocos e alguém havia quebrado a corda do balanço, fazendo-a balançar suavemente, roçando o chão.

“É melhor sairmos daqui para que você possa se limpar.” Diego sorriu. “Ou sua mãe disse para deixar isso para ela fazer quando chegasse em casa?” Ele começou a rir.

"Muito engraçado." Carlos ignorou o primo, abrindo caminho pela porta de vaivém que dava para a cozinha. Ele estava com fome, com dor de cabeça e não havia dormido bem –

sonhando ansiosamente em manter a festa em segredo de sua mãe, mas também com a luz ofuscante que emanava de sua máquina e atingia a cúpula.

Isso realmente aconteceu?

Por um momento, Carlos pensou ter sentido algo no ar.

Algo selvagem e elétrico e vibrando com energia. ***Magia? Poderia ser?***

Ele se perguntou se conseguiria fazer a máquina fazer isso de novo.

Depois do café da manhã.

Ele enfiou a cabeça na cozinha, que parecia que uma festa-bomba havia acontecido.

explodiu. Todos os balcões e superfícies estavam pegajosos e cheios de xícaras, tigelas, pedaços de pipoca e batatas fritas, ovos podres e apimentados, cães demoníacos não comidos e garrafas vazias de cidra. Seus pés ficavam presos e descolados a cada passo no chão, subindo e descendo com um barulho que era parte velcro, parte pseudópode. Ele pegou uma vassoura e começou a varrer e limpar, apenas o suficiente para poder chegar à geladeira e às prateleiras.

Machine Translated by Google

“Ei, uh, posso apenas...” Carlos disse, empurrando Clay Clayton, que roncava, para longe do balcão da cozinha para pegar seu café da manhã. Clay era o filho do Grande Caçador que quase capturou a tropa de gorilas de Tarzan (**quase** sendo a palavra-chave: como todos os vilões da Ilha, os planos malignos de cada um terminaram em fracasso).

Carlos encheu uma tigela com um pouco de aveia congelada e granulada e pegou um colher no momento em que os Gastons

enfiaram a cabeça lá dentro.

"E aí cara! O que você tem aí? Café da manhã? Não se importe se fizemos isso.

Os irmãos corpulentos cumprimentaram-no enquanto roubavam seu mingau frio debaixo de seu nariz ao sair pela porta. Sendo os Gastons, foram os últimos a sair e os primeiros a roubar toda a comida, como sempre.

"De qualquer forma, acho que não estava com fome", disse Carlos em voz alta, embora só ele estivesse ouvindo. "Devíamos nos ocupar e limpar este lugar antes que minha mãe chegue em casa."

Ele suspirou e pegou a vassoura.

Havia muita coisa para limpar. Mas ele era Carlos De Vil, menino gênio, não era?

Certamente ele poderia descobrir uma maneira de tornar essa tarefa mais fácil? Sim, ele faria.

Ele só tinha que se concentrar nisso. Ele cuidaria da limpeza mais tarde. Primeiro, ele teve que ir para a escola.

De volta ao seu próprio castelo, Evie não conseguiu dormir melhor do que Carlos. Talvez seus sonhos não tenham sido atormentados por Cruella De Vil ou pela cúpula rachada, mas foram atormentados por intermináveis labirintos de salas escuras e armadilhas - e ela acordou suando muito quando alguém estava prestes a apertar sua perna. com suas mandíbulas de aço novamente.

Não posso voltar para a escola, pensou ela. Não depois de ontem à noite.

A ideia de ter que enfrentar Mal novamente deixou seu estômago embrulhado.

Além disso, o que havia de errado em ficar em casa? O lar era, bem, o lar.

Não foi? Então talvez não fosse legal aqui, mas era seguro.

Relativamente. Aconchegante. **De uma**

forma não exatamente tradicionalmente aconchegante.

Ou não.

Ok, então estava frio e mofado e basicamente uma caverna. Ou uma prisão, como ela passou a pensar durante seus anos de escolaridade no castelo. E hoje, como na maioria dos dias de sua vida, Evie podia ouvir novamente sua mãe falando sozinha com sua voz imaginária de Espelho Mágico.

Mas pelo menos em casa não havia armadilhas nem fadas malvadas de cabelos roxos em busca de vingança. Não havia amigos confusos, se ela e Mal fossem isso.

Não sei o que somos, mas sei que não gosto disso.

E aqui pensei que, quando chegasse a uma escola de verdade, minha vida seria

muito melhor.

Evie se levantou e foi até sua mesa, que tinha alguns de seus livros antigos.

de seus anos de escolaridade no castelo. Ela pegou seu favorito, um grimório de couro desgastado, o livro de feitiços pessoal da Rainha Má.

Claro, era inútil na Ilha, mas Evie ainda gostava de ler todos os feitiços. Era como um catálogo dos melhores dias de sua mãe, de uma época em que ela passava horas e mais horas inúteis chacoalhando pelos cômodos vazios do castelo fazendo a Voz. Às vezes, isso fazia Evie se sentir melhor. Para lembrar que as coisas nem sempre foram assim.

Ela folheou as páginas amarelas gastas do livro de feitiços como fazia quando era uma garotinha. Ela havia se debruçado sobre eles da mesma forma que imaginava que as princesas de Auradon se debruçavam sobre seus estúpidos contos de fadas. Ela os estudou da mesma forma que outras princesas estudavam, bem, outras princesas.

Havia feitiços de verdade envolvendo velas e água, feitiços de amor que exigiam pétalas de flores e sangue, feitiços de saúde e feitiços de riqueza, feitiços para sorte e feitiços para destruição. Os feitiços do Malandro eram seus favoritos, especialmente o Disfarce de Mascate, que sua mãe usara para enganar aquela boba da Branca de Neve. Essa foi boa.

Um clássico, até.

“Oi, querido”, disse a Rainha Má, entrando em seu quarto. “Você está olhando pálido de novo! Deixe-me corar! Ela tirou uma escova grande e redonda e começou a trabalhar nas bochechas de Evie. “Rosa como uma flor de macieira. Lá. Muito melhor.” Ela olhou para o livro nas mãos da filha. “Ah, aquela coisa velha? Eu nunca entendo. Por que você iria querer divulgar isso de novo?

“Não sei. Talvez porque eu simplesmente não consigo imaginar. Quero dizer, você realmente fez esse feitiço? Você?” De alguma forma, Evie não conseguia imaginar sua mãe como uma bruxa velha e assustadora. Claro, ela era gorda e de meia-idade e não se parecia mais com o formidável retrato dela que estava pendurado na galeria principal, mas estava longe de ser feia.

"Oh sim! Foi um grito! Neve, por que tão estúpido? estava completamente enganado! Que droga." A Rainha Má deu uma risadinha. "Quero dizer, olá? De porta em porta

Machine Translated by Google

bruxa de vendas ***de maçã*** ? No meio da floresta?" Ela suspirou. "Ah. Bons tempos."

Evie balançou a cabeça. "Ainda."

Sua mãe mexia em seu cabelo. "Espere. Por quê você está aqui? Você não deveria estar na escola?"

"Não estou com vontade de ir", confessou Evie. "Não tenho certeza se está certo, depois todos. Indo para uma escola grande. Talvez eu devesse ficar no castelo."

A Rainha Má encolheu os ombros. "Quem precisa de educação, afinal?
Bonito é tão

bonito é... lembre-se disso, querido.

"Não se preocupe. Você não me deixa esquecer.

"É atenção às pequenas coisas. Você tem que trabalhar para isso, e você tem querer isso. Seus cílios não vão se curvar sozinhos, você sabe."

"Não. Você vai enrolá-los para mim, mesmo que eu não queira.

"Isso mesmo. E porque? Para que um dia você possa ter o que é seu por direito, mesmo que esteja preso nesta ilha miserável. É seu direito de nascerem ser o Mais Belo. De. Eles.

Todos. Essas não são simplesmente palavras."

"Tenho certeza que sim, na verdade."

"É uma responsabilidade. Nosso. Seu e meu. Com grande beleza vem grande poder."

Evie apenas ficou olhando. Quando a mãe dela ficava assim, era difícil acalmá-la.

"Eu não posso querer isso mais do que você, Evie." Sua mãe suspirou, balançando a cabeça.

"Eu sei", disse Evie, porque era verdade. "Mas o que eu deveria fazer? E se eu não souber o que quero? Ou como conseguir isso?"

"Então você se esforça mais. Você reaplica. Você adiciona aquela camada extra de brilho sobre o batom fosco. Você usa seu blush e seu bronzeador, e certifique-se de não confundir os dois."

"Bronzer nos ossos, blush nas bochechas", disse Evie, automaticamente.

“Você sabe qual rímel faz seus olhos se destacarem.”

“Azul para marrom. Verde para ouro. Roxo em vez de azul”, recitou Evie, como se essa fosse a versão familiar dos fatos matemáticos.

"Exatamente." A Rainha Má cruzou os dedos em torno dos da filha em um gesto comovente, embora raro, maternal. “E por favor, minha querida. Nunca se esqueça de quem você realmente é.”

"Quem sou eu?" Evie disse, apertando a mão da mãe. Ela se sentia tão perdida – mais do que tudo, era tudo o que ela queria saber.

“Alguém que precisa usar elixir no cabelo, ou ele fica muito crespo.”

Com essas palavras de despedida, a Rainha Má saiu da sala, recolhendo as saias escuras atrás dela. "Espelho! Espelho mágico!"

Sim, pensou Evie, ela poderia ficar aqui, lendo seus livros antigos e assistindo à Auradon News Network, como antes. Mais tarde, se ela tivesse muita sorte, sua mãe entraria em seu quarto para fazer-lhe mais um penteado interessante, embora Evie tivesse dito milhões de vezes que preferia a trança em V.

Esta é a minha vida, quando estou no castelo.

Trança, blush e bronzeamento.

Essa era a questão de sair de casa, ela imaginou. Depois de sair para o mundo, depois de sair da escuridão da caverna, era difícil voltar.

Até para deixar o cabelo liso e os olhos saltados.

Quanto mais Evie pensava nisso, mais ela sabia que não poderia ficar em casa.

o castelo mais um segundo. Ela tinha lido todos os livros e assistido a todos os programas e não havia ninguém com quem conversar além da mãe, que só era obcecada pelos últimos cosméticos que chegavam nas lixeiras, pelos tubos de batom usados e pelos potes de creme abertos. que as princesas de Auradon jogaram fora quando não os quiseram mais.

Até a escola tem que ser melhor que isso.

Além disso, ela poderia lidar com Mal, não poderia? Ela não tinha medo dela.

Não ***com tanto*** medo dela.

Ok, então talvez ela estivesse. Mas Evie tinha mais medo de apodrecer para sempre numa caverna. E ela era muito jovem para começar a trabalhar em sua própria voz no Magic Mirror. Ela balançou a cabeça com o pensamento.

Bonito é tão bonito?

Foi isso que minha mãe disse?

Mas de que adiantava ser bonita se não havia ninguém ali para ver o quão

bonita você era?

Até a rachadura no teto estava começando a parecer o Olho do Dragão.

Mal olhou para ele da cama, paralisada. Ela acordou muito cedo - ainda mais cedo do que Carlos e Evie - porque não conseguia dormir, pensando na missão para a qual sua mãe quase a despachou imediatamente. Malévola

Machine Translated by Google

era assim: uma vez que ela tinha uma ideia na cabeça, não havia como pará-la. Não importava se era sua filha ou um de seus subordinados – ela esperava que todos parassem, desistissem e arriscassem tudo para cumprir suas ordens.

Esse era o jeito da Malévola.

Mal sabia que não havia exceção para as filhas, não quando você era um dos vilões mais vilões de todos os tempos da Ilha dos Perdidos.

Você não conseguiu ser o número um por ser misericordioso, ou mesmo razoável.

Não quando você fazia parte da elite do mal.

Malévola queria o Olho do Dragão de volta, o que era ótimo, e tudo, e Mal entendeu totalmente; mas, na verdade, tentar descobrir *onde* ele estava na ilha — agora isso era algo completamente diferente.

Então sim.

Não era como se Diablo ajudasse. Tudo o que o corvo fez foi grasnar quando Mal o cutucou. “Onde está, hein, D? Se você voltou à vida, não pode estar longe, certo? Mas onde?” Ele arrancaria os olhos dela se ela chegasse perto o suficiente para permitir. Aquele pássaro estúpido sempre quis a mãe dela só para ele; e para ele, Mal não era nem uma ameaça, mas sim um incômodo.

Ainda assim, era mais do que apenas um pássaro que a assombrava agora.

As ameaças de Malévola eram difíceis de se livrar. Como sempre, a mãe sabia exatamente onde atacar. Ela conseguia encontrar os pontos fracos da filha tão facilmente agora como quando ela era um bebê, usando um no topo da cabeça.

Você não quer provar seu valor para mim?

Prove que você é digno do nome que lhe dei, Malévola!

Mal se virou na cama dura e barulhenta, inquieta.

Sim, Mal recebeu o nome de sua mãe, mas sua mãe gostava de dizer que, já que Mal havia demonstrado até agora que ela era apenas um pouquinho má, Mal só poderia ter um pouquinho de seu nome verdadeiro até que ela provasse ser realmente digna de seu nome.

herança das fadas negras. O que era ridículo, na verdade, se você pensasse bem.

Mal não tinha exatamente um exército de recursos malignos sob seu comando. Ela se contentou com o que tinha de trabalhar: latas de tinta roubadas, garotos infelizes do ensino médio, um armário cheio de velhos casacos de vison e armadilhas de pele. Claro, talvez ela não estivesse encerrando castelos inteiros em cercas de espinhos, mas todo vilão tinha que começar de algum lugar, não é?

E se ela deixou Evie fora de perigo no final da noite, isso também não foi culpa dela, foi?

Não era como se você pudesse definir um cronograma para esse tipo de coisa. Um bom esquema exigia um pouco de planejamento, não é?

Mal se virou novamente.

Malévola ainda não tinha saído para a varanda para discursar e humilhar seus súditos. Quando Mal finalmente saiu da cama, vestiu tudo roxo de hoje e saiu do quarto na ponta dos pés, ela percebeu que a porta do quarto de sua mãe estava trancada, o que significava que Malévola não deveria ser incomodada em nenhuma circunstância. Ela foi inflexível quanto a ter oito horas de “sono maligno” e recomendou uma dieta saudável de pesadelos para manter as garras afiadas.

Tinha funcionado para ela até agora, não é?

Mal ficou pensando no aviso da mãe enquanto descia correndo a escada em ruínas.

O Olho do Dragão estava amaldiçoado, como Malévola havia dito a ela, o que significava que qualquer um que o tocassem adormeceria imediatamente durante mil anos. Essa sempre foi a especialidade de sua mãe: fazer as pessoas dormirem contra a vontade delas. É claro que isso não funcionou exatamente durante o desastre da Bela Adormecida, mas isso não significava que o cajado do Olho do Dragão seria menos poderoso agora. Quando Mal encontrasse o cetro, ela teria que tomar cuidado para não tocá-lo e então descobrir uma maneira de de alguma forma trazê-lo de volta sem despertar a maldição.

Se ainda funcionar.

Se eu encontrar.

Se é que existe.

Quando Mal pegou sua mochila, ela só se sentiu pior. Mesmo despejando um uma lata de spray extra em sua bolsa não a animava.

Talvez Jay estivesse certo.

Talvez toda essa busca fosse boba demais para embarcar. Ela não sabe por onde começar a encontrar a arma perdida de sua mãe, não importa quão poderosa ela já tenha sido.

Quem era ela para pensar que poderia encontrar algo que estava perdido há tanto tempo? Talvez ela devesse simplesmente esquecer isso e voltar à sua rotina habitual de etiquetar e furtar lojas.

Além disso, não era como se qualquer coisa que Mal pudesse fazer pudesse mudar a forma como sua mãe a via. Mesmo que ela conseguisse encontrar o Olho do Dragão, Mal sabia que não poderia evitar quem era seu pai e, no final, era isso que Malévola nunca poderia perdoar ou esquecer.

A única coisa que a própria Mal nunca conseguiria consertar.

Então, por que se preocupar?

Por que tentar?

Machine Translated by Google

Talvez ela devesse apenas aceitar e seguir em frente. Pelo menos era isso que a mãe esperava dela.

Falhar. Decepcionar. Desistir. Ceder.

Assim como todos os outros neste lugar.

Mal abriu a porta do castelo e saiu para a escola, tentando não pensar nisso.

chapter 14

Evil Enrichments

Machine Translated by Google

Como muitos nerds antes dele, Carlos gostava da escola. Ele não tinha vergonha de admitir — ele teria contado isso a qualquer um que se desse ao trabalho de perguntar. Como ninguém o fez, porém, ele mesmo revisou o argumento.

Ele gostou da estrutura e das regras da escola. Ele também gostou do trabalho: responder aos tipos de perguntas que tinham respostas e explorar as que não tinham. Embora houvesse partes da escola que eram torturantes, como quando ele foi forçado a percorrer todas as

tumbas na academia (por que praticar *a fuga a pé* quando moravam *em uma ilha?*) ou quando ele teve que trabalhar com parceiros designados (geralmente o tipo que o provocava por não ser capaz de percorrer toda a extensão das tumbas na academia), as outras partes mais do que compensavam.

Essas eram as partes boas – as partes em que você realmente usava o cérebro – para as quais Carlos gostava de pensar que estava mais bem equipado do que o vilão comum.

E ele estava certo.

Porque o cérebro de Carlos De Vil, em comparação, era quase tão grande quanto o armário de casacos de pele de Cruella De Vil.

De qualquer forma, foi isso que Carlos tentou dizer a si mesmo, especialmente quando as pessoas estavam fazendo-o administrar as tumbas.

Machine Translated by Google

Sua primeira aula hoje foi Ciência Estranha, uma que ele sempre desejou. Foi de onde ele originalmente teve a ideia de montar sua máquina, na lição sobre ondas de rádio. Carlos não era o único aluno excelente da turma — na verdade, ele estava vinculado à coisa mais próxima que tinha de um rival em toda a escola: o magrelo e de óculos Reza.

Reza era filho do ex-astrônomo real de Agrabah, que havia consultou Jafar para garantir que as estrelas se alinhassem em mais de uma

ocasião nefasta, e foi assim que sua família encontrou o caminho para a Ilha dos Perdidos com todos os outros.

Weird Science foi a aula onde Carlos sempre se esforçou mais.

A presença de Reza, que era tão competitivo no laboratório de ciências quanto ele, só fez Carlos trabalhar ainda mais.

E por mais irritante que todos achassem Reza — ele sempre tinha que usar as palavras maiores para tudo, quer fossem usadas corretamente e quer estivesse inserindo algumas sílabas extras onde elas poderiam ou não pertencer — ele ainda era inteligente.

Muito esperto. O que significava que Carlos gostava de vencê-lo. Ainda na outra semana eles estavam trabalhando em um elixir especial, e Reza ficou irritado porque Carlos havia descoberto o ingrediente secreto primeiro.

Sim, Reza era quase tão inteligente quanto irritante. Mesmo agora ele estava levantando a mão, balançando-a descontroladamente para frente e para trás.

O professor deles, o poderoso feiticeiro Yen Sid, o ignorou. Yen Sid foi enviado de Auradon para a Ilha dos Perdidos pelo Rei Fera para ensinar as crianças vilãs a viver sem magia e, em vez disso, aprender a magia da ciência. Carlos comentou uma vez que deve ter sido um grande sacrifício para ele desistir de Auradon, mas o velho bruxo excêntrico encolheu os ombros e disse que não se importava e que tinha a responsabilidade de ensinar todas as crianças, boas ou más.

Yen Sid retomou a lição citando sua frase favorita: “Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia”. O misterioso mágico sorriu em seu púlpito, sua careca brilhando sob a luz e sua grande barba grisalha cobrindo metade do peito. Ele havia trocado suas vestes de feiticeiro por um jaleco branco de químico, agora que não havia mercado para magia e... bem, nenhuma magia digna de nota.

Reza levantou a mão novamente. Mais uma vez, Yen Sid o ignorou e Carlos sorriu para si mesmo.

Machine Translated by Google

“Só porque não existe magia na Ilha dos Perdidos não significa que não possamos criar a nossa”, disse Yen Sid. “Na verdade, podemos criar tudo o que precisamos para um feitiço nesta sala de aula. A resposta para a nossa situação está bem diante de nós. De fogos de artifício a explosões, tudo pode ser feito *a partir da... ciência.*”

“Exceto que a ciência é chata”, disse um dos Gastons.

“E também, que cheiro é esse?” disse o outro Gastão, dando um tapa

na cabeça do irmão. “Porque, você sabe, o feijão é a fruta mágica.”

“Cale a boca”, Carlos sibilou. Ele queria ouvir.

A mão de Reza levantou-se novamente. ***Eu eu Eu.***

“Estou falando sobre a ***magia da ciência***”, disse Yen Sid, ignorando Gastons e Reza.

“Com licença. Com licença, professor? Reza não conseguiu se conter mais longo. Ele estava praticamente guinchando em seu assento. Carlos bufou.

O professor suspirou. “O que foi, Reza?”

Reza se levantou. “Independentemente disso, a irrelevância dos comentários simplistas dos meus colegas não tem qualquer significado para esta experiência, na verdade.”

“Obrigado, Reza.” Yen Sid entendeu, assim como Carlos, que Reza tinha apenas disse que os Gastons eram estúpidos. O que não era novidade para ninguém.

Reza limpou a garganta.

“Se a ciência é de fato mágica, isto é, per se, poderíamos então correspondentemente e, portanto, ele postula o postulado de que a magia é, portanto, também ciência, para quê, o que deveria ser demonstrado, QED?

Yen Sid revirou os olhos. Bufadas e risadinhas abafadas vieram do resto da classe.

“Sim, Reza. A ciência poderia ser descrita, na verdade, como mágica. De certo perspectivas. Mas você não precisa acreditar apenas na minha palavra. Por que você não começa o experimento de hoje e descobre por si mesmo...

A mão de Reza levantou-se novamente. A turma inteira começou a rir.

Yen Sid olhou para ele severamente. “—como seu colega Carlos aqui, que, em vez de perder tempo conversando mais, já está na metade da tarefa? Ele ergueu uma sobrancelha para Reza.

O rosto de Reza ficou vermelho. A turma riu ainda mais.

A lição de hoje se concentrou em engenharia. O coração de Carlos

aqueceu quando ele se debruçou sobre a mesa e se dedicou à tarefa de aprender a fazer uma vassoura robótica que varria sozinha.

Machine Translated by Google

Foi a solução para seu problema anterior. Com esta invenção, ele ser capaz de limpar Hell Hall em um instante. Ele até tinha um nome para isso: Broomba.

Os Gastons resmungaram, mas Carlos nem conseguiu ouvi-los. Não quando ele estava trabalhando. Ele apertou um parafuso no motor de

sua vassoura.

Esta foi a **verdadeira** magia.

No final do primeiro período, não era só Carlos que estava feliz por estar de volta à escola.

Evie estava feliz por ter decidido aparecer também. Por um lado, ela não viu nenhum sinal de Mal; e por outro lado, foi fortalecedor perceber que, embora sua mãe nunca pensasse que ela era bonita o suficiente, ela certamente era bonita o suficiente para seu Seminário de Selfies, que apenas alguns alunos do Selfies 101 foram autorizados a participar. No final das contas, ela mesma poderia ter dado a aula.

“Estes são incríveis!” Mãe Gothel emocionou-se enquanto examinava o dever de casa de Evie. A turma recebeu a ordem de produzir uma série de autorretratos, e Evie passou as horas anteriores à festa de Carlos trabalhando arduamente em seu portfólio, tirando fotos de si mesma. A beleza exigia esforço, não é mesmo? Não era isso que sua mãe sempre dizia?

E, como a mãe a tornara tão consciente de todos os ângulos e de todos os truques de luz e cosméticos, Evie tinha as melhores fotografias. (Na verdade, essa aula não era nada; quando Evie conseguiu segurar uma escova de cabelo, ela já sabia como parecer dez vezes mais bonita do que realmente era.)

É tudo fumaça e espelhos, pensou ela, estremecendo ao ouvir a palavra **espelho**.

É assim que você consegue ser o mais justo de todos.

Ela tentou ignorar as outras meninas da turma, principalmente as enteadas, que a olhavam com raiva.

“É como se você passasse **cada segundo** olhando para o seu próprio reflexo!”

Mãe Gothel ficou maravilhada. “Agora, isso é uma façanha de egocentrismo!”

Eva sorriu. “Ora, obrigado. Eu tento.”

“Sua mãe deve estar muito orgulhosa”, disse Mãe Gothel, devolvendo as fotos.

Evie apenas assentiu.

Depois de fracassar em seu exame de História Mundial do Mal, Jay se abaixou para se esconder de uma enteada malvada, que acenou para ele de maneira coquete, atrasando-o

Machine Translated by Google

para sua aula de enriquecimento. Ele deslizou para as sombras atrás de uma estátua na escada.

Besteira.

Não era como se ele não tivesse gostado de dançar com ela na noite anterior; ele gostava de dançar com ela, e roubar os corações das meninas era praticamente um hobby. Mas não era tão divertido quanto roubar outras coisas, já que os corações vinham com muitas amarras. E

certamente não rendeu tão bem.

Além disso, Jay gostava de sua liberdade.

“Jayyyyyy,” sua voz cantava no corredor. “Oh, Jayyyyyy, acho que você pode ter algo da minha avó que eu preciso de volta. Estou muito, muito zangada com você, seu garoto mau”, disse ela, sem parecer nem um pouco zangada.

Mas Jay não saiu de seu esconderijo atrás da estátua do Mal Dragão Malévola. A monstruosidade de pedra, encomendada pela própria Malévola, ocupava mais da metade do patamar entre o segundo e o terceiro subsolo da escola e havia se tornado um dos esconderijos mais confiáveis de Jay. Logo seu acompanhante de dança predatória desistiu da busca.

“Ufa, isso foi por pouco.” Ele saiu do esconderijo e acompanhou Carlos, que franziu a testa para ele sem tirar os olhos do livro enquanto caminhava.

“Mais perto do que todas as outras vezes?”.

“É, não. Na verdade.” Jay suspirou.

Carlos virou a página e os dois meninos seguiram para o Enriquecimento sem dizer outra palavra.

O enriquecimento consistia literalmente em enriquecer-se tirando dos outros.

A turma estudava técnicas de arrombamento de fechaduras, segredos de furto em lojas — o que significava que era a aula favorita de Jay pelo motivo óbvio — ser ladrão e tudo — e o palestrante convidado de hoje não era outro senão o próprio assustador diretor da escola, Dr. Facilier.

“Existem muitos tipos de ladrões”, disse o Dr. Facilier em seu sussurro

sedoso.

“Pode-se furtar uma loja no bazar, ou assaltar uma casa, ou roubar um riquixá.

Mas estes são, obviamente, exercícios mesquinhos. Mera brincadeira de criança.

Jay queria discutir. Afinal, ele tinha a gravata do Dr. Facilier em sua bolso, não foi? ***O que você está chamando de brincadeira de criança, velho?***

“Mas um verdadeiro vilão tem ambições maiores – roubar uma identidade, uma fortuna –

a vida inteira de alguém! Alguém pode me dar um exemplo de tal vilania?

Um enriquecimento tão grande? O bom médico examinou a sala.
“Sim, Carlos?”

Machine Translated by Google

“Minha mãe queria roubar cento e um cachorrinhos!” Carlos disse: quase em um grito. “Isso foi grande.”

“Sim, e esse foi um sonho extravagantemente maligno.” Dr. Facilier sorriu, e todos na sala estremeceram com a visão. "Alguém mais?

Exemplos?"

“Minha mãe roubou a magia de Rapunzel para se manter jovem?”

Gina Gothel ofereceu. “Rapunzel tinha cabelo... muito... grande?”

"Você tem um ponto lá. Um exemplo muito bom, certamente, de enriquecer através do abuso dos outros", o Dr. Facilier assentiu. Ele caminhou até o quadro-negro. “Agora, eu entendo que os estudantes avançados entre vocês têm seu projeto para Esquemas Malignos devido.”

Algumas cabeças assentiram, incluindo Jay e Carlos.

“Meu próprio esquema maligno foi o cúmulo do enriquecimento. Alguém sabe disso?

A sala estava em silêncio. O Dr. Facilier pareceu insultado. Ele murmurou algo sobre “crianças de hoje em dia” e retomou sua palestra.

“Para meu plano maligno, transformei o Príncipe Naveen em um sapo e fiz vodu para que seu valete se parecesse com ele. Meu plano era que seu valete se casasse com Charlotte La Bouff e, quando o fizesse, eu mataria o pai dela e ficaria com sua fortuna. Se eu tivesse conseguido, teria roubado a identidade de um homem e a fortuna de outro homem. Um golpe de enriquecimento!”

A turma aplaudiu. Um radiante Dr. Facilier curvou-se, rígida e rapidamente.

“Exceto que você falhou”, destacou Carlos, quando a sala ficou em silêncio novamente.

“Sim”, o Dr. Facilier meditou, seu rosto caindo. "Isso é verdade. Eu falhei.

Desastrosamente, infelizmente e decididamente. Eu fui um fracasso completo e absoluto. Não ganhei nem a princesa nem a fortuna. Daí a fundação do Dragon Hall, onde devemos aprender com nossos fracassos e ensinar a próxima geração de vilões a fazer o que não fomos capazes de fazer.”

Harriet Hook ergueu a mão. "O que é isso?"

"Preparar! Pesquisar! Seja mais malvado! Trabalha mais rápido! Pense maior! Dr.

Facilier insistiu. “Para que quando chegar a hora, quando a cúpula cair – e a magia nos for devolvida – e assim será, meus filhos, será;

mal como nós não pode ser contido – você estará pronto.”

Jay rabiscou em seu bloco de notas. ***Seja mais malvado. Pense maior.***

A grande pontuação.

Machine Translated by Google

Mais uma vez, seus pensamentos voltaram para o Olho do Dragão. Era o cetro de Malévola, e a busca pela sua recuperação era a missão de Mal. Não era sua missão e não era problema dele.

Mas e se fosse?

E se deveria ser?

Mal lhe pediu ajuda e ele a dispensou. Mas e se ele lhe dissesse que a ***ajudaria ?***

E se, quando o encontrassem, ele o roubasse bem debaixo do nariz dela? Ele estaria roubando uma fortuna e sua identidade como herdeira de Malévola de uma só vez, assim como o Dr. Facilier.

E se, por acaso, ainda funcionasse?

Seu pai finalmente teria seu Big Score. Jay teria seu esquema maligno. Entre os dois, eles encontrariam um caminho para sair da Ilha dos Perdidos, das Sobras e dos Esquecidos.

Eles não pertenciam mais àquele lugar, não é?

Jay sorriu. Ele iria enriquecer, tudo bem. Todo o caminho para se tornar o Mestre das Trevas.

Na hora do almoço, o resto da escola ainda estava falando sobre o grito épico da noite anterior no Hell Hall, mas Mal não tinha interesse. A festa era passado; ela seguiu em frente.

Ela tinha coisas maiores com que se preocupar agora. Ela só conseguia pensar em como sua mãe queria o Olho do Dragão de volta. E como Malévola não a veria como outra coisa senão a filha de seu pai – em outras palavras, uma humana patética e gentil – até que Mal pudesse provar que ela estava errada.

Mal não parava de reviver a conversa da noite anterior, tanto que perdeu as primeiras aulas e passou o resto sonâmbula. Ela chegou para seu seminário individual depois da escola com Lady Tremaine ainda se sentindo ansiosa e indisposta.

“Olá, Professor Tremaine, você queria me ver sobre minha maldade de um ano esquema?” ela perguntou, batendo na porta aberta dos tómos dos professores.

Lady Tremaine ergueu os olhos de sua mesa com um leve sorriso. "Sim, entre e feche a porta, por favor." Uma garrafa térmica cheia de vinho coalhado estava sobre a mesa à sua frente, o que não era um bom presságio. Lady Tremaine só bebia vinho azedo quando estava de mau humor.

Mal sabia que ela estava com problemas, mas obedeceu e sentou-se à

sua frente.

professor. "Então, como vai?

Machine Translated by Google

Lady Tremaine bufou. "E aí é esta... triste desculpa para um esquema maligno que dura um ano. Um rancor contra uma garota? Truques de festa? Brincadeiras? Isso está abaixo de você, Mal. Eu esperava mais de você. Você é meu melhor aluno. Ela pegou seu vinho e tomou um gole, fazendo uma cara apropriadamente enojada.

Você esperava mais? Você e todos os outros nesta ilha, Maly pensou mal-humorado.

Entre na fila.

“O que há de errado com meu esquema maligno?” ela perguntou.

— Simplesmente não é suficientemente mau — fungou Lady Tremaine.

Pinte dizendo.

Lady Tremaine olhou feio. “Eu preciso que você realmente coloque seu coração sombrio e alma suja nisso. Invente um esquema verdadeiramente perverso. Um que o levará às profundezas da depravação e às alturas da grandeza perversa das quais sei que você é capaz.

Mal chutou a mesa e franziu a testa. Ela pensou que seu plano maligno era muito perverso.

“Como o que? E como você sabe de que grandeza perversa eu sou capaz?

“Você é Mal, filha de Malévola! Quem não sabe disso?” Senhora Tremaine balançou a cabeça.

Você ficaria surpreso, pensou Maly.

Lady Tremaine continuou a bebericar seu vinho. “Tenho certeza que você vai inventar alguma coisa, querido. Afinal, você é filha da sua mãe. Espero algo verdadeiramente horrível e lendário para o seu esquema maligno. Algo que ficará para ***a história*** — disse Lady Tremaine, devolvendo-lhe o papel de Mal.

“Vou lhe dar um minuto para debater, se isso ajudar.”

Mal olhou para a proposta que ela havia escrito originalmente. No começo, ela se irritou com as críticas. Ela não queria ouvir.

O que havia de errado com isso? Foi mal, pura maldade. E foi ***ruim***, não foi? Derrubar uma princesa não era exatamente uma coisa legal de se fazer.

Ela iria fazer Evie pagar, não é?

E uma vingança, isso era um esquema maligno consagrado pelo tempo, não era?

Vilania clássica? O que havia de errado com isso?

Mal queria amassar o papel que tinha na mão. Ela não tinha tempo para isso. Ela tinha outras coisas em mente... sua mãe e o Olho do Dragão, por exemplo, aquele estúpido cetro amaldiçoado...

Ei, espere um minuto....

O que minha mãe disse sobre o Olho do Dragão?

Quem tocar no cetro será amaldiçoado e adormecerá por mil

anos.

Malévola só amaldiçoou o reino de Aurora para adormecer por cem **anos** depois que a Bela Adormecida espetou o dedo em uma roca. Essa maldição fez a vítima dormir por

mil.

Isso era dez **vezes** mais malvado, a menos que sua matemática estivesse errada. De qualquer forma, **muito** mais maldade. **Mais ou menos alguns zeros.**

Talvez ela devesse embarcar nessa busca, afinal.

E se de alguma forma, ao longo do caminho, ela fizesse acontecer que **Evie** fosse quem tocasse o Olho do Dragão...

Bem, esse seria o plano mais sórdido e perverso que a Ilha alguma vez testemunharia!

Um dois por um! Não, um jogo triplo – ela eliminaria a princesa e ganharia o respeito de sua própria mãe – bem como a competição de esquemas malignos da escola – tudo de uma vez.

Lady Tremaine estava certa. Todos esses pequenos truques que ela planejava pregar em Evie não eram nada comparados a **isso**. Se Mal mandasse Evie dormir por mil anos – bem, o que poderia ser mais desagradável do que isso?

Ou, mais precisamente, **quem?**

“Entendi!” Mal disse, pulando da cadeira e dando um grande abraço na assustada Lady Tremaine, apesar de seu melhor julgamento (e da respiração de Lady Tremaine). “Algo

tão maligno que ninguém viu antes – ou verá novamente!”

“Maravilhoso, criança! Fico muito feliz em ver você tão malvado”, fungou Lady Tremaine, levando um lenço ao olho. “Isso me traz esperança para o nosso futuro.

Exceto, você sabe. Esse **abraço**.”

Mal sorriu triunfante. Mesmo um abraço sentimental não poderia alcançá-la agora. Ela mal podia esperar para começar. O mal não esperou por ninguém.

Sua mente começou a girar.

Ela não poderia embarcar sozinha em uma missão maligna. Se ela estivesse indo para procurar uma agulha num palheiro, ou o Olho do

Dragão na ilha, ela precisaria de subordinados, seus próprios capangas para comandar, assim como sua mãe fizera. Ela teria que montar uma equipe de ataque – além disso, seria mais fácil conseguir que Evie fosse com ela se ela fizesse parte de um grupo.

Mas onde ela conseguiria seus próprios lacaios? Claro, sempre houve filhos dos capangas de Malévola. Exceto que aqueles caras parecidos com javalis fediam demais; e quanto aos goblins e chacais — bem, quem administraria a Slop Shop? Além disso, como ela havia notado antes, ela não falava Goblin. Além disso, ela

minha mãe continuou insistindo sobre como eles foram inúteis durante toda a missão da Bela Adormecida Amaldiçoada.

Passar.

Mal teria que encontrar sua própria equipe. Sua própria equipe de braços direitos e uma mulher sim em particular.

Onde começar?

Ela precisaria de alguém que conhecesse a ilha de cabeça para baixo e de lado.

Alguém com quem se pudesse contar se encontrasse algum problema, sendo ele próprio um monte de problemas.

Alguém que sabia como colocar as mãos no que queria.

Ela só precisava convencê-lo a se juntar a ela.

Talvez ela pudesse prometer a ele algum tipo de recompensa, ou algo assim.

Já estava escuro quando ela saiu da escola e foi direto para a Loja de Sucata de Jafar.

chapter
15
—
Thick as Thieves

Machine Translated by Google

Mal jogou pedrinhas na vitrine da loja de sucata, fazendo-as cair o peitoril. “Jay! Você está aí?” ela gritou e sussurrou. “Jay! Sair! Quero falar com você!” Ela atirou mais algumas pedras novamente.

“Quem está fazendo esse barulho infernal? Ninguém sabe como ligar para um campainha hoje em dia? Jafar exigiu enquanto abria a janela e colocava a cabeça para fora. Ele estava prestes a lançar uma série de maldições quando viu quem estava do lado de fora. “Oh, meu querido Mal”, disse ele, com a voz ainda tão sedosa como quando aconselhava

o sultão. “Como posso ser útil?”

Mal estava prestes a se desculpar quando lembrou que as fadas negras **nunca** se arrependem. “Estou procurando Jay”, disse ela, tentando parecer tão autoritária quanto sua mãe.

“Ora, sim, claro”, disse Jafar. “Eu vou informá-lo. Por favor, entre. Houve uma pausa e então Jafar gritou com uma voz estrondosa: “JAY! MAL QUER

VOCÊ!

“LÁ EM UM SEGUNDO!” Jay gritou de volta.

“Qual é o problema com vilões e pássaros?” perguntou Mal, entrando na loja de sucata e encontrando Iago no ombro de Jafar. Ela pensou em como Malévola deu tanto carinho a Diabolo.

“Com licença?” Jafar perguntou, enquanto Iago estreitava os olhos redondos para Mal.

Machine Translated by Google

"Nada."

Jay apareceu. "Oh, ei, Mal, engraçado você estar aqui, eu estava prestes a ir no seu caminho. Devíamos conversar mais sobre isso..."

"Aquela tarefa de casa", disse Maly, lançando olhares de adaga para ele.

Ninguém mais poderia saber sobre o Olho do Dragão.

“Certo, sim. Trabalho de casa. Obrigado, pai, eu assumo a partir daqui”, disse Jay, indicando incisivamente para seu pai ir embora.

Jafar envolveu-se no manto e bufou, com Iago gritando e voando atrás dele.

“Existe algum lugar onde possamos conversar?” Mal perguntou quando ela e Jay finalmente ficaram sozinhos.

Jay apontou para a loja de sucata. “O que há de errado aqui?”

Mal olhou ao redor da loja bagunçada, notando algumas coisas que eram dela na pilha e pegando-as de volta sem comentar. Ela supôs que era um lugar tão bom quanto qualquer outro —

e falando sério, o que ela estava escondendo, afinal? Não era como se alguém fosse roubar o Olho do Dragão de Malévola. Quem seria burro o suficiente para fazer isso...?

Ela semicerrou os olhos para Jay, que inspecionava um copo que tirara do bolso. Seus olhos escuros brilharam com malícia.

“Onde você conseguiu isso?” ela perguntou. “O que é?”

“Eu não sei. Reza o tinha em sua bolsa. Ele foi todo protetor sobre isso, então eu peguei isso”, Jay explicou com um sorriso malicioso.

Mal fez um gesto impaciente. Ela mal podia esperar para começar e não podia se dar ao luxo de se distrair. “Escute, eu sei que você acha que não podemos, mas precisamos descobrir como encontrar o Olho do Dragão. Quero dizer, ele comanda todas as forças das trevas quando funciona. E quem sabe?

A magia pode retornar à ilha um dia.”

Jay ergueu as sobrancelhas. “Sim, eu estava prestes a dizer a mesma coisa.”

“Realmente?” ela perguntou, chocada por ele ter demorado tão pouco para ser convencido. Ela começou a ficar um pouco desconfiada.

Jay soprou nas unhas. “Sim. Quer dizer, vamos lá, se realmente está aqui, precisamos colocar as mãos nele. Mas você tem certeza de que sua mãe está certa? Quero dizer, ela é um pouco maluca.

Mal revirou os olhos. “Você não pode negar a volta de Diabolo. Ele estava congelado em pedra, mas ele está vivo agora. Ele já comeu

quase tudo que está em nossos armários.”

Machine Translated by Google

"Uau."

"Eu sei direito?"

“Iago é o mesmo. Acho que ele come mais do que eu e papai juntos.”

Eles compartilharam uma risada.

“Ok, ótimo, eu esperava começar a pesquisar o mais rápido possível”, Mal disse, disposto a ignorar a possibilidade de Jay estar apenas concordando em ajudar por seus próprios motivos egoístas. Ela poderia lidar com ele.

Jay estava prestes a dizer algo quando se virou, com reflexos rápidos e desconfiados.

"O que é esse barulho?" ele perguntou, no momento em que a porta da sala dos fundos caiu e Jafar caiu, Iago sentado de bruços.

“Eu disse que você era gordo demais para se apoiar naquela porta!” Iago repreendeu.

Jafar fez uma tentativa corajosa de recuperar sua dignidade e levantou-se para tirar a poeira e os detritos de seu cabelo. “Ah, íamos perguntar se vocês dois queriam jantar, não é, Iago? Mas não pudemos deixar de ouvir... perdoe-me se estivermos errados, mas você disse que o cetro Olho de Dragão de Malévola está perdido em algum lugar desta ilha?

Jafar perguntou, seus olhos escuros brilhando.

Mal estreitou os olhos para Jay, repreendendo-o mentalmente por não ter encontrado um lugar adequado para conversarem em particular. Mas estava claro que era tarde demais e Jafar já sabia de tudo.

Jafar olhou solenemente para os dois adolescentes à sua frente. "Me siga, é hora de termos uma conversa de verdade.

Ele os levou para sua sala de estar privada nos fundos da loja, um recanto aconchegante cheio de cortinas em tons de pedras preciosas e tapetes orientais, almofadas de cetim tufadas e luminárias e arandelas de latão que davam ao ambiente um ar triste, exótico e desértico.

Jafar sentou-se em um dos sofás longos e baixos e fez sinal para que se acomodassem nos pufes. “Quando fui libertado da minha garrafa de gênio e trazido aqui para esta ilha amaldiçoada, enquanto voava pelo ar, vi o que a princípio parecia apenas uma floresta comum, mas após uma observação mais detalhada era na verdade um castelo negro coberto de espinhos.”

“Outro castelo?” Mal perguntou. “Coberto de espinhos, você diz? Mas isso significaria... isso é...”

O verdadeiro castelo de sua mãe. O Castelo da Barganha era alugado.

Não foi deles verdadeiro lar. ***A Fortaleza Proibida***. Não era assim que se chamava a verdadeira casa de sua mãe? Mal nunca prestou atenção suficiente, mas certamente parecia familiar. E onde mais poderia estar senão na Ilha dos Perdidos?

Machine Translated by Google

Jafar puxou sua barba desganhada. "Sim. Mas infelizmente não posso ter certeza de onde exatamente está. Esta ilha é muito maior do que você pensa, e você pode procurá-la para sempre e nunca encontrá-la, especialmente se estiver escondida na zona proibida."

Em lugar nenhum, como era chamado pelos cidadãos da Ilha.

"Nunca!" repetiu Iago com um arrepio nas penas.

"Foi o que eu disse." Jay assentiu.

"Eu tinha esquecido completamente de ver a fortaleza até agora, quando você mencionou o retorno de Diablo e seu testemunho de que ele próprio viu o Olho do Dragão", disse Jafar. "E se a fortaleza estiver na ilha, talvez não seja tudo o que está escondido na névoa."

"Mas por que estaria aqui?" Jay perguntou, inclinando-se de joelhos e olhando atentamente para o pai.

"Essas coisas eram perigosas demais para serem mantidas em Auradon. E com magia impossíveis pela cúpula, eles são inofensivos agora. Mas se recuperarmos o que é nosso por direito, talvez um dia possamos ter uma chance contra essa barreira invisível."

"Diablo jura que o Olho do Dragão voltou à vida. O que significa que talvez o escudo não seja tão impenetrável quanto pensávamos", disse Mal. "Mas ainda estamos sem saber exatamente onde está. Não há exatamente um mapa para lugar nenhum."

"Podemos tentar o Ateneu do Mal", disse Jay prontamente.

"A Anthe-quê do Mal?"

"A Biblioteca de Segredos Proibidos em Dragon Hall – você sabe, aquela porta trancada onde ninguém deveria entrar. Aquele com uma grande aranha protegendo-o."

Mal balançou a cabeça. "Você realmente acha que isso é alguma coisa? Eu sempre pensei era apenas uma forma de manter os alunos do primeiro ano fora do consultório do Dr. Facilier."

"Bem, temos que começar de algum lugar. E lembro-me do Dr. F ter mencionado em Enriquecimento que a biblioteca contém informações sobre a história da ilha.

"Desde quando você presta atenção nas aulas?" Mal perguntou com desgosto.

"Escute, você quer minha ajuda ou não?"

Jay tinha razão. Foi um começo, e ela aprendeu mais sobre a ilha numa noite na loja de sucata do que em dezesseis anos. "Tudo bem."

“Iremos amanhã, bem cedo”, disse Jay alegremente. “Encontre-se primeiro no bazar para comprar suprimentos, assim que o mercado abrir.”

Machine Translated by Google

Mal fez uma careta. Ela odiava acordar cedo. “O que há de errado com esta noite?”

“A orquestra vai fazer um concerto esta noite, haverá muitas pessoas em volta. Amanhã é sábado: ninguém estará lá. Mais fácil.”

Maly suspirou. "Multar. A propósito, obrigado pela sua ajuda, Jafar."

"É um prazer", disse Jafar com um sorriso torto. "Boa noite."

Quando Mal se foi, Jay sentiu o pai deslizar até ele e enfiar os dedos na manga. "E aí?" ele perguntou, embora já soubesse.

"O Olho do Dragão", Jafar arrulhou.

"Eu sei eu sei." Jay assentiu. Seria a maior pontuação do ano.

"Eu odiaria pensar que você está traindo seu amigo", disse Jafar com uma expressão triste no rosto.

"Não se preocupe, pai. Nenhum de nós tem amigos", Jay zombou.
"Menos ainda, Mal."

Como haviam combinado, na manhã seguinte, Jay encontrou Mal no mercado lotado para que pudessem "pegar" (leia **deslizar**) suprimentos para a jornada em busca da fortaleza. Jay ficou para trás e pegou um monte de frutas de algumas barracas, enquanto Mal parou na barraca de uma cartomante e trocou um par roubado de brincos apenas levemente **lascados**

por um baralho de tarô esfarrapado.

"Para que servem isso?" Jay perguntou.

"Ninguém tem permissão para entrar na biblioteca, certo? Onde todos esses documentos estão trancado e selado..."

"E a única pessoa que tem a chave é o Dr. F, e ele adora cartas de tarô."

"Fico feliz em ver que você está acordado", respondeu Maly.

"Então, até que ponto você tem certeza sobre tudo isso? Quero dizer, um pouco de certeza? A muita certeza? Só quero algo para fazer, com certeza? — perguntou Jay, fazendo malabarismos com alguns pêssegos machucados.

"Não sei. Mas tenho que pelo menos **tentar** encontrar a fortaleza, especialmente se o Olho do Dragão estiver lá. Além disso, você não acha estranho que nunca tenhamos saído da aldeia? Quero dizer, esta ilha é bem pequena e nunca tentamos **dar** uma olhada."

Machine Translated by Google

“O que há para ver? Você mesmo disse: provavelmente estamos indo para lugar nenhum.

“Mas se de alguma forma houver um mapa da ilha na biblioteca, saberemos exatamente **para onde** em lugar nenhum deveríamos ir para encontrar a fortaleza.

Há algo lá fora, além da aldeia. Eu sei isso.”

“Mas digamos que conseguimos o Olho do Dragão e isso não pode **ser feito**.

qualquer coisa?" Jay perguntou.

“Diablo jura que ganhou vida!”

"Mas como? Não há magia na Ilha. Nada.”

“Bem, talvez haja um buraco na cúpula, ou algo assim”, disse Maly.

“Um buraco?” zombou Jay.

“Eu te disse, não sei; tudo que sei é que o corvo jura que viu a faísca, e minha mãe quer que eu vá buscá-la, como se eu fosse uma garota de recados. Se você for covarde demais para vir comigo, então volte e roube mais algumas porcarias para sua loja de sucata”, disse Maly, irritado.

“Eu não sou covarde!”

“Sim, mais parecido com um papagaio”, disse Maly.

Jay suspirou. Ela o tinha lá. “Tudo bem,” ele resmungou. “Talvez você esteja certo: talvez haja **um** buraco.”

chapter
16
—
Lifelong Frenemies

Machine Translated by Google

As vozes briguentas de Mal e Jay se espalharam pelo mercado, e Evie não pôde deixar de ouvir. Ela estava no bazar para sua primeira viagem de compras.

Como nada havia acontecido com Evie por ter saído do castelo e ido para a escola, a Rainha Má estava mais convencida do que nunca de que Malévola havia esquecido seu banimento, ou pelo menos não se importava com o fato de eles terem retornado. A Rainha Má estava tão animada por estar de volta à vila que corria de loja em loja,

cumprimentando todo mundo e enchendo seu carrinho com todos os tipos de elixires que desafiavam o envelhecimento e novos regimes de beleza.

Evie semicerrou os olhos para seus rostos. Mal estava carrancudo e Jay parecia irritado.

como de costume. Ela estava imaginando ou os ouviu dizer algo sobre um buraco na barreira mágica? A lembrança daquela explosão de luz que saiu da invenção de Carlos na noite da festa veio rapidamente a ela.

“Vocês estão falando sobre um buraco na cúpula?” ela perguntou, aproximando-se dos dois.

Mal ergueu os olhos com desconfiança, mas quando viu Evie, sua voz ficou grossa como mel. “Ora, Eva! Você é exatamente a pessoa que eu estava procurando”, disse ela.

"Ela é?" Jay perguntou, confuso.

Machine Translated by Google

“Sim, ela é”, disse Mal definitivamente. “Agora, o que você estava dizendo sobre a cúpula?”

Evie se perguntou se deveria contar a eles o que sabia. Ela sabia que não podia confiar em Mal e tinha a impressão de que Jay estava por trás do colar desaparecido com coração venenoso. Ela não o via desde a festa e suspeitava que ele o tivesse levantado quando pegou a capa dela naquela noite.

“Nada”, ela disse.

“Conte-nos”, insistiu Jay, cruzando os braços.

"Por que eu deveria?" Evie fungou. Mal a prendeu em um armário! E Jay não era melhor, na verdade — o pequeno ladrão.

“Porque”, disse Jay. Então ele ficou perplexo. “Hum. Porque se você não fizer isso, Mal vai amaldiçoar você? ele acrescentou, embora ele próprio não parecesse convencido.

“Se você não percebeu, não há magia nesta ilha”, disse Evie com raiva.

“Ainda não”, disse Maly. “Mas pode haver um dia.” Ela pegou o braço de Evie e sussurrou: “Olha, eu sei que não começamos com o pé direito, mas acho que deveríamos deixar o passado para trás. É uma ilha pequena e não deveríamos ser inimigos.”

"Realmente?"

“Totalmente”, disse Mal com seu sorriso mais doce.

Evie sabia que Mal não estava sendo sincero, mas estava intrigada o suficiente para concordar.

Ela estava prestes a contar o que sabia sobre a cúpula quando a Rainha Má saiu do Bits and Bobs, vestindo um moletom de veludo preto com a palavra QUEEN

bordada em seu traseiro. “Evie! Eu tenho uma nova sombra para você! Oh!” ela disse, quando viu que Evie não estava sozinha. “Se não for Mal!” ela acrescentou nervosamente. "Como você está, querido? Como está sua mãe? Ela está aqui? Ela ainda está brava comigo?

“Uh...” Maly piscou.

Evie desejou que a mãe parasse de falar, mas é claro que esse desejo foi infrutífero. Sua mãe continuou a balbuciar nervosamente. “Diga a sua mãe para vir me ver algum dia. Eu ficaria feliz em fazer uma reforma nela! Eu vi as fotos dela no jornal. Ela está parecendo um pouco verde ultimamente. Ela precisa de uma base mais forte”, disse a Rainha Má.

“Vou, ah, avisá-la”, disse Maly.

Machine Translated by Google

“Faça isso, querido! E se assim posso dizer, seu cabelo roxo é fabuloso!

Realmente destaca suas maçãs do rosto! Rainha Má jorrou.

"Obrigado? Eu acho?" — disse Mal, que parecia claramente desconfortável.

Jay riu. “Aceite o elogio, Mal. Desculpe, Rainha Má, Mal não está acostumada com elogios. Você sabe que Malévola não tem interesse

em beleza, a menos que ela possa ser usada para convencer alguém a fazer sua vontade.

"Certo. Vamos, Evie", disse a mãe.

"Oh, Evie pode sair com a gente?" perguntou Mal com um sorriso meloso. "Nós estávamos prestes a comprar alguns lanches não saudáveis no Slop Shop."

Evie estava dividida. Por um lado, ela sabia que deveria ficar longe de Mal se quisesse estar segura, mas por outro, ela nunca conseguia sair com crianças da sua idade.

A Rainha Má assentiu. "Claro! Te vejo em casa, querido. Ao sair, ela murmurou:

"Reaplique seu brilho labial!".

Quando a mãe desapareceu no meio da multidão, Evie retomou a conversa de onde haviam parado. "Vocês querem saber sobre o buraco na cúpula ou não?"

Mal e Jay trocaram olhares. "Claro que sim", eles disseram em coro.

Eve encolheu os ombros. "Bem, algo aconteceu na noite da festa que pode ter a ver com a cúpula."

"Isso está certo?" perguntou Mal com uma sobrancelha levantada.

"Você precisa falar com Carlos", disse Evie. "Ele sabe o que aconteceu."

Ela estremeceu com a lembrança, com a luz brilhante que emanava daquela pequena máquina. Por um segundo, ela ficou preocupada que eles tivessem quebrado o universo de alguma forma. Ela ainda se lembrava da sensação vibrante e aguda de eletricidade no ar. Parecia... mágica.

"Carlos? Por que? O que ele tem a ver com alguma coisa? Mal exigiu quando eles passaram por uma tenda que vendia lenços coloridos, e Jay praticou seu parkour correndo pelas paredes e telhados.

"Porque foi ele quem fez isso", disse Evie.

"Fez o que?"

"Fez um buraco na cúpula."

Jay soltou uma risada e caiu ao lado deles. “Sim, certo, como se aquele carinha pudesse dar um soco em qualquer coisa. Vamos, Mal. Temos trabalho a fazer.”

Ele começou a se virar.

Evie olhou para Mal. Mal olhou para Evie.

“Não estou mentindo”, disse ela a Maly.

“Não pensei que você estivesse”, disse Mal, com seus olhos verdes brilhando. Evie os encontrou com seus calmos azuis. Finalmente Mal disse: “Tudo bem”.

"Você realmente acredita nela?" Jay ficou boquiaberto, parecendo Iago.

“Acho que precisamos verificar tudo”, disse Mal.

“Mas estamos indo para Dragon Hall”, disse Jay.

“Não, iremos primeiro para Hell Hall. Quero falar com Carlos”, Mal decidiu. “E você vem conosco, Evie.”

Evie não discutiu com isso. Algo grande estava acontecendo. Algo tinha começado, na noite em que Carlos ligou aquela máquina. E contra seu melhor julgamento, Evie queria ver como isso terminaria.

Então, eles foram para Hell Hall; mas agora os dois eram três.

chapter

17

Do You Believe in Magic?

Machine Translated by Google

Mais um dia de liberdade antes que sua mãe voltasse para casa. Carlos pesquisou seu domínio. Considerando que tinha sido sede de uma festa bastante épica no início da semana, não parecia tão ruim. A Broomba fez maravilhas. Por outro lado, o lugar sempre estava um pouco em ruínas, então quem notaria?

O cavaleiro de ferro que se erguia sobre a escada estava tão sólido como sempre, as cortinas tão pesadas e empoeiradas, o papel de parede desbotado e os buracos nas paredes dando aquele toque de

ruína que outros decoradores da ilha tentaram copiar, sem sucesso.

Carlos estava desfrutando da rara e relativa paz em sua casa quando ela foi abalada pelo som da aldrava da porta da frente batendo tão forte que ele tinha certeza de que seu eco estrondoso poderia ser ouvido por toda a ilha.

Ele abriu a porta e a fechou quando viu quem estava atrás dele.

porta. “Vá embora, Mal, você não fez o suficiente?” ele gritou de dentro de casa.

"Abra! É importante!" Jay exigiu.

"Não!"

“Carlos!” Essa era a voz de Evie. “Algo aconteceu com aquela sua máquina outra noite. Algo grande!”

Machine Translated by Google

Espere o que? Evie havia contado a eles sobre sua invenção? Mas ela havia prometido! Ele abriu um pouquinho a porta, de modo que apenas seu olho esquerdo estava à mostra. "Você contou a eles o que aconteceu?" ele disse acusadoramente.

"Eu confiei em você!"

Evie implorou: "Vamos, abra! Eu trouxe um travesseiro para você!"

Carlos abriu a porta com má vontade. "Multar. Vocês podem entrar. Mas dessa vez nem pense em trancar ninguém no armário, Mal! Ele se virou para Evie. "É feito de penugem de ganso?" ele perguntou entusiasmado. Ele realmente não acreditava que ela lhe traria um.

"Sim, os abutres que o trouxeram disseram que o goblin que o encontrou jurou que é de um dos castelos de Auradon", disse Evie, entregando-lhe um travesseiro em uma fronha de seda azul com uma insígnia real.

Ele aceitou o travesseiro e os levou para a sala, empurrou alguns esvaziou balões pretos do sofá e olhou carrancudo para eles. "Bem, o que minha máquina fez?" ele perguntou.

Mal ergueu uma sobrancelha e imediatamente se arrependeu do tom de voz.

"Quero dizer, gostaria de me esclarecer?" ele perguntou educadamente.

"Evie?" incitou Mal.

Eva respirou fundo. "Ok, então na noite da festa, Carlos ligou essa máquina que ele inventou – é uma caixa que procura algum tipo de sinal que permite assistir outros programas de TV – certo, Carlos?"

Carlos assentiu. "E música, e muitas outras coisas, através de ondas de rádio."

"Então, quando ele ligou naquela noite, ele soltou uma enorme explosão de luz!" ela disse sem fôlego. "E abriu um buraco no telhado da casa na árvore! Vimos passar direto pela cúpula!"

Carlos assentiu.

"E a TV de repente ganhou vida com todas essas cores! E teve vários shows novos!"

Não apenas os habituais Dungeon Deals e os bate-papos Fireside do King Beast!

"Mas como isso prova que ele rompeu a cúpula?" perguntou Mal, que parecia cético e Carlos não podia culpá-la. Ele mesmo dificilmente acreditou.

"Porque nunca vimos esses shows antes! O que significa que o sinal

não veio da estação retransmissora na Ilha dos Perdidos. O que significa que deve ter vindo de uma rede proibida em Auradon... — disse Evie.

Machine Translated by Google

“O que significa...” Carlos cutucou.

“A explosão rompeu a cúpula. Por um segundo”, Evie terminou triunfantemente.

Mal virou-se para Carlos. “Você realmente acha que sua máquina fez isso?”

“Poderia ter sido”, ele admitiu.

“Você acha que existe a possibilidade de permitir a entrada de magia, e não apenas de ondas de rádio?”

“**Magia** entrou? Não sei. Por que? Você sabe algo que nós não sabemos?”

Tinha que haver uma razão para Maly estar aqui. Ela tinha que ter algum tipo de ângulo sobre isso. Mal nunca prestava atenção em ninguém, a menos que quisesse alguma coisa. O que ela queria?

Ele podia vê-la avaliando suas opções. Ela contaria a eles? Ela não o conhecia muito bem, exceto para provocá-lo, e pelo que ele observara até agora, Mal não gostava nem um pouco de Evie. Jay poderia estar envolvido nisso — ele tinha que estar, caso contrário **não** estaria aqui.

“Multar. Vou contar para vocês”, Maly disse finalmente. “Jay já sabe. Mas isso tem que ficar entre nós. E Evie, sem backsies escondidos.

Evie ergueu as mãos em protesto.

“Ok, então na noite da festa, o corvo da minha mãe, Diabolo – que foi transformado em pedra pelas três chamadas fadas ‘boas’ vinte anos atrás, voltou à vida. E Diabolo jura que viu o Olho do Dragão, o cetro perdido de minha mãe, ganhar vida também.”

Carlos olhou para ela e ninguém falou por um longo momento.

“Mas isso significaria...” Carlos disse, seus olhos piscando rapidamente como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

“Magia! Essa magia conseguiu penetrar na cúpula por um segundo!”

Jay disse entusiasmado. Ele ficou em silêncio até agora, olhando ao redor do Hell Hall, provavelmente para ver se havia perdido alguma coisa boa da outra noite.

O próprio Carlos ainda estava tentando processar o que Mal lhes contara. Uma coisa era assistir a novos programas de televisão, mas outra bem diferente era ouvir que a **magia** havia penetrado a barreira invisível e que o cetro perdido de Malévola – a arma negra mais poderosa do universo – havia sido trazido de volta à vida.

“Sim”, disse Maly. “Diablo jura que é verdade. E agora minha mãe me encarregou de recuperar o Olho do Dragão. Caso isso aconteça novamente, a magia retornará. Para que *desta* vez ela esteja pronta.”

Machine Translated by Google

Jay tossiu. “E então, hum, deveríamos pegar a estrada, Mal, antes que fica tarde demais”, disse ele. “Você sabe que odeio perder uma refeição.”

Carlos podia simpatizar com isso, especialmente porque as refeições

eram tão raras.

"Espere um minuto. Antes de irmos, quero ver essa caixa dele", disse Mal, apontando para Carlos.

Carlos estava prestes a discutir, mas decidiu que era mais sensato deixar Mal fazer o que queria. "Tudo bem", disse ele. "Deixe-me ir buscá-lo." Ele correu pelo caminho seguro até o armário da mãe e voltou com a máquina.

Ele entregou-o a Mal, que o inspecionou de perto. Ela sacudiu, colocou sua orelha e encolheu os ombros. Para ela, parecia uma caixa normal, nada de especial e certamente não poderosa o suficiente para romper a cúpula.

"Você pode fazer funcionar de novo?" ela perguntou.

"Eu não tentei."

"Tentar."

Ele hesitou por um momento, depois mexeu em alguns botões e olhou com medo no teto. "OK. Aqui vamos nós." Ele apertou o interruptor.

Nada aconteceu.

Ele tentou novamente.

Novamente, nada.

Ele balançou sua cabeça. "Desculpe. Talvez tenha sido apenas um acordo único.

Mal cruzou os braços, parecendo frustrada. Carlos conhecia aquele olhar – significava que ela estava prestes a explodir. E se Mal pensasse que eles estavam apenas brincando com ela? Deixá-la pensar que eles haviam feito uma descoberta, quando o tempo todo estavam apenas zombando dela? Ele tinha que pensar em alguma coisa....

"Quer ver o buraco no teto?" Ele ofereceu. Se Mal quisesse uma prova, ele poderia dar-lhe uma prova.

Mal pensou nisso por um minuto. "Claro, por que não."

Carlos os levou para sua casa na árvore e os quatro inspecionaram o teto. Definitivamente estava lá, um pequeno buraco negro perfeitamente redondo.

“Rad,” pronunciou Jay, batendo os punhos com Carlos.

Carlos sorriu com orgulho. Ele ainda estava abraçando seu novo travesseiro. Ele estava ansioso para experimentar em breve. Ele realmente dormiria a noite toda pela primeira vez sem se mexer e se virar?

Mal olhou para o teto. “Não sei o quanto acredito que sua pequena invenção realmente abriu um buraco na cúpula invisível, mas Jay está certo, devemos ir.”

Carlos suspirou, sem saber se deveria ficar aliviado ou angustiado. Mal estava prestes a sair da sala quando a caixa preta em sua mesa começou a apitar de repente.

Bip.

Bip.

Mal se virou e olhou para ele. “Por que está fazendo isso?” ela perguntou.

Carlos correu para verificar. “Não sei, mas está apitando desde que abriu um buraco no telhado e na cúpula.”

“Talvez esteja procurando um sinal?” disse Evie com entusiasmo.
“Talvez sinta alguma coisa.”

“Como o que?” ele perguntou, olhando para esta invenção com algo parecido com admiração. Ele nunca pensou que realmente funcionaria. Mas se Diabolo estivesse certo, então essa coisa dele poderia ter realmente quebrado a barreira mágica. E agora Evie estava insinuando algo mais? Ele só esperava ter um vislumbre do mundo exterior, e não trazer a magia de volta à ilha.

“Sim, o que você quer dizer, Evie?” perguntou Maly.

“Talvez agora ele sinta o Olho do Dragão! Você disse que nunca foi feito isso antes.

Talvez seja porque isso nunca aconteceu antes. Nunca teve nada com que conversar”, disse Evie, com bastante astúcia.

“Você acha que poderia estar se comunicando com o Olho do Dragão?” perguntou Maly.

“Como uma bússola. Ou um farol de localização”, disse Jay. Seus olhos brilharam enquanto ele estudava a máquina com avidez, e Carlos colocou uma mão protetora em sua invenção. Provavelmente Jay já estava calculando quanto poderia conseguir por algo parecido na loja.

“Poderia ser”, disse Evie.

“Ela pode realmente ter razão”, disse Carlos.

“Um farol”, repetiu Mal.

“Eu só estava adivinhando”, disse Evie. “Não sei nada sobre nada.” Carlos quis dizer a ela que ela estava se vendendo pouco, quando percebeu que sempre fazia a mesma coisa.

“Não, você não quer”, disse Maly bruscamente. “Mas você ainda vem conosco.”

Evie deu um pulo para trás. "Com você? Onde? Eu concordei em ir para a casa do Carlos, mas... — Ela balançou a cabeça e puxou a capa com força sobre os ombros.

"Eu não estou indo a lugar nenhum."

“De jeito nenhum, você tem que nos ajudar a encontrar o Olho”, disse Mal. “Você é natural neste. Você é tão bom nisso. Eu preciso de ajuda e você quer me ajudar, não

Machine Translated by Google

você? Você não quer ser meu amigo? Eu quero ser seu, Evie.

“Ah, eu... eu não sei...”

“Silêncio! Está acordado. E eu aceito isso, muito obrigado”, disse Maly, pegando a caixa.

"Sem chance!" Carlos disse, enquanto Mal tentava arrancar isso dele.

Mal puxou-o para o lado dela. “Solte, Carlos!” ela rosnou.

Ele puxou de volta. Ela não estava aceitando. Ele mesmo fez isso!

Maly olhou furioso. "Quero dizer! Deixe ir, ou você vai se arrepender!

Carlos balançou a cabeça, tremendo todo.

"Multar. Você ganha. Fique com a caixa, Carlos, mas você terá que vir conosco se quiser! Mal ordenou.

"Volte novamente? Vá com você... para onde? Sem chance. Ele não ia em qualquer lugar. Especialmente em qualquer lugar perigoso.

Mal contou a ele sobre a fortaleza proibida escondida na ilha e onde poderia estar e como eles deveriam encontrá-lo.

“Não, eu não vou para lugar nenhum! Vou ficar aqui mesmo”, disse Carlos, cruzando os braços.

“Você vai fazer o que eu digo, seu pequeno...” ameaçou Mal.

Carlos abriu a boca para argumentar, mas pensou melhor. No final, foi **Malévola** quem quis recuperar seu cetro, não apenas Mal; e se alguma vez chegasse à Senhora das Trevas a notícia de que ele se opôs ou impediu a busca de alguma forma, ele poderia muito bem

começar a se chamar de Slop, porque é isso que ele seria.

“Ok, tudo bem, eu vou. Mas só se Evie for também”, disse ele.

“Evie?” perguntou Maly. — Você vem, não é, querido?

Eve suspirou. “Tudo bem”, ela disse. "Multar. Acho que irei. É melhor do que ficar olhando no espelho o dia todo em busca de falhas.”

“Então estamos bem?” perguntou Jay. “Quatro de nós procurando pelo Olho do Dragão?”

"Eu acho que sim. E acho que quero saber o que essa coisa realmente fez”, disse Carlos. “Se realmente **abriu** um buraco na cúpula e deixou a magia entrar na ilha.”

Como se em resposta, a máquina apitou.

Bip!

Maly assentiu. “Tudo bem, então vamos. Temos uma biblioteca para invadir e um mapa para encontrar.”

Machine Translated by Google

“Ainda não ”, disse Carlos, levantando a mão. “Não podemos ir a lugar nenhum até que minhas tarefas terminem. E é dia de lavar roupa.”

chapter

18

Once Upon a Dream

Machine Translated by Google

Sua mãe era uma beldade famosa numa terra de beldades famosas, e por isso Era de se esperar que a princesa Audrey, filha de Aurora, fosse dotada da mesma voz melodiosa, lindos cabelos grossos, pescoço de cisne e olhos profundos e escuros que poderiam afogar um príncipe em seu abraço caloroso.

Como um gatinho cheirando erva-de-gato - ou talvez como uma ilha de ex-banidos vilões sentindo magia – dificilmente se poderia esperar que um jovem príncipe resistisse a encantos tão brilhantes e cheios de

covinhas. Na verdade, a Princesa Audrey, tal como a sua mãe antes dela, era exactamente o tipo de princesa que dava às princesas a sua reputação de princesa – até ao último cacho perfeito e ao último cristal costurado no seu vestido de seda.

E foi então até a Princesa Audrey que o Príncipe Ben foi no dia seguinte, para lamber as feridas e buscar algum conforto após a desastrosa reunião do Conselho do Rei – como o gatinho desanimado e em busca de erva-de-gato que ele era.

“É uma bagunça”, ele disse a ela enquanto caminhavam pelo jardim do “Chalé”, como o grande castelo de Aurora e Phillip foi apelidado depois que o rei Hubert declarou que o palácio de quarenta quartos era um mero lar inicial para os recém-casados reais. . “Para começar em casa?” Aurora havia dito. “O que você possivelmente está imaginando que começaremos? Um abrigo para gigantes sem teto?” O rei não gostou de ouvir isso, mas Aurora era uma garota simples e tinha

Machine Translated by Google

viveu como Briar Rose durante dezoito anos de sua vida em uma cabana de verdade na floresta, então ela achou o castelo mais do que espaçoso o suficiente para sua família.

(E pelo menos um ou dois gigantes perdidos que passam.)

"Então o que acontece agora?" Audrey perguntou, parecendo perfeitamente encantadora com uma flor no cabelo. Naturalmente, combinava com o forro de seda do corpete rosa empoeirado.

“Certamente não se pode esperar que mesmo um príncipe faça tudo certo na primeira vez que tenta?”

É fácil para você falar, pensou Ben.

Uma pomba pousou no ombro de Audrey, arrulhando docemente. Audrey levantou uma unha rosa pálido e a pomba acariciou suavemente a ponta do dedo. Ben se viu procurando pelo retratista real.

Ben disse.

De alguma forma, mesmo a visão de sua linda namorada não foi suficiente para melhorar o humor sombrio do príncipe. “Papai diz que preciso fazer outra reunião para consertar isso. Ele está desapontado, é claro, e teve que enviar cestas conciliatórias com seus bolos de creme favoritos para todos que estavam lá, então ele não está de bom humor. Você sabe o quanto ele gosta de bolos cremosos.

“Fosco ou descongelado?” Audrey perguntou. “E com groselhas ou chocolates?”

“Ambos os tipos”, disse Ben, suspirando novamente. “Mais de uma dúzia cada. Mamãe acha que é a única maneira de fazer as pazes, embora papai tenha ficado um pouco irritado por dar tantas de suas guloseimas favoritas.”

“Eles são bastante bons.” Audrey sorriu. “E todo mundo adora bolo.”

Ben desejava que Audrey pudesse ser mais compreensiva, mas sua vida foi encantada desde o início como a princesa mimada de dois pais amorosos - especialmente Aurora, que foi separada de sua própria mãe e forçada a passar seus anos de formação em um lar adotivo de fadas, sob a ameaça de uma maldição mortal. “**Minha** filha nunca conhecerá nada além de amor, beleza, paz e alegria”, declarou Aurora. E ela quis dizer isso. Portanto, não era difícil entender agora por que Audrey não conseguia entender como Ben poderia decepcionar os pais.

Ela nunca teve.

E ela nunca o fará, pensou ele.

Como quase tudo em Auradon, Audrey era perfeitamente doce, perfeitamente gentil e, se Ben fosse honesto, às vezes perfeitamente chato. Havia outras cores, além do rosa e do turquesa claro. Havia

outros animais que gostavam de fazer outras coisas além de arrulhar e abraçar. Havia

Machine Translated by Google

talvez também outros assuntos além de vestidos, jardins, bailes e carruagens — por melhor que fosse a pintura personalizada das carruagens mais recentes.

Não havia?

“Eu nem sei por que esses companheiros estão tão chateados”, Audrey disse. “Eles são tão adoráveis e todo mundo os adora. Por que eles se preocupariam com coisas como salários e horas e” – ela fez uma pausa para estremecer – “crédito?”

Ela acariciou a pomba. “Essas coisas não são nada adoráveis.”

Ele olhou para ela. “Eu não sei exatamente. Eu nunca tinha pensado nisso antes, mas não consigo parar de pensar nisso agora. Nunca imaginei que alguém em Auradon não vivesse exatamente como nós, em nossos castelos, com nossos servos. E

nossos lençóis de seda, bandejas de café da manhã e jardins de rosas.

“Eu adoro jardins de rosas”, disse Audrey com um sorriso. “E eu adoro aqueles com topiarias em formato de criaturas adoráveis.” Ela riu de alegria com o pensamento, e a pomba em seu ombro cantou de volta agradavelmente.

“Disseram que fui rude”, lamentou. “E eu era.”

“Os elefantes são meus favoritos. Com aqueles baús fofos.

“Mas eu não tive escolha – eles não estavam me ouvindo. Eles também disseram que eu perdi a paciência.” Ele baixou a cabeça, envergonhado da cena que havia causado.

“Mas também os hipopótamos. Dentes tão lindos. É um grande talento, realmente, podar um arbusto no formato de um hipopótamo. Você não acha?

“Sim, mas sobre a reunião...”

Audrey riu de novo, e foi um tilintar de sinos de fadas repicando no vento. Ben percebeu então que ela não tinha ouvido uma palavra do que ele estava dizendo.

Talvez seja melhor assim. Ela não entende o que estou passando e acho

que nunca entenderá.

Audrey deve ter visto a carranca no rosto dele, porque ela fez uma pausa para pegar a mão de Ben com seus dedos minúsculos e perfeitamente cuidados. “Não se preocupe com isso, Ben – tudo vai dar certo. Sempre acontece. Você é um príncipe e eu sou uma princesa. Esta é a terra dos Finais Felizes, lembra? Você merece nada menos do que tudo o que seu coração deseja. Você nasceu para isso, Ben. Todos nós estávamos.

Ben parou no meio do caminho. Ele nunca tinha pensado nisso assim. Estava implícito, certamente, em tudo o que faziam e em tudo o que era feito por eles. Mas ouvir as próprias palavras, de lábios tão lindos e perfeitamente rosados...

Machine Translated by Google

***Por que nós? Como tivemos sorte nesta vida? Como isso é justo?
Nascer em***

uma vida sem escolha, sem liberdade de ser outra pessoa?

Ela riu. “Não pare agora, bobo. Eu tenho algo para te mostrar.

Algo perfeitamente perfeito, assim como hoje.” Ele se permitiu ser puxado – como qualquer bom príncipe nas mãos de uma princesa

solteira – mas sua mente ainda estava distante.

Isso é tudo que existe?

É mesmo isso que eu quero para minha vida?

Eles haviam circundado o jardim e agora Audrey o conduziu até um canteiro isolado de flores silvestres. Um lindo piquenique foi feito na grama em meio às flores, em um vale florestal repleto de todos os tipos de animais felizes da floresta se aconchegando, cantando e pulando por toda parte. “Não é incrível? Metade dos jardineiros e três cozinheiros trabalharam nisso durante toda a manhã. Ela se inclinou para acariciar a bochecha de Ben. “Apenas para nós.”

Ela o puxou até o cobertor de seda bordado. Suas iniciais, entrelaçadas com as de seus pais reais, estavam costuradas no tecido abaixo delas. O fio de seda dourado brilhava como o sol na grama.

Ben alisou um cacho solto do rubor de sua bochecha rosada. “É adorável. E eu agradeço por isso. Mas-”

“Eu sei,” ela suspirou. “Eu não trouxe nenhum bolo de creme. Foi tudo em que consegui pensar quando você os mencionou. Eu peço desculpas. Mas podemos provar uns bons dezessete tipos de outros doces. Ela ergueu um em forma de cisne, com asas de chocolate. “Este aqui é fofo, você não acha?”

Ela quase arrulhou para o doce. Ben se afastou.

Ele balançou sua cabeça. “Mas você nunca se perguntou se há mais na vida do que isso?”

“O que poderia ser mais do que isso?” perguntou Audrey com uma carranca incomum. Ela largou o cisne. “O que mais está lá?”

“Eu não sei, mas você não gostaria de descobrir? Explore um pouco. Pegar sair por conta própria e ver o mundo? Pelo menos, veja nosso próprio reino?”

Ela chupou o chocolate do dedo, e mesmo isso foi uma distração bonitinho. Ben se perguntou se ela sabia disso. Ele suspeitava que ela sim.

Então ela suspirou. “Você não está falando daquela ilha horrível, está?”

Ele encolheu os ombros. "Talvez. Você nunca pensa sobre isso? Quão estranho seria viver preso em um só lugar? Sob uma cúpula?

Machine Translated by Google

Na verdade, foi a primeira vez que Ben se lembrava de ter visto as penas de princesa de sua princesa eriçadas. Ela nem estava fazendo beicinho agora. Ela estava praticamente quase ligeiramente irritada.

“Talvez, querido, *eles* devessem ter considerado isso antes de empreender uma vida de maldade e vilania – o que só poderia levar a

uma eternidade de punição.”

Agora Ben estava intrigado. Ele nunca a tinha visto assim e se perguntou por um momento se ele não preferisse. No mínimo, eles finalmente estavam tendo uma conversa de verdade.

“Você tem que admitir, uma eternidade é muito tempo.” Ele balançou sua cabeça.

“Eles são cativos, Audrey. Pelo menos aqui em Auradon podemos viajar para qualquer lugar e para qualquer lugar que quisermos. Eles não podem.”

Audrey sorriu brilhantemente. “Sim, o que me lembra. Eu disse a Aziz e Lonnie que iríamos visitá-los hoje. A carruagem nos pegará em uma hora.

Ela se inclinou para frente, tocando seu queixo com a ponta do dedo. “É hora de um novo tópico. Quase um mundo totalmente novo, você poderia dizer.”

Mas Ben tinha um lado teimoso que não desistia. “Não tente mudar de assunto, Audrey. Vamos. Você não se pergunta nada sobre eles?

“Os vilões?”

“Sim.”

Audrey recostou-se, balançando a cabeça. “Não. Boa viagem. Mãe diz um deles tentou fazê-la dormir durante cem anos! Depois de ela já ter passado toda a infância em um orfanato e custódia protetora! Minha própria mãe! E então aquela mesma mulher horrível se transformou em um dragão que tentou matar papai.” Ela estremeceu.

Audrey devia ter ouvido a história mais vezes do que gostaria de contar, Ben entendeu, mas ela nunca havia mencionado nada a ele antes daquele dia.

Ele não culpava Audrey por não querer falar sobre isso e suavizou a voz agora, pegando a mão dela.

“O nome dela é Malévola”, disse Ben, que havia estudado a história dos contos de fadas. Sua mãe leu os contos antigos para ele, antes mesmo que ele pudesse ler sozinho.

“Ela era a Senhora das Trevas, a fada mais malvada que já existiu.”

A carranca de Audrey se aprofundou. “Não diga o nome dela aqui,” ela sussurrou. Isto foi praticamente um silvo, ela estava tão chateada. “Ela pode ouvir você – e amaldiçoar você! Ela tira tudo e todos que minha família ama.”

Machine Translated by Google

Agora foi a vez de Ben sorrir. “De jeito nenhum – aquela cúpula irá segurá-los para sempre.”

Ele se inclinou para frente. “E *quem* exatamente sua família ama?”

Audrey sorriu de volta. Uma piscada e a tempestade em seus olhos desapareceu.

“Minha família ama todos os que são bons e gentis e merecem esse amor, Alteza.” Ela ergueu a mão delicada e ele a beijou gentilmente.

Eu não deveria incomodar tanto ela, pensou Ben. Não depois de tudo que sua família passou.

“Dance comigo, doce príncipe”, ela insistiu.

Ben se levantou e fez uma reverência. “Fico feliz em agradar minha senhora.” Dançar na floresta era sua atividade favorita, ele sabia.

Ben a segurou nos braços. Ela era bonita. Perfeito. Uma princesa, que estava apaixonada por ele. E ele estava apaixonado por ela... não estava?

Audrey cantou baixinho, ***eu te conheço, andei com você, Era uma vez um sonho...***

Era a música deles, mas desta vez o pegou desprevenido.

Sobressaltado, Ben percebeu que não a conhecia. Na verdade. Ele não conhecia sua alma, seus sonhos, e ela não conhecia os dele. Eles realmente não se conheciam.

E pior, ele nunca sonhou com ela. Nem uma vez.

Para Audrey, essa música pode ser sobre ele. Mas para Ben, aquela música não era sobre ela.

Não.

Não Audrey.

Ele havia sonhado com outra garota.

Uma com cabelos roxos e olhos verdes brilhando no escuro, um sorriso malicioso e travesso nos lábios.

Quem era ela? Onde ela estava? Ele algum dia a conheceria?

E ele algum dia a tiraria da cabeça?

Ben fechou os olhos e tentou se concentrar na melodia e na garota bem ali.

na frente dele, mas a memória da garota de seu sonho era muito difícil de esquecer.

chapter

19

One Hundred and One
Ways to Find a Map

Machine Translated by Google

Nas horas seguintes, Mal, Jay e Evie ajudaram Carlos com o tarefa meticulosa de terminar a roupa da mãe. Ou, para ser mais específico, Jay e Evie ajudaram Carlos, enquanto Mal “supervisionou”.

Para uma mulher que vivia em uma ilha semideserta cheia de ex-vilões, Cruella certamente tinha um guarda-roupa elaborado, pensou Mal. Havia lenços com franjas e luvas pretas de seda, meias arrastão e vestidos pretos justos, casacos grossos e cardigãs de tricô, casacos volumosos e espartilhos com babados.

Cruella De Vil poderia estar exilada, mas isso não significava que suas roupas seriam nada menos que deslumbrantes.

Mal olhou para Evie, que cantarolava enquanto dobrava o papel preto e branco.

toalhas brancas. A princesa de cabelos azuis era relativamente fácil de influenciar, o que era um bom presságio para quando eles realmente encontrassem o cetro. Mal garantiria que Evie fosse a primeira a tocá-lo, absorvendo a maldição e adormecendo por mil anos. Era o esquema maligno para acabar com todos os esquemas malignos, e Mal estava ansioso por uma doce vingança, além de tirar notas E direto para o semestre.

Enquanto isso, Jay estava cheio de espuma até os cotovelos lavando vários moletons preto e branco.

Machine Translated by Google

“Isso não é muito trabalhoso?” ela perguntou, sentindo-se exausta só de observar todo mundo.

Carlos assentiu, com a boca cheia de alfinetes.

“E você faz tudo?” ela perguntou a Carlos. Sua mãe pode ignorá-la e ressentir-se dela e repreendê-la, mas pelo menos ela não era a escrava virtual de Malévola.

Carlos assentiu novamente. Ele tirou os alfinetes da boca e explicou que estava prendendo um corpete em um cabide, exatamente como fazia a antiga lavanderia favorita de Cruella em Londres. "Sim. Mas você se acostuma, eu acho.

Não se preocupe, estamos quase terminando."

"Graças aos goblins", disse Mal, colocando os pés em uma poltrona próxima.

Mas quando estavam dando os retoques finais no último lote de roupas e lençóis preto e branco, ouviram o barulho do motor de um carro. Ele parou bruscamente na frente do Hell Hall.

Carlos começou a tremer. "É ela... mãe... ela está de volta... ela não estava deveria estar de volta até amanhã. O Spa deve ter secado."

Mal não sabia por que Carlos estava tão nervoso. Ninguém era tão assustador quanto *ela*

afinal de contas, por que diabos ele poderia estar tão assustado?

A porta de um carro bateu e um sotaque pesado e rouco devido ao excesso de fumaça e gritos ecoou pelo ar. "Carlos! Carlos! Meu bebê!" Cruella gritou, sua voz rouca ecoando pela casa.

Mal olhou para Carlos. *Meu bebê?* Isso não parecia tão ruim, não é?

"Meu bebê precisa de um banho!"

"Ela sabe que você está sujo aí?" Evie perguntou, confusa.

Carlos ficou vermelho novamente. "Ela não se refere a mim," ele sussurrou com voz rouca.

"Ela se refere ao *carro dela*. Ela está me dizendo para lavar.

Evie se afastou da janela com uma expressão horrorizada no rosto.

"Mas é tão imundo! Isso levará horas! O carro vermelho estava salpicado de sujeira de dirigir pela cidade, com uma crosta preta e nojenta.

"De jeito nenhum vamos limpar isso", murmurou Jay, que não podia estar olhando ansioso para lavar mais uma coisa.

Os quatro saíram da área de serviço e entraram na sala principal.

Cruella parou ao ver três adolescentes estranhos e desgrehados em sua casa. Ela ainda usava o cabelo crespo em preto e branco. Seu longo casaco de pele arrastava-se pelo chão atrás dela, e ela chupava uma piteira preta e fina.

Mal lançou-lhe um olhar de desaprovação e Cruella encolheu os ombros. “É vapor.

Apenas vapor, querido.

Mal acenou para que o vapor fosse embora.

“Agora, chega de falar sobre meu bebê, como é meu único amor verdadeiro?” Cruella falou lentamente, soprando sua longa varinha de vapor.

Os três adolescentes voltaram-se para Carlos interrogativamente, mas até ele pareceu surpreso ao ouvir-se descrito em termos tão afetuosos. “Seu único amor verdadeiro?” ele quase gaguejou.

“Ora, sim, meu único e verdadeiro amor. Minhas peles! Cruela riu. “Você esteve cuidando bem deles, não é, querido?”

“Claro”, disse Carlos, ficando vermelho novamente.

Mal sabia que ele estava se chutando. Mas o que importava se sua mãe o amava ou não? Eles aprenderam que o amor é para os fracos, para os tolos, para os **bons**. O

amor não era para gente como eles. Eles eram vilões.

Os caras maus. A única coisa que amavam era um plano perverso.

“Quem são esses palhaços?” Cruella exigiu, agitando os braços em direção ao grupo.

“Eles são meus...” Carlos gaguejou.

Mal sabia que não poderia dizer **amigos**, porque eles não eram amigos, na verdade não.

Ela o intimidou para ir com ela em uma missão, Evie teve pena dele e Jay estava lá apenas para tentar roubar o lustre.

Ou Cruella não percebeu ou não se importou. “Onde estão Jace e Harry?” ela perguntou.

Carlos encolheu os ombros.

— Olá, Sra. De Vil, eu... — disse Evie, oferecendo-lhe a mão.

“Eu sei quem você é”, disse Cruella com desdém.

Mal achou interessante que todos soubessem quem era Evie, mesmo embora ela tenha sido mantida em um castelo por uma década.

“Ei”, disse Maly.

“Oh, olá, Mal, diga a sua mãe que mando lembranças, querido”, disse Cruella, gesticulando com seu cigarro de vapor e depois virando-se para encarar Jay.

“E você, diga ao seu pai que ele me roubou com aquela lâmpada que me vendeu – a coisa não funciona.”

"Sim, senhora." Jay saudou.

“Bem, por que vocês estão aqui? Você não me ouviu? Meu bebê está sujo, queridos! É

absolutamente miserável! Não posso viver nem mais um minuto até você dar banho no meu bebê!

Agora, vá embora!

Machine Translated by Google

Evie pensou que eles ficariam presos na casa de Cruella para sempre, mas finalmente o carro estava limpo e os quatro chegaram ao Dragon Hall em busca de um mapa que lhes mostrasse onde a Fortaleza Proibida estava escondida na ilha. A bússola de Carlos ajudaria, mas se Jafar estivesse certo sobre a ilha ser muito maior do que eles pensavam, eles precisariam primeiro ser apontados na direção certa.

Evie ainda não sabia por que havia concordado em ir com o grupo. Ela sabia que Mal estava sendo falso, mas parte dela estava interessada na

aventura.

Depois de ficar confinada em um castelo por dez anos, ela ficou curiosa para conhecer o resto da ilha.

A escola estava morta como uma cidade fantasma naquela tarde de sábado; apenas uma equipe de goblins havia chegado para limpar os corredores e cortar a grama ao redor das lápides. Os quatro garotos vilões entraram e desceram para a escuridão do campus. Os corredores estavam cobertos de hera que parecia estar se multiplicando a cada segundo, serpenteando em torno de velhos retratos de vilões malvados que ninguém mais conseguia nomear. Evie poderia jurar que seus olhos a seguiram enquanto ela passava trotando.

Eles encontraram o Dr. Facilier em sua mesa, olhando para uma bola de cristal vazia.

“Ahh, se não for meu aluno menos favorito”, ele disse quando viu Mal.

“Relaxe, Dr. F, não estou aqui para encher sua cartola de grilos de novo.”

“Que alívio”, disse ele friamente. “Como posso ajudá-lo?”

“Precisamos entrar na biblioteca proibida”, disse Maly. “O Ateneu dos Segredos.”

“Ah, mas há uma razão pela qual é chamada de biblioteca proibida – porque os estudantes estão expressamente proibidos de entrar”, disse ele severamente.

Evie pensou que Mal iria desistir, mas em vez disso Mal pulou em cima do Dr.

A mesa de Facilier, legal como Lúcifer. “Sim, sobre isso”, disse ela, largando um baralho de cartas de tarô. “Taxa de entrada?”

Dr. F pegou alguns e segurou-os sob a luz fraca de leitura ao lado dele. “Os Arcanos Maiores. Impressionante.” Ele embolsou o conjunto de tarô e estudou os quatro alunos à sua frente. “O que exatamente você está procurando na biblioteca?”

“Um mapa da ilha”, disse Mal. “E seja rápido, sim? Não tenho o dia todo.

Machine Translated by Google

A aranha gigante que guardava a porta afastou-se dócil como um gato quando o Dr.

Facilier fez cócegas em sua barriga. A porta da Biblioteca dos Segredos Proibidos se abriu com um rangido enferrujado e o Dr. F acompanhou os quatro.

Estantes altas e oscilantes abrigavam capas de couro esfarrapadas e encharcadas livros, cobertos com vinte anos de poeira, bem como

copos e frascos cheios de líquidos e poções de aparência estranha. Enquanto o Dr. Facilier corria pelos corredores sombrios diante deles, passando pelas fileiras de estantes e murmurando baixinho, eles só conseguiram distinguir o contorno tênue de sua vela acesa, lançando sombras contra as paredes da biblioteca.

“Você sabe que ele tem cocô de morcego no lugar do cérebro, certo? Isso tudo poderia ser para nada”, Jay sussurrou.

Mal lançou-lhe um olhar.

“Só estou dizendo”, disse Jay.

“Vale a pena tentar”, disse Evie atrás deles, parando brevemente para se desembaraçar de uma teia de aranha. “Caso contrário, estaremos apenas vagando no escuro, como estamos agora.”

“Sim, não poderia doer”, concordou Carlos. Ele segurava sua máquina protetoramente sob a jaqueta.

“Ah! Aqui estamos”, anunciou o Dr. Facilier, parando diante de uma fileira de casos. Ele tirou um pedaço de pergaminho enrolado e amarelado de uma das prateleiras empoeiradas. Ele alisou o papel e colocou-o sobre uma mesa de trabalho torta enquanto os quatro se reuniam.

“Hum, não há nada lá,” Evie apontou, com a voz baixa. Era verdade, o mapa estava em branco.

“Bem, foi escrito com tinta invisível, é claro”, disse o Dr. Facilier, como se **todos** soubessem disso. “Como é que um segredo pode permanecer segredo, caso contrário?”

Sem avisar, e para choque de todos ao redor, Mal o agarrou pelo colarinho e o empurrou contra uma das estantes, o que fez com que vários frascos caíssem e se espatifassem no chão.

“Ora, seu ratinho, você esqueceu quem é minha mãe e como ela pode ter você e todos nesta ilha imunda...”

"Mal!" Evie disse em tom chocada. "Pare com isso!" Ela colocou a mão no Dr.

O braço trêmulo de Facilier. "Deixa eu cuidar disso."

Mal se virou para ela. "Deixar você **o quê?**"

“Cuide disso. É mais fácil pegar moscas com mel do que com vinagre”, disse ela.

“Vá em frente, solte, gentilmente, suavemente.”

Machine Translated by Google

Mal soltou lentamente o Dr. Facilier, cujos joelhos teriam cedido se Evie não o tivesse segurado. “Agora, Dr. F, tem que haver uma maneira de tornar a tinta visível, não é?”

O Dr. Facilier enxugou a testa suada com um lenço de seda esfarrapado.

"Sim existe."

"Bom", disse Evie. "Agora, diga-nos como."

O diretor apontou trêmulo para os frascos que haviam se quebrado no chão.

chão. "O antídoto estava guardado lá. Mas agora desapareceu."

Evie olhou para Mal, que parecia chocada. Mal colocou a cabeça entre as mãos e gemeu.

"Uh, Maly?" Carlos perguntou suavemente, batendo em seu ombro.

"Vá embora, Spotty", ela retrucou.

"Ouvir. Eu sei como fazer o elixir. Para ver a tinta.

Todos se voltaram para ele, inclusive o Dr. Facilier. "Você pode fazer mágica?" Mal perguntou.

"Mas como?"

"Não, não, não é mágica, é apenas um pouco de química – você sabe, Ciência Estranha", disse Carlos. "Vamos. Evie, traga o mapa.

Eles deixaram o Dr. Facilier em seu escritório fazendo uma leitura de tarô e seguiram Carlos até o Laboratório de Química, onde observaram tirar vários frascos, copos e pós das prateleiras.

"Você tem certeza de que isso não é mágica?" perguntou Jay com ceticismo.

"Tenho certeza. É ciência. Como o que os humanos têm que fazer. Carlos misturou um algumas gotas de líquido aqui, um pouco de pó aqui... mas então ele franziu a testa.

"Espere um minuto, não consigo encontrar o fichário."

"O quê?"

"Reza – ele deve ter roubado do laboratório na semana passada! Ele me odeia.

Eca." O rosto de Carlos se contraiu. "Sinto muito, Mal. Acho que não consigo fazer isso, afinal. Não sem aquilo que une tudo e desencadeia a reação química."

"Reza roubou um frasco do laboratório?" Jay perguntou.

"Ele deve ter feito isso", disse Carlos. "Não está aqui."

"Este frasco, talvez?" Jay sorriu, segurando um pequeno tubo de ensaio cheio de um líquido brilhante que ele havia mostrado a Mal antes.

"Onde você conseguiu isso?!"

"Da mochila de Reza. É preciso conhecer outro", disse Jay.

Machine Translated by Google

Carlos despejou algumas gotas em seu copo e misturou tudo. A soprou uma fumaça. “Voilà”, disse ele. “Antídoto para tinta invisível.” Ele derramou a mistura sobre o mapa.

E como num passe de mágica, a Ilha dos Perdidos começou a se formar diante de seus olhos, incluindo as zonas escondidas e proibidas. A Fortaleza Proibida apareceu, um castelo de aparência ameaçadora, com paredes pontiagudas e torres sinuosas, localizado na extremidade da ilha. Bem no meio do nada.

chapter
20
—
Goblin Wharf

Machine Translated by Google

Mal achou que Jay ter o frasco secreto em mãos era uma coisa bastante decente.

golpe de sorte, o que a fez pensar que talvez eles estivessem descobrindo alguma coisa aqui. Talvez fosse seu destino encontrar o Olho do Dragão de Malévola. “Você está com a bússola?” ela perguntou a Carlos.

Carlos assentiu. A caixa apitou, como se concordasse.

De acordo com o mapa, eles teriam que passar pela aldeia até a beira da costa, e de lá o caminho os levaria até a fortaleza.

Eles partiram, Carlos na frente com Jay, Evie logo atrás e Mal segurando na parte traseira. Ela os observou caminhar na frente dela. Ela sabia que Jay roubaria o Olho do Dragão para si na primeira oportunidade, que Evie estava tentando agradá-la e obter favores, e que Carlos só se juntou a eles para satisfazer sua curiosidade.

Mas isso não importava. De alguma forma, todos eles tinham um objetivo comum. Para encontrar o Olho do Dragão. Melhor ainda, ela não iria para lugar nenhum sozinha.

Mal tinha sua gangue de ladrões.

Seus próprios asseclas.

E isso foi realmente um progresso.

Seu plano maligno — o grande e desagradável — estava funcionando.

Machine Translated by Google

O caminho para longe da aldeia e em direção à costa foi suave no início, mas logo tornou-se pedregoso. Mal começou a sinalizar. Seus pés doíam dentro das botas, mas ela seguiu em frente com firmeza, agora liderando o caminho e seguindo as instruções do mapa. Atrás dela ela podia ouvir os passos leves de Evie, os passos fortes de Jay e os passos hesitantes de Carlos.

“Heigh ho, heigh ho, vamos trabalhar”, Carlos cantou baixinho.

Eva estremeceu. "Não."

"O que você tem contra o anão... Ah, certo", disse ele. "Desculpe."

"Tudo bem."

"Então essa era sua mãe, hein?" disse Eva.

"Sim, a única Cruella De Vil", disse Carlos, evitando uma herá venenosa e apontando-a para o resto do grupo evitar. "Passagem só de ida para a cidade maluca, certo?"

"Ela não é tão ruim assim", disse Evie, que se abaixou para passar por baixo de um galho baixo de um carvalho assustador. "Pelo menos ela não faz aquela coisa que minha mãe faz, onde ela finge ser um Espelho Mágico me dizendo que estou longe de ser a mais bela do país."

Carlos parou no meio do caminho e ele e Jay olharam para ela, chocados.

Até Mal se virou para olhar para ela.

"Realmente? Mas você é lindo", disse Jay. "Quer dizer, você não é meu tipo, querido, mas precisa saber *que* é bonito."

"Você acha mesmo?" ela perguntou.

— Não, sua mãe está certa, você é feio — brincou Jay.

"É uma pena que ela faça isso", disse Carlos calmamente.

"Tanto faz", disse Evie com indiferença. "Não é como se eu me importasse."

"Você realmente quer dizer isso?" perguntou Carlos.

"Quero dizer, não é como se sua mãe fosse diferente, certo?" Evie apontou. Eles eram filhos dos vilões mais malvados do mundo. O que eles esperavam: amor, alegria, simpatia?

"Eu acho que não."

"E seu pai, Jay? Ele não se preocupa apenas com a loja?"

Jay refletiu sobre isso. "Sim claro. Mas o que mais ele deveria se importar?" ele perguntou honestamente.

Mal ouviu a conversa, achando estranhamente reconfortante ter outras pessoas por perto, pela primeira vez. Ela nunca gostou de companhia

Machine Translated by Google

antes; mas, novamente, Malévola sempre insistiu que eles viviam separados da matilha –

superiores, sozinhos e empenhados em vingança.

Solitário, pensou Mal. Eu estava sozinho. E eles também.

Evie, com sua mãe obcecada pela beleza; Carlos, com seus gritos harpia de um pai; Jay, o ladrão despreocupado com um raciocínio rápido e um sorriso arrojado, que poderia roubar qualquer coisa no mundo, exceto o coração de seu pai.

A névoa cinzenta que cercava a orla da costa se aproximava. Logo eles teriam que atravessar a neblina e entrar em lugar nenhum. Quando o fizessem, também se tornariam

ninguém? Mal se perguntou. Ela estalou os nós dos dedos. Seus joelhos começaram a doer.

Eles caminharam em silêncio por um tempo, quando um assobio agudo cortou o ar. Era de Jay, que estava explorando à frente. Evie deu um passo e quebrou gravetos com força sob os pés, enquanto Carlos olhava para cima com medo.

Mal assobiou de volta.

Jay correu até onde os três estavam amontoados.

"O que é?" Mal sibilou.

"Eu vi algo – na sombra. Esconder!" ele sussurrou ferozmente, desaparecendo atrás de uma pedra.

Carlos gritou e tentou subir em uma árvore, a casca arranhou seus joelhos.

Evie gritou baixinho e mergulhou atrás de alguns arbustos de amoras.

Mas Mal congelou no lugar. Ela não conseguia se mover, por algum motivo. No começo foi porque ela se sentiu incomodada ao pensar que qualquer filha de Malévola teria que se esconder de **qualquer coisa**. Mas à medida que a sombra se tornava maior e se aproximava, ela temeu ter tomado a decisão errada.

A sombra tinha um par de chifres grandes e uma cauda pontiaguda. Foi um dragão?

Mas sua mãe era o único dragão por aqui e perdeu a capacidade de se transformar em um, depois que a cúpula de proteção mágica foi instalada.

Então houve um gemido, um lamento terrível, diferente de tudo que já tinham ouvido.

Era um cão infernal, com certeza. Uma criatura de mito e lenda, uma criatura de dentes e presas, sangue e pêlo.

Então a criatura emitiu o que só poderia ser chamado de um ronronar adorável.

"Belzebu!" Carlos gritou da árvore.

malicioso apareceu no caminho. A sombra distorceu suas orelhas para parecerem chifres e sua cauda para parecer que tinha espinhos. Mas era apenas um gatinho.

“Você conhece essa fera nojenta?” — perguntou Mal desdenhosamente, para esconder o constrangimento por ter ficado assustado. Seu coração ainda batia forte em seu peito.

“É só meu gato”, disse Carlos. “Eu a peguei quando era pequena.” Ele adicionou timidamente: “Ela é da ninhada de Lúcifer. Ela é minha companheira do mal.

“Oh fixe. Eu também tenho um. Você sabe, na minha festa de aniversário”, disse Evie.

“O meu é Otelo, um papagaio bebê... bem, não é mais um bebê assim. Otelo também fala muito sobre ele. Não tenho certeza de onde ele aprendeu todas essas palavras.”

“Legal, você tem um dos bebês do Iago? Eu tenho duas enguias elétricas – Lagan e abandonado. Você sabe, de Flotsam e Jetsam. Eles são *enormes* agora.

Monstros”, disse Jay. “Eles quase não cabem mais no aquário.”

Carlos deixou o gato esfregar sua bochecha. “Vá em frente, Abelha. Volte para casa, pare nos seguindo. Voltarei em breve, não se preocupe.”

“Qual é o seu companheiro malvado?” Evie perguntou, virando-se para Mal.

Mal colorido. Ela se lembrava exatamente de quando cada um deles recebeu seus companheiros — naquela festa fabulosa, há muito tempo, para a qual ela não havia sido convidada.

“Eu não tenho um,” ela disse brevemente.

“Oh!” disse Evie, e se virou, parecendo envergonhada.

Não se preocupe, pensou Mal. ***Você pagará em breve.***

Finalmente ficaram cara a cara com a névoa cinzenta que circundava a ilha e marcava o limite do Lugar Nenhum. A névoa era tão densa que era impossível ver o que havia além dela. Teria implicado uma caminhada de fé para ver o que havia do outro lado. E durante toda a

vida, os quatro foram instruídos a manterem-se longe da neblina, a ficarem longe da borda do cinza.

"Quem vai primeiro?" perguntou Jay.

"Eu não", disse Evie.

"Nem eu", disse Carlos.

"Duh," fungou Maly. "Como se algum de vocês quisesse."

"Mal?" perguntou Jay. "Depois de você?"

Mal mordeu o lábio. Afinal, era a sua missão. "Sim. Eu irei, covardes." Ela endireitou os ombros e ficou tensa. Ela entrou no nevoeiro. Foi como

Machine Translated by Google

caminhando sob uma chuva fria, e ela estremeceu. Ela lembrou a si mesma que não havia magia na ilha e que nada poderia machucá-la; mas mesmo assim, a escuridão cinzenta era impenetrável e, por um momento, ela sentiu vontade de gritar.

Então ela estava do outro lado.

Ainda inteiro.

Não desintegrado.

Não é *nada*.

Ela exalou. “Está tudo bem”, ela gritou. “Venha pra cá!”

“Se ela diz,” murmurou Jay. Evie seguiu, depois Carlos.

Finalmente os quatro estavam do outro lado da neblina, parados na beira do Lugar Nenhum.

“Uau”, disse Carlos.

Todos olharam para baixo. Eles estavam literalmente à beira da água.

Mais um passo e eles teriam caído do pedaço de terra rochoso que era a Ilha dos Perdidos e caído no fundo do mar, para se tornarem o jantar de um crocodilo.

“Santo Lúcifer, o que diabos devemos fazer agora?” Mal perguntou.

“Não sei, mas essa coisa não cala a boca”, disse Carlos. Era verdade.

A bússola em sua caixa apitava loucamente agora, e quanto mais Carlos se aproximava da faixa de praia rochosa e enevoadada, mais rápido ela apitava. “Está ali. Tem que ser”, disse ele, apontando para o mar.

“Bem, esqueci meu maiô e realmente não gosto de ser comido por répteis, então é tudo por conta de vocês”, disse Jay, afastando-se da água.

“Não pode estar *na* água”, disse Maly, tirando o mapa do bolso. Ela ofegou.

“Pessoal. Venha aqui.” Todos eles se reuniram em torno de Mal.

“Olhar! Tem mais!” Mais tinta apareceu e, desta vez, eles viram que a fortaleza não estava tecnicamente na Ilha dos Perdidos, mas estava localizada em sua própria ilha, ou melhor, em seu próprio pedaço de rocha flutuante, que por acaso recebeu o nome a Ilha dos Condenados.

“Bem, isso é alegre”, disse Carlos.

“E como devemos chegar lá?” Evie perguntou.

Mal estudou o mapa e apontou para um local chamado GOBLIN

WHARF.

“Vamos pegar carona com um dos goblins amigáveis da vizinhança para nos remar, é claro”, disse Maly, passando por eles e começando a subir a praia lamacenta em direção às docas onde os goblins descarregavam as barcas de Auradon.

Machine Translated by Google

“Não existe goblin amigável,” Carlos suspirou, mas como o o resto deles, ele seguiu atrás de Mal.

Eles chegaram rapidamente ao movimentado porto. Principalmente porque os crocodilos começaram a atacá-los nas águas rasas da praia, e eles correram, gritando, em direção ao cais.

O cais estava fervilhando de atividade. Goblins passaram pelo quarteto, esvaziando a carga dos grandes navios Auradon que tinham permissão para entrar e sair da cúpula mágica. Eles colocaram os produtos podres e podres no calçadão de madeira estilhaçado e pularam para dentro e para fora das jangadas e barcos improvisados uns dos outros. Eles viaavam e gritavam em sua língua duende, jogando sacos de restos e sobras — roupas, alimentos, cosméticos, eletrônicos, tudo o que as pessoas em Auradon não queriam mais ou não tinham mais utilidade, em riquixás oscilantes para vender no mercado.

“Precisaremos pagar pela passagem”, disse Maly. “Eles não vão nos levar para lá de graça.”

Os quatro esvaziaram os bolsos para juntar uma quantia suficiente de bugigangas e comida para pagar a travessia até a Ilha dos Condenados. Foi preciso negociar um pouco — Jay falou a maior parte do tempo enquanto falava um pouco de Goblin por ter trabalhado na loja —, mas eles finalmente conseguiram uma vaga em um barco de sucata. Ou seja, um barco que coletava tudo e qualquer coisa que caísse das lixeiras de Auradon. Era um necrófago dos necrófagos, o mais baixo dos alimentadores de fundo.

Acontece que o barco de um goblin não foi construído para acomodar quatro vilões adolescentes. A caixa flutuante de madeira rangeu e gemeu quando Mal e os outros embarcaram.

“Se eu morrer”, Jay disse sombriamente, “você ainda não poderá ficar com nenhuma das minhas coisas”.

“Nós ficaremos bem”, disse Evie. Mas ela parecia dizer isso mais para seu próprio benefício do que para qualquer outra pessoa.

O goblin riu e ligou o motor velho e enferrujado, e lá foram eles.

entrou na névoa espessa.

Foi estranho ver a Ilha dos Perdidos da água. Quase parecia... bonito, pensou Maly. A floresta era exuberante e verde nas bordas da ilha, e a praia rochosa se projetava dramaticamente em um manto ondulado de água azul-marinho. Ao longe, ela podia ver o Castelo Bargain. De longe, parecia brilhar sob a luz fraca do sol.

Machine Translated by Google

“Engraçado como as coisas parecem diferentes de longe, não é?” Evie disse, seguindo o olhar de Mal de volta para a Ilha dos Perdidos.

“Sim, claro, tanto faz”, disse Mal, virando as costas para Evie. A mesma dor estava se instalando em seu estômago novamente, e ela não gostou disso. Ela não gostou nem um pouco.

Mal só podia ter certeza de que eles haviam chegado à Ilha dos Condenados porque o motor havia parado. Eles ainda não conseguiam

ver um metro e meio à frente deles.

Mal saiu cegamente do barco e chegou à praia rochosa, seguido rapidamente pelo resto da equipe. O goblin rapidamente acelerou.

A neblina se dissipou ligeiramente enquanto eles avançavam pelo mato. Logo eles estavam diante de um portão coberto por uma floresta de espinhos de aparência dolorosa.

E além do portão, no alto de uma montanha escarpada, erguia-se um grande castelo negro, um naufrágio ameaçador e em ruínas recortado contra o céu noturno.

Os espinhos ao redor do portão ficaram grossos e retorcidos, tão afiados que esfaqueariam ou arranhariam qualquer um que ousasse se aproximar. Pior ainda, os espinhos estavam cobertos de aranhas venenosas mortais; e todo o lugar tinha um ar tóxico e sinistro.

Eles ficaram paralisados, incapazes e sem vontade de descobrir o que fazer a seguir, enquanto a caixa preta nas mãos de Carlos apitava incessantemente. Se estivesse realmente se comunicando com o Olho do Dragão, estava claro que o cetro estava em algum lugar atrás dos portões espinhosos.

Mal franziu o rosto, frustrada.

Foi Jay quem quebrou o silêncio.

Ele entregou a Mal e a Evie uma adaga de prata e a Carlos um repelente contra insetos. Ele próprio carregava um facão de cabo vermelho.

“Você carrega um machado no bolso?” perguntou Carlos.

“Quem não gosta?” Jay disse com um sorriso. “Quando você rouba coisas suficientes de todos os lugares, acho que você sempre chega preparado.”

Mal teve que admitir que o saque de Jay foi útil naquele momento.

Jay abriu caminho com seu facão e os outros o seguiram logo atrás. Mal cortou um galho de espinhos com sua adaga de prata, e o galho murchou e encolheu diante de sua faca. Evie fez o mesmo do outro lado, e Carlos borrifou uma tarântula peluda com seu spray, de modo que ela caiu morta de um galho.

Seria um trabalho árduo, mas eles já estavam acostumados. Mais fundo eles entraram na floresta escura, seguindo para o castelo acima.

chapter
21
—
Tale as Old as Time

Machine Translated by Google

Seja você mesmo, existem outras maneiras de mostrar força além da do seu pai

tipo. As palavras da mãe de Ben ecoaram nos ouvidos de Ben quando ele se sentou para se encontrar com Zangado, que havia sido eleito para representar os anões e companheiros em suas petições.

Ótimo. Maravilhoso. Simplesmente perfeito. Um cara a cara com o Zangado.

Ben balançou a cabeça. Ele suspeitava **que qualquer** outra pessoa teria sido melhor pessoa com quem negociar do que o velho anão rabugento.

Da última vez que se encontraram, o infame anão foi insultado por um biscoito açucarado.

Essas negociações estavam condenadas.

Ben desejou que as pessoas parassem de lhe dizer para ser **ele mesmo**. Parecia um conselho muito simples – e talvez tivesse sido, se ele tivesse alguma ideia de quem **era** .

Mas quem **era** ele?

Príncipe Ben, filho do Rei Besta, herdeiro do trono do grande reino de Auradon?

Ele certamente não era nada parecido com seu pai, que sabia como fazer cumprir sua governar sem forçar seus súditos. Ben se encolheu ao lembrar como ele subiu na mesa e gritou.

Machine Translated by Google

Ele não era assim.

Ele era o Príncipe Ben, filho do Rei Besta e da Rainha Bela, herdeiro do trono do grande reino de Auradon.

E se, como seu pai, ele deveria herdar o trono, então isso seria ser nos seus próprios termos, como filho da sua mãe e não apenas como herdeiro do seu pai.

Porque, tal como a sua mãe, Ben era calado e gentil e nada gostava mais do que desaparecer num livro grande e grosso. Sua infância não foi sobre caçar, lutar com espadas ou vencer alguém no campo.

Tinha sido gasto em uma biblioteca.

Ele compartilhava o amor de sua mãe pela leitura, e sempre compartilhou. As melhores lembranças de Ben eram de estar sentado ao lado da Rainha Belle, na lareira da enorme lareira de sua magnífica biblioteca, lendo ao seu lado. Ele vasculhava uma pilha de livros arrastados das prateleiras mais baixas, enquanto os dela sempre eram retirados das mais altas. Foi o paraíso.

Certa vez, quando seu pai descobriu que eles haviam passado o dia inteiro escondidos na biblioteca e os repreendeu por faltarem a um almoço real “por causa de uma história”, sua mãe montou uma defesa apaixonada.

“Mas estas não são apenas histórias”, ela disse. “Eles são reinos inteiros.

Eles são mundos. São perspectivas e opiniões que você não pode oferecer, de vidas que não viveu. São mais valiosos do que qualquer moeda de ouro e mais importantes do que qualquer almoço oficial. Eu espero que você, como rei, saiba disso!

Os olhos do Rei Fera brilharam e ele levantou a Rainha Bela em seus braços poderosos com um movimento fácil. “E, como você é minha rainha, espero que saiba o quanto eu te amo por isso!” Depois ele reuniu o filho pequeno e os três prepararam um almoço tardio com bolos de creme no jardim.

Claro.

Ben sorriu. Fazia muito tempo que ele não pensava naquele dia.

Ele ainda pensava nisso enquanto Lumière conduzia o anão mais velho para a sala de conferências.

Zangado acenou com a cabeça para ele e sentou-se em frente ao príncipe, seu baixo pernas balançando como as de uma criança. “O que é isso, meu jovem?” Ele tossiu. “Não estou com disposição para nenhum dos seus acessos de raiva.” Ele olhou para a mesa, inquieto, como se o menino estivesse prestes a pular sobre ela, mesmo agora. O prato de biscoitos açucarados e a taça de cidra à sua frente, ele deixou intocados.

Machine Translated by Google

“Obrigado por me encontrar hoje”, disse Ben. “Achei que seria mais fácil se fôssemos só nós dois conversando. Já que tudo ficou um pouco... barulhento... antes.

“Hem”, disse Zangado. “Veremos sobre isso. Você não planeja embarcar mesa de novo ou gritar como um animal, não é?”

Ben corou. “Peço desculpas pelo meu comportamento no outro dia. Eu fui um tolo.”

"Você o que?" Mal-humorado foi pego de surpresa.

Ben encolheu os ombros. "Eu admito. Eu não sabia o que estava fazendo e baguncei tudo. E certamente não culpo você por não querer me levar a sério agora."

Zangado olhou para ele mal-humorado, embora um pouco agradavelmente surpreso.

"Prossiga."

Ben sorriu. Era um começo e ele aceitaria.

"Veja, liguei para você porque li todas as mil e uma páginas da sua reclamação."

"Realmente? Todos mil? – perguntou Zangado, parecendo impressionado apesar de tudo.

"E um." Ben sorriu novamente. Ele era um leitor rápido e um ouvinte preocupado, e se quisesse realmente ser *ele mesmo*, precisaria usar ambos os talentos a seu favor para resolver essa reclamação de uma vez por todas.

"Pelo que pude perceber, parece que você e seus colegas estão O que exige é ser ouvido e ter voz no seu futuro. Algo mais do que apenas um assento no Conselho."

"Não é pedir muito, não é?" perguntou Zangado com entusiasmo.

"Não, não é", reconheceu Ben. "E acho que podemos chegar a um acordo simples."

"O que você propõe?"

Ben embaralhou os papéis. Ele pensou sobre isso e sobre como dizer isso.

Como sua mãe disse isso? *Perspectivas e opiniões que não posso oferecer, de*

vidas que não vivi.

Ben sorriu. “Proponho ouvir as pessoas que sabem melhor.”

Mal-humorado ergueu uma sobrancelha.

Ben consultou suas anotações. “Vamos começar com as sereias. Eles deveriam cobrar uma moeda de prata por cada passeio submarino. E falarei com Ariel sobre dar uma folga à coleta de Linguado para Ariel.

Mal-humorado assentiu. "Parece razoável. OK."

Machine Translated by Google

“Também criei um fundo universitário para os dálmatas – todos os cento e um deles serão elegíveis para ajuda financeira através do Puppy Grant.”

Ben empurrou sobre a mesa uma pasta manchada em preto e branco que continha todos os formulários pertinentes.

Mal-humorado aceitou. “Pongo vai gostar disso”, disse Zangado. “Mas e nós, mineiros?”

“Metade de tudo que você mina ainda deve permanecer propriedade do reino”, disse Ben. Ele sabia que seu pai não se contentaria com menos.

"Metade? E o resto dos diamantes? Para onde isso vai?

perguntou Zangado, parecendo alarmado.

“A outra metade irá para um Fundo 401D. Um fundo de aposentadoria para anões, para cuidem de suas famílias e de seus filhos. Diga ao Bashful para não se preocupar.”

“Parece justo.” Zangado assentiu, apesar de si mesmo. “E quanto à restrição da magia?

Só entre você e eu, essas três fadas fazem muito barulho.”

“As três fadas boas terão que levar sua reclamação à Fada Madrinha. Eu não posso fazer nada sobre isso sozinho, infelizmente. Mas vou marcar uma reunião com ela. Isso eu posso fazer.

“E o pedido de Genie para viagens ilimitadas dentro do reino?”

Mal-humorado franziu a testa. Nesse ponto, ele parecia estar lutando para encontrar coisas que ainda o deixassem mal-humorado.

“Aprovado, desde que ele acerte seu itinerário com o palácio com antecedência.” Essa foi uma concessão difícil de fazer, pois seu pai não queria que o

“maníaco de pele azul aparecesse em todos os lugares sem aviso prévio”, mas ele conseguiu convencer o Rei Fera de que, desde que os súditos fossem avisados sobre a chegada do Gênio, todos ficaria bem.

Mal-humorado cruzou os braços. “E as criaturas da floresta? Eles estão trabalhando com as patas e cascos até os ossos.”

“Uma equipe instalou máquinas de lavar louça, lavadoras e secadoras e aspiradores de pó em todas as residências. Já é hora de percebermos que estamos vivendo no século XXI, não acha? Florestas florestais incluídas?”

“Meh,” disse Zangado. “Não ligo muito para modernidade, mas acho que nossos amigos peludos vão gostar. É difícil lavar a louça à mão, você sabe, sem as mãos.”

Ben tentou não rir.

“Quanto a Maria e aos ratos, a partir de agora serão bem recompensados com o melhor queijo do reino, do próprio rei.

Machine Translated by Google

despesas.” Ben deixou cair o último papel.

"Justo." Mal-humorado assentiu.

“Então temos um acordo?”

Zangado estendeu a mão. "Negócio."

Ben apertou. Ele estava mais aliviado do que deixava transparecer. (Pelo menos, ele esperava não estar deixando transparecer. A essa altura ele estava suando tanto que não tinha certeza.)

"Quer saber, jovem?" – bufou Zangado com uma carranca.

Ben se preparou para um comentário rabugento, mas nenhum veio.

"Você vai ser um bom rei", disse o anão com um sorriso. "Dê lembranças ao seu pai e envie lembranças à sua mãe."

"Eu irei", disse Ben, satisfeito com o resultado da reunião. Ele empurrou sua cadeira para trás da mesa antiga. Seu trabalho estava concluído, pelo menos por hoje. ***Mas se ser rei é isso, então talvez não seja tão difícil quanto eu pensava.***

O anão pegou seu gorro e saltou do assento, virando-se em direção à porta da sala do conselho.

Então ele fez uma pausa.

"Sabe, filho, às vezes você me lembra dela." A Rainha Bela era muito querida no reino.

Ben sorriu. "Sabe, eu realmente espero que sim."

Grumpy encolheu os ombros, abrindo a porta. "Mas não é tão bonito.

Eu vou te contar isso. E sua mãe teria garantido que tivéssemos um ou dois bolos de creme.

E pelo menos algumas groselhas nos biscoitos."

Ben riu quando a porta se fechou.

chapter
22
—
Gargoyle Bridge

Machine Translated by Google

Cada momento desta aventura já se revelou um pouco mais aventureiro do que Carlos havia previsto.

Esta revelação pode ter sido um problema para o homem comum da ciência que não gostava de examinar as tumbas e que se mantinha nos laboratórios tanto quanto possível. Claro, Carlos sentiu um pouco de enjôo na viagem até a Ilha dos Condenados, mas conseguiu se controlar, não foi?

Se ele olhasse assim, ele já havia provado ser um homem melhor.

aventureiro do que qualquer um poderia razoavelmente esperar.

Pelo menos foi isso que Carlos disse a si mesmo.

Então ele disse a si mesmo que tinha se saído melhor do que qualquer outra pessoa na Ciência Estranha. Na verdade, ele riu alto ao pensar em seu inimigo de sala de aula nesta situação atual, o que levou Jay a empurrá-lo e perguntar se ele não achava que estava interpretando toda aquela coisa de cientista louco um pouco literalmente demais.

“Não estou louco”, Carlos tranquilizou seus companheiros aventureiros. Ainda assim, querer não mergulhar no mar revolto exigiu mais do que a sua cota de determinação exaustiva, e quando os quatro voltaram à terra e se afastaram da floresta espinhosa, não estavam em estado de desgaste.

Machine Translated by Google

exceto por alguns arranhões e coceira nos cotovelos, Carlos ficou mais do que feliz em encontrar um caminho real que levava ao castelo escuro na colina acima deles.

A terra e as pedras nunca pareceram tão boas.

Até que começou a chover, e a terra virou lama, e a rocha ficou escorregadia.

Pelo menos não era o mar, consolou-se Carlos. E as probabilidades de um pessoa que realmente se afogava na lama e nas pedras era incrivelmente magra.

Além disso, sua invenção agora emitia sinais sonoros em intervalos regulares, seu sensor a luz piscava com mais intensidade e rapidez a cada passo que os aproximava da fortaleza.

“O Olho do Dragão está definitivamente lá em cima,”

Carlos disse entusiasmado, sentindo o entusiasmo de um cientista por um experimento em funcionamento. “Se isso estiver certo, estou percebendo algum tipo de aumento massivo de energia elétrica. Se houver um buraco na cúpula, de alguma forma está vazando magia aqui, diferente da Ilha dos Perdidos.”

“Talvez o buraco esteja logo acima deste lugar”, disse Evie.

“Sim, eu também posso sentir isso.” Mal assentiu, ainda avançando pelo caminho. “E

você?” Ela parou e olhou para eles, protegendo os olhos da chuva com uma das mãos.

Carlos olhou para ela surpreso. “Sentir o que? Esse?” Ele ergueu sua caixa, e apitou na cara dela. Mal deu um pulo para trás, assustado, e Jay riu.

“Opa”, disse Carlos. “Veja o que quero dizer? A energia está aumentando.”

Mal parecia envergonhado. “Eu não tenho certeza. Talvez eu esteja imaginando isso, mas quase parece que há algum tipo de ímã me puxando pelo caminho.”

“Isso é tão assustador”, disse Evie, parando para enxugar o suor da testa.

com a ponta da capa. “Tipo, é o seu destino, literalmente, chamando.”

“Bem”, disse Carlos, “não, na verdade não. Se fosse *literalmente* ligar, seria, você sabe,

ligar para ela.”

Jay riu.

Evie olhou para ele. "Certo, tudo bem. Literalmente puxando como um ímã, só que não realmente, porque é, você sabe, o destino. Você está feliz agora?"

"Literalmente?" Carlos ergueu uma sobrancelha.

Jay riu de novo, o que fez Carlos se sentir bem, embora não conseguisse explicar exatamente o porquê, nem mesmo para si mesmo.

“Vocês não sentem isso?” Mal parecia nervoso. Ninguém disse nada, e ela suspirou, voltando-se para o caminho lamacento.

Eles só tinham conseguido passar pela próxima curva no caminho quando Maly tropeçou e caiu, fazendo com que uma pedra deslizasse pela trilha atrás dela.

“Quem-ahh?” Maly gritou, agitando os braços. As pedras escuras estavam tão escorregadias por causa da chuva que ela não conseguiu se endireitar, apenas escorregando nas pedras novamente.

Evie pegou Mal antes que ela caísse de cabeça no caminho pedregoso.

As duas garotas voaram para trás em direção a Jay, que quase derrubou Carlos atrás dele.

“Peguei você”, disse Evie, ajudando Mal a recuperar o equilíbrio.

“Sim, e eu peguei você”, disse Jay.

“O que é ótimo para todos, menos para mim”, disse Carlos, mal mantendo um braço em volta do dispositivo enquanto o outro segurava Jay longe dele. “O batente de porta humano.”

“Definitivamente estou na posição errada para isso”, disse Evie, estremecendo ao ver seus próprios pés.

“Precisamos de nadadeiras, não de sapatos. A chuva transformou toda essa trilha em um rio de lama. Talvez devêssemos todos dar as mãos”, sugeriu Jay. “Trabalharemos melhor se estivermos todos juntos.”

"Você disse mesmo aquilo?" Mal balançou a cabeça, parecendo enojada.

“Por que não cantamos músicas para animar uns aos outros e depois tecemos flores na lama e nos mudamos para Auradon, enquanto estamos nisso?”

“Vamos, Mal.” Carlos tentou não sorrir. Ele sabia que Mal, de todos eles, tinha mais dificuldades com algo mais benéfico do que Malévola.

"Você tem uma ideia melhor?" Jay parecia envergonhado.

“Se você quisesse segurar minha mão, você sabe, você poderia simplesmente ter pedido”, brincou Evie, enquanto a oferecia a Jay, balançando os dedos.

“Bem, agora,” Jay piscou. “Você não diz.”

Eva riu. “Não se preocupe, Jay, você é fofo, mas ladrões não são meu estilo.”

“Eu não estava preocupado”, disse Jay suavemente, segurando a mão dela com firmeza.

pegada. “Só não estou com vontade de tomar banho de lama hoje.”

“Do ponto de vista da física, faz sentido. Se você quiser falar sobre a segunda e a terceira leis de Newton — acrescentou Carlos, tentando parecer tranquilizador. “Você sabe, impulso e força, e tudo mais.”

"O que ele disse." Jay assentiu, estendendo a mão para Mal.

Carlos o observou, imaginando se Jay e Evie estavam flertando e se era por isso que Mal parecia bravo. Não. Mal e Jay brigavam como irmãos. E Jay e Evie estavam apenas tentando encobrir o fato de que estavam com medo. Jay tinha

Machine Translated by Google

disse a ele antes que achava Evie uma graça, tudo bem, mas ele pensava nela como pensava em Mal, o que significava que ele não pensava nela de jeito nenhum.

Carlos pensava que se as meninas fossem suas irmãs, Mal teria sido a irmã chata e mal-humorada, enquanto Evie seria a manipuladora e bonita. E se Jay fosse seu irmão, ele seria do tipo que ou ria de você ou lhe dava um soco quando não estava ocupado roubando suas coisas.

Quanto mais pensava nisso, mais Carlos decidia que não era tão ruim assim ser filho único, afinal.

“Vamos, Mal. Apenas pegue isso. Até Newton concorda”, disse Jay, balançando os dedos para Mal, enquanto ainda segurava a mão de Evie com força com a outra.

Mal desistiu com um suspiro, agarrando-o depois de uma ligeira hesitação. Mal então estendeu a mão para Carlos, que a agarrou como se fosse um salva-vidas, visto que conhecia física melhor do que qualquer um deles.

Um tanto desajeitadamente, e pouco a pouco, os quatro puxaram e empurraram e ajudaram uns aos outros a subir o caminho lamacento, com as palmas das mãos suadas e os tornozelos enlameados e os pés frios e tudo.

Em pouco tempo, o caminho se curvava mais uma vez, e agora a espessa nuvem de chuva que o cercava parecia se separar de ambos os lados dos quatro aventureiros, revelando uma vista repentina e dramática – o que parecia ser uma longa e esbelta ponte de pedra, meio envolta em névoa. , que se projetava acima de um abismo na rocha bem à frente deles.

“É lindo”, disse Evie, tremendo. “De uma forma realmente assustadora.”

“É só uma ponte”, disse Carlos, erguendo sua caixa. “Mas definitivamente temos que cruzá-lo. Olhe... A luz estava piscando com tanta intensidade e rapidez que ele cobriu o sensor com uma das mãos.

— Dã — disse Jay.

“Não é apenas uma ponte”, disse Maly, em voz baixa, olhando para a forma cinzenta à sua frente. “É a ponte *dela* . Ponte de Malévola. E isso está me puxando. Eu tenho que atravessar. Ele quer que eu chegue ao outro lado.”

“Não é com a ponte que estou preocupado”, disse Carlos, olhando para longe.

"Olhar!"

Além da ponte e da névoa, um castelo negro erguia-se de um pilar de pedra.

A ponte era a única maneira de chegar ao castelo, já que penhascos escarpados cercavam a fortaleza negra por todos os outros lados.

Mas o castelo em si era tão ameaçador que não parecia exatamente um lugar que queria ser alcançado.

Machine Translated by Google

“É isso”, Maly respirou. “Essa tem que ser a Fortaleza Proibida.” O lugar mais sombrio de sua ilha escura – o antigo covil de Malévola e lar ancestral.

“Legal”, disse Jay. “Essa é uma cabana de doentes.”

Evie estudou-o atrás dele, ainda tremendo. “E eu pensei que nosso castelo estava com correntes de ar.”

“Não posso acreditar que realmente o encontramos.” Carlos olhou de sua caixa para o castelo. “E não posso acreditar que estive tão perto da ilha o tempo todo.”

Os olhos de Mal estavam escuros e sua expressão era impossível de ler. Ela parecia quase atordoada, pensou Carlos. “Acho que isso explica a chuva. A Fortaleza Proibida se esconde em uma mortalha de neblina e neblina. É como um fosso, eu acho.”

Carlos examinou o ar ao seu redor. “Claro que é. Uma defensiva mecanismo, embutido na própria atmosfera.”

“Tenho certeza de que minha mãe o projetou para manter todos que ela não queria fora.”

Ela não disse o resto, então Jay disse por ela. “O que significa, você sabe, *todo mundo*.”

Carlos achou difícil desviar o olhar da torre negra na colina. Não admira que os cidadãos da Ilha dos Perdidos tenham sido instruídos a manterem-se afastados. Aqui estava a prova concreta da vilania, do poder das trevas e da infâmia.

A escuridão de Malévola.

Não foi um mal qualquer. O que apareceu na frente deles foi o mais escuridão poderosa e mais célebre do reino.

Carlos de repente sentiu isso – a atração magnética que Mal tentou descrever. Ele podia senti-lo vibrando no ar, nas próprias pedras sob seus pés. Mesmo que a magia não fosse mais um fator importante, havia poder aqui e história.

“Sente isso?” Carlos ergueu a mão vibrante no ar.

“Eu também posso”, disse Evie, pegando uma pedra na lama. Isso chocou nela dedos enquanto ela o segurava. “Destiny”, ela anunciou dramaticamente.

Jay apontou para o relâmpago que estalava no ar acima das torres negras.

“Eu também. Acho que está na hora.

Mal não disse uma palavra. Ela apenas olhou.

“Espere, agora. Não temos pressa”, disse Carlos. “Precisamos fazer isso certo, ou... Ele não terminou a frase. Ele apenas encolheu os ombros.

Então ele captou o olhar de Mal e soube que ela sentia o mesmo.

“Olha”, disse Jay, arrancando uma braçada de trepadeiras que cobriam os degraus de pedra que levavam à rampa principal da ponte. Ele os jogou para o lado.

Machine Translated by Google

“O que são essas criaturas horríveis e feias?” Evie fez uma careta.
"Não, obrigado. Eu ficarei deste lado dessas coisas.”

Porque agora que as vinhas haviam desaparecido, eles podiam ver que toda a ponte parecia ser guardada por antigas gárgulas de pedra. Os grifos alados olhavam para eles de onde estavam empoleirados, flanqueando a ponte de cada lado.

“Adorável”, disse Jay.

Carlos ficou olhando. Não foi só Mal quem viu a mão da mãe em cada pedra ao redor deles. As criaturas esculpidas zombavam exatamente da mesma forma que Malévola, com dentes pontudos e bocas cruéis.

Mal olhou para eles, congelado.

Então Carlos percebeu que era porque ela estava paralisada de medo. "Mal?"

Ela não respondeu.

Ela não pode fazer isso sozinha, pensou Carlos. Nenhum de nós pode.

Não é diferente de puxar um ao outro pela lama. É apenas física, se você

pensar bem. É ciência.

Mas então Carlos tentou não pensar nisso, porque seu coração batia tão forte que ele pensou que os outros iriam ouvir. Ele começou a recitar mentalmente a tabela periódica dos elementos para se acalmar. Os números atômicos e os elétrons sempre foram um tanto reconfortantes em tempos de estresse, ele descobriu.

E quanto mais números ele recitava, mais fácil era colocar um pé na frente do outro.

E foi exatamente isso que ele fez.

Carlos subiu no primeiro pavimento de pedra que conduzia à ponte inclinada. Assim que ele fez isso, as gárgulas de pedra começaram a bater as asas na frente deles.

"Uau!" Jay disse.

"Não", disse Evie. "Apenas não."

"Como isso é possível?" perguntou Jay. "Não há magia na ilha."

"O buraco na cúpula", disse Carlos. "Isso deve ter feito o castelo explodir vida ou algo assim, como uma reação química." Fazia sentido – não apenas Diablo havia sido descongelado, mas toda a fortaleza também.

Carlos subiu o degrau seguinte, e depois o seguinte, até ficar no nível da rampa principal da ponte. Mal, Evie e Jay seguiram atrás dele.

Machine Translated by Google

As criaturas rosnaram enquanto ganhavam vida ao seu redor, a ponte estremecendo sob seus pés. Os horríveis olhos dos grifos brilharam em verde, iluminando a névoa ao redor deles, até que eles praticamente direcionaram um holofote para os quatro intrusos. As gárgulas desenrolaram as costas curvadas, agora quase dobrando de altura.

Evie estava certa, pensou Carlos. Eram coisas realmente feias, com dentes tortos e línguas bifurcadas. Ele não conseguia desviar o olhar dos rostos horríveis que pairavam sobre ele. “Isso deve ser um resíduo

dos anos mágicos”, disse ele. “O que quer que tenha feito isso provavelmente foi parte do mesmo poder que deu vida a Diabolo.”

“O mesmo poder?” Mal parecia fascinado. “Você quer dizer, da minha mãe?”

“Ou a mesma onda eletromagnética.” Carlos pensou em sua última aula de Ciências Estranhas. “Não tenho mais certeza de como saber a diferença.”

Jay engoliu em seco quando uma gárgula se inclinou, parecendo que poderia atacar Carlos a qualquer momento. “No momento, tenho quase certeza de que a diferença não importa.”

“Quem vai lá?” – explodiu a gárgula à direita de Carlos.

“Você não pode passar”, disse o que estava à sua esquerda.

“Sim? Quem disse?” Carlos deu um passo para trás, assim como o resto do grupo que o seguia. Eles se entreolharam nervosamente, sem saber o que fazer a seguir. Eles não sabiam sobre as gárgulas, não esperavam uma briga.

Isso seria mais difícil do que eles esperavam, talvez até impossível.

Mas isso não importava. Até Carlos sabia que não havia como voltar atrás agora.

“Vocês, coisas feias, precisam se mover!” disse Mal, gritando atrás dele.

Ela olhou para os grifos. “Ou eu vou fazer você!”

As gárgulas rosnaram e fizeram caretas, batendo as asas de pedra como uma ameaça.

“Alguma ideia?” Carlos olhou por cima do ombro, nervoso. “Não temos armas nem magia.

Com o que lutaríamos? Além disso, como podemos combater algo feito de pedra?”

“Tem que haver um jeito”, disse Maly. “Temos que passar!” ela gritou de novo. “Deixe-nos passar!”

“Sim, não tenho certeza se isso está funcionando.” Eve suspirou.

As gárgulas encaravam as crianças com olhos brilhantes, as presas à mostra, as asas de pedra batendo no vento. “Você não pode passar”, eles disseram novamente em uníssono

– e assim que as criaturas falaram, as espessas nuvens cinzentas

Machine Translated by Google

O ar que cercava a longa rampa de pedra se dissipou, revelando uma abertura na ponte, um abismo de doze metros sem nada abaixo além de ar.

A ponte estava quebrada, praticamente intransitável.

“Ótimo”, disse Jay. “Então acabou. Multar. Qualquer que seja. Podemos ir agora?”

Os outros apenas ficaram olhando.

Carlos teve que admitir que Jay provavelmente estava certo.

Não havia nenhuma maneira aparente de chegar ao castelo. Eles vieram até aqui apenas para falhar. Mesmo que conseguissem passar pelas gárgulas, não havia como atravessar a ponte, pois ***não havia ponte***. Era impossível. A jornada deles terminou antes de realmente começar.

Carlos recuou e notou algo esculpido nas pedras ao pé da ponte. Ele sentou-se para ler.

"O que é?" Mal perguntou, ajoelhando-se ao lado dele.

Ele limpou a sujeira e o musgo para revelar uma frase gravada no pedras: ***Vocês que atravessam a ponte devem ganhar o direito de passagem.***

"Ótimo. Então, quais são essas direções? Mal olhou para os outros.

"O que isso significa? Como ganhamos o direito de passagem?

Evie balançou a cabeça enquanto olhava de volta para as gárgulas e o ponte quebrada. “Eu não sei, Mal. Parece que não ganhamos nada.”

“E, tecnicamente, somos invasores”, disse Jay.

Eve franziu a testa. “Acho que deveríamos ir. Talvez a ponte tenha sido destruída —

talvez esteja assim há anos. Talvez ninguém entre e saia agora.”

"Não. Essas palavras têm que significar alguma coisa. Mas é um enigma ou um aviso?" Mal perguntou. Ela olhou para a abertura na ponte e passou pelos outros, em direção à borda. Ela estava determinada a descobrir.

"O que você está fazendo?" Carlos gritou. “Mal, espere! Você não está pensando direito.

Mas ela mal podia esperar e não parou.

Ele deu um passo para trás, Jay e Evie o flanqueando. “Vá atrás dela”, disse Carlos.

“Tire-a da fenda na pedra antes que ela caia. Isso é loucura.”

Jay assentiu e a seguiu.

“É tão triste”, disse Evie. “Ter chegado até aqui.”

"Eu sei. Mas meia ponte pode muito bem não ser nenhuma ponte", murmurou Carlos.

Ele largou a máquina e desligou-a para não ter que ouvir os bipes. O ruído do sensor –

mais uma prova de como

Machine Translated by Google

Eles chegaram perto de encontrar a fonte do poder - só pioraram as coisas.

No momento em que Carlos desligou a máquina, a luz nos olhos das gárgulas desaparecido. O misterioso brilho verde recuou para suas órbitas de pedra negra.

"Espere, você acabou de..."

Carlos parecia incrédulo. “Desligar os monstros? Eu penso que sim.” Ele chamou Mal, que agora estava com Jay, a poucos metros da abertura na rampa de pedra. “Elas são como campainhas grandes, Mal. Quando tentamos atravessar, eles ligam. Quando vamos sair, eles desligam.”

“Então eles são outro mecanismo de defesa?” Evie não parecia convencida.

“Talvez.” Carlos estudou a ponte. “Qualquer coisa é possível. Pelo menos, é isso que estou começando a pensar.”

Mal voltou correndo. “Então talvez seja apenas um teste. Olhem”, ela disse, aproximando-se das gárgulas, seus olhos brilhando mais uma vez. “Faça-me suas perguntas!”

ela chamou os guardiões da ponte. “Vamos conquistar o direito de passagem.”

Mas as gárgulas não responderam.

“Talvez você não esteja ligando direito”, disse Evie.

“Talvez isso seja apenas uma perda de tempo.” Jay suspirou.

“Não, não é”, disse Maly, lançando-lhes um olhar suplicante. “Este é o castelo da minha mãe. Nós o encontramos e deve haver uma maneira de entrar. Olhe a inscrição na pedra: deve ser algum tipo de teste.

Jay falou. “Carlos disse que eles são como uma campainha. Mas e se não forem? E se eles forem como o sistema de alarme de uma casa? Tudo o que precisaríamos saber para desativá-los é o código.” Ele encolheu os ombros. “Quero dizer, isso é o que eu faria se estivesse tentando invadir.”

De qualquer um de nós ele saberia, pensou Carlos.

“Então qual é o código?” Mal voltou-se para as gárgulas, os olhos ardente. “Diga-me, seus idiotas!”

Ela se endireitou e falou com uma voz que Carlos conhecia bem. Foi assim que Cruella falou com ele e como Malévola falou com seus asseclas da varanda. Ele ficou impressionado.

Ele nunca tinha visto Mal tão parecida com a mãe como agora.

Mal não perguntou às gárgulas, ela as comandou.

“Este é o castelo da minha mãe e vocês são seus servos. Você fará o que eu mandei.

PERGUNTE SEU ENIGMA E DEIXE-NOS PASSAR!” ela ordenou, parecendo estar em casa –

realmente em casa – pela primeira vez.

Machine Translated by Google

Porque, como todos podiam ver agora, ela era.

Um momento se passou.

A névoa rodopiava, ao fundo corvos grasnavam e a luz verde pulsava nas janelas distantes do castelo.

“Carlosssssssss,” sibilaram as gárgulas, em um unísono perturbadoramente assustador.

“Aproxime-se de nósssssssss.”

Ao ouvir seu nome, Carlos deu um passo à frente com uma expressão de espanto no rosto. “Por que eu?”

“Talvez porque você tocou o degrau primeiro? Então o alarme está ativado Modo Carlos? Jay coçou a cabeça. “Melhor você do que eu, cara.”

“Hora da senha.” Maly assentiu. “Você consegue, Carlos.”

Então as gárgulas começaram a assobiar novamente. “Carlosssssss. Primeira pergunta...”

Carlos respirou fundo. Era como na escola, ele pensou. Ele gostava da escola. Ele gostava de responder perguntas que tinham respostas, certo? Então isso não era apenas mais uma pergunta? Isso precisava apenas de outra resposta?

“Mancha de tinta na neve

Ou vermelha, áspera e macia

Negra e molhada, quente e rápida

Amada e perdida — O que sou eu?”

Assim que as gárgulas pararam de falar, um estrondo começou sob seus pés. “Carlos!”

Evie gritou, tropeçando enquanto tentava ficar no lugar.

"O que?" Carlos passou a mão pelos cabelos ansiosamente. Sua mente estava cambaleando.

A tinta é preta. Neve é branca. O que é vermelho e áspero? Um bife? Quem ama um

bife? Faz um tempo que não temos isso, de qualquer maneira. E o

que tudo isso tem a ver

comigo?

"Responda à pergunta!" Mal disse. A luz estava mais uma vez desaparecendo dos olhos das gárgulas.

"É..." disse Carlos, protelando. Ele estava preso.

Preto. Branco. Pontos. Vermelho. Amado. Perdido.

"Os cachorrinhos. Os cachorrinhos da minha mãe, os dálmatas. Todos cento e um deles.

Todos amados e todos perdidos por ela." Ele olhou para os rostos de pedra. "Embora eu ache que a parte do amor é discutível."

Machine Translated by Google

Silêncio.

“Preciso dizer os nomes? Porque eu juro que posso contar para você, cada uma delas. Ele respirou fundo. “Pongo. Perdita. Correção. Sortudo.

Roly Poly. Sardas. Pepper...” Quando ele terminou de falar, a névoa mais uma vez congelou ao redor da ponte. Carlos soltou um suspiro.

Não funcionou.

"Espere!" Mal disse, apontando para o local onde a névoa havia congelado.

"Está fazendo alguma coisa." A névoa cinzenta se abriu, revelando uma nova seção da ponte, uma peça que não existia há pouco.

As gárgulas abriram caminho e os quatro correram para lá, correndo para a borda recém-formada, esperando pela próxima pergunta.

"PRÓXIMO ENIGMA!" Mal exigiu, no momento em que um vento feroz soprava sobre eles.

Carlos estava começando a ter a sensação de que a ponte tinha mais do que algumas maneiras de se livrar de visitantes indesejados. Ele engoliu em seco.

Eles precisavam se apressar.

Ou melhor, ele fez.

"Carlosssssss. Próxima pergunta."

Ele assentiu.

"Como uma rosa em uma nevasca

Floresce como um corte

Uma mancha vermelha

O beijo dela é a morte”,

as gárgulas sibilaram em seu sinistro uníssonos, virando-se para encará-los, com as garras erguidas. Seus músculos flexionaram e suas caudas chicotearam, suas línguas bifurcadas arranhando suas presas. Parecia que eles poderiam atacar a qualquer momento.

Mais uma vez, a ponte começou a se mover sob seus pés.

“O beijo dela é a morte”, repetiu Carlos. “Tem que ser sobre minha mãe. É

essa é a resposta? Cruela De Vil?

A ponte começou a tremer ainda mais.

Resposta errada.

“Mas *é* sobre sua mãe!” disse Evie, de repente. “Uma rosa em uma nevasca, ela floresce como um corte... o beijo dela... é sobre a cor do batom que ela usa! O vermelho característico de Cruella!”

Carlos ficou pasmo. "Isso é?"

“Uma mancha vermelha, viu? Significa que é algo que ela veste. Ah, eu sei o que é!”

Evie disse. “A resposta é Cerejas na Neve! Tem que ser isso; estive em todo lugar nesta temporada. Quero dizer, a julgar pelo que foi jogado fora nas barcas de lixo.”

Mal revirou os olhos. “Eu não posso acreditar que você sabe disso.”

O vento aumentou novamente e os quatro se entrelaçaram, segurando uns aos outros em busca de apoio. Eles pressionaram os ombros, preparando-se contra o vendaval.

Evie amaldiçoou. “Não são Cerejas na Neve? Eu poderia jurar que foi isso.

Vermelho com um tom rosado. Não, espere, espere, não tinha um tom rosa, era mais escuro. **Mais vermelho.** Um 'verdadeiro vermelho' - como o chamavam as revistas? Geada e Chama? Não – Fogo e Gelo! É isso! O beicinho da Cruella é feito de Fogo e Gelo!”

As gárgulas pararam, seus olhos brilhando. Eles permaneceram no lugar enquanto a névoa se solidificava mais uma vez ao redor da ponte, depois diminuía para revelar outra nova seção.

Carlos relaxou. Jay gritou - e até Mal deu um tapinha nas costas de Evie enquanto avançavam pela ponte.

Mais uma pergunta respondida e o caminho estaria claro.

“Faça seu último enigma!” Mal os atacou.

As gárgulas pareciam astutas.

“Carlossssss. Última pergunta.

Ele assentiu.

Mal olhou para ele de forma encorajadora.

Aqui vai, uma última vez.

“Escuro é o seu

coração Negro como o céu

acima Diga-nos, jovens

viajantes – Qual é o seu único amor verdadeiro?”

As criaturas sibilaram em uníssono e, assim que terminaram de falar, caminharam em direção aos quatro, dentes brilhando, garras erguidas, asas batendo.

As gárgulas iriam despedaçá-los se Carlos respondesse incorretamente – os quatro viram isso agora.

Carlos tinha que acertar, não apenas para atravessar a ponte, mas para manter todos eles vivo. “'Escuro é o coração dela' - eles devem significar Malévola, certo?” Ele virou

Machine Translated by Google

para Mal. "Mas pode significar qualquer uma de nossas mães."

"Minha mãe não tem amor verdadeiro. Minha mãe não ama nada e ninguém!

Nem mesmo eu!" — disse Mal, com uma leve pontada que Carlos conhecia muito bem.

"Não olhe para mim. Eu nem *tenho* mãe", disse Jay.

"Beleza!" Evie gritou. "Isso é meu. Eu sei... é um pouco clichê."

Mas as gárgulas não estavam interessadas em nada que alguém tivesse a dizer.

Aproximando-se, separando as brumas, suas caudas balançando:
"QUAL É SEU

VERDADEIRO AMOR?" eles exigiram, olhando de Evie para Carlos, de Mal para Jay.

"Meu *pai*?" Mal se aventurou.

Carlos balançou a cabeça. Se Malévola fosse parecida com Cruella, ela odiava o pai de Mal com força. Cruella proibiu qualquer pergunta sobre os seus, por mais curioso que Carlos estivesse, o quanto ele quisesse saber. Para Cruella, Carlos era só dela. Malévola tinha que ser a mesma.

As gárgulas estavam quase em cima deles. Eles eram mais altos do que Carlos percebi, talvez dois ou três metros. Eram enormes e o seu peso fazia a ponte gemer a cada passo que davam.

Carlos não achava que mesmo as tabelas periódicas pudessem ajudá-lo agora.

"QUAL É SEU VERDADEIRO AMOR?" as gárgulas perguntaram novamente, estendendo suas asas enormes. Quando eles batiam as asas, a névoa girava em torno deles.

"O Olho do Dragão?" Mal adivinhou. "Isso é tudo com que minha mãe se preocupa."

"Ser o mais justo de todos!" Evie gritou. "Ela ou eu. Naquela ordem!"

Jay apenas encolheu os ombros. "Eu não posso ajudar. Tenho quase certeza de que a resposta não é Jafar, Príncipe do Pijama."

A princípio parecia que as gárgulas balançavam a cabeça, mas Carlos percebi que era porque a ponte estava barulhenta. Tudo tremia e as gárgulas estavam quase em cima deles. Seus dentes começaram a bater. Evie perdeu o equilíbrio e escorregou, quase caindo para o lado, mas Carlos a pegou a tempo. Jay se agarrou a um poste em ruínas e estendeu a mão para que Carlos pudesse segurá-lo, formando um elo com Evie.

"Pressa! É melhor alguém inventar alguma coisa — grunhiu Jay. “Não aguento mais muito tempo.”

Evie gritou enquanto pendia da ponte, Carlos agarrado a um dos as luvas azuis, das quais ela estava tirando, um dedo de cada vez.

Machine Translated by Google

“PENSE, MAL! O que Malévola ama?” Carlos gritou. "Ela tem amar ALGUMA COISA!”

“QUAL É SEU VERDADEIRO AMOR? RESPONDA O ENIGMA OU CAIA NA ESCURIDÃO”, entoaram as gárgulas.

“Diablo?” Maly gritou. “É Diablo?”

Em resposta, a ponte cedeu sob seus pés e Maly escorregou, apenas por sorte conseguindo segurar Jay, que estava ancorando todos. Todo o castelo estava tremendo. Pedras caíram de suas muralhas e as torres ameaçaram desmoronar em cima delas.

A ponte começou a balançar perigosamente.

"Espere!" gritou Jay. "Vocês caras! Eles não estão falando sobre Malévola!

Eles ainda estão falando sobre Cruella! Rápido, Carlos, qual é o seu verdadeiro amor?

Carlos não conseguia pensar. Ele estava muito assustado. Ele não conseguia nem formar uma frase. E ele ficou ainda mais assustado com qual seria a **resposta** .

Talvez tenha sido por isso que ele não acertou desta vez.

Não suporto dizer isso em voz alta.

A voz de Jay ecoou. “CARLOS! QUAL É O VERDADEIRO AMOR DA SUA MÃE?”

Ele tinha que dizer isso.

Ele quase sempre soube.

Às vezes, como esta tarde, ele pensava que ela se referia a ele, mas na verdade ele sabia que não era assim.

Porque ela **nunca** quis dizer ele.

Nem uma vez. Nunca.

Carlos abriu os olhos. Ele tinha que dizer isso, e tinha que dizer agora.

“SUAS PELES! PELE É SEU VERDADEIRO AMOR! ele gritou. Ela disse isso o tempo todo. Ela havia dito isso naquela tarde na frente de todos.

“Tudo o que importa para minha mãe é seu estúpido armário de casacos de pele e tudo o que há nele. Mas vocês já sabem disso.

Era a verdade e, como qualquer verdade, era poderosa.

Em um piscar de olhos, os quatro estavam do outro lado da ponte das gárgulas e tudo estava em ordem mais uma vez. Não houve mais balanços ou estrondos, ninguém caiu para o lado e todas as gárgulas viraram pedra.

Machine Translated by Google

Embora Carlos pudesse jurar que uma das gárgulas de pedra piscou para ele.

Eles estavam seguros, por enquanto.

“Bom trabalho”, disse Mal, respirando pesadamente. “Ok, agora, para onde?”

Carlos olhou trêmulo para a caixa que apitava em suas mãos. "Por

aqui."

chapter
23
—
The Wonder of It All

Machine Translated by Google

A Fortaleza Proibida fez jus ao seu nome. Uma vez que os quatro aventureiros tendo encontrado o caminho através de suas enormes portas de carvalho, era quase impossível distinguir a escuridão do mundo das sombras fora do castelo do mundo das sombras dentro. De qualquer forma, estava intimidantemente escuro, e quanto mais Jay, Carlos, Evie e Mal entravam, mais seus sussurros nervosos ecoavam pelas câmaras abandonadas e fantasmagóricas.

Jay desejou ter usado algo mais quente que o colete de couro. Mal's os lábios estavam ficando azuis, a respiração de Carlos aparecia em nuvens brancas enquanto ele falava e os dedos de Evie pareciam pingentes de gelo quando Jay os agarrou. (Uma vez. Ou duas. E estritamente para aquecer.) Estava mais frio do que o Dragon Hall lá dentro, e não havia chance de nada ficar mais quente; não havia lenha nas grelhas da lareira, nem termostatos para ligar.

“Essa é a vida moderna em um castelo.” Eve suspirou. “Troque uma prisão grande e fria por outra.” Mal assentiu concordando. Particularmente, Jay achava que a loja de sucata de Jafar parecia bastante aconchegante em comparação, mas guardou isso para si.

Dentro de cada corredor, uma névoa densa flutuava logo acima do mármore preto chão. “Isso tem que ser mágico. A neblina não *faz* apenas isso”, disse Maly.

Machine Translated by Google

Carlos assentiu. “A energia refratada parece mais forte aqui. Acho que estamos mais perto da fonte do que nunca.”

Enquanto ele falava, um vento gelado passou por eles, assobiando pelos vitrais quebrados bem acima deles. Cada passo que davam reverberava nas paredes.

Até Jay, o mestre ladrão, ficou intimidado demais para tentar pegar qualquer coisa e, pela primeira vez, manteve as mãos fechadas.

É claro que, uma vez que encontrassem o cetro, ele teria que se preparar. Jay sabia disso e fez as pazes com isso, não importando o quanto bem todos eles se deram no caminho até lá.

Os vilões não têm amigos, nem seus filhos. Não quando você vai direto ao assunto.

Nenhum deles foi até lá por lealdade a Mal ou por amizade. Jay sabia o que tinha que fazer e faria.

Até então, suas mãos permaneciam nos bolsos. Se este lugar mal-assombrado o estava vendendo, ele não o queria.

"O que é isso?" Jay perguntou, apontando. Luzes verdes brilharam pela metade painéis de vidro quebrados, mas ele não conseguiu descobrir a fonte.

"É o que temos monitorado o tempo todo", respondeu Carlos. "Essa mesma energia eletromagnética: está enlouquecendo." Ele balançou a cabeça para as luzes piscando em sua caixa. "Esta fortaleza foi definitivamente exposta a algo que deixou uma espécie de carga residual..."

"Você quer dizer, um encantamento?"

Ele encolheu os ombros. "Isso também."

"E então, mesmo depois de todos esses anos, este lugar ainda brilha com luz própria?"

Evie parecia surpresa.

"Legal", disse Jay.

Mal encolheu os ombros. "Em outras palavras, estamos nos aproximando do Olho do Dragão."

"Sim", disse Jay. Como o resto do grupo, ele sabia o que todos na Ilha e no reino sabiam: que a luz verde maligna significava apenas uma pessoa aterrorizante.

Mesmo que provavelmente lembrasse Mal de casa.

Corredores levavam a mais corredores, até passarem por corredores escuros cheio de pinturas emolduradas envoltas em teias de aranha e poeira. "É uma galeria de retratos", disse Evie, esforçando-se para ver as paredes através das sombras. "Todo castelo tem um."

Machine Translated by Google

"Mal, pare com isso..." Jay gritou, olhando para trás e pulando para longe.

Mal estendeu a mão e bateu em seu ombro. Ela estava parada bem na frente dele. "Olá? Eu não estou lá atrás. Estou aqui."

"Besteira. Achei que aquela foto fosse você. Ele apontou.

"Este não sou eu. Essa é minha mãe", disse Maly com um suspiro.

“Uau, você realmente se parece com ela, sabe”, disse Jay.

“Vocês dois poderiam ser gêmeos”, concordou Evie.

“Isso, meus amigos, se chama genética”, disse Carlos com um sorriso.

“Puxa, obrigado, eu pareço com minha mãe? Exatamente o que toda garota quer ouvir”, respondeu Mal. Ainda assim, Jay sabia o contrário. O que Mal queria, mais do que tudo, *era* ser igual à mãe.

Exatamente como ela.

Tão ruim e tão poderoso.

Isso era o que seria necessário para que alguém como Malévola a notasse — e Jay sabia que aquela galeria de retratos só estava fazendo Mal desejá-la ainda mais desesperadamente.

"O que agora?" Mal perguntou, como se estivesse tentando mudar de assunto.

Jay olhou em volta. Diante deles havia quatro corredores que conduziam a quatro partes diferentes da fortaleza.

Uma corrente de ar ruim saiu de cada um dos caminhos, e Jay poderia jurar que ouviu um gemido distante; mas ele sabia que era apenas o vento, serpenteando pelas passagens curvas. Ele puxou uma caixa de fósforos do bolso e acendeu um fósforo, murmurando um rápido “eenie-meanie-miney-mo”.

“Que científico”, disse Carlos, revirando os olhos.

“Você conseguiu o que queria, eu consegui o meu. Esse aqui”, disse Jay, apontando para o corredor bem na frente deles. Assim que ele fez isso, o vento soprou daquela mesma passagem, e o fedor fétido de algo podre ou morto veio junto.

O vento apagou o fósforo aceso.

Evie tapou o nariz e Mal fez o mesmo.

"Você tem certeza disso?" Mal perguntou.

“Duh, claro que não. É por isso que joguei eenie-meanie-miney-mo! Um corredor é tão bom quanto o próximo”, disse Jay, entrando no corredor e não esperando que o resto o seguisse. Essa era a primeira regra para invadir um castelo desconhecido: você nunca deixa isso

afetar você. Você sempre age como se soubesse o que está fazendo.

Machine Translated by Google

Jay tinha a sensação de que esta fortaleza estava brincando com eles, oferecendo-lhes escolhas quando na verdade todos os caminhos provavelmente levavam ao mesmo lugar. Era hora de resolver o problema com as próprias mãos.

“Não, espere, você não sabe para onde está indo. Carlos, verifique seu coisa-bússola”, disse Mal.

Carlos levou a caixa até o cruzamento. Ele apitou. “Ok, acho que talvez Jay esteja certo.”

"Claro que sou."

Eles seguiram Jay pelo corredor escuro.

Carlos segurou a caixa de bip nas mãos, o som ecoando nas paredes de pedra.

Isso os levou a uma escada úmida e fria que descia ainda mais, mais profundamente na escuridão. O ar parecia mais frio e úmido e, no silêncio sinistro, ouviu-se um barulho distante, como ossos batendo nas rochas ou correntes balançando ao vento.

“Porque isso é reconfortante.” Eve suspirou.

“A masmorra”, disse Maly. “Ou você pode conhecê-lo como o lugar onde meu mãe encontrou o apaixonado Príncipe Phillip.”

Os olhos de Evie estavam arregalados de admiração. Foi provavelmente a história mais famosa em toda Auradon. “Malévola iria trancá-lo aqui por cem anos, certo? Isso teria sido divertido.

Carlos olhou em volta. "Ela quase conseguiu, não foi?"

Maly assentiu. “Se não fosse por aquele trio de hipócritas, intrometidos e malditos boas fadas. Ela suspirou. “Fim da cena. Entre na Ilha dos Perdidos.”

“Não sei quanto a você, mas sinto que já estamos aqui há cem anos. Vamos em frente”, disse Jay.

Ele estava mais alerta do que estivera o dia todo, porque sabia que agora estava no trabalho.

Era hora de começar a trabalhar.

Jay encontrou uma porta de masmorra. Carlos segurou a caixa dentro, ouvindo seu bip. "É esse."

Ele seguiu em frente com a caixa, enquanto Jay, Mal e Evie ajudavam um ao outro a descer lentamente os degraus, apoiando-se na parede enquanto caminhavam. Não havia corrimão e os degraus estavam cobertos de musgo preto. Cada passo era esmagado na escuridão, e era como se estivessem pisando em algo vivo e molhado.

“De repente, toda essa coisa do rio de lama não parece tão ruim”, disse Evie.

“Sério”, disse Jay.

Machine Translated by Google

Mal não disse uma palavra. Ela não podia. Ela estava muito distraída. Mesmo o musgo cheirava como sua mãe.

Só ficou mais espesso à medida que se aprofundavam na masmorra.

Havia camadas e mais camadas de teias de aranha transparentes, uma tapeçaria de aranha tecida há muito tempo e esquecida. Cada passo que davam separava os fios, abrindo caminho a seguir. Todos eles estavam quietos, silenciados pela ameaça persistente no ar enquanto seus passos soavam na escuridão.

"Aqui?" Mal perguntou, parando em frente a uma porta de madeira podre parcialmente pendurada nas dobradiças. Quando ela tocou, a moldura desabou, fazendo a madeira bater no chão. Até as pesadas tiras de ferro que outrora prendiam a porta caíram contra as pedras e a madeira, fazendo um barulho terrível.

"Talvez não devêssemos tocar em nada", disse Carlos, examinando o aparelho em suas mãos.

Mal revirou os olhos. "Tarde demais."

"Acho que é isso", disse Carlos.

Jay esperava estar certo, que a caixa os tivesse levado ao Olho do Dragão.

Ele não conseguia imaginar o que Mal faria ao pobre Carlos se isso não acontecesse. E

O próprio Jay precisava continuar com o trabalho que tinha em mãos.

Mal assentiu e Jay empurrou para o lado o que restava da porta. Ao entrarem, ele não pôde deixar de notar que os restos despedaçados da porta e seu batente pareciam uma espécie de boca — a boca de uma pantera — e eles estavam passando por suas mandíbulas abertas, entrando na boca da fera.

"Algun de vocês notou—"

"Cale a boca", disse Evie, tensa. Todos tinham visto a mesma coisa, o que não podia ser bom. Provavelmente era por isso que ninguém queria falar sobre isso.

Os quatro entraram. A sala estava incrivelmente escura. Não havia sequer um sinal de luz, nem o brilho de uma janela distante ou de uma tocha.

Jay estendeu a mão, procurando uma parede, algo para tocar.

"Talvez devêssemos encontrar uma lanterna ou algo assim nos bolsos

de Jay, antes de tocarmos em qualquer... — Carlos avisou, mas já era tarde demais.

Jay bateu em alguma coisa com a mão, e a sala de repente se encheu de sons ensurdecedores de metal e pedra colidindo, rangendo e tilintando ao redor deles.

E de repente, eles foram banhados pela luz mais brilhante, um brilho que irrompeu de todos os cantos da sala. O brilho dourado encheu seus olhos

– e antes que eles percebessem o que estava acontecendo, a sala de repente se encheu de areia.

Areia, areia por toda parte... e eles estavam caindo nela, cobertos dela.

Evie gritou. Mal começou a se debater. Carlos perdeu o controle da caixa. Apenas Jay ficou perfeitamente imóvel.

Não era uma masmorra, era uma **caverna**.

Uma caverna cheia de areia... e, pelo que Jay mal conseguia entender em meio às enormes dunas que agora o cercam... um tesouro.

Ele olhou em volta para o resgate de joias do rei que brilhava entre as dunas. Montes e mais montes de moedas de ouro brilhavam à distância, enquanto colinas de moedas de ouro se estendiam até onde a vista alcançava.

Havia coroas e diademas, cetros e taças de jóias, esmeraldas do tamanho do seu punho, diamantes tão brilhantes quanto as estrelas, milhares de dobrões de ouro e moedas de prata. Havia coisas maiores também: grandes obeliscos e caixões, lâmpadas e urnas, a cabeça de um faraó, um bastão alado, um cálice e uma esfinge feita de ouro.

O resgate de um rei, pensou ele. ***Isso é o que é.***

Evie empurrou a areia para longe e sentou-se, usando uma nova coroa na cabeça, quase por acidente. "O que é isso? Onde estamos?"

"Posso garantir que isso não faz parte do castelo da minha mãe", disse Mal ironicamente, enquanto ela cuspiu um pouco de areia e soprava a franja roxa dos olhos. Ela se levantou, tirando a areia da jaqueta de couro. "Mais resíduos do buraco na cúpula?" ela perguntou.

Carlos assentiu. "Tem que ser. Não há outra explicação."

"Espere um minuto, onde está o cetro?" ela perguntou a Carlos, olhando em volta.

Ela parecia nervosa. "Tem que ser aqui, certo? Alguém viu isso?"

Carlos tirou um balde dourado que havia caído em sua cabeça e pegou levantou sua caixa de onde estava equilibrada no que parecia ser um antigo sarcófago dourado. Ele soprou areia do caminho e verificou a máquina novamente. "Ainda está funcionando, mas não sei. Não está

mais apitando. É como se tivesse perdido o sinal ou algo assim.”

“Bem, encontre de novo!” Mal latiu.

“Eu vou, eu vou... Dê-me um segundo, aqui. Você não tem ideia do que a areia pode fazer com uma placa-mãe...”

Enquanto isso, Jay estava enchendo todos os bolsos que tinha com o máximo de dinheiro possível.

saque maravilhoso que ele poderia carregar.

Esta era a resposta para seus sonhos... as coisas que ele tanto desejava...

paraíso na terra...a maior pontuação de sua vida e de seu pai!

Foi... foi...

Ocorreu-lhe que sabia exatamente onde eles estavam.

“A Caverna das Maravilhas!” ele chorou.

"Volte novamente?" perguntou Maly.

“Este é o lugar onde meu pai encontrou a lâmpada.”

“Pensei que Aladdin tivesse encontrado a lâmpada”, disse Carlos.

“Sim, mas *quem* o enviou para lá?” perguntou Jay com um sorriso superior. "Se isso não fosse por Jafar, Aladdin nunca o teria encontrado. Portanto, sempre foi a lâmpada do meu pai." Ele parecia irritado. “Mas ninguém nunca menciona essa parte, não é? E meu pai disse que achava que poderia haver outras coisas escondidas na névoa — ele deve ter suspeitado que isso poderia estar aqui também.”

"Multar. Caverna das Maravilhas. Mais como Porão de Areia", disse Mal.

“Mais importante, como saímos daqui?”

“Você não sabe,” disse uma voz profunda.

"Com licença?" disse Maly.

“Eu não disse nada”, disse Jay, que agora usava vários correntes em volta do pescoço e empilhando pulseiras de diamantes no braço.

"Quem era aquele?" perguntou Evie nervosamente.

Eles olharam em volta. Ninguém mais parecia estar lá.

"Multar. Não é nada. Agora, vamos encontrar aquela porta", disse Mal.

“Você não vai”, disse a voz estrondosa novamente. “E você ficará preso aqui para sempre se você não me responder corretamente!”

“Ótimo,” Jay gemeu.

“Este é outro enigma? Toda essa fortaleza tem uma armadilha ou algo assim —

resmungou Evie.

“Múltiplas defesas – eu já disse”, disse Carlos. “Alarme contra roubo. Provavelmente para o Olho do Dragão, não acha?

“Caverna? Devo chamar você de Cave?” perguntou Maly.

“Boca das Maravilhas serve”, disse a voz.

Evie fez uma careta. “Esse é um nome terrível.”

Maly assentiu. “Ok, Mouth, qual é a pergunta?”

“É apenas simples.”

“Bata em nós”, disse Maly.

A voz estrondosa riu.

Depois perguntou em tom sombrio: “Qual é a regra de ouro?”

Machine Translated by Google

"A regra de ouro?" Mal perguntou, coçando a cabeça. Ela olhou para ela equipe. "Isso é algum tipo de joia? Jay?

Mas Jay estava muito ocupado pegando tanto ouro quanto podia e não parece ouvir a pergunta.

Carlos começou a recitar freneticamente todas as regras matemáticas que conseguia imaginar. "Regras de logaritmos? Regra de três? Regras expressas em símbolos? Ordem de operações?"

“Talvez seja algo sobre sermos legais um com o outro?” perguntou Evie timidamente. “Faça aos outros o que você quer que seja feito a si mesmo? Algum tipo de bobagem de cartão comemorativo de Auradon?”

Em resposta, a caverna começou a encher-se de areia novamente. A Boca das Maravilhas não ficou feliz, isso estava claro. A areia apareceu de todos os lados, enchendo a sala, preenchendo os espaços entre as pilhas de moedas de ouro, subindo como água enchendo um navio afundando. Eles logo sufocariam se não dessem a resposta correta ao Boca.

“É a Caverna das Maravilhas, não a Fada Madrinha!” gritou Carlos.

“A Caverna não se importa em ser gentil! Essa não é a regra de ouro!”

A caverna continuou a encher-se de areia.

“Vamos, por aqui!” Mal tentou escalar as pilhas de moedas de ouro — pensando que poderia evitar a areia aproximando-se do teto — mas elas desmoronavam sob ela cada vez que ela tentava escalá-las, e ela acabou enterrada em mais tesouros. Ela tentou novamente, e desta vez Evie deu-lhe um empurrão por trás, para que ela pudesse agarrar-se à alta estátua de uma esfinge.

Ela montou nas costas da criatura e estendeu a mão para puxar Evie para o lado dela, mas a areia ainda estava subindo, já engolindo sua perna, ameaçando mantê-la no chão.

“Eu não consigo!” Evie gritou.

“Você tem que!” Maly gritou de volta.

Mas Evie tinha desaparecido sob a torrente de areia.

Jay não pôde acreditar quando a viu afundar. “Evie...”

“Vamos...” Carlos disse, tateando a areia em busca dela. “Ela tem que estar aqui embaixo. Ajude-me a encontrá-la.”

“Não consigo encontrá-la”, gritou Jay.

Evie levantou-se novamente, balbuciando e cuspidando moedas pela boca. Mal e Carlos e Jay pareciam aliviados.

Machine Translated by Google

“Aqui...” Agora Mal ofereceu a mão a Carlos para puxá-lo para cima, mas a areia já estava em seu peito. “Vamos”, ela gritou, “suba na esfinge!”

“Não posso”, disse ele.

"O que?"

“Minha perna está presa.”

Evie subiu na esfinge e puxou o braço dele de um lado, e Mal do outro, mas não importava o que fizessem, Carlos não se movia nem um centímetro. Ele estava preso e a areia ainda subia ao seu redor. Vinha das paredes e do chão, e agora Evie notou que vinha também do teto.

Mal puxou novamente o braço de Carlos, mas em vez de puxá-lo do chão areia, ela o puxou para fora do alcance de Evie. Evie caiu nos crescentes montes de areia, batendo contra cálices e coroas.

A areia a cobriu: primeiro até os joelhos, depois até os ombros...

Carlos estendeu a mão para ela e eles se deram as mãos enquanto a areia continuava subindo.

— Pelo menos estou de salto alto — disse Evie, tentando parecer corajosa. A areia chegava até o pescoço e Carlos mal conseguia manter o queixo acima da superfície.

“JAIO! ONDE ESTÁ JAY?” gritou Mal, olhando em volta, tossindo areia enquanto segurava Carlos freneticamente pelo braço.

“JAIO!”

Jay estava se debatendo na areia; estava em seu cabelo, em seus olhos. Ele também estava coberto com dobrões de ouro. **Ouro. Tanto ouro.** Ele nunca tinha visto tanto ouro em sua vida. Ele tinha todo o ouro do mundo, parecia.

Ele morreria enterrado em ouro....

A regra de ouro...

Qual é a regra de ouro?

Ora, ele sabia a resposta para isso.

Ele quase podia ouvir seu pai sussurrando a resposta em seu ouvido.

Enquanto isso, Carlos e Evie haviam desaparecido novamente sob a areia, e a própria Mal estava prestes a afundar.

A areia estava quase no teto. Logo não haveria lugar nenhum para onde escapar – não há como evitar a areia e não há ar na câmara. Eles estavam ficando sem tempo e sem espaço.

Mas Jay sabia a resposta.

Jay sabia que poderia salvá-los.

Machine Translated by Google

“QUEM TEM MAIS OURO FAZ AS REGRAS!

ESSA É A REGRA DE OURO!” Jay gritou triunfantemente, erguendo o punho no ar.

Houve uma grande risada e a areia lentamente começou a derreter nos ralos. Logo Jay, Mal, Evie e Carlos estavam lá na fortaleza,

completamente fora das masmorras.

A Caverna das Maravilhas havia desaparecido, mas também todo o seu tesouro.

“Ouro de tolo”, disse Jay com tristeza, olhando para os bolsos vazios.
"Tudo isso."

chapter
24
—
Funhouse Mirror

Machine Translated by Google

Evie pensou que seu coração nunca pararia de bater. Ela ainda podia

sentir o gosto areia daquela caverna. Então era assim que o verdadeiro mal era: como areia na boca e gárgulas no ataque. Se era isso que a magia fazia, ela estava feliz por haver uma cúpula.

Além disso, ela praticamente perdeu um calcanhar ali.

Evie balançou a cabeça. Esta foi a segunda vez que a Fortaleza Proibida quase levou a melhor sobre eles. Malévola sabia que estava mandando sua própria filha para uma armadilha? E se sim, ela se importava? Provavelmente não: afinal, esta era a temida e odiada Senhora das Trevas. A Rainha Má foi uma tola por pensar que poderia competir com alguém assim, e Evie quase se sentiu uma tola por tentar competir com a filha da Senhora das Trevas.

Agora que pensava nisso, Evie quase sentiu pena de Mal.

Quase.

A máquina de Carlos estava apitando novamente.

Os quatro rastejaram pelo castelo em ruínas. Os morcegos gritavam e esvoaçavam sobre suas cabeças, e o piso de mármore em ruínas abaixo deles parecia se mover e deslizar para suportar seu peso.

Evie tropeçou. “O que **há** com este lugar? Existe uma falha geológica que passa por baixo desta ilha?

Machine Translated by Google

“Bem”, Carlos começou.

"Piada. Isso foi uma piada." Eve suspirou.

Não havia nada de muito engraçado na situação atual deles, no entanto. Foi um milagre que o oceano circundante ainda não tivesse engolido completamente o castelo e a montanha inteira.

Eve podia ouvir o barulho dos ratos dentro das paredes e arrepios

percorreram sua espinha.

Até os ratos procuravam um terreno mais seguro, pensou ela.

“Por aqui”, disse Carlos, apontando para uma passagem estreita à sua frente.

Eles seguiram atrás de Carlos, a máquina apitando, o som ficando mais alto. “Agora por aqui”, disse ele, virando uma curva, depois outra.

Evie estava logo atrás dele enquanto eles o seguiam, a passagem ficando cada vez mais estreita.

"E agora-"

"O que está acontecendo?" perguntou Evie, interrompendo-o. “Porque eu conheço meu dimensionamento, e não apenas dobrei de diâmetro nos últimos dois minutos e meio.”

Na verdade, a passagem havia se estreitado quase até a largura dos ombros. Se ficasse mais estreito, ela teria que virar de lado. Um nó se formou em sua garganta e seu estômago começou a revirar – ela sentiu como se aquilo não fosse mais um corredor. Era uma rachadura, uma fissura, e parecia que poderia se fechar sobre eles a qualquer momento.

momento.

Mal levantou a voz. “É apenas minha imaginação ou estamos presos dentro de uma montanha como—”

“Um pedaço de barbante pendurado em um cano? Pasta de dente espremida dentro de um canudo? Uma unha nesta cutícula bem aqui?” Jay disse, estendendo a mão.

“Droga, isso realmente dói.”

“Você está descrevendo as coisas que roubou hoje? Porque esses são todas analogias terríveis”, disse Evie, olhando para Jay. “E estou dizendo isso como alguém que foi educado em um castelo por uma mulher que pensa que os três R são Rouging, Reddening e Reapplying.”

“Talvez devêssemos voltar”, disse Carlos, dando voz ao medo de Evie.

“Exceto... acho que posso estar preso.” Nesse momento, as paredes

tremeram, o castelo estremeceu e uma lasca de pedra caiu no chão. O fragmento era grande o suficiente para causar danos e por pouco não acertou o nariz perfeito de Evie.

Ela gritou. Ela queria recuar, mas não conseguiu, o corredor era estreito demais. “Talvez seja algum tipo de armadilha! Vamos, não parece seguro!”

“Não”, disse Carlos. “Olhar! Há outra passagem — acrescentou ele, avançando até conseguir erguer primeiro um quadril e depois o outro.

do corredor estreito para um corredor um pouco mais largo.

Enquanto ela, Jay e Mal o seguiam, Evie ficou tão aliviada que nem se lembrou de reclamar do nariz.

Esta nova passagem virou à direita e depois à esquerda. As paredes eram mais afastadas aqui, mas eram estranhamente inclinadas, algumas inclinadas para dentro, outras para fora. O efeito era estonteante, pois até o teto era inclinado em alguns pontos e os corredores continuavam se ramificando, dividindo-se em duas ou às vezes três direções.

E sempre, o estrondo continuava abaixo deles.

“Alguma coisa não gosta de nós”, disse Jay.

“Não deveríamos estar neste lugar”, repetiu Evie.

“Precisamos nos apressar”, disse Carlos, tentando parecer calmo, embora tivesse que estar tão assustado quanto qualquer um deles.

Outra pedra se soltou da parede, estilhaçando-se ao atingir o chão, quase esmagando a cabeça de Evie. Ela pulou para trás dessa vez, estremecendo. “Que lugar *é* esse?”

“Estamos em uma espécie de labirinto”, disse Maly, pensando em voz alta. “É por isso que os corredores continuam girando, é por isso que as passagens continuam se dividindo e se estreitando.

É uma espécie de labirinto distorcido e estamos perdidos nele.”

“Não, não somos. Ainda temos a caixa”, respondeu Carlos. “É a única coisa que *nos* impede de nos perdermos aqui.” A máquina ainda estava apitando, então eles continuaram a segui-lo.

Evie só esperava que ele estivesse certo e soubesse para onde estava indo. Mas deve ter feito isso, porque os corredores sinuosos logo deram lugar a mais espaços abertos, e todos respiraram aliviados.

Mesmo quando os corredores voltaram a ser longos e retos, o castelo ainda estava estrondoso, as paredes ainda inclinadas; e o teto era ainda mais baixo agora onde eles se encontravam.

“Não é aleatório”, disse Carlos, de repente. “Está em um ritmo.”

“Você está certo”, disse Jay. “Olhar. O estrondo parece acompanhar sua caixa de sinal sonoro. Quando a caixa se acende, as paredes começam a se mover.”

Evie ficou olhando. “Você quer dizer que é ele quem está fazendo isso?”

Carlos balançou a cabeça. “Na verdade, acho que são as ondas. Imagine quantos anos este castelo deve ter. E se, cada vez que uma onda atingir a fundação, uma pedra cair ou o chão tremer?”

Mal engoliu em seco. “Só espero que o próprio castelo não desmorone antes de encontrarmos o cetro.”

Machine Translated by Google

Evie se abaixou para que a cabeça não batesse no teto. Todos eles exceto pois Carlos teve que se agachar agora para evitá-lo.

“É uma sala feita para ratos”, disse Mal.

“Ou anões?” perguntou Eva.

“Ou crianças?” adivinhou Jay.

“Não”, disse Carlos, acalmando os outros, apontando para algo no escuro distância. Eles seguiram a linha de seu olhar, vendo primeiro um par de olhos verdes brilhantes, depois outro e mais outro.

“Goblins”, disse Carlos. “É aqui que os goblins vivem. É por isso que os tetos são tão baixos e os corredores são tão estranhos. Este não é um lugar para humanos”, disse ele, e quando terminou, o ar se encheu de uma risada terrível e rouca, o som de garras batendo e dentes rangendo. A caixa os levou direto para a cova dos goblins.

“Ótimo”, disse Maly.

“Sim, bom trabalho,” Jay bufou.

Evie apenas olhou para Carlos.

E estes não eram os goblins amigáveis e empreendedores do cais ou os rudes da Slop Shop. Eram criaturas horríveis que viveram na escuridão sem sua amante durante vinte anos. Com fome e horrível.

"O que nós fazemos?" Jay perguntou, encolhendo-se atrás de Carlos, que havia se achatado contra a parede do corredor.

“Nós corremos”, gritaram Evie e Mal, um após o outro.

Eles correram em direção à única passagem aberta, a horda de goblins gritando na escuridão, seguindo atrás deles, suas lanças batendo contra as paredes.

Jay gritou: “Acho que eles não recebem muitos visitantes”.

“Talvez eles devessem parar de comer seus convidados”, disse Carlos, quase tropeçando no que ele esperava não ser um osso.

“Aquela porta!” Evie disse, apontando para uma pesada porta de madeira. “Todos dentro!”

Eles correram pela porta e Evie bateu a porta atrás deles, fechando a fechadura e isolando os goblins.

“Isso foi por pouco”, disse Maly.

“Perto demais”, repetiu Jay. Os goblins ainda podiam ser ouvidos do outro lado da porta, gargalhando e batendo nela com suas lanças.

“Talvez eles apenas gostem de assustar as pessoas?” Evie disse. “Ouvi dizer que eles eram em sua maioria inofensivos.”

Machine Translated by Google

“Sim, principalmente”, disse Carlos, chupando a mão onde uma lança quase a atingiu.

“Não vamos esperar para descobrir.”

Quando pareceu que os goblins tinham ido embora, Evie abriu a porta.

Ela se certificou de que eles estavam sozinhos antes de acenar para

Carlos. Eles continuaram pelos corredores estreitos, não encontrando nada além de câmaras vazias, até que ela avistou uma luz brilhando em um corredor escondido. "Por aqui!" ela chamou.

Ela caminhou em direção à luz com entusiasmo, pensando que poderia ser o dragão Olho brilhando no escuro.

E parou de repente - porque ela estava diante de um espelho.

Um espelho escuro, manchado e rachado, mas mesmo assim um espelho.

Evie gritou.

"Um monstro!" ela disse.

"O que é?" Mal perguntou, seguindo e olhando por cima do ombro de Evie.

Então Mal gritou também.

Carlos e Jay foram os próximos.

“Uma fera”, Evie gritou. “Uma fera horrível!”

Evie ainda estava gritando e apontando para seu reflexo. No espelho, um velha com nariz torto e usando uma capa preta apontada para trás.

A bruxa era ela.

“O que aconteceu comigo?” ela perguntou, sua voz, áspera e trêmula.

Pior ainda, quando ela olhou para baixo, viu que sua pele antes lisa estava flácida, enrugada e pontilhada de manchas de fígado. Ela olhou para seu cabelo – branco e desganhado. Ela era uma velha mendiga, e não apenas no espelho.

Ela não foi a única.

Mal estava franzindo a testa para seu reflexo. Ela tinha um nariz cheio de verrugas e a cabeça era quase totalmente careca, exceto por alguns fios brancos. "Encantador. Deve ser algum tipo de feitiço.

Jay balançou a cabeça. “Mas - mais uma vez, e vamos dizer tudo juntos agora

– não há magia na ilha.”

“Houve um momento – por um único segundo – em que minha máquina queimou um buraco na cúpula, e acho que talvez tenha sido isso que causou.”

“Fez o que, exatamente?” Evie perguntou, parecendo assustada.

“Trouxe Diablo de volta à vida, acendeu o Olho do Dragão, as gárgulas e a Caverna das Maravilhas, e provavelmente tudo o que costumava ser mágico nesta fortaleza”, disse Carlos. “Quero dizer, talvez. Ou não.”

Machine Translated by Google

“Não sei, não acho que estou tão mal assim”, disse Jay, que sorriu para seu reflexo. Ele era gordinho e pálido, barbudo e grisalho, e parecia exatamente com o pai. Ele também estava vestindo uma capa preta. “Parece que consegui um monte de bolo na minha vida, pelo menos.”

“Fale por você”, disse Carlos, que ficou assustado ao ver isso nos velhos tempos.

Idade ele se parecia com a mãe, traço por traço: pescoço nodoso, maçãs do rosto salientes, olhos esbugalhados. “Acho que prefiro enfrentar os goblins do que isso.”

"Estou com você." Evie não conseguiu olhar para si mesma nem por mais um momento.

Ela começou a entrar em pânico; sua garganta estava apertada. Ela ***não poderia*** parecer esse! Ela era bonita! Ela era... “A mais bela”, concordou o espelho.

“Não é a voz!” Evie gritou, antes de perceber o que exatamente tinha ouvido. Porque desta vez não era a mãe dela fazendo a Voz do Espelho, como tantas vezes acontecia.

Era um verdadeiro Espelho Mágico. Em uma parede real.

Todos se viraram para o espelho, cujas feições humanas apareciam como uma presença fantasmagórica no vidro reflexivo.

“Mais bela você é, e mais bela você será novamente,

Se você provar que é sábio e

declarar todos os ingredientes necessários para

se disfarçar de mascate”,

disse o Espelho Mágico.

“É um problema de palavras!” - disse Carlos, alegremente. Ele adorava problemas com palavras.

"Não, não é. É um feitiço", disse Jay, olhando para ele como se ele fosse louco.

"Eu sabia!" disse Maly.

“O que é um disfarce de mascate?” perguntou Jay.

“Obviamente, é ***isso***. Foi o que aconteceu conosco ”, disse Mal. “Evie, você sabe o que é necessário para fazer um disfarce de mascate? Parece que se conseguirmos nomear todos os ingredientes, poderemos reverter o feitiço.”

“Nós não”, destacou Carlos. “Evie. Diz, você sabe, a Mais Bela. Ele

olhou para Mal, subitamente envergonhado. “Desculpe, Mal.”

“Não há nada de justo em mim agora”, disse Evie. “Mas eu ouvi falar do Mas o disfarce de mascate.” Seus olhos estavam de volta ao vidro, ainda fascinados por sua aparência horrível no espelho.

Machine Translated by Google

“Claro que sim. É apenas o disfarce mais famoso da sua mãe!

Lembra quando ela enganou Branca de Neve para que ela pegasse a

maçã? disse Maly impacientemente.

“Não me pressione! Você está me deixando em pânico. É como se eu soubesse isso, mas agora não consigo pensar em nada além *dela*.” Evie apontou para seu reflexo. “Estou paralisado.”

"Não sei. Eu acho que é legal", disse Jay. "Você poderia roubar um monte de coisas com essa aparência."

Carlos assentiu. "Ele tem um ponto. Você pode querer dar o todo o traje é um teste."

Evie começou a chorar.

“Não estou ajudando”, Mal repreendeu.

Evie chorou ainda mais alto.

“Evie, vamos lá. Esse não é você. Você sabe disso. Não deixe que a fortaleza maligna de minha mãe o incomode”, disse Mal, parecendo tão apaixonada pelo assunto quanto Evie jamais a ouvira falar sobre qualquer coisa.

“Isso é o que minha... quero dizer, Malévola faz. Ela encontra suas fraquezas e as elimina, uma por uma. Você acha que foi por acaso que nos deparamos com esse Espelho Mágico, bem quando por acaso tínhamos a Mais Bela conosco no passeio?”

“Você acha que é de propósito?” Evie parecia mais calma e até um pouco intrigada.

“Acho que é um teste, assim como tudo neste lugar. Como Carlos e as gárgulas, ou Jay e o Mouth.”

“Tudo bem”, disse Evie lentamente, acenando para Mal. “Você realmente acha que eu posso fazer isso?”

“Eu sei que você pode, seu perdedor. Quero dizer, *o mais justo* perdedor. Maly sorriu.

Evie sorriu de volta.

Ok, talvez ela pudesse fazer isso. “Eu estudei esse feitiço cem vezes no grimório da minha mãe.”

“Esse é o espírito”, disse Maly, batendo nas costas dela.

“Posso ver as palavras do feitiço tão claramente como se estivesse diante de mim agora,”

Evie disse um pouco mais alto, ficando um pouco mais ereta.

"Ai está. Claro que você pode. É um clássico.”

“Um clássico”, disse Evie para si mesma. “Foi assim que eu chamei.

Lembrar?”

Ela poderia?

Machine Translated by Google

Então ela olhou para ela, velha e feia, bem nos olhos.

“Pó de múmia, para me fazer parecer velha!” ela gritou.

De repente, suas rugas desapareceram. Carlos gritou de alegria, porque o seu também havia desaparecido. E ele odiava ver as rugas de expressão de Cruella em seu rosto.

Eva sorriu. “Para cobrir minhas roupas, escuridão da noite!”

Num piscar de olhos, eles estavam vestindo suas próprias roupas novamente.

“Para envelhecer minha voz, a gargalhada de uma velha bruxa!” ela disse, e enquanto dizia isso, sua voz real retornou, jovem e melódica mais uma vez.

Jay riu de alegria, e não era mais a risada rouca de um velho.

“Para branquear meu cabelo, um grito de susto!” disse Evie, observando enquanto seu cabelo voltava para o lindo e escuro tom azul. Os grossos cachos roxos de Mal retornaram, e o preto voltou a penetrar no cabelo branco de Carlos.

Evie estava quase terminando e sua voz ganhou confiança ao se lembrar das últimas palavras do encantamento. “Uma rajada de vento para atizar meu ódio, um raio para misturá-lo bem, agora reverta esse feitiço mágico!”

Todos os quatro aplaudiram, gritaram e pularam como idiotas malucos. Até Evie estava sorrindo agora.

Ela nunca ficou tão feliz ao se ver no espelho e agora que era ela mesma novamente, descobriu que, pela primeira vez na vida, ninguém se importava com sua aparência. Nem mesmo ela.

Foi como mágica.

chapter
25
—
Dragon's Curse

Machine Translated by Google

Enquanto ela caminhava atrás dos outros, Maly pensou no que ela havia dito Evie – como tudo na Fortaleza Proibida tinha sido um teste.

Carlos enfrentou as gárgulas e Jay, a Caverna das Maravilhas. Eva tinha suportado o Espelho Mágico.

Quanto a mim?

O que está reservado para mim?

O perigo - na forma de um desafio próprio - estava esperando por ela, logo atrás da próxima porta do castelo?

Ou seria ainda mais típico da minha mãe me ignorar completamente? Para

me deixar em paz e achar que eu não merecia nenhum tipo de teste?

Ela fechou os olhos. Ela quase podia ouvir a voz da mãe agora.

O que há para testar, Mal? Você não é como eu. Você é fraco, como o seu

pai. Você nem merece seu próprio nome.

Mal abriu os olhos.

De qualquer forma, nada mudou o lugar onde eles estavam.

A casa de Malévola. Seu covil.

Mal estava no território da mãe agora, fosse ela bem-vinda ou não. E ela sabia que o que quer que acontecesse a seguir era sobre os dois, teste ou não. Missão ou não.

Machine Translated by Google

Mesmo, Olho de Dragão ou não.

Mal não conseguia se livrar da sensação de que algo ou alguém estava observando dela; ela sentia isso desde que saiu de casa naquela manhã, e a presença era ainda mais forte na fortaleza. Mas toda vez que ela olhava por cima do ombro não havia nada. Talvez ela estivesse apenas sendo paranóica.

Passando pelo corredor espelhado, Mal e os outros caminharam por

um corredor pendurado com flâmulas roxas e douradas e grandes tapeçarias, representando todos os reinos vizinhos. Mas era difícil distinguir um do outro, principalmente porque a poeira era muito espessa.

Enquanto caminhavam, eles até deixavam rastros nas pedras empoeiradas, como se estivessem caminhando penosamente por corredores de

neve.

Mas eles seguiram em frente.

Os corredores eram curvados e retorcidos, o chão às vezes parecia irregular, as paredes inclinadas para um lado ou para o outro, fazendo com que todos se sentissem como se estivessem num sonho, numa casa de diversões ou em algum lugar que realmente não existia.

Um conto de fadas ganhando vida.

Um castelo – apenas, como os castelos pareciam nos pesadelos.

Cada parede e cada pedra foram pintadas em tons de cinza e preto, um um leve brilho verde às vezes vazando por uma cunha aqui e ali.

A mãe está em casa, pensava Mal toda vez que notava o sinal verde.

O efeito total foi insuportável para todos os quatro — até mesmo para Mal.

Ou, especialmente para Mal.

Os vitrais rachados eram a única outra fonte de cor.

O vidro antigo estava quase todo quebrado e partes das janelas estavam totalmente em ruínas, com cacos espalhados pelo chão. Mal e os outros tiveram que andar com cuidado para evitar escorregar em uma das peças. O longo corredor ladeado de janelas deu lugar a um corredor ainda mais alto e largo, e em pouco tempo Maly percebeu que eles estavam se aproximando de algum lugar importante, uma grande câmara, talvez até mesmo o coração do próprio castelo.

Mal caminhou em direção ao seu destino, como Evie havia dito. O destino dela, se é que era isso.

Mal podia sentir isso, a agora familiar atração por algo desconhecido, algo que talvez pertencesse apenas a ela.

Estava ali, na frente dela, zumbindo e vibrando, exatamente como estivera desde o primeiro momento em que ela pisou na Floresta Thorn. Ele a puxou, acenou e até mesmo provocou.

Venha, disse.

Machine Translated by Google

Pressa.

Por aqui.

Afinal, era mesmo o seu destino que a chamava?

Ou seria apenas mais um fracasso esperando por ela na sala do trono? Mais uma confirmação de que ela nunca seria filha de sua mãe, por mais que tentasse?

Ela parou diante de um par de portas com o dobro da altura de um homem adulto.

"É isso. Está aqui."

Ela olhou para Carlos e ele assentiu, segurando a caixa. Ela viu que ele havia desligado há algum tempo. "Não precisávamos mais disso", disse ele, olhando diretamente para Mal.

Jay acenou com a cabeça para ela. Até Evie pegou a mão dela, apertando-a uma vez.

antes que ela deixasse passar novamente.

Mal respirou fundo. Ela sentiu um arrepio na espinha e arrepios por todo o braço. "Esta era a sala do trono de Malévola. Tenho certeza disso agora. Eu posso sentir isso." Ela olhou para eles. "Isso parece loucura?"

Eles balançaram a cabeça, não.

Ela empurrou as portas, absorvendo tudo.

A escuridão e o poder. A sombra e a luz. Tetos tão altos quanto o céu e negros como fumaça.

Janelas abrangendo paredes inteiras, através das quais Malévola poderia manipular um mundo inteiro.

"Ah", disse Evie involuntariamente.

Carlos parecia querer fugir, mas não o fez.

Os olhos de Jay percorreram a sala como se ele estivesse examinando o baseado.

Mas Mal sentia que estava sozinha com os fantasmas.

Um fantasma, em particular.

Era ali que sua mãe costumava enfurecer-se e comandar, onde ela tinha disparou do teto como uma bola de fogo verde para amaldiçoar um reino inteiro.

Este era o seu assento nas Trevas.

Eles avançaram mais para dentro, Maly na frente. Carlos e Jay e Evie caiu como uma falange de soldados atrás dela, quase em formação.

As pedras negras sob seus pés eram brilhantes e escorregadias, e toda a sala era assombrada por uma aura de profunda malevolência. Mal podia sentir isso; todos eles poderiam.

Este tinha sido um lar triste, irritado e infeliz. Mesmo agora, a dor de aquele tempo queimou Mal, profundamente em seus ossos.

Ela estremeceu.

Machine Translated by Google

Havia um lugar vazio no meio da sala onde a mãe dela trono costumava ser. Estava assentado sobre um grande estrado, ladeado por dois lances de escadas curvas. A sala era redonda e rodeada de colunas.

Um grande arco embalava o lugar onde antes ficava o trono, guardando um lugar vazio. Os restos esfarrapados de tapeçarias roxas mofavam nas paredes.

“Não sobrou nada”, disse Maly, ajoelhando-se no único ponto escuro que ninguém já não ocupava um trono. “Tudo se foi.”

“Você está bem?” — perguntou Jay, que soprava nervosamente as mãos para aquecê-las.

Ela assentiu. “É...” ela vacilou, incapaz de encontrar palavras para descrever o que estava sentindo. Ela tinha ouvido todas as histórias da mãe, mas não achava que fossem *reais*.

Não até agora.

“Sim”, ele disse. “Eu sei.” Ele encolheu os ombros, e ela percebeu que ele provavelmente se sentiu da mesma forma quando eles estavam na Caverna das Maravilhas. Mal sabia que Jafar e Iago conversavam sobre isso o tempo todo, mas era difícil imaginar, difícil imaginar um mundo além do que conheciam da Ilha.

Tinha sido, de qualquer maneira.

Agora tudo era diferente.

Jay suspirou. “É tudo real, não é?”

“Acho que sim”, Maly assentiu. “Cada última página de cada última história.” **Até a**

maldição, pensou ela, pela primeira vez em horas.

A maldição.

Alguém tem que tocá-lo.

Evie tem que tocá-lo e dormir durante mil anos.

"Então onde está?" Carlos perguntou, olhando ao redor da fria sala de pedra.

"Tem que estar aqui em algum lugar", disse Evie, virando-se para olhar para trás.

"Talvez devêssemos nos separar", disse Jay, com um brilho nos olhos.

"Pense", disse Maly. "Minha mãe nunca ficou sem ele. Ela o segurou enquanto estava sentada em seu trono." Mal voltou para o local onde o trono não existia mais. "Aqui."

"Então, onde estaria agora?" Carlos franziu a testa.

"Não seria onde mais alguém pudesse tocá-lo", disse Evie. "Tente perguntar à minha mãe se ela vai deixar você tocar em alguma lembrança dela de Miss Fairest Everything."

Mal se encolheu ao ouvir a palavra *toque*.

Machine Translated by Google

A maldição estava esperando por todos eles – ou pelo menos por um deles – assim como o Olho do Dragão estava.

“Mas ela iria querer ver, é claro. Do trono dela”, disse Jay. Maly assentiu; todos viram Jafar se orientar em sua cozinha, diretamente atrás de sua pilha de moedas.

“O que seria...” Mal se virou lentamente. Ela podia imaginar sua mãe sentada ali, segurando o cajado, sentindo-se poderosa, má e bem,

como ela mesma enquanto reinava sobre o reino.

Ela balançou a cabeça.

Minha mãe não teria nenhum problema em amaldiçoar qualquer uma das

pessoas nesta sala durante dez mil anos, muito menos uma.

"Lá. Olhar!" gritou Evie, avistando um bastão preto alto com um verde escuro globo no topo contra a parede oposta.

Estava, exatamente como eles haviam previsto, exatamente na linha de visão de Mal do trono desaparecido, mas erguido por algum tipo de luz mágica a uns bons quatro metros de altura. Longe do alcance de qualquer intruso – e sim, onde não pudesse ser tocado.

Claro.

Lá estava.

Está realmente aqui. A arma mais poderosa de todas as Trevas.

O mal vive! de fato.

"Está bem aqui!" Evie estava mais próxima e estendeu a mão para pegá-lo ansiosamente.

Ela ergueu a mão no ar, estendendo os dedos. No momento em que o fez, o Olho do Dragão começou a tremer, como se algo na própria Mal o estivesse libertando da luz e do ar que o prendiam.

Eva sorriu. "Eu entendi—"

Mal viu a mão de Evie se curvar em direção a ela, quase em câmera lenta. O cetro parecia brilhar, como se estivesse chamando Evie em sua direção.

Tudo ao redor de Mal pareceu ficar confuso até que ela só conseguiu ver o rosto de Evie.

dedos pequenos e delicados e o Olho do Dragão enfeitiçado, um pouco além de seu alcance.

Numa fração de segundo, Mal teve que tomar uma decisão: ela poderia deixar Evie tocar e ser amaldiçoado a um sono profundo e mortal por mil anos?

Ou ela a salvaria?

Pare ela?

Faça algo... bom?

Machine Translated by Google

Ao trair os desejos da própria mãe e desistir de si mesma sonha em se tornar algo mais do que uma decepção?

Ela estava satisfeita em permanecer apenas uma Mal durante toda a sua vida?

Nunca foi Malévola?

Ela congelou, incapaz de decidir.

"Não!" — gritou Maly finalmente, correndo em direção a Evie. "Não!"

O que acabou de acontecer? O que ela estava fazendo? Por que ela não

conseguia se conter?

"O que?" perguntou Evie, chocada, no momento em que uma voz familiar soou no Olho do Dragão.

"QUEM DESPERTAR O DRAGÃO SERÁ AMALDIÇOADO A DORMIR POR MIL ANOS!"

A voz de Malévola ainda vinha da equipe, ecoando e reverberando pela sala.

Sua mãe realmente deixou uma impressão atrás dela. O que restou de seu poder e de sua energia estalou nas paredes da sala, despertado por um momento acidental e latente até agora, quando tinha vítimas para tortura.

Os dedos de Evie roçaram o ar próximo ao bastão.

Enquanto a mão de Mal se fechava sobre ele, e quando isso acontecia...

Ela caiu no chão, dormindo.

Mal piscou os olhos. Ela podia se ver deitada no chão da sala do trono, com o cabelo roxo espalhando-se como uma mancha sob sua cabeça.

Seus três companheiros se amontoaram nervosamente ao seu redor.

Então estou dormindo? Ou estou acordado? Ou talvez eu esteja sonhando?

Porque Mal sabia que ela também estava vendo outra coisa.

Ela não estava mais na Fortaleza Proibida.

Ela estava em um palácio, e lá estava o bom rei Stefan e sua rainha e um bebê no berço.

Eles eram felizes. Ela podia ver pela luz em seus rostos e pela maneira como seus olhos nunca deixaram a criança.

Quase como um ímã, pensou Mal. ***Eu sei como é essa atração.***

Uma enorme multidão de cortesãos, servos e convidados, alegremente vestidos, reuniu-se em torno deles em uma bela sala do trono. Foram dois bons

Machine Translated by Google

fadas pairando sobre o berço, suas varinhas fazendo lindos brilhos no ar. Foi tudo tão doce, foi doentio.

Mal nunca tinha visto nada parecido, não de perto assim. Não em alguns uma espécie de livro de histórias insípido.

O que é isso?

Porque estou vendo isso?

Então uma bola de fogo verde apareceu no meio da sala, e quando ele se dispersou, Mal viu um rosto familiar.

A mãe dela.

Alto, arrogante, bonito e desprezado. Malévola estava com raiva. Mal poderia sentir o calor frio subindo de seu próprio ser. Ela olhou para sua mãe.

Malévola dirigiu-se à multidão reunida em torno da família real.

“Ah, vejo que todos foram convidados. A realeza, a nobreza, a pequena nobreza e a ralé. Devo dizer que fiquei muito angustiado por não ter recebido o convite.”

Do que sua mãe estava falando? Então Maly percebeu. Malévola não foi convidada para o batizado de Aurora. Mal nunca soube que essa era a razão pela qual sua mãe odiava festas e celebrações de todos os tipos.

Mas ela sabia exatamente como sua mãe se sentia.

A dor.

A vergonha.

A raiva.

O desejo de vingança.

Mal sentiu exatamente a mesma coisa, não foi? Quando a Rainha Má deu sua festa para Evie, tantos anos atrás, e a manteve fora?

Mal observou sua mãe amaldiçoar a bebê Princesa Aurora para que dormisse cem anos se ela espetasse o dedo pelo menos uma vez em um fuso. Era um belo feitiço, e Mal estava orgulhosa da eficiência de sua mãe, de seu poder e de sua interpretação simples.

Uma picada de um dedo poderia derrubar uma casa real inteira. Foi um destino lindo e terrível. Bem tecido.

Profundamente sentido.

Mal estava orgulhoso de Malévola. Ela sempre foi e sempre seria. Malévola criou a filha sozinha e sobreviveu da melhor maneira que pôde. Até porque não havia mais ninguém para fazer isso.

Mas a mãe dela foi feita para o Mal; ela era boa nisso.

E naquele exato momento, e pela primeira vez, Mal finalmente entendeu que não era apenas orgulho o que ela sentia. Foi uma pena. Talvez até

Machine Translated by Google

compaixão.

Ela estava triste pela mãe – e isso era algo novo.

A multidão viu um monstro, um terror, um demônio, uma bruxa, amaldiçoando uma linda princesa. Mas Mal viu apenas uma garotinha magoada, agindo por despeito, raiva e insegurança.

Ela queria estender a mão e dizer a Malévola que tudo ficaria bem. Ela

não tinha certeza se isso era verdade, mas de alguma forma eles tinham se dado bem até aqui, não é?

Vai ficar tudo bem, mãe.

Ela tinha que contar a ela.

Mas ela acordou antes que pudesse.

Mal piscou e abriu os olhos. Ela estava na sala do trono no Forbidden Fortaleza. Jay, Carlos e Evie estavam nervosos ao seu redor.

Quando ela adormeceu, ela segurava o cetro do Olho do Dragão na mão. Mas quando ela acordou, não estava em lugar nenhum.

chapter

26

*The Girl with the Double
Dragon Tattoo*

Machine Translated by Google

"Você está acordado! Mas você deveria estar dormindo por mil anos!"
gritou Eva. "Como?"

Mal esfregou os olhos. Era verdade: ela estava acordada. Ela não foi amaldiçoada.

Por que isso aconteceu? Então ela percebeu.

Prove que você é minha filha, prove que você é minha, a mãe dela havia ordenado. Prove para mim que você é o sangue do dragão. Prove que você é

digno dessa marca em sua pele.

A marca do dragão duplo gravada em seu antebraço. Isso tinha que ser.

Ela o ergueu, mostrando aos outros.

“Isso não poderia me machucar”, disse Maly. “Meu verdadeiro nome é Malévola. Como o meu mãe, sou parte dragão e, portanto, sou imune à maldição do Dragão.”

“Sorte sua”, disse Jay, olhando para a tatuagem impressionante.

Mal sorriu orgulhosamente ao ver a marca que ela trazia.

Se ela fosse filha do pai, fraca, humana, estaria dormindo por enquanto. Por mil anos. Mas ela não estava. Ela era forte e desperta, e provou a todos que era filha de sua mãe.

Ela não tinha?

E quando ela trouxe para sua mãe o Olho do Dragão—

Machine Translated by Google

“Mas espere, onde está?” Mal disse, olhando em volta acusadoramente para o trio. “Eu tinha tudo na minha mão!”

“Boa pergunta”, disse Jay, ele próprio parecendo um pouco magoado.

"Foi-se. Quando você o pegou, houve um flash de luz que nos cegou por um segundo, e quando pudemos ver novamente, ele havia sumido”, disse Carlos. Ele encolheu os ombros.

"Assim como vem, também vai."

Os outros três olharam para ele.

"Fácil?" Evie ergueu uma sobrancelha, parecendo o mais durona que podia.

Mal estreitou os olhos. "Jay, vamos, entregue."

"Eu juro, não tenho!" disse Jay, esvaziando os bolsos para mostrar a ela. "Eu planejei pegar. Eu queria pegar. Eu ia até tirar isso da sua própria mão, enquanto você estava demitido."

"E?"

Ele encolheu os ombros. "Só não tive tempo para isso, eu acho."

"Nenhum de nós tem isso", disse Evie. Ela cruzou os braços, parecendo irritada.

"E, a propósito, você sabia que a maldição estava naquele cajado e todos nós viemos com você de qualquer maneira? O que houve com isso?"

Mal chutou uma pedra com o dedo do pé. "Sim. Eu realmente não elaborei o plano muito bem."

"Então por que você não me deixou tocá-lo? Não foi esse o seu plano maligno o tempo todo?"

Mal encolheu os ombros. "O que você está falando? Eu só não queria que você fizesse isso. Não era seu para tocar."

"Seja honesto. Você ia me amaldiçoar, não é? Você ia me deixar tocar naquela coisa e acabar tirando uma soneca de mil anos? Eve suspirou.

Jay ergueu os olhos. Carlos recuou instintivamente. Mal não conhecia nenhum dos dois deles queriam chegar perto dessa conversa. Ela sabia disso porque ela mesma sentia o mesmo.

"Acho que esse era o plano." Mal encolheu os ombros. ***Você não precisa se explicar.***

Não para ela. Mas ela descobriu, estranhamente, que queria.

"Isso ainda é sobre... você sabe?" Evie olhou para ela. "Vamos."

Mal ficou envergonhado. “Não tenho ideia do que você está falando.”

— Claro que não — murmurou Jay. Até Carlos riu. Mal olhou para os dois.

Eve revirou os olhos. "A festa. Minha festa. Quando éramos crianças.

Machine Translated by Google

“Quem pode se lembrar disso há muito tempo?” Mal disse, erguendo o queixo teimosamente.

Evie parecia cansada. “Eu implorei para minha mãe convidar você, você sabe. Mas ela recusou; ela ainda estava muito zangada com sua mãe. Eles competem por tudo desde que se conhecem.”

Maly assentiu novamente. "Eu sei. Por causa daquela eleição estúpida sobre quem lideraria esta ilha, certo?"

Eve encolheu os ombros. "Você sabe o que dizem. *Espelho Mágico na parede,*

quem é o maior ego de todos?"

Mal sorriu apesar da natureza totalmente estranha da conversa.

Evie olhou-a diretamente nos olhos. “Olha, minha mãe estragou tudo. Mas a festa não foi tão boa assim. Você não perdeu muita coisa.

“Não foi um berrador?”

“Nada parecido com o de Carlos.” Eva sorriu.

"Isso mesmo. Sou lendário", disse Carlos.

Maly olhou para ele. “Como se eu não tivesse que quase bater em você para dar aquela festa?”

Ela olhou para Evie. “Olha, eu não queria prender você no armário horrível da Cruella.”

Mal olhou para Carlos e acrescentou: “Aquele que ela ama mais do que o próprio filho”.

“Ha-ha”, disse Carlos, sem rir. Bem, *meio que* não estou rindo.

Na verdade, ele estava meio que rindo. Até Jay estava tendo dificuldade em manter uma cara séria.

Evie também riu. "Sim, você fez."

"Ok, eu fiz." Maly sorriu.

"Está tudo bem." Evie sorriu de volta. “Não fui pego em nenhuma das armadilhas.”

“Legal”, disse Mal, mesmo envergonhada por sua suavidade.

Carlos suspirou.

Jay deu um soco no estômago dele com um sorriso. "Vamos. Pelo menos sua mãe não usa apenas moletom e pijama."

"Não vamos falar sobre isso", disseram Evie e Mal, quase em uníssono.

"Sim. Chega de violinos. Temos uma longa caminhada para casa", disse Jay.

"E não tenho tanta certeza de que este lugar tenha uma porta dos fundos."

No entanto, Mal teve dificuldade em se concentrar em encontrar o caminho para sair da fortaleza.

Ela era mole e estava preocupada.

Ela tinha acabado de salvar a vida de alguém, praticamente. Ela não tinha?

Que tipo de vilão de segunda geração que se preze fez algo parecido?

O que aconteceu com seu grande esquema maligno?

Por que ela não deixou Evie ser amaldiçoada pelo cetro de Malévola? Afinal, as princesas não foram **feitas** para dormir por anos e anos? Isso não veio basicamente com a descrição do trabalho?

E se minha mãe estiver certa?

E se Mal **fosse** realmente fraca como o pai — e pior, tivesse uma propensão para o bem em algum lugar de seu coraçãozinho negro?

Mal estremeceu enquanto caminhava atrás dos outros.

Não. Na verdade, ser imune à maldição apenas provava que ela definitivamente

não era filha de seu pai. Um dia ela também seria Malévola.

Ela **tinha** que estar.

Mas fosse ela filha de Malévola ou não, ela falhou.

Ela estava voltando para casa de mãos vazias.

Cara, ela não queria estar por perto quando sua mãe descobrisse.

chapter
27
—
The Descendants

Machine Translated by Google

Esta não era a volta da vitória que Mal havia imaginado quando partiu pela primeira vez.

busca da Fortaleza Proibida.

Derrotado, o improvável grupo de quatro pessoas começou a refazer seus passos, apenas procurando a saída. Eles haviam perdido tudo, como sempre. Por qualquer padrão razoável – ou pelos padrões infinitamente *menos* razoáveis de sua mãe, Mal pensava

– eles foram um fracasso absoluto e completo, até o último um.

Especialmente ela.

No momento em que eles se retiraram da sala do trono, porém, Mal não conseguiu ajudar, mas sentiu um arrepio de alívio por também deixar sua escuridão para trás.

Embora, curiosamente, a fortaleza tivesse uma sensação diferente agora, como se estava morto. Mal não conseguia sentir a mesma energia de antes.

“Você acha que o buraco na cúpula está tapado de novo?” ela perguntou Carlos. “É diferente aqui.”

“Talvez”, disse ele. “Ou talvez a magia que isso provocou tenha acabado agora.”

Mal olhou para o céu. Ela tinha a sensação de que não haveria mais magia na ilha.

Ninguém disse uma palavra enquanto eles voltavam para o corredor onde o Espelho Mágico era agora apenas uma superfície comum – especialmente Evie, que

Machine Translated by Google

evitou nem mesmo dar uma olhada nele.

Ninguém disse uma palavra, enquanto eles corriam mais uma vez pelo chão de mármore em ruínas, desta vez evitando tanto os ratos em fuga quanto os morcegos esvoaçantes

- não chegando nem perto de quaisquer passagens de goblins ou labirintos sufocantes ou salas de tapeçarias empoeiradas ou salas de retratos - até chegarem a caverna vasta e vazia que tão brevemente se

tornou a Caverna das Maravilhas cheia de areia.

Principalmente Jay, que apenas acelerou o ritmo de seu próprio eco.

passos até que mais uma vez encontrou a porta de madeira podre que os trouxera até lá pela primeira vez.

E Carlos parecia particularmente apressado para passar pelas passagens sinuosas que levavam aos corredores da fortaleza principal, com chão de mármore preto e nevoeiro escuro. Enquanto ele abria caminho para fora das portas da frente, a ponte de gárgulas mais uma vez os enfrentou.

Enfrentei *ele*.

Quando os outros alcançaram Carlos, pararam e olharam para o precipício onde ele estava. As profundezas vertiginosas da ravina abaixo eram, bem, vertiginosas. Mas desta vez ele não parecia ter pressa em voltar para a ponte.

“Está tudo bem”, disse Evie, encorajadoramente. “Vamos apenas fazer o que fizemos antes.”

“Claro. Atravessamos uma ponte estúpida.” Jay assentiu. “Não muito longe.”

Isso era verdade. Do outro lado da ponte, eles podiam apenas ver o caminho sinuoso que descia pela floresta espinhosa, vindo da direção de onde vieram originalmente.

“Estamos praticamente livres de casa”, concordou Mal, olhando de soslaio para Carlos, que suspirou.

“Não sei. Você acha que parece um pouco mais, sabe, quebradiço?”

Depois de todos aqueles terremotos que estávamos sentindo lá atrás? Não parece o plano mais seguro.” Ele olhou para Mal.

Ninguém poderia discordar.

O problema ainda era a ponte. Desta vez estava tudo inteiro, sem nenhuma seção faltando, mas todos sabiam que não deviam confiar em nada na fortaleza.

E nenhum deles ousou pisar ali, depois da última vez. Não depois do enigmas. Embora tivessem conseguido sobreviver com bastante facilidade na primeira vez, depois de terem resolvido os enigmas, não

pensaram em ter que sair por onde vieram.

Machine Translated by Google

“Não sei se conseguirei fazer isso de novo”, disse Carlos, observando novamente os rostos das gárgulas de pedra. Ele estremeceu ao pensar que eles voltariam à vida.

Na mente de Mal, ela não tinha conseguido muito além de imaginar a cena em que ela recuperou o cetro perdido de sua mãe e voltou para casa como uma heroína.

Ela estava um pouco confusa com os detalhes reais além disso, ela supôs; e agora que toda a questão da redenção estava fora de questão, ela realmente não tinha um plano alternativo.

Mas ao olhar para Carlos, que estava ali tremendo, ela suspeitou, pelo menos a memória de pontes e casacos de pele desmoronando e do verdadeiro amor de uma mãe que não era seu filho, Mal descobriu uma maneira de atravessar.

Mal entrou na frente dele. “Você não precisa fazer isso de novo.” Ela deu outro passo, e depois outro. “Quero dizer, você não pode monopolizar toda a ação legal do bridge”, disse ela, tentando parecer convincente. “Agora é minha vez.”

“O que?” Carlos parecia confuso.

O vento aumentou enquanto Mal continuava avançando, mas ela não parou.

Mal puxou a jaqueta com força e gritou para as gárgulas. “Você não me assusta!

Já vi coisas piores. Onde você acha que eu cresci, Auradon?

O vento uivava ao seu redor agora. Ela deu outro passo, apontando para os outros três para se moverem atrás dela.

“Você está louco?” Jay balançou a cabeça, deslizando atrás dela.

“Mal, sério. Você não precisa fazer isso — sussurrou Carlos, abaixando-se atrás de Jay.

“Definitivamente louco”, disse Evie, atrás de Carlos.

“Sou louco?” Mal levantou a voz ainda mais alto. “Como eu poderia não estar? Vou para a escola em um cemitério e como scones vencidos no café da manhã. Minha própria mãe me manda para lugares proibidos como este, por causa de um pássaro velho e de um graveto perdido”, ela zombou. “Não há nada que você possa jogar em mim que seja pior do que o que eu já estou fazendo.”

Enquanto ela falava, Mal continuava avançando. Ela havia atravessado a metade do caminho ponto da ponte agora, arrastando os outros logo atrás dela.

O vento rugia e chicoteava contra eles, como se fosse apanhá-los e

jogá-los para fora da ponte, se ela deixar. Mas Mal não quis.

“Isso é tudo que você tem?” Ela esticou o queixo, muito mais teimosa.

“Você acha que uma brisa dessas pode atingir alguém como eu?”

Machine Translated by Google

Um raio estalou no alto e ela começou a correr – seus amigos logo atrás dela. Quando chegaram ao outro lado, a ponte começou a balançar com tanta força que parecia que iria desmoronar novamente.

Só que desta vez não seria uma ilusão.

No momento em que Mal sentiu a terra do penhasco distante sob seus pés, ela tropeçou na raiz de uma árvore e desabou, trazendo Carlos e Evie com ela. Jay ficou lá rindo.

Até que ele percebeu que não era o único rindo.

“Ah, pessoal?”

Maly ergueu os olhos. Eles estavam cercados por uma multidão de goblins – não muito diferentes daqueles que os perseguiram pelas passagens goblins da Fortaleza Proibida.

Exceto que esses goblins em particular pareciam ser de uma variedade mais amigável.

“Garota”, disse um deles.

“Corajoso”, disse outro.

“Socorro”, disse um terceiro.

— Não entendo — disse Evie, sentando-se. Mal e Carlos correram para seus pés. Jay deu um passo para trás.

Finalmente, um quarto goblin suspirou. “Acho que o que meus companheiros estão tentando articular é que estamos incrivelmente impressionados com essa demonstração de coragem.

A bravura. A perseverança. É um pouco incomum por aqui.

“Partes”, repetiram os goblins.

“Isso fala”, disse Evie.

Mal olhou de um goblin para outro. “Ah, obrigado?”

“De jeito nenhum”, disse o goblin. Os goblins ao seu redor começaram a grunhir animadamente — embora Mal pensasse que poderia ser risada também. Carlos parecia nervoso.

Jay apenas grunhiu de volta.

O quarto goblin suspirou novamente, olhando para Mal. “E se você precisar de nossa ajuda de alguma forma, ficaremos mais do que felizes em ajudar a levá-lo ao seu destino.”

Ele olhou para Maly.

Ela olhou para ele, em troca. “Nosso destino?”

De repente ele ficou confuso. “Você parece muito longe de casa”, disse ele, acrescentando apressadamente: “Não presumo. É uma conclusão que tiro apenas do fato irrefutável de que nem você nem seus amigos parecem, bem, remotamente parecidos com duendes.

Os goblins riram novamente.

Jay ficou olhando. “Você tem cerca de sessenta centímetros de altura. Como um cara como você levaria pessoas como nós de volta à cidade?”

Evie lhe deu uma cotovelada.

“Não quero ser rude”, disse Jay.

“Rude,” cantaram os goblins, ainda rindo.

“Tenho certeza de que isso foi rude,” Carlos murmurou.

“Ah, aí está. Sozinhos, somos apenas um único goblin, talvez até, um bruto.” O goblin sorriu. “Juntos, temo que sejamos um exército bastante brutal. Sem mencionar que puxamos uma carruagem excelente.”

"Puxar!" Os goblins enlouqueceram.

Uma velha carruagem de ferro – do tipo em que você deve ter visto Bela e Fera viajando, só que preta e queimada e nada que a rainha ou o rei de Auradon sequer tocasse –

apareceu na frente deles.

Nada menos que quarenta goblins tripulavam cada lado, lutando para controlar a carruagem.

"Por que você faria isso?" Mal disse, enquanto uns bons sete goblins lutavam contra o porta quebrada aberta. "Por que você está sendo tão legal?"

“Uma boa ação. Ajudando um companheiro aventureiro. Talvez haja uma chance para ainda não precisamos sair desta ilha”, disse o goblin. “Temos enviado mensagens aos nossos parentes anões pedindo anistia ao Rei Besta. Temos sido maus há muito tempo, você sabe. Fica cansativo depois de um tempo. Eu mataria por um bolo de creme.”

“Groselhas”, disse um goblin.

“Botas de chocolate”, disse outro.

Mal tinha que admitir que ela mesma estava começando a se sentir um pouco exausta. Ela sabia, porque ela dormiu todo o caminho para casa, sem nem ficar envergonhada por ter a cabeça apoiada no ombro de Evie.

Quando Mal retornou ao Castelo da Barganha, ela esperava que sua mãe gritasse injúrias contra ela por ter falhado em sua busca. Ela abriu a porta lentamente e entrou, o mais silenciosamente que pôde, mantendo os olhos no chão.

Não adiantou. Malévola estava em seu trono. “Então, a filha pródiga retorna”, disse ela. A voz dela soava diferente.

“Mãe, tenho uma coisa para...” Mal parou, olhando para cima.

E ficou olhando.

E então olhou mais um pouco, em cerca de dez variedades diferentes de choque.

Machine Translated by Google

Porque ela se viu olhando para o longo bastão preto com o globo verde no topo que sua mãe segurava.

O Olho do Dragão.

“Isso é...” Ela não conseguia falar.

Malévola assentiu. “Sim, é o Olho do Dragão. E sim, você falhou meu. Mas, felizmente, nem todos os meus servos são tão inúteis quanto

você.”

Mal ignorou a palavra **servo**. "Mas como?"

Malévola riu. “Criança boba, o que você sabe sobre missões?”

“Mas encontramos na Fortaleza Proibida! Acabei de tocá-lo... há uma hora! disse Maly.

“Foi na sua própria sala do trono. Suspenso na parede.

Onde você pudesse ver, de onde seu trono costumava ficar.”

Sua mãe olhou para ela. Mal não tinha certeza, mas era possível, por Na mais breve de todas as frações de segundo, sua mãe ficou um pouco impressionada.

“Eu toquei nele e aquela coisa me deixou inconsciente.”

“Você tocou? Você não diz”, disse Malévola. “Bem, bom trabalho, você.

Você realmente é tão suave quanto seu pai.

Mal se irritou. "Eu não entendo."

“Você tocou no Olho do Dragão? Em vez de enganar um dos outros em fazer isso? Tanta fraqueza. Não quis acreditar na notícia quando a ouvi.” Malévola bateu com seu cajado no chão, próximo a seus pés. “Quantas vezes, Mal? Quanto mais você vai me envergonhar?

Ela revirou os olhos. “Mande Diabla atrás de você para recuperar o Olho para mim. Ele deve ter tirado isso de você enquanto você dormia para se livrar da maldição.

Ela balançou a cabeça. “Eu sabia que você não teria coragem de fazer o que precisava ser feito e sabia que não poderia correr nenhum risco. Parece que eu estava certo.

De novo."

Diablo gritou com orgulho.

Então ela estava certa sobre sentir como se estivessem sendo seguidos. De curso. Esse foi Diablo.

Mal sentiu vontade de desistir. Nunca importava o quanto ela tentasse

ou o que fizesse, ela nunca impressionaria sua mãe.

Mesmo agora, sua mãe só tinha olhos para o Olho do Dragão.

“A única coisa é que está quebrado”, disse Malévola franzindo a testa. “Olhe para o olho, está morto.” Por um momento, ela parecia a mesma garotinha furiosa que amaldiçoou um bebê por causa de um convite para uma festa. Mal se lembrava muito bem e olhou para a mãe com novos olhos.

“Bem, a cúpula ainda está levantada”, disse Maly, finalmente. “Isso mantém a magia fora.”

Ele caiu por um breve momento, mas não haveria magia na ilha tão cedo.

"Talvez. Ou talvez você tenha quebrado o olho ao tocá-lo", acusou Malévola. "Você é uma decepção."

Enquanto isso, na loja de lixo de Jafar, um Jafar furioso estava repreendendo Jay, que havia voltado para casa de mãos vazias. “Então você está dizendo que encontrou o Olho do Dragão, não é? Então, onde está?

"Desapareceu!" Jay protestou. “Em um minuto conseguimos e depois perdemos.”

"Certo. E isso não teve nada a ver com um certo ato nobre realizado por uma certa filha do mal para uma outra filha do mal?"

Jay congelou. "Com licença?"

As palavras **boa e ação** eram assustadoras, principalmente na Ilha, e principalmente quando saíam da boca de seu pai.

“Você acha que os goblins guardam segredos particularmente bem, garoto? As notícias estão por toda a ilha.”

"Juro. Foi isso que realmente aconteceu. Juro por uma pilha de itens roubados..."

Jay ficou em branco. Ele não conseguia pensar em nada para roubar no momento.

Mas, para ser sincero, pela primeira vez na vida, ele nem se importou.

“Você é uma decepção”, Jafar bufou.

No Hell Hall, Carlos estava recebendo uma bronca depois que Cruella finalmente descobriu suas peles desarrumadas em seu armário. “Quem esteve aqui? Parece que um animal selvagem ficou preso nas minhas peles! Que imbecil faria uma coisa dessas?”

“Um selvagem?” Carlos estremeceu. Ele sabia que era inútil até mesmo tentar. Não quando o armário ficava assim.

Sua resposta foi um grito, e foi horripilante. Mesmo em sua assinatura

da mãe, oitava estridente.

“Sinto muito, mãe”, choramingou Carlos. “Isso não vai acontecer de novo! Eu sei o quanto você ama suas peles. As palavras eram quase um sussurro. Ele podia ver os rostos das gárgulas da ponte, zombando dele enquanto ele as dizia.

Machine Translated by Google

Então ele pôde ver Mal, Evie e Jay rindo dela com ele, e ele mesmo teve que evitar sorrir secretamente.

Cruela fungou. “Você é uma decepção!”

No Castle-Across-the-Way, a Rainha Má lamentava o estado do cabelo de Evie. “É como um ninho de rato! O que aconteceu? Você está horrível.”

"Sinto muito, mãe, encontramos... bem... uh... digamos apenas que não consegui encontrar um espelho."

Encontrei um, ela pensou. ***Só que não é o tipo que você deseja ver.***

Não quando você deveria ser o mais justo de todos.

“Apenas me prometa que esses rumores que estou ouvindo não são verdadeiros”, disse sua mãe. “Toda essa conversa sobre um ato virtuoso.” Ela estremeceu. “Os goblins estão dizendo coisas horríveis sobre vocês quatro.”

“Você sabe que os goblins são criaturas horríveis, mãe.” Evie escondeu o rosto.

Ela não sabia o que dizer. Para ser honesta, ela nem sabia o que pensava. Foram alguns dias estranhos.

Não é totalmente ruim, mas estranho.

A Rainha Má suspirou. “Você esqueceu de reaplicar o blush novamente. Nossa, às vezes você é uma decepção.”

Mal sentou-se na varanda, ouvindo sons de risadas e confusão lá embaixo. Então, um grito.

"Mal!" Jay ligou. "Descer!"

Ela correu escada abaixo. "E aí?"

“Oh, nada, apenas tentando fugir de nossos pais e decepcionando eles de novo”, disse Carlos.

“Você também, hein?” perguntou Maly. Ela se virou para Jay e Evie. “E você?”

Os três assentiram.

“Vamos, vamos ao mercado”, disse Evie. “Preciso de um lenço novo.”

“Posso conseguir um para você”, disse Jay, balançando as

sobancelhas. “Ah, e Evie, aqui está”, disse ele. “Eu acredito que isso pode ser seu.”

“Meu colar!” disse Evie, colocando o feitiço do coração venenoso em volta dela pescoço mais uma vez, com um sorriso. “Obrigado, Jay.”

"Eu encontrei."

“No bolso dele”, disse Maly, mas até ela estava sorrindo.

Com um grito, os quatro descendentes dos maiores vilões do mundo correram pelas ruas movimentadas da Ilha dos Perdidos, causando estragos, roubando e saqueando juntos, enquanto os cidadãos da ilha corriam para o outro lado.

Eles estavam realmente podres até o âmagô.

Até Mal começou a se sentir melhor.

E, de fato, enquanto eles riam e cantavam, Mal se perguntava se a felicidade era assim.

Porque mesmo que os quatro ainda não fossem amigos, eles eram a coisa mais próxima que tinham disso.



Machine Translated by Google

“Você vai se

juntar a mim para jantar....

Isso não é um

solicitar!"

—Fera, *Bela e a*

epilogue



Sunrise Over Auradon

Machine Translated by Google

Enquanto o bando de quatro garotos vilões causava estragos nas ruas do Ilha dos Perdidos, o Príncipe Ben estava olhando pela janela de seu ponto de vista elevado no Castelo da Fera, perdido em alguns pensamentos.

Era verdade que Rabugento, o Anão, lhe dissera que ele seria um bom

rei, mas, em particular, Ben se perguntava se ele estava certo.

Mais especificamente, ele se perguntava se tornar-se um bom rei seria mesmo algo com que ele se importava.

Isso importava? Com o que ele se importava? O que ele queria?

Preso, pensou Ben, olhando para a vasta extensão do reino.

Isso é o que eu sou.

Ele olhou para o céu, como se ele contivesse as respostas. A camada azul estava brilhante e clara como sempre, e ele podia ver todo o caminho até o horizonte distante, onde o próprio Auradon se dissolvia em nada além da costa enevoadada e do azul.

água.

Não.

Não é nada.

Ben pensou no seu sonho da ilha.

A Ilha dos Perdidos. Era assim que todos chamavam, até mesmo seu pai.

debaixo da cúpula mágica, assim como ele estava em sua vida real.

Eles eram prisioneiros, não eram? Seu pai tentou fingir que não, mas até Ben sabia o contrário. Eles foram exilados para a ilha por ordem do rei.

Assim como Ben pôde morar no castelo porque era filho do rei.

E porque meu pai me ama, pensou Ben. E porque nasci para isso.

Era impossível parar de pensar nisso.

Ele se encolheu.

“Ai”, disse Ben, enquanto uma agulha o espetava novamente na axila.

“Desculpe, senhor; perdoe-me, senhor. Lumière, que o estava medindo para sua traje de coroação, estremeceu.

“Tudo bem”, disse Ben, que parecia majestoso, pelo menos segundo Lumière, no terno de veludo azul royal com debrum amarelo. Pertenceu ao Rei Fera, que o usou em sua própria coroação. “Foi minha culpa – eu me mudei.”

“Sua mente está em outro lugar, senhor”, disse Lumière sabiamente. “Como convém a um futuro rei de Auradon.”

“Talvez”, disse Ben.

Para um futuro rei, ele ficou surpreso com o pouco que sabia sobre a Ilha dos Perdidos. Como se saíram os vilões, sob a cúpula? Como eles viviam, comiam, cuidavam de si mesmos? Como eram suas famílias? Quais eram suas esperanças e sonhos? O que eles viam quando olhavam pelas janelas do seu próprio castelo, casa de campo ou caverna?

Ben lembrou-se de ter ouvido falar que alguns deles tinham filhos. Alguns já deveriam ter a idade dele, não é? Ele se perguntou como eles lidariam com a vida à sombra de seus pais infames.

Imagino que para eles seja muito parecido com isso, pensou ele, olhando para seu anel real com cabeça de animal, igual ao de seu pai. Vestindo o terno do pai, ajustado pelo alfaiate do pai. Parado na janela do castelo de seu pai.

Estamos todos presos. Estou tão preso quanto eles.

Quanto mais Ben pensava nisso, mais sabia que era verdade. Ele não tinha escolhido nascer príncipe e se tornar rei, assim como não escolheram quem eram seus pais. Eram prisioneiros por um crime que eles próprios não cometeram.

Machine Translated by Google

Esse foi o crime maior, não foi?

Não é justo. Não é nossa culpa. Não temos voz em nossas próprias vidas. Estamos

vivendo um conto de fadas que outra pessoa escreveu.

Naquele momento, Ben de repente entendeu por que os companheiros queria mais para suas vidas: porque descobriu que queria ainda mais do que **isso**.

Ele queria que as coisas mudassem em Auradon.

Tudo, ele pensou. ***Para todos***.

Isso era mesmo possível? Por outro lado, como poderia não ser? Como ele poderia continuar com a maneira como as coisas estavam agora?

Ben pensou sobre isso.

Se ele fosse rei, teria que ser ele mesmo, dissera sua mãe. E ele era diferente de seu pai.

Isso ficou claro para todos, até mesmo para Lumière. Ben governaria, mas governaria de forma diferente.

Ele faria diferentes regras e proclamações.

Sua mente vagou novamente pela imagem da garota de cabelos roxos e olhos verdes brilhantes. A garota do sonho dele.

Quem era ela?

Ele algum dia a conheceria?

Ela era uma delas? Uma das almas perdidas naquela ilha amaldiçoada? Ele tinha a sensação de que ela estava.

E só então, ele teve um lampejo de inspiração.

Um que mudaria para sempre o destino de Auradon e da Ilha dos Perdidos.

Por que não?

Já estava na hora.

Ele estava decidido.

"Pai! Onde você está indo?" gritou Lumière quando Ben de repente saltou para longe da agulha e da linha, uma rajada de alfinetes retos, giz personalizado e fita métrica voando no ar ao seu redor.

“Para encontrar meus pais! Tenho algo para contar a eles e mal posso esperar!” disse Ben. “Tive a ideia mais brilhante!”

TO FIND OUT WHAT
HAPPENS NEXT . . .



premieres on the Disney Channel in 2015

Machine Translated by Google

acknowledgments

Machine Translated by Google

Quando eu era uma garotinha nas Filipinas, o primeiro filme que fiz já vi foi ***Cinderela***, que era o filme favorito da minha mãe quando criança. Foi o primeiro filme que assisti com minha filha e também se tornou ***seu*** filme favorito. (***Minha*** favorita é ***a Bela Adormecida.***) A magia da Disney foi uma grande parte da minha infância e agora é uma grande parte da da minha filha. Foi maravilhoso assistir novamente aos filmes antigos com ela enquanto eu escrevia este livro, bem como compartilhar o novo filme do Disney Channel que o inspirou. Ainda não consigo acreditar que pude brincar nesse universo

e com esses personagens que marcaram minha infância.

Tem sido uma jornada mágica e devo meus agradecimentos às pessoas que me ajudaram em meu caminho. Minha família editorial –

minha editora, Emily Meehan, minha editora, Suzanne Murphy, e todos na Disney Hyperion, especialmente Seale Ballenger, Mary Ann Zissimos, Simon Tasker, Elena Blanco, Kim Knueppel, Sarah Sullivan, Jackie DeLeo, Frank Bumbalo, Jessica Harriton, Dina Sherman, Elke Villa, Andrew Sansone e Holly Nagel, que me acompanharam em inúmeros livros e lançamentos, obrigado por manterem a fé! Marci Senders, que criou um design incrivelmente incrível, e Monica Mayper, que garantiu que cada particípio vil e pendente se encaixasse no lugar. Os grandes poobahs da Disney Consumer Products, Andrew Sugerman e Raj Murari, dão as melhores festas. Jeanne Mosure é minha heroína. Muito obrigado a Rebecca Frazer e Jennifer Magee-Cook do Team Descendants, e a todo o pessoal adorável do Disney Channel, especialmente Jennifer Rogers Doyle, Leigh Tran, Naketha Mattocks e Gary Marsh. Foi uma emoção conhecer o diretor Kenny Ortega o designer de produção Mark Hofeling e as estrelas do filme Dove Cameron Booboo Stewart Cameron Boyce Sofia Carson

Machine Translated by Google

e a inimitável Kristin Chenoweth. O roteiro dos roteiristas Sara Parriott e Josann McGibbon foi hilário e inspirador. Meu agente, Richard Abate, é o cara. Melissa Kahn é incrível. Obrigado e amor às famílias DLC e Johnston, especialmente aos meus sobrinhos Nicholas e Joseph Green e Sebastian de la Cruz. Eu consigo sobreviver com uma pequena ajuda dos meus amigos, especialmente da querida Margie Stohl.

Meu marido, Mike Johnston, é um gênio criativo, e ele e nossa filha,

Mattie Johnston, fazem tudo valer a pena.

Espero que você tenha gostado do livro e que ele tenha criado um conjunto totalmente novo de Memórias da Disney. Você não vai querer perder o filme. Obrigado por ler!

abraços e beijos

Mel

MELISSA DE LA CRUZ (www.melissa-delacruz.com) é autor de muitos romances, incluindo ***The Ring and the Crown***, a série The Witches of East End e todos os livros mais vendidos da série Blue Bloods: ***Blue***

Bloods, Masquerade, Revelations, The Van Alen Legacy, Keys to the Repository, Anjo Desorientado, Dia dos Namorados Sangrento,

Perdido no Tempo e Portões do Paraíso. Ela mora em Los Angeles com o marido e a filha.